# COLLECÇÃO

DE

NOTICIAS PARA A HISTORIA E GEOGRAFIA

DAS

# NAÇÕES ULTRAMARINAS,

QUE VIVEM NOS DOMINIOS PORTUGUEZES
OU LHES SÃO VISINHAS:

PUBLICADA PELA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS.

TOMO V.

LISBOA.

NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA.

1836.

1288

# ARTIGO

## EXTRAHIDO DAS ACTAS

## DA

## ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

### DA SESSÃO DE 15 DE OUTUBRO DE 1835.

*Determina a Academia Real das Sciencias, que seja impresso á sua custa, e debaixo do seu privilegio,* na Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas, *o manuscrito intitulado* Fatalidade Historica da Ilha de Ceilão, escrita pelo Capitão João Ribeiro, *cujo manuscrito lhe foi offerecido pelo seu Socio D. Francisco de S. Luiz.* Secretaria da Academia em 23 de Novembro de 1836.

*Francisco Elias Rodrigues da Silveira,*

Vice-Secretario da Academia.

# ARTIGO

## EXTRAHIDO DAS ACTAS

DA

## ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

LA SESSÃO DE 15 DE OUTUBRO DE 1835.

Determina a Academia Real das Sciencias, que seja impresso á sua custa, e debaixo de seu privilegio, na Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas, o manuscrito intitulado Fatalidade Historica da Ilha de Ceilão, escrita pelo Capitão João Ribeiro, cujo manuscrito lhe foi offerecido pelo seu Socio D. Francisco de S. Luiz. Secretaria da Academia em 23 de Novembro de 1835.

*Francisco Elias Rodrigues da Silveira,*

Vice-Secretario da Academia.

N.º I.

# FATALIDADE HISTORICA

DA

## ILHA DE CEILÃO

DEDICADA A' MAGESTADE DO SERENISSIMO
D. PEDRO II. REI DE PORTUGAL
NOSSO SENHOR

Escrita pelo

*CAPITÃO JOÃO RIBEIRO.*

FAB
DE LI
EN G
E COPI
e l
qua
Encade

O
*Ceilã*
Socio
origin
e pun
sua a
algun
exemp
1685.
C
a sua
Ceilão
ciosa
fim o
da gu
pois c
tercei
conqu
tamso
tulos.
P
sa M
porque
que co
pitulos
dade.
E

# ADVERTENCIA.

O MS. intitulado *Fatalidade Historica da Ilha de Ceilão*, que foi offerecido á Academia por hum dos seus Socios, e que ella agora manda publicar, deve ter-se por original; porquanto postoque não seja escripto da letra e punho do autor, tem comtudo no fim da Dedicatoria a sua assignatura autografa, e por esta circunstancia, e por algumas outras externas, parece ter sido este o proprio exemplar, que elle offereceo a ElRei D. Pedro II. em 1685.

O autor divide (como elle mesmo diz no *Prologo*) a sua obra em tres livros. No primeiro mostra o que he Ceilão, e o direito dos nossos Reis áquella rica e preciosa Ilha. Este livro consta de 24 capitulos, e tem no fim o mappa da Ilha. No segundo trata dos progressos da guerra, que tivemos em Ceilão com os naturaes, e depois com os Hollandezes: consta de 27 capitulos. No terceiro pretende mostrar os desacertos, que houve na conquista da India, e he de parecer que nos convinha tamsómente tomar e povoar Ceilão: consta de 10 capitulos.

Por aqui se vê que o laborioso e benemerito Barbosa Machado não teve desta obra exacto conhecimento; porque falando della na sua *Bibliotheca Lusitana*, diz que consta de duas partes, e que a primeira tem 24 capitulos, e a segunda 10, o que não conforma com a verdade.

Em quanto á pessoa do autor, nem Barbosa nos dá

noticia alguma, senão do nome, nem nós a temos encontrado em outra parte. Da leitura da obra se collige:

Que João Ribeiro, passando á India com o Vice-Rei Conde de Aveiras João da Silva Tello, chegou áquelles Estados em Setembro de 1640 (Liv. 2. cap. 8.).

Que logo no Outubro do mesmo anno, tendo então 14 de idade, foi mandado para Ceilão com outros 400 soldados, quando foi por capitão geral da Ilha D. Filipe Mascarenhas (Liv. 2. cap. 8.).

Que servio a ElRei 40 annos e meio, desde Março de 1640 até Outubro de 1680 em que chegou de volta a Lisboa, sendo 19 annos e meio deste serviço passados na India, e 18 destes em Ceilão. (Dedicat. e Liv. 3. cap. 9.).

Que em 1658, sendo Jafanapatam tomada pelos Hollandezes, foi o capitão João Ribeiro levado, como a outra gente de guerra, a Batavia, e ahi lançado em prisão. (Liv. 2. cap. 27.).

Do seu bom serviço, e do zelo e paixão que lhe merecia a honra, a gloria, e os interesses de Portugal, achão-se frequentes testemunhos em toda esta obra, e nas reflexões, que o autor nella faz a cada passo.

Succedeo á obra do capitão João Ribeiro o mesmo que, por incuria nossa, tem succedido a muitas outras obras de escriptores Portuguezes, as quaes não tendo obtido a attenção dos naturaes, vão parar ás mãos de estrangeiros, não para serem por elles traduzidas e publicadas com algum descredito nosso, e da nossa curiosidade e applicação litteraria (o que seria menor mal); mas para serem talvez alteradas, mutiladas, e estropeadas em traducções infieis, e ás vezes ineptas, que tanto desacreditão o traductor como o proprio autor.

Esta, de que tratamos, foi traduzida em Francez por Mr. le Grand; sahio impressa em París, em Trevoux, e em Amsterdam no an. de 1701 em 8.°; e veio annuncia-

da tanto no Diario dos Eruditos (*Journal des Sçavans*) de 30 de Maio, como nas *Memorias de Trevoux* de Março e Abril do mesmo anno.

Em ambos estes Diarios se diz, e Mr. le Grand confessa, que se não limitou a traduzir a obra de Ribeiro; mas que a augmentou com muitos capitulos debaixo do nome de *Addições*.

Muito obrigados ficariamos por certo a Mr. le Grand, se fosse esta a unica liberdade por elle tomada, e praticada ácerca do seu original; mas elle fez muito mais, por quanto 1.° cortou capitulos inteiros, como se vê, por exemplo, no liv. 2., que no original tem 27 capitulos, e na traducção 23; e no Liv. 3 que constando no original de 10 capitulos, sómente tem 2, e bem curtos, na traducção. 2.° alterou, a seu prazer, a ordem da narração, e a distribuição das materias dos capitulos, omittindo muitas cousas, que ou lhe parecêrão superfluas, ou menos importantes. 3.° mostrou (o que he mais substancial) em muitos e frequentes lugares não ter entendido o original Portuguez, cuja lingua parece que lhe não era bem conhecida.

Desta ultima accusação, que acaso se julgará mais grave, havemo-nos por obrigados a dar algumas provas, para se vêr que não impomos a Mr. le Grand erros ou defeitos, que elle não deixasse estampados na sua chamada traducção.

No liv. 1. cap. 3., quasi no fim, diz o autor, que *do reino da Cotta se tirão todos os annos até mil champanas (que são como sumacas de quarenta toneladas) de aréca.*

O traductor diz que todos os annos se tirão do reino de Cotta *mais de mil bateis, cada hum de sessenta toneladas, de huma certa areia* (d'un certain sable) *de que se faz mui grande gasto em todas as Indias.*

No cap. 13 do mesmo liv. 1. diz Ribeiro, *que o*

*soldado, capitão, ou cabo, que se cazava, querendo no mesmo dia eximir-se do serviço de elRei, o fazia, por estar assim introduzido.*

Mr. le Grand diz que *os soldados e officiaes podião deixar o serviço quando quizessem, com tanto que não desertassem.*

No mesmo liv. 1. cap. 21, falando o autor da pimenta de Ceilão, e do grande valor que se lhe dava, reflecte, que como os Chingalas não tem os olhos nesta novidade, senão só para pagarem as pensões aos senhorios, *a colhem bem sasonada, e ordinariamente a maior parte lhe amadurece nas arvores* etc.

O traductor diz tambem que a pimenta de Ceilão se vende mais cara que a de outras partes, e que lhe parece que o que mais contribue para a sua bondade he que os Chingalezes *a colhem antes que seja perfeitamente madura.*

No liv. 2. cap. 22 diz Ribeiro que *o mergulhador, tanto que subio* (do fundo do mar) *á champana, tem liberdade, até que o que está no fundo suba, de abrir com huma faca os chipos que poder, e o que acha dentro he seu.*

O traductor diz que *o mergulhador, se no tempo que está debaixo da agoa póde abrir alguma ostra, e acha alguma perola, he sua.*

Omittimos muitos outros lugares, e deixamos de notar frequentes erros mais miudos, como por exemplo, *villa-ponça* por *villa-pouca*; *Conde de Aveiro* por *Conde de Aveiras*; *Francisco de Asiloca* por *Francisco da Silva*; *quinze centos* (quinze cens) por *quinhentos* etc. etc.

O que fica dito he mais que bastante para se vêr, que ainda não temos, ao menos, huma traducção da obra de João Ribeiro, e que a Academia faz hum verdadeiro serviço, tanto á Litteratura em geral, como em especial

á Portugueza, publicando a obra de hum escriptor que alêm da verdade e sinceridade que se descobre no seu proprio escripto, narra o que vio, observou, e ouvio aos naturaes de Ceilão, em 16 annos que ali viveo, ácerca das producções naturaes da Ilha; dos costumes, ritos, opiniões religiosas, e vida civil dos seus habitantes; da fórma do seu governo; das possessões que ali tivemos; e direitos que os nossos Reis adquirirão; e finalmente do modo e meios porque perdemos a Ilha, e ella passou ao poder dos Hollandezes, etc.

Pôde o
renta ann
ra; mas
emprego;
extinguir
ção dura
ar de aina
o não póc
Des
estado da
Ceilão,
ramente e
zes tão
pudérão
os mais
zões, que
rão lança
zulas, e
do, que
que os de
mesmo a
pequeno
aos reae
pero me
muito a
ção, e
de 1685

# SENHOR.

*Pôde o tempo impedir-me o exercicio depois de quarenta annos e meio que servi a V. Magestade na guerra; mas não pôde intibiar-me o zelo, com que segui este emprego; e como o amor he como o fogo, em quanto senão extinguir, necessariamente hade arder: em meu coração durará em quanto viver a fidelidade deste amor: arde ainda agora esta chamma, como lhe he possivel, pois o não póde fazer, como lhe fóra mais agradavel.*

*Desanove annos e meio servi a V. Magestade no estado da India; desoito delles continuados na Ilha de Ceilão, onde os varios accontecimentos forão verdadeiramente extraordinarios, e a não serem obrados em Paizes tão remotos, e por consequencia pouco advertidos, pudérão ser admirados por muitas circunstancias entre os mais memoraveis da Europa. Estas, e outras razões, que podem alguma hora servir á politica, me fizerão lançar por escripto estas memorias dentro das clauzulas, e tosco estilo, a que podia reduzi-las hum soldado, que não teve outra doutrina, nem outro estudo mais, que os documentos da polvora, e as lições da espada. O mesmo amor, que me levou ao serviço, e me fez tomar este pequeno trabalho, me dá a confiança para o offerecer aos reaes pés de V. Magestade de cuja grandeza espero me perdoe esta mesma confiança. Guarde Deos a muito alta Pessoa de V. Magestade para conservação, e gloria de seus Vassallos. Lisboa 8 de Janeiro de 1685.*

*João Ribeiro.*

ESTAS not
escrever, por
mas por trab
bar o tempo
por ostentaçã
perar de hu
paes annos
ver sugeito
zas, e progr
ticia de tod
nas de bron
homens, nã
e mais circu
varios succe
tes inimigos
vir algum d
e as causas,
mas. O qu
a memoria
verdade; e
que como p
conhecido
causar conf
vros. No p
que os noss
feito por le

# PROLOGO.

Estas noticias me custárão mais a adquírir, do que a escrever, porque forão alcançadas, não por informações, mas por trabalhos, e experiencias. São escritas sem roubar o tempo a outro algum negocio. Não sahem á luz por ostentação de Rethorica, ou estilo, que não se deve esperar de hum soldado, que gastou na guerra os principaes annos de sua vida; mas só pela lastima de não haver sugeito, que se quizesse occupar em pôr as grandezas, e progressos de Ceilão em escrito para virem á noticia de todos, merecendo tudo ser estampado em laminas de bronze para ficarem eternizados na memoria dos homens, não só pelo benevolo de sua natureza, riquezas, e mais circunstancias; mas tambem pelos differentes, e varios successos da guerra, que tivemos com dous tão fortes inimigos, me pareceo conveniente, e que poderia servir algum dia de utilidade mostrar o que he aquella Ilha, e as causas, porque não se conservárão nella as nossas armas. O que tenho por certo he, que nem me enganou a memoria, nem me persuadio a jactancia para viciar a verdade; e ainda me pudera alargar em circunstancias, que como precisamente não são necessarias, não quiz sem conhecido proveito servissem de escandalo. E por não causar confusão, dividi este pequeno tratado em tres livros. No primeiro mostro o que he Ceilão, e o direito, que os nossos Serenissimos Reis tem a esta preciosa Ilha, feito por legado, sem haver constrangimento. No segundo

se vêm os progressos daquella guerra: e no terceiro algumas razões dirigidas a que só nos convinha ter Ceilão povoado com o que tinhamos no estado da India. Queira Deos dispor as cousas nelle de sorte, que com estes exemplos se levantem sobre aquellas ruinas edificios mais solidos, que he o intento, com que tomei este pequeno trabalho, que quando não tenha este effeito, nem ao leitor seja de agrado, bem se póde escusar a censura a hum animo, que não teve outro fim, mais que este zelo.

# FATALIDADE HISTORICA
# DA ILHA DE CEILÃO.

## LIVRO I.

Contêm a parte em que está a Ilha de Ceilão, suas provincias, fortalezas que nella tinhamos, e o direito que tem os nossos Monarchas a esta preciosa Ilha; as riquezas e frutos que produz, a natureza dos habitadores, seus ritos, ceremonias, e costumes.

### CAPITULO I.

*Em que se mostra a parte, em que está posta a Ilha de Ceilão pela elevação do Pólo.*

A preciosa Ilha de Ceilão se estende da parte do Norte em altura de seis gráos até dez, quasi, que he da ponta de Galle á ponta das pedras; e tem de longitude setenta e duas legoas, e de latitude quarenta e sete, que tantas dista de Chilao a Trequimalé. Sua circunferencia são cento e noventa legoas, afastando-se do Cabo Comorim para Leste quarenta e cinco. Por seu assento se está fazendo senhora de todas aquellas regiões, á que commummente se chama (India), que são os Reinos, e Provincias, que ficão entre os dous formosos Rios, Indo, e Ganges: que em distancia de hum a outro se comprehendem mais de seiscentas legoas de costa.

Do cabo Comorim para dentro corre a costa cha-

mada, da Pescaria, fazendo hum golfo entre Ceilão e a terra firme, como o Adriatico. Tem de comprido cincoenta e sete legoas, e trinta e seis de largo, fazendo centro nas Ilhas de Ramanacor, e Manar, mettendo-se entre ellas doze legoas de baixos. Neste centro não ha passagem para a Costa de Xoromandel, mais que dous canaes muito limitados, hum em Ramanacor, e outro em Manar, aonde em qualquer delles sómente póde passar huma sumaca pequena em maré cheia.

Toda a navegação, que naquelles mares se quizer fazer, assim do Sul para o Norte, como do Norte para o Sul, não póde, sem passar a ponta de Galle, por ser a terra mais meridional, que ha naquellas partes: com o que Ceilão fica sendo por seu assento coroa de toda a India; e parece a criou Deos para senhora daquelle grande mundo, dotando-a com o salutifero de seu benigno clima, e com os maiores thesouros, que com todo o universo repartio.

Para melhor intelligencia será razão descrevermos suas provincias, disposição dellas, riquezas, frutos, e as fortalezas, que nella tinhamos, e que direito tem os Monarchas desta Coroa a esta preciosa Ilha; como tambem os foros, e costumes, que conservavamos a seus naturaes, seus ritos, e ceremonias. Tudo com a clareza, que for possivel, a quem dezoito annos andou nella, criando-se de quatorze naquelles matos com as miserias, e continuo trabalho de tão molesta guerra, que para se entender, apenas se sabe explicar.

## CAPITULO II.

*Em que mostramos quantos Reinos teve a Ilha.*

DIZEM, que esta Ilha teve sete Reinos: não me espanto, por quanto na costa da India ainda hoje aquelles

gentios de huma provincia limitada fazem hum Reino, como estamos vendo na costa do Cannará, e Malavar, que sendo huma lingoa de terra de comprimento de cento e quarenta legoas, que tantas ha do rio do Sal ao cabo de Comorim; e de largo entre quinze e dezesete, que não ha mais do maritimo ao Galle. Este terreno occupão alguns quinze Reis, como he o do Cannará, o do Lala, o de Cananor, o Samorîm, o de Cochîm, o de Pallur, o de Mangatte, o da Chinota, o de Porcá, o de Coulao; e outros. E esta he a razão, porque os Mouros tem conquistado todo o Gentio da India; que como cada hum per si foi limitado, não tiverão forças, para deixarem de serem invadidos, e o não tem feito a estes, por respeito do mesmo Gatte, que he huma serra inexpugnavel, que se estende pelas costas da India, e Xoromandel, desviando-se por toda a parte do maritimo, como tenho dito, de quinze até dezesete legoas ao mais: a qual subida tem certos passos trabalhosos, e nem estes tem para a costa do Cannará, e Malavar, por ser por aquella parte toda talhada. Eu a passei da parte da costa de Xoromandel, hindo por terra a Goa, sendo lançado pelos Hollandezes em Negapatam, onde me trouxerão com os mais rendidos de Columbo, em seiscentos e cincoenta e seis. Deste Gatte, que tem de altura esta serra duas legoas, para dentro, se não desce cousa alguma, e corre a terra em huma planicie distancia mais de duzentas legoas, aonde se não vê mais que o Ceo, e o horizonte. Em todo este terreno se não achão fontes, ou poços; e só naquella jornada achámos tres rios a distancias; e com ser assim tão falta de agoa, he excessivamente fertil de trigo, legumes, e gados. As povoações são muitas, e mui grandes, e ao longo de cada huma está feita huma alagoa por arte, ou natureza, onde se recolhem as agoas no inverno, de que se provê o povo, e gado no verão.

E tornando a Ceilão, o principal Rei, e Reino,

que alli havia era o da Cotta, a quem os demais veneravão com os respeitos de Imperador. A sua Corte distava de Columbo meia legoa, onde hoje se vem as ruinas, e alicerces; porêm tudo cuberto de mato. Este Reino comprehendia pela falda do mar de Chiláo, até as Grevayas, que são cincoenta e duas legoas, em que entravão as melhores provincias da Ilha: A saber, as quatro Córlas, sete Córlas, Salpiticórla, Reigancórla, Pasduncórla, Corla de Galle, Beligam, Cornacórla, Cucurucórla, Atagancórla, Maturé, o Pagode de Tanavaré, as Grevayas, todo o Reino de Dinavaca, que chamão de duas Córlas até o Pico de Adam, e fronteiras de Candia, e Uva.

O Reino de Uva he da falda do Pico de Adam, e fronteiras de Batecalou, e de Candia. O Reino de Candia parte com o de Uva, e falda do Pico de Adam até ás fronteiras de Trequimalé, Bédas do Reino de Jafanapatão, e as das quatro, e sete Córlas, por estar no meio da Ilha; o Reino de Ceitavaca parte com as fronteiras das quatro Córlas, e Dinavaca, que comprehende as terras de Sofregam. O Reino das sete Córlas parte com as fronteiras de Candia, quatro Córlas, e as de Chiláo, e terras da Mantota. O Reino de Chiláo he de Negumbo, até á serra de Grudumalé, partindo com as sete Córlas. Estes sete Reinos são os que commummente se contavão em Ceilão, não fallando no de Jafanapatão, sem embargo de ser na mesma Ilha: (não são Chingalás, porque foi povoação de Malavares); nem em outros Reinos, que mais houve nella antigamente: como o de Batecalou, o de Trequimalé, o de Jaula, que ha muitos annos se não contão por Reinos. Sem estes ha humas terras entre o de Jafanapatão, e o de Trequimalé, aonde vive huma casta de gente, a que chamão os Bédas: delles trataremos em seu lugar.

## CAPITULO III.

*Em que mostramos as riquezas que produz Ceilão.*

O Rei que nos deo entrada na Ilha foi o da Cotta, como temos dito, se nomeava Imperador. Quasi todas as suas terras são os matos de Canella, e comprehendem de Chilao duas legoas adiante do pagode de Tanavaré. Os matos della são tão fechados, que hum homem não he possivel andar por elles hum tiro de pedra. A sua folha he no feitio, como de tanchagem, em quanto nos tres talos, que tem; porêm o corpo della, como a de louro; quebrada entre os dedos he o cheiro do melhor cravo da Arrochella, que póde haver. As arvores não são muito grandes, porque não passa de duas braças a de maior altura: e porque todos os dias chove não perdem a folha, como tambem as mais dão duas vezes fruto no anno, o qual não se differença da baga de louro, e como cahe na terra a respeito do calor, e humidade, logo produz huma arvore; e por esta razão tem os moradores huma lei, que rocem a miudo suas estradas; e se assim o não fizerem, em hum anno será tudo mato fechado: com tudo não tem ellas mais largura, que quanto huma pessoa caiba: cousa porque aos nossos arraiaes não he possivel marcharem mais que á desfilada.

Ha tambem nos Reinos de Ceitavaca, e Dinavaca, Candia, Uva, e Cotta muita pedraria em grande quantidade, em sessenta e sete legoas em circunferencia; onde todos os valles e serras são cheios, e se tirão com pouco trabalho: a saber, rubins os mais finos que ha no descuberto, todos de bago, tambem safiras, topazios, muitas dellas de notavel grandeza, olhos de gato; alguns se tem achado de vinte mil cruzados, robázes, verlis, zacin-

thos, taripos, e outras varias pedras, de que senão faz alli caso, por serem os seixos, com que se guarnecem os rios.

Ha muita quantidade de cardamomo no Reino de Candia, e são tão avantajados na grandeza, que seis de Cananor não fazem hum de Candia. Tambem em toda a Ilha ha muita copia de páo brazil, que na India chamão Saprão aonde tem grande valor. Tirão-se todos os annos do Reino da Cotta até mil champanas, (que são como sumacas de quarenta toneladas) de areca. Esta fazenda he de muito gasto em toda a India; como tambem grande numero de elefantes, muita pimenta, que huma e outra cousa se tem pela melhor de todo o Oriente: muito ferro, que a terra produz, muito breu de duas sortes: as madeiras são tantas de qualquer qualidade, que ao escolhelas he huma confusão; e outras muitas drogas, de que para melhor intelligencia fazemos menção de cada qual em seu lugar.

## CAPITULO IV.

### *Das fortalezas, que tinhamos naquella Ilha.*

PRINCIPIEMOS pela cidade de Columbo, por ser o Emporio de toda a Ilhã, posta na costa que corre de Norte a Sul, na frente do cabo de Comorîm, e estendida em huma bahia, que recolhia quantidade de navios pequenos: desta a sete legoas para a parte do Sul em hum cabeço, e boca do rio de seu nome está situada a fortaleza de Calituré; adiante treze legoas está a fortaleza de Galle fundada em huma ponta de rochedo, da qual corre a costa em distancia de quarenta e seis legoas de Oes-Sudoeste a Lesnordeste. Em a ponta da terra tinhamos a fortaleza de Batecalou, e nella bom porto para navios de alto bor-

do. Desta ponta torna a correr a costa do Sul ao Norte vinte e quatro legoas, em cujo extremo, e ponta da terra tinhamos a fortaleza de Trequimalé, junto á notavel enseada dos arcos. Daqui torna a correr a costa do Sueste ao Noroeste, distancia de trinta e seis legoas, que tantas são até á ponta das pedras; donde com algum intervallo corre a costa de Leste a Oeste vinte e quatro legoas até Manar; ficando atraz o Reino de Jafanapatão, e suas fortalezas. De Manar corre a costa de Norte a Sul, e á serra de Grudumalé são dez legoas: de Grudumalé a Chiláo quatorze. De Chiláo a Negumbo, fortaleza, que alli presidiavamos, dez: de Negumbo a Columbo são quasi seis legoas: com que temos mostrado as fortalezas, que tinhamos em Ceilão, e o que distavão humas de outras. E antes que digamos as particularidades dellas, seus habitadores, e que guarnições tinhão, será razão mostrarmos o direito, que nossos Serenissimos Reis tem a esta preciosa Ilha, por ser seu verdadeiro patrimonio, como se vê em os capitulos seguintes.

## CAPITULO V.

*Em que mostramos a entrada, que tivemos em Ceilão, e se fez a fortaleza de Columbo.*

Depois que alguns annos estivemos no Oriente, tivemos noticia desta Ilha, e por andarmos occupados em outras muitas empreзas, não foi possivel por então experimentarmos suas grandezas. E como tivemos nossas cousas em bons termos, governando aquelle estado Lopo Soares de Albergaria em 1517, elle se embarcou em huma armada, com a qual chegou a Columbo, por ser a principal escala da Ilha, aonde acodião muitas naos de Bengalla, da Persia, do mar do Sul, e Roxo, que carregavão de canella, e elefantes, e ser o negocio, que nesta Ilha se faz

por outros generos, que levavão. Foi o Governador bem recebido daquelle Imperador, a quem pedio as pareas, que por sua parte se tinhão concedido a D. Lourenço de Almeida descobrindo aquella Ilha em 1505, e lugar para fazer huma tranqueira de madeira, para com mais segurança estar nella huma casa de commercio, aonde meteriamos os generos, de que a terra necessitasse, e receberiamos os que ella tinha, do qual resultaria a elle Imperador, e a seus vassalos grandes avanços. O Imperador, que se chamava Aboenegabo Pandar era benigno, e não lhe era occulto, que pela fama conseguiamos o que queriamos, com alegre rosto veio em huma e outra cousa, que lhe pedimos, concedendo tudo apezar dos Mouros que alli assistião, os quaes nos erão suspeitosos; porque da nossa entrada lhe resultava perderem aquelle negocio, (em que se não enganárão). Em fim a seu pezar se fez a tranqueira bastante para resistir a qualquer invasão, por ser em huma ponta de rocha, que a bahia lança mais ao mar. Nella deixou por Capitão daquella praça João da Silva com duzentos soldados, feitor, e escrivão, e hum sacerdote para lhe administrar os Sacramentos; e bem provido de todo o necessario, e quatro fustas para o amparo daquelle posto: com isto se fez o Governador á véla.

Em 1520 se ordenou hirem áquella praça alguns navios que levárão gente e materiaes, com que derão principio a fazella de pedra e cal. Com esta nova fortificação, se alterou notavelmente o Imperador, de que resultou por-lhe sitio apertadissimo, que durou algum tempo, e com a chegada de hum soccorro, e vendo o Imperador a perda, que tinha recebido, o obrigou a fazer pazes. Com ellas continuámos alguns annos com varios successos, de que nos foi necessario reforçarmos mais o presidio, por respeito de hum Irmão do Imperador, por nome Maduné Rei de Ceitavaca, que tyrannicamente lhe fazia cruel guerra, por ver, que elle favorecia tanto nossas cousas; e por nos

mostrarmos agradecidos, lhe assistiamos com todo nosso poder. E por não ter mais que huma filha que lhe succedesse no Imperio, a casou com hum mancebo seu parente, por nome Tribuly Pandar, do qual houve hum neto, por nome Parca Pandar, a quem o avô estimou tanto, que por seus Embaixadores mandou a Portugal pedir a ElRei D. João o III. o coroasse, e para este fim trouxerão o retrato daquelle Principe: acto que ElRei fez nesta Corte com solemnidade em 1541, com que lhe assegurou a coroa daquella Ilha; por cuja morte teve aquelle Principe o Imperio: apressando-a tambem a Maduné hum seu filho, por nome Rajû, que seu pai tinha exercitado nas armas com a continua guerra que fazia ao Imperador seu irmão Aboenegabo Pandar. Este foi peior tyranno que seu pai, pois não só lhe herdou o Reino de Ceitavaca e costumes; mas ainda quiz extinguir da Ilha a todo o Principe della. E com as armas se foi apoderando de todas as provincias pertencentes ao Imperio de Cotta de tal modo, que obrigou ao Imperador Parca Pandar a valer-se dos nossos, e buscar o sagrado da fortaleza de Columbo. Assim mesmo conquistou o Reino de Candia de qualidade, que obrigou ao seu Rei a fugir para Manar com sua mulher e huma filha que tinha, onde os nossos lhe fizerão a hospedagem que merecia hum Rei perseguido, e fugitivo. O tyranno Rei Rajû aos povos daquelle Reino tirou as armas, impondo-lhe pena capital, a que nenhum em algum tempo as usasse; e desta maneira continuou a guerra com o da Cotta, em que bem o apertou. Estas molestias do Imperador causárão tambem muito damno aos Portuguezes, por quanto elle tinha em nós toda a ajuda, como vezinho e amigo; e assim nos fazia tambem cruel guerra, sitiando repetidas vezes a nossa fortaleza; porêm sempre se retirou com consideravel perda.

Em quanto o Rei de Candia estava com sua mu-

lher, e filha em Manar bem tratado, e servido dos nossos, por se ver em miserias, ou allumiado da Divina graça, (que he o mais certo), recebeo elle, e sua mulher e filha a agoa do Santo Baptismo, tomando o nome de Dom Phelipe, e a filha Dona Catherina. A Rainha em breve tempo falleceo, e ao Rei com os trabalhos lhe chegou a sua hora. Fazendo seu testamento, nelle declarou por sua universal herdeira a sua filha Dona Catherina, pedindo muito de mercê a ElRei de Portugal a aceitasse debaixo de seu amparo, e protecção; como tambem a seus Reinos de Candia, e Uva: e que sua filha se não casaria, senão com aquelle que fosse eleito e approvado por Sua Magestade, ou seu Vice-Rei; por quanto desta sorte se livrarião seus Reinos de tyrannos, e os negocios dos Portuguezes ficarião em modo, que Sua Magestade fosse bem servido.

O Imperador da Cotta, e Capitão de Columbo como tiverão noticia da morte do Rei de Candia, pozerão em pratica, que ordem se daria para que aquelles Reinos se eximissem da sugeição do Rajû, por quanto suas cousas hião em declinação, pela muita guerra, que lhe faziamos; e assim tomou o Imperador á sua conta apalpar os grandes daquelles Reinos. Elles por se eximirem da tyrannia, e com as muitas promessas do Imperador abraçárão o que lhe propoz: porêm vendo que não tinhão armas, nem as podião haver sem notorio perigo, obrárão entre aquelles matos com grande segredo muita quantidade de arcos, e frechas de páo tostado, e de huma e outra cousa encherão muitas casas mettidas em brenhas occultas. E depois do Imperador estar bem informado do animo daquelles Povos, e como tinhão preparadas aquellas armas, o communicou ao Capitão de Columbo, dizendo-lhe: que as cousas estavão em estado e termos que não pedião dilação, e convinha mandar-se huma tal pessoa de partes, e qualidades, que fosse Cabo para emprender

esta facção; por quanto não convinha chamar-se Dona Catherina áquelles Reinos, em quanto não estivessem reduzidos. E consultando entre ambos a pessoa que se havia eleger, assentárão fosse hum Apuame do Imperador, e delle bem visto, por ser homem de prendas, e qualidade entre elles, discreto, e grande amigo nosso, e se tinha feito Christão, chamando-se D. João: em fim era tal, qual convinha a semelhante negocio. E dando-lhe duzentos Portuguezes para o acompanharem nesta guerra, e o titulo de Modeliar, que entre nós exercita o posto como de Mestre de Campo, em breves dias chegou a Candia, onde foi bem recebido, e estavão de acordo com sua hida. Com a sua chegada se puzerão todos em armas; que, como temos dito, as tinhão preparádas: e obrou de qualidade que não só se eximírão aquelles Reinos da sugeição, mas ainda animados em terem comsigo aos Portuguezes, entrárão nas terras do Raju, e lhas destruírão. Com esta revolta, e a muita guerra que de Columbo lhe faziamos vierão as cousas do Raju a tal estado, que dentro em Ceitavaca, sua Corte, o forão os nossos demandar, dando-lhe huma batalha, na qual foi vencido, e na retirada metteo hum estrepe em hum pé, de que veio a morrer.

Como o Imperador se vio desassombrado com a morte do Raju Rei de Ceitavaca, foi logo acclamado daquelles povos por seu Rei, como o era das sete Corlas, Dinavaca, Chiláo, Candia, e Uva, postos á sua devoção. E vendo-se homem de maior idade, sem ter filhos, que lhe succedessem, considerando os mysterios de nossa Santa Fé, em os quaes de continuo tratava com homens devotos, e Religiosos de virtude de S. Francisco; e vendo o muito amor que devia aos Portuguezes, tendo-o livrado de seus inimigos; se resolveo em se fazer Christão; e pondo-o em execução, se baptizou com a alegria, e magestade que tal acto, e pessoa merecia: nelle o acompanhárão

os mais dos grandes de sua Corte; sendo o exemplo deste Principe mais poderoso, que muitos homens armados, como muitas vezes acontece. Tomou por nome D. João Pareá Pandar: mostrou no tempo que viveo, merecer de Deos Nosso Senhor tão grande beneficio, por em tudo ser muito Christão, manso, piedoso, affavel, e com todos muito liberal.

## CAPITULO VI.

*Em que se mostra levantar-se o Apuame D. João com os Reinos de Candia, e Uva, e a primeira conquista.*

O Apuame D. João, que estava em Candia, vendo-se senhor das armas daquelles Reinos, tratou de se apoderar delles. A primeira cousa que intentou foi destruir aos Portuguezes que elle tinha em seu poder, cegando a huns com ferro quente, que lhe passava pelos olhos, e a outros cortando os narizes, e orelhas, os dividio pelo certão: e para obrigar aquelles povos a seus intentos, se esqueceo de ser Christão, tornando a fazer sacrificios com os mais gentios; e como não era de casta de Rei, se intitulou defensor daquelles Reinos, dando-se tão boa mânha, que grangeou a vontade áquelles povos em modo, que veio a ter tanto dominio, como se fôra seu proprio Rei: assim tratou de fazer toda a guerra, que pôde a nossas terras. Deste movimento receberão todas grande damno, sem lho podermos remediar.

Passou por Columbo Pedro Lopes de Sousa, que vinha de Malaca, e saltando em terra, por tomar algum refresco e agoa, de que vinha falto, foi bem recebido do Capitão da praça Francisco da Silva, de quem foi hospedado com toda a grandeza, por ser Pedro Lopes hum dos principaes fidalgos, que servião naquelle estado, e de

muito respeito. Com elle communicou a guerra, que nos fazia D. João, o qual, sem attender a ser Christão, se tinha voltado ás ceremonias, e ritos gentilicos; e juntamente o que tinha com os Portuguezes: dizendo-lhe que convinha ao serviço de S. Magestade vir de Goa poder para se atalhar o fogo que aquelle rebelde tinha tão ateado, antes que o damno fosse irremediavel; e que lhe pedia que para esta expedição no concelho de estado o propuzesse a elle Capitão, por saber mais daquelle negocio e terra, que outro algum a quem se encarregasse aquella empreza. Pedro Lopes lhe prometteo faria todos os possiveis, a fim de se conseguir o que lhe pedia. Embarcado, e despedido, chegou brevemente a Goa, e a primeira cousa que poz por obra, foi buscar os do concelho, e a cada hum em particular mostrou o muito que convinha lançarmos fóra de Ceilão aquelle tyranno, do qual tinhamos recebido muitas perdas; e se lhe não atalhavamos com brevidade aquella impetuosa corrente, se punha em risco perdermos a Ilha, e ser-nos forçoso o conquista-la de novo; o que não seria facil; e que a ninguem se podia encarregar aquelle negocio melhor que ao Capitão de Columbo, por ter muita experiencia, e estar presente nos daquella Ilha: além de que por suas partes, serviços, e qualidade merecia muito: e qualquer, que se elegesse, como não tinha tão certo o conhecimento, em lugar de remedio, poderia causar ruina; porque os acertos das emprezas melhor os consegue quem he mais experimentado, do que o muito valeroso.

A todos pareceo bem a proposta de Pedro Lopes de Sousa, e lhe prometterão que, quando no concelho se determinasse, approvarião seu parecer. Com o que ficou contentissimo, parecendo-lhe tinha conseguido o que pretendia para desempenho de sua palavra, e bem do Serviço de S. Magestade. Ajuntou-se o concelho para se tratar deste negocio, e nelle se resolveo, convinha com brevidade dar-se expedição a esta empreza. Todos uniformes votárão,

que fosse por Capitão Geral daquella conquista o mesmo Pedro Lopes de Sousa. Deu-se-lhe parte, e de tal eleição ficou sentidissimo, e buscou muitas escusas, para não aceitar aquelle posto; porêm nenhuma se lhe aceitou; e assim lhe repetirão, dizendo-lhe, que convinha ao Serviço de S. Magestade aceita-lo. Replicou valendo-se de huma industria pedindo cousas, que lhe parecerão serem impossiveis o concederem-se-lhe, só a fim de se livrar, fazendo huma proposta, que já que o obrigavão com tanto aperto, se lhe havião conceder duas cousas: que hum de dous sobrinhos, que tinha, havia levar por seu Capitão-Mór do Campo, posto, que responde aqui em Portugal ao de Mestre de Campo General; e o outro, que visto a Rainha Dona Catherina se haver de casar com quem S. Magestade, ou Vice-Rei quizesse; lha dessem por sua mulher. Sobre esta proposta, e pedimento se fez concelho, em que houve diversos pareceres, e depois deste ponto bem discutido, e examinado, e vendo-se que de necessidade se havia buscar Principe Christão, e este não se podia achar de sua nação, e havendo de ser estrangeiro tinha seus perigos: e que sempre convinha casar-se esta Senhora; e para os particulares do Serviço de S. Magestade sempre hum seu vassallo attenderia mais a elles, que outro algum Principe a quem se desse em dote dous Reinos. Virão tambem que era hum fidalgo de boa qualidade, e que tinha servido com satisfação naquelle estado, e que por aquelle caminho poderião attrahir os naturaes ao conhecimento da verdadeira Lei, e por via de casamentos domestica-los em modo, que todos servissem a S. Magestade com amor, e fidelidade. Com o que pareceo ao Concelho muito conveniente o que Pedro Lopes pedia. Concedeo-se-lhe huma, e outra cousa; com tanto, que seu sobrinho se não casasse com a Rainha, sem ella primeiro estar de posse dos dous Reinos, Candia, e Uva, e de manter a fidelidade, com que havia acodir aos particulares do Serviço de S. Magestade, e depois de Rei,

por seu vassallo. Fez homenagem, e no mais ficou livre Rei dos ditos Reinos.

## CAPITULO VII.

*Em que se dá conta do successo da guerra desta primeira conquista.*

APRESTOU-SE em breve huma armada de muitos navios de remo e algumas galés, e nellas mil e duzentos soldados Portuguezes, todos bem luzidos, e os mais aprestos necessarios. Despedidos de Goa com bom tempo chegárão a Manar, onde logo foi embarcada a Rainha. Derão á véla, e com prospero vento chegárão a Negumbo. Desta vinda de Pedro Lopes com tão grande apparato, e da Rainha, teve aviso o Capitão de Columbo, que cuidou endoudecer, parecendo-lhe, que o que lhe prometteo Pedro Lopes, o negociára para si; sendo tanto ao contrario (que taes são os juizos dos homens que o discurso que fázem, he o mesmo, que os enlouquece, sem atinarem com a verdade, e só por satisfazerem a sua paixão, fazem crime do que foi serviço, e do que foi obediencia delicto). Tal foi o Capitão de Columbo com Pedro Lopes de Sousa, pois o tratou de tal modo, que não somente lhe faltou como amigo, senão tambem como estava obrigado, por vassallo de S. Magestade; sem lhe dar gente, nem cousa alguma, para se desempenhar da obrigação, em que o tinhão posto os Senhores do Concelho do estado da India.

Depois de sua chegada a tres dias lhe veio obedecer hum Modeliar, homem grande entre os Chingalás para o servir nesta empreza. Trazia comsigo vinte mil homens de guerra. Este se tinha desviado de D. João, por ver, que sendo hum homem honrado particular, se fazia tratar como Rei; (cousa entre aquella nação insoffri-

vel), e teve a boa sorte a chegada de Pedro Lopes com tantas forças; e como politico carinhoso o buscou com todo o amor, e fidelidade, que lhe prometteo morrer em serviço dos Portuguezes: assim mesmo recebeo D. Catherina por sua Rainha, e Senhora beijando-lhe a mão, e offereceo-lhe sua pessoa, e fazenda para a ajudar contra seus inimigos. Este Modeliar era tão valeroso, affavel, e cortez, que todos os seus o trazião no coração. Pedro Lopes estimou muito sua vinda, e com tal ajuda se prometteo bons fins neste negocio; e como era homem de tantas prendas, fez delle toda a estimação; e não obrava cousa alguma sem seu conselho, descobrindo-lhe seus designios, e negocios, por achar nelle talento, e em tudo acertados pareceres. A chegada da Rainha, e Pedro Lopes com tão grande poder, e ter vindo a seu serviço o Modeliar, foi tudo noticiado a D. João, e se deu totalmente por perdido; porêm como sagaz mostrou nas praticas, e semblante que todas aquellas forças erão quasi nada; e por não desânimarem os seus, ajuntou gente de guerra que a brevidade do tempo lhe deu lugar, e com a mesma se sahio de Candia, e assentou seu arraial duas legoas de Balané, por onde os nossos havião de entrar naquelle Reino; e sem dar a saber a nenhum dos seus cousa alguma, poz por obra huma traça que machinou; e foi ella a ruina de nossa gente, e o triunfo de seus inimigos.

Escreveo huma ola ao Modeliar, em que lhe avisava, estava em campo, como lhe tinha dito o faria, que em chegando o nosso arraial a Balané, experimentaria a sua fidelidade, que o que mais lhe encommendava era acabar com o General, por quanto com sua morte consistia a victoria, que havia de ter de todo o arraial. E soube tambem dispor, que qualquer pessoa lhe pareceria estavão os dous contratados para este effeito; e mais sendo de hum natural, e lingoa. E chamando a hum Chingalá, de quem fiava muito, lhe disse: pela confiança que em vós faço, e

sempre em mim achastes obras de amigo, fiára eu grandes negocios de vosso amor, quanto mais o que vos quero pedir, que ainda que de pouca consideração, muito me importa fazer-se com grande cuidado e segredo, e se assim o fizeres, eu vo-lo saberei mui bem agradecer. Por vos servir, Senhor, (respondeo o Chingalá) não me dará perder a vida; e das mercês, que me tendes feito, não he esta a menor, por conheceres em mim talento, que vos poderei servir não só nesta occasião, mas em todas, que mandares, por onde dizei-me o que quereis que faça? e a execução vos mostrará meu amor, e desejo. Assim o espero de vós, (respondeo D. João). O que quero me façais, he hirdes a Balané, onde hoje, como sabeis, vem alojar o arraial dos Portuguezes: na vanguarda trazem a gente das suas terras: não vos desvieis do caminho, e como deres com os batedores, deixai que elles vos vejão, e logo vos lançai fugindo ao mato, aonde fazei que tropeçais em modo, que elles vos tomem ás mãos, e vos levem ao General; e fazei sempre que quereis occultár esta ola, que he o fim para que vos mando, que vá á sua mão: isto he o que espero de vós como segredo, que vos encommendo, e o cuidado, que nisto haveis guardar. O Chingalá aceitou a ola com muita alegria, promettendo-lhe de não faltar no que lhe pedia, e despedido fez o negocio melhor do que lhe foi proposto, e se deu tão boa manha, que com ella foi levado ao Capitão Geral, que logo a mandou lêr, e sabendo o que continha, se accelerou tanto com paixão, que sem fazer nenhum discurso, mandou chamar o Modeliar, dando-lhe a ola, que a lesse, e sem esperar resposta o cozeo a punhaladas. Cahio o pobre innocente morto, e os nossos descendo pela manhã a serra, se achárão sem nenhuma gente das nossas terras, que era o essencial daquella guerra; por quanto não só os vinte mil do Modeliar, mas ainda todos se passárão ao inimigo, vendo o nosso procedimento com aquelle Capitão, que delles era mui amado.

Dom João, como estava á mira esperando este successo, a toda aquella gente se mostrou muito sentido, e assim lhe prometteo de vingar aquella morte, dizendo de nós mil abominações. Com toda aquella gente, e vinte e cinco mil, que elle tinha, se veio chegando para os nossos que hião em marcha, e mandou huma pouca pela nossa retaguarda a cortar o arvoredo, que bastasse a tapar a estrada, deitando muita frecharia, e espingardaria pelos matos, que se avisinhárão aos nossos, onde os forão ferindo, sem verem quem o fazia. Quizerão tornar-se a Batané; porêm achárão o caminho tapado, e muitos, que o defendião. Assim todos acabárão desgraçadamente alli as vidas, onde tambem o Capitão Geral, e seus sobrinhos forão mortos. O successo fora ao contrario, senão acreditára ao inimigo, que todas as cousas que nos vem por sua mão, se devem receber com muito tento; e para nellas se acertar, se hão de trocar ao revez do que parecem. Porêm Deos he o que tudo governa, seus juizos são incomprehensiveis. Havida esta victoria tratou o inimigo do despojo; e não foi pequeno o da Rainha, que elle mais estimou para os fins, que pertendia, como veremos.

## CAPITULO VIII.

### *Que trata dos casamentos de Dona Catherina, e o mais que succedeo.*

Como D. João houve á mão a Rainha, executou nella o intento, que comsigo tinha determinado; e foi, que logo em público á vista de todos, a deflorou, com o qual feito conseguio o fim de suas esperanças em se fazer Rei; porque de outra sorte jámais o poderia ser, porquanto aquelles gentios o não havião consentir, ainda que a todos lhes custasse as vidas, por elle não ser descendente de Reis; porêm como virão, que tinha obrado com violencia,

e estava senhor das armas, assentárão se casasse com ella, pois não vião outro remedio. Da Rainha houve hum filho, ao qual chamárão por antonomasia, o Principe dos Gallos.

Como em Goa souberão a perdição de Pedro Lopes de Sousa, e seu arraial, proverão aquelle posto em D. Hieronimo de Azevedo, que passou a Ceilão com as forças de gente que foi possivel dar-lhe o estado. Fez toda a guerra, que pode áquelle Rei intruso; e depois de varios successos, ajuntou todo o poder com que se achava, e fez entrada em Candia; porêm o que resultou foi de qualidade, que teve a boa sorte poder-se retirar com perda de trezentos Portuguezes, e muitos Lascarins das terras do Imperador. Depois de Dom João lograr estas victorias, não teve muitos annos o Imperio daquelles Reinos, porque veio a morrer como vivia. Os grandes vendo que a Rainha era moça, por evitarem ruinas determinárão que se casasse: e sabendo que no Pico de Adam estava hum Principe da mesma Ilha, e seu parente, por nome Henar Pandar Changatá, que he Sacerdote gentio, fazendo alli penitencia; (que a necessidade a alguns faz virtuosos), donde o tirárão, e o casárão com a Rainha. Depois de alguns annos que teve o governo, vendo que tambem tinha em dote a guerra com os Portuguezes, de que não podia esperar bons fins, tratou de com elles fazer huma paz que fosse perpetua, a qual conseguio fazendo-se tributario a S. Magestade em lhe pagar de páreas cada hum anno dous elefantes de dente de certa medida, que sempre contribuio pontualmente os annos, que não lhe movemos guerra.

Este foi muito amigo da nossa nação, por conhecer nella primor, amor, fidelidade, e mais partes para se estimarem; e assim toda a sua conversação era com os Portuguezes, aos quaes entregou dous filhos, que teve da Rainha, que lhe ensinárão a ler, escrever, e a lingoa lati-

na, tanger os instrumentos, e serem cavalleiros: em tudo sahirão bem exercitados, e vistos nas humanidades. Ao filho que ficou de Dom João sempre o retirou de si, para que os seus herdassem os Reinos; e por esta razão aquelle se occupou em jogos de Gallos, em Matalé, onde se criou.

## CAPITULO IX.

*Em que se mostra, que por fallecimento do Imperador deixou a ElRei de Portugal por herdeiro dos seus Reinos, e as Cortes que se fizerão.*

O Imperador D. João Paria Pandar tomou tanto amor aos Portuguezes, que não se quiz sahir d'entre elles, e viveo em Columbo até o anno de mil e quinhentos e noventa e sete, sendo Capitão Geral da conquista D. Hieronimo de Azevedo, em que o Senhor o quiz chamar em tão feliz estado: e sentindo se lhe chegava a hora, tratou de dispor suas cousas, repartindo seus bens com os que o tinhão servido; fazendo seu testamento, nelle declarou não ter filho que lhe succedesse em seus Reinos; que portanto instituia por seu universal herdeiro de todos elles a ElRei de Portugal; assim, e da maneira que elle era absoluto Senhor de todas as terras debaixo daquella Ilha; que sómente os Reinos de Candia e Uva erão de Dona Catherina, e o Reino de Jafanapatão tinha seu Rei natural; e que pedia muito a S. Magestade mandasse vir para Portugal hum sobrinho que tinha de menor idade, o qual se ordenaria de Sacerdote, e em nenhum tempo passasse á India, por não causar na Ilha algum movimento: e tambem lhe pedia muito de mercê lhe consignasse neste Reino huma congrua para seu sustento. Tudo o que temos referido, foi ordenado por este Imperador, e assim se cumprio. (Nós ainda conhecemos este Principe, e lhe chamavamos, de Telheiras por alli resi-

dir, e em o tal lugar fundou hum Oratorio aos Frades de S. Francisco). A morte do Imperador foi bem sentida, assim dos seus como dos nossos, e com a Magestade possivel foi sepultado em o convento de S. Francisco de Columbo, que já era huma fermosa cidade povoada de muitas familias nobres. Depois de sepultado, e feitas as exequias que convinhão a tal pessoa, o Capitão Geral chamou o Capitão de Columbo, e mais cabos, e propoz, que modo se tomaria para que os povos daquelles Reinos, sem os obrigarem com as armas, reconhecessem a S. Magestade por seu Rei e Senhor. Depois de varios pareceres foi assentado, que mandassem notificar todas as provincias daquelles Reinos, a que elles chamão Córlas, para que em certo dia se achassem em Columbo duas pessoas de cada Córla, que tivessem poder para em nome dos mais jurarem a ElRei de Portugal por seu Rei e Senhor. Fez-se-lhe a notificação, e todos acodirão ao dia assinalado, em que se lhe propoz: que visto elles serem vassalos de S. Magestade, de razão era receberem suas Leis, assim, e da maneira que as tem os mesmos Portuguezes, para tambem a nobreza gozar os foros, e liberdades, que elles gozão. A esta proposta responderão, que aquellas cousas devião de ser entre elles bem examinadas; sendo que não duvidavão fazerem tudo quanto se lhes mandasse; porêm que lhes concedessem licença para as poderem vêr e darião sua razão, que sempre havia de ser o que mais conviesse ao serviço de ElRei seu Senhor. Concedeo-se-lhe dous dias, em os quaes se resolvêrão, e disserão; que elles erão Chingalás, criados de seus principios com as Leis que tinhão, e observavão, e que seria muito difficultoso largarem estas, e receberem as que lhe propunhão; e de fazerem huma tal mudança se poderia seguir, nem humas nem outras serem bem guardadas, de que podia resultar ser prejudicado o serviço de Sua Magestade: que por tanto elles conhecião a ElRei de Portugal por seu verdadeiro

Rei e Senhor, como se fosse o mesmo Imperador natural, e nascido naquella Ilha, e como a tal servirião com as mesmas Leis com que forão criados, e que nestas devião ser conservados por S. Magestade, e seus Ministros, sem alteração em nenhum tempo; e que elles servirião e acodirião com tudo, quanto erão obrigados, como sempre o fizerão aos Reis, que té áquelle tempo tinhão sido daquella Ilha, o que tudo elles jurarião de assim o cumprirem: e que pois ElRei seu Senhor os tinha alli postos por seus Ministros, havião tambem jurar em seu nome de lhe serem inteiramente guardadas, e conservadas suas Leis, e foros. O que visto pelos nossos se não podia obrar outra cousa, se fizerão por huma e outra parte publicos instrumentos com solemnes juramentos. Os nossos em nome de S. Magestade promettêrão para todo sempre de guardarem áquelles seus Reinos, e vassallos de Ceilão todas as suas Leis, foros, e costumes, sem alteração nem diminuição alguma. Os naturaes na mesma conformidade fizerão outro juramento, e nelle prometterão servirem bem e fielmente a ElRei nosso Senhor, como se fosse seu Rei natural, e como a tal acodirião com as rendas, pensões, e todas as mais obrigações, como sempre o fizerão aos mais Reis antepassados; e que os Religiosos livremente prégarião em publico, onde, e quando lhes parecesse a Fé de N. Senhor Jesus Christo; e todos os que a quizessem receber, por nenhum modo, ou via lho impedirião; ainda que fosse entre pais, e filhos se não mostraria má vontade: e quando nisto algum fosse desmandado, ficasse o castigo á eleição de quem tocasse, e que tambem para o serem senão faria força ou vexação a pessoa alguma, mas que livremente abraçarião a fé os que voluntariamente quizessem ser Christãos.

Com estas condições se acabárão as Cortes, e se tirárão traslados dos instrumentos, que cada qual levou ás suas provincias, para onde se forão contentes destes ajus-

tes, e juntamente por verem tinhão por defensores huma gente tão valerosa. Logo o Capitão Geral fez trazer o Archivo do Imperador, em que tambem estava o tombo das rendas, e obrigações, não só de cada Reino, ou provincia, mas muito miudamente de cada aldêa, e casa della o que pagava cada anno, e que pensão mais tinha. Tudo fez trasladar na nossa lingoa com toda aquella mesma miudeza.

## CAPITULO X.

*Das rendas que tinhão os Imperadores, e algumas particularidades que convem saber-se.*

TEMOS dito, que de Chiláo até ás Grevayas, que são cincoenta e duas legoas de costa, e pela terra dentro ás fronteiras de Candia, e Uva, todas deixou a S. Magestade aquelle Imperador. Tem estas terras vinte e huma mil outocentas e setenta e tres aldêas, nas quaes tinhão os nossos Capitães Geraes o mesmo dominio, como o Imperador, com titulo de Reis da Malvana, por respeito, e authoridade daquelle posto entre os Chingalás, que lhe foi concedido por S. Magestade, porêm o seu dominio alcançava até ás palmeirinhas de Bengalla, com poderes de Vice-Rei. Nenhum natural lhe podia chamar senão por Alteza, e a mesma lhe dava o Rei de Candia. Pelo que se póde considerar o seu poder, e como serião respeitados; sómente os Portuguezes lhe falavão por mercê; por quanto no estado da India se não dava senhoria, mais que aos que forão governadores delle, e aos Vice-Reis, se erão titulares, excellencia.

De todas estas terras se não cobrava dinheiro algum de tributo, ou pensão, porque de seu principio estavão repartidas em todos os estados e officios, que tem huma Republica; como tambem em gente de guerra: soldados,

capitães, e cabos, que acodião com suas armas nas occasiões, e erão obrigados a levarem de suas casas mantimento para quinze dias, e acabados lhe havião de dar outros tantos de licença: desta gente de armas tinhamos nas nossas terras cincoenta mil homens, em os quaes não podia haver diminuição, nem augmento deste numero, por quanto todos tinhão terras, e cada hum desfrutava a sua com esta obrigação, e na mesma fórma a nobreza, e officiaes, em que aquellas aldêas estavão repartidas: e para cada hum viver tem huma vargea que semêa, e hum grande districto de arvores de fruto, de que tirão muito proveito, e huma horta onde tem a sua casa. A esta porção chamão paravenia, e todos os moradores nobres, ou plebeos tem occupação, e cada hum por seu modo serve ao Rei, ou ao Senhorio da aldêa. De sorte que havendo soldados, nobres, officiaes, e de differentes estados, e qualidades (que são muitas) cada hum tem sua obrigação, e assim desfrutão livremente as paravenias: e jámais falta pessoa que a tenha com aquellas mesmas pensões, que ellas em si tem; por quanto, se he soldado, e morre na guerra, ou fóra della, seu filho, se o tem, ou qualquer outro da mesma familia, se mette na paravenia; e não sendo nunca soldado, o fica sendo: o mesmo se entende nos mais officios: e pelas paravenias se sabe quantos ha de cada officio ou estado. He de advertir, que a paravenia que foi de soldado, não póde ser de official, e a de ferreiro, tambem de ferreiro, e todas as mais na mesma conformidade. Pela repartição com que estão distribuidas estas terras em todos os estados, se póde vêr que só com a de guerra, estando sempre prompta com suas armas para toda a occasião, não gasta o Rei com elles hum real; sendo que para hum Principe sustentar mais pequeno exercito, em poucos annos lhe não bastão grandes thesouros.

O Rei, quando vai á guerra promette algumas vezes hum tanto ao primeiro que chegár a hum posto que lhe no-

mea do inimigo, ou cortar huma cabeça; logo dá inteiro cumprimento ao que tem promettido: e para que não nos confundamos, expliquemos os estados da gente, e que penção tem cada hum. Constão as aldeas de Maioraes, que são, como entre nós Cidadões; estes a sua penção he darem de comer a qualquer pessoa de guerra, que for á sua aldea o tempo, que nella se detiver, com largueza tres vezes ao dia, e ao senhorio em quanto nella estiver. Esta despeza fazem alternativamente os Maioraes, que tiver a aldea, ficando o gasto igual entre todos. Tem estes Maioraes tambem penção de comprarem para o senhorio por seu dinheiro tudo o que ha na terra; a saber: frangos, gallinhas, manteiga, cabritos, vacas, e porcos. Todas estas aldeas tem Culles, que são para acarretarem, e fazerem o serviço semelhante, como homens de ganhar; e com esta penção tem as suas paravenias, e nem por terem aquelle officio, perdem de quem são; por quanto se he de casta honrada, não perde nada, e se he de casta baixa, (como ha muitos) fica sempre quem he pela casta. Estes conduzem aos senhorios o que os Maioraes comprão, e todas as vezes, que são chamados para a mesma, ou semelhante occupação, a vão fazer. Os ferreiros tem obrigação de servirem nas ferrarias ao Rei quinze dias, para os quaes trazem de suas casas mantimento, como o fazem os soldados, e acabado aquelle termo, lhe dão outros tantos de licença; e por este trabalho se lhe não paga hum real: advertindo, que ainda que tenha muitos officiaes na tenda, como filhos, e parentes, nenhum delles faz aquella obrigação, mais que o mestre, por ser o que come a paravenia. Tambem a todos os moradores da aldea lhe corre por obrigação fazer a ferramenta de agricultura, sem paga; sómente lhe dão os materiaes para ella. Sem estes ha tambem outros ferreiros, e são os que tirão o ferro de certas pedras, e vivem em aldeas separados, as quaes são do Rei, e delle lhe pagão cada anno certa quantia; e o que mais ti-

são, o vendem livremente. Ha lapidarios, ourives, carpinteiros, torneiros, coronheiros, lanceiros, todos estes officiaes são obrigados a fazer o mesmo, como aquelles no serviço de seu Rei.

Os que se seguem são casta mais baixa: atabalinheiros vão á guerra para os tocar, e se recolhem com a sua companhia. Cortadores vivem em aldeas separadas; tambem estas são do Rei: cortão as madeiras, que lhes ordenão, e são obrigados a conduzir nos arraiaes as munições, e armas de sobrecellente; e nisto são briosos, que havendo alguma rota, hãode perder antes as vidas, que lárgar as munições. Oleiros, e mainatos; estes lavão a roupa, e aquelles dão a louça a toda a aldea sem paga. Jagreiros fazem certo assucar do licor de humas arvores, e dão certa quantia aos senhorios das aldeas. Alparqueiros, páchas, barbeiros, são todos casta muito baixa, tem tambem as mesmas pensões, cada qual em seu officio. Os cornacas são os que domão, e servem de aios aos elefantes: vivem em aldeas separados, como tambem os páchas, que humas, e outras são do Rei, e o mesmo as em que vivem os chaliás, que são os que tirão a canella; e cada hum paga os baharres, que tem o lançamento da sua paravenia; porque todas não são iguaes na pensão; humas pagão mais, e outras menos: estes trazem huma faquinha na cinta, com que atirão das arvores, por gozarem o privilegio de ninguem os occupar em outra cousa. Todos estes, fóra da sua pensão, não hãode fazer cousa alguma, ainda que os queimem, porque dizem ficará em costume. O computo, que tiravão de canella todos os annos para o Rei, erão tres mil e duzentos bahares, que cada hum em nosso pezo são treze arrobas, e sete livras, o qual numero faz dez mil quinhentos setenta e cinco quintaes. Os Imperadores, ainda que aquelle anno senão vendesse toda ás náos da Persia, Arabia, Meca, Malavar, China, e Bengalla, que alli acodião a este negocio, nem por serem menos hum anno, que ou-

tro, a barateavão, e sempre por hum preço a vendião; e ficando por vender álguma, lhe mandavão pôr o fogo, por não ficar em costume aos chaliás tirarem menos da que erão obrigados: de modo que este era o principal rendimento do Imperador, e por este genero lhe trazião quantas riquezas tem o Oriente. Da pedraria se não valião, e assim se achão somente vinte e cinco paravenias em Sofregão dos que tem o officio de a tirarem, e o fazião quinze dias no anno, tendo hum capataz, a quem chamão Vidana das agras. O Imperador, quando chegavão estes dias, dava ordem, quantas pedras havião de tirar, e a qualidade dellas para presentear aos Reis seus parentes, e amigos da costa da India. Nesta conformidade se ficârão tirando por conta de S. Magestade; salvo a ordem, que era de tirarem todas, que fossem de valor de hum pardáo para cima. Tanto que S. Magestade foi Senhor de Ceilão, não faltou Portuguez, que quiz ser Vidana das agras; que supposto o cargo não era muito authorisado á nossa nação; comtudo era manejar pedras de valor em que beliscavão, não lhe faltando companheiros, e amigos; (que a fazenda Real he como a coruja, que todos os passaros a depennão): mal sem remedio. A pedraria, que se tirava cada anno, vinha para a cidade, alli se cerceava, e toda junta se punha em leilão: davão ordinariamente por ella de vinte até vinte e quatro mil patacas, e até vir outro anno se não fallava mais em pedraria.

Os elefantes hum anno por outro se vendião de vinte até trinta para o Mogor por muito grande preço; de modo que as rendas dos Imperadores consistião na canella, e elefantes. Nesta conformidade ElRei N. Senhor desfrutava esta Ilha podendo tirar della mais do que tira Hespanha de todos os Reinos, que tem no Occidente, como mostraremos em seu lugar: e não causem enfado estas miudezas, porque todas convem saber-se para o que havemos de proseguir.

## CAPITULO XI.

*As aldeas como estavão repartidas, e as mais pençoes, que tem os naturaes.*

As aldeas, em que moravão os cortadores, os chaliás, os pachás, os cornâcas, e os ferreiros, que fazem o ferro, as de Butalegama, e outras cem aldeas mais em varias provincias, todas se desfrutavão por conta de S. Magestade; e por todas erão quatrocentas, que sempre forão do Imperador. Estas tinhão Vidanas, que cobravão os frutos, e o seu procedido se entregava ao feitor, e o lançava ao escrivão de seu cargo em receita. O Capitão Geral tinha vinte das melhores em renda para a sua despeza. O Capitão mor do Campo, o Vedor da fazenda, o Capitão de Columbo, o de Galle, o de Negumbo, o de Calituré, o Sargento maior, os Dissavas, o Bandigarrala, o Capitão da guarda do General, o Feitor, o Ouvidor, o Juiz da alfandega; e muitas das Religiões; e até os Capitães de Infantaria tinha cada hum a duas aldeas: estas todas erão annexas aos mesmos postos: todas as outras estavão repartidas pelos moradores, conforme as mercês, que tinhão feito a seus antepassados, ou havidas por dotes em casamentos: todas erão dadas em tres vidas, e se reformavão com quaesquer serviços; com o que todos tinhão bastantes rendas para viverem com largueza.

Os naturaes, fóra das pençoes, que temos dito, que erão só ao serviço de ElRei, tem outras, que pagão aos senhorios das aldeas, e destas nem soldado, nem outra qualquer pessoa tem privilégio, para que deixe de pagar, a respeito da paravenia, que cada hum tem. O principal genero he aréca, que val bem em toda a India, e cada hum paga conforme está lançado no tombo: quem a dous amanoes, tres, ou quatro cada anno, que he hum

certo numero de quantia; e fóra outras pitanças, a que são obrigados: pimenta, arrôz, e outras cousas; de modo que nenhum repugna de pagar as pençôes, que tem. Em cada aldea hâ huma paravenia, que sempre he a maior, e situada no melhor posto, a que chamão Motteto, na qual está huma casa bem feita, e nella reside o senhorio, quando estâ na aldea: tudo, quanto este Motteto dâ he seu. Os Maioraes são obrigados a lavrar, semear, recolher a varge deste Motteto; como tambem recolher a aréca, pimenta, e mais frutos, sem alguma paga, e os Culles conduzir tudo á cidade, a sua casa sem despeza: e assim quem tem aldea sabe quanto cada anno tem em generos. Todo o sapão he do senhorio, e sô elle o pôde tirar em o destricto da aldea.

De nenhum genero, que se carregava, se pagava cousa alguma por sahida; e sô por entrada, não sendo mantimento, era cinco por cento por avaliação, que sempre era favoravel. Tambem os matos tem muita quantidade de coca, e assim mesmo de breu, que as arvores estillão, e he como a resina de França. Ha outro, que se cria nas vargeas, mui claro, e transparente, da cor de alambre: os naturaes usão delle em muitos medicamentos, e em toda a India tem grande preço, aonde lhe chamão chandarrús. Destes generos alguns moradores fazião tirar, e conduzir muita quantidade, por serem cousas, que dá o mato, que para fóra vendião. Temos relatado como todos desfrutavão as aldeas: tratemos agora de dizer o que veio a ser Columbo de huma tranqueira limitada.

## CAPITULO XII.

*Em que se mostra o assento, e fortificação de Columbo, e mais fortalezas da Ilha.*

COLUMBO de huma limitada tranqueira, composta de madeira, se veio a fazer huma galharda cidade, fortificada com doze baluartes; supposto que sextavados ao antigo, e com pouca praça; porêm assentados onde convinha. As murálhas erão de taipa singela, que para os naturaes bastava, com fosso, e cava por hum e por outro lado, que fenecião em huma alagoa, que pela terra cingia o terço da cidade. Tinha duzentas e trinta e sete peças de artilharia cavalgada, dos tres generos de dez, até trinta e oito livras. Estava assentada em huma bahia capaz de recolher muitos navios pequenos, e ficava lavada do norte. Occupava a circumvalação mil e trezentos passos. Em a ponta do Recife, que fica ao sul, estava fundada huma couraça grande com a mais grossa artilharía, chamada Santa Cruz: esta lavava, e defendia toda a bahia: daqui discorre para o sul a cidade aberta, por onde chamão a Galvoca, que por respeito do Recife não necessita de muralha: no fim delle sobre o mar fica hum baluarte, e principia na sua raiz o fosso, que se continúa com muralha moderna, e outro baluarte, que chamão de Mapané, onde está huma porta com ponte levadiça, e vem correndo o mesmo fosso, e muralha até fenecer na alagoa, fechando com o baluarte S. Gregorio. Do mar até esta paragem era a melhor fortificação, que tinha a cidade, e não inferior á da mesma alagoa, que a cingia em distancia de quatrocentos passos. Ella em si tem mais de duas legoas em circunferencia, e cria muita quantidade de crocodilos. A cem passos adiante do baluarte referido, fica outro ao longo de huma grande casa, e engenho de fa-

zer polvora, e com a agoa da mesma alagoa continuada, se fabricavão todos os dias dous quintaes. Daqui corre hum ribeiro, que atravessa a cidade pelo meio com duas pontes para o serviço della: assim vai correndo o muro abaixo, intestando com a alagoa, até chegar ao baluarte S. Hieronimo, onde ella fenece, ficando em meio desta distancia o baluarte da Madre de Deos. Adiante fica a porta, que chamão da Rainha, e logo o baluarte S. Sebastião, começando da raiz delle o fosso, que se continúa pelo pé do baluarte Santo Estevão, e vai fechar á porta, e baluarte de S. João, com outra ponte levadiça, que he aonde a cidade faz a ponta da parte do norte, e della huma forte estacada de páo pique pela praia, até o mar. Daqui discorre a bahia, aonde estâ huma formosa couraça defronte do collegio da Companhia. Mais adiante o baluarte da alfandega: assim vai correndo a muralha, até fechar com a couraça Santa Cruz.

A porção, que divide da cidade o ribeiro, que vem da casa da polvora da parte do sul, he o mais forte della, por hum outeiro, que tem no meio, onde estava o convento de Santo Augustinho, em cuja cerca tinhamos huma grandiosa casa feita de abobada, em que se conservavão cento e vinte jarras grandes de polvora, nellas se conservava maravilhosamente, sem necessitar de reforma. Tinhamos mais outras duas casas, não de tanta grandeza, tambem de abobada; huma na casa de S. Francisco, outra na dos Capuchos, cheias tambem de jarras de polvora.

Havia nesta cidade novecentas familias de moradores nobres, e passante de mil e quinhentas de varios officiaes, e mercadores, tudo de muros a dentro: duas freguezias, a Matriz, e S. Lourenço, cinco conventos de Religiosos, o de S. Francisco, S. Domingos, Santo Augustinho, os Capuchos, e o Collegio dos Padres da Companhia com classes de latim, e moral; a casa da

Santa Misericordia, hum Hospital Real; e de muros a fóra sete freguezias. Todos os moradores estavão alistados em companhias, os Portuguezes em humas, e os naturaes em outras; todos fazião suas guardas em os baluartes, e postos com suas armas, em que andavão destros, e bem amocionados. Quando entrava de guarda huma companhia de Portuguezes, se tinha oitenta, ou noventa homens, a fazião duzentos, todos armados; por quanto os criados, e domesticos acompanhavão nestas occasiões seus amos, e senhores.

A fortaleza de Galle estâ posta em huma ponta de terra, e tinha pelos dous lados o mar, o da parte do norte he rochedo aspero, e assim não tem mais defensa; o da parte do sul he a bahia, que se cobre com huma estacada de páo pique; e pela parte da terra a corta de hum mar a outro hum lanço de muralha com seu fosso, e tres baluartes: no meio estâ a porta, e huma ponte levadiça: com esta fortificação era defensavel. Os moradores lhe davão nome de cidade; porêm somente era fortaleza. Os Hollandezes, depois que no-la tomárão, lhe não fizerão mais, que os baluartes ao moderno, e alargárão, e perfundárão o fosso. Tinha duzentas e sessenta familias de Portuguezes, seiscentas de varios officios, todos christãos: havia nella Capitão da praça, hum Ajudante, huma Parochia, o convento de S. Francisco, casa da Santa Misericordia, Hospital, Alfandega, Feitor, e seu escrivão.

Calituré era fortaleza muito pequena, assentada em hum oiteiro na boca do rio de seu nome: os Hollandezes lhe fizerão boa fortificação, e com ella veio a nosso poder, como diremos em seu lugar. Tinha dous baluartes pequenos com quatro peças de ferro, e a guarnecia huma companhia de Infantaria, seu capellão, armazens de mantimentos, e munições.

Negumbo tinha capitão com alguns soldados impedidos, e huma cerca quadrada, de pedra e cal, com

dous reductos, huma e outra cousa limitada e singela: cinco peças de ferro, capellão, casa de mantimentos, e munições.

A Malvana estava assentada á borda do rio, quasi tres legoas de Columbo: esta tambem era limitada, com hum reducto quadrado, sem nenhum flanco: nella assistia Capitão, Alferes, e Sargento, e os soldados que sahião do Hospital a ella vinhão convalecer, e tornavão para seus arraiaes; tinha Igreja, hum capellão, casa de mantimentos, e munições.

Batecaloú, fortaleza posta em huma ponta de terra, que cobria huma bahia, capaz de recolher navios de alto bordo; era hum quadrado de quatro baluartes ao antigo, com doze peças de ferro, e a guarnecia o seu capitão; e de presidio cincoenta soldados, hum condestavel, vinte moradores, capellão, Igreja, casa de mantimento e munições.

Trequimalé, fortaleza feita em triangulo com tres baluartes, e dez peças tambem de ferro. Estava assentada em hum outeiro, e ponta de terra sobre o mar, junto á enseada dos arcos; presidiava-a hum capitão com cincoenta soldados: havia condestavel, dezeseis moradores, seu capellão, Igreja, casa de mantimento, e munições.

Jafanapatão, fortaleza quadrangular, que se compõe de quatro baluartes, e quatro meias laranjas, ou cobêlos, em meio dos lanços da muralha, tudo feito de pedra pomes: havia nella a artilheria necessaria, e lhe assistia o Governador daquelle Reino: por hum lado se extendia da banda de fóra a povoação, onde havia trezentas familias de Portuguezes, e setecentas de officiaes; os conventos de S. Francisco, S. Domingos, o collegio da Companhia, a matriz, a casa da Santa Misericordia, e o Hospital: a duas legoas na boca da barra havia hum forte quasi como o do Bugio, com boa artilheria, e o guarnecia huma companhia de Infanteria. A lotação da gente

de guerra para defensa do Reino erão duzentos Portuguezes, em seis companhias, e alguns naturaes lascarins.

Manar, sem embargo que fica esta fortaleza na Ilha que lhe dá o nome, he quasi em Ceilão, e só a divide hum esteiro limitado, e tem dez legoas de dominio em Ceilão, que são as terras da Mantota. Esta fortaleza tambem era cousa muito limitada, quadrada, com dous reductos pequenos nos dous angulos oppostos sobre o esteiro. Não tinha guarnição de Infanteria, porém havia ao longo huma povoação com cento e cincoenta familias de Portuguezes, e duzentas de officiaes. Nella assistia o seu capitão; e sem embargo destas fortalezas com as forças que temos referido, havia outras incapazes de lhe darmos este nome; como era a de Manicavaré, Sofregão, Beligão, e outras semelhantes, por serem de huma pouca de terra obradas, e só as sustentavamos em quanto assistião nellas os arraiaes.

## CAPITULO XIII.

### *Da gente de guerra ordinaria que havia em Ceilão, nos arraiaes, e onde tinhão seu assento.*

Em as quatro Corlas, cinco legoas de Balané, e onze de Columbo, está hum sitio entre aldeas chamado Manicavaré; este era assento do principal arraial, em opposição do Rei de Candia, e dalli defendia as sete Corlas: constava de doze companhias com trezentos e cincoenta soldados Portuguezes, o qual governava o Capitão-mor do Campo: havia Sargento-maior, dous Ajudantes, hum Capitão das munições, e por Capellão hum Religioso de S. Francisco; assistia mais o Dissava, que responde aqui como Governador das armas de huma Provincia entre os naturaes, e sempre tinha effectivos tres, ou quatro mil

lascarins e seus cabos; isto em tempo de paz, e havendo guerra conduzia muita mais gente.

Em Sofregão assistia outro arraial, que dominava todas aquellas terras até ás fronteiras de Uva: este se compunha de quatro companhias de Infanteria com cento e cincoenta soldados Portuguezes, debaixo do governo do Dissava daquellas terras: tinha hum Ajudante, Capellão religioso de S. Francisco, e completos lhe assistião quatro ou cinco mil lascarins, e seus cabos.

Estes dous arraiaes erão as forças e defensa da Ilha, e sempre em tempo de paz assistião nestes dous postos. Tambem em Maturé residia o Dissava daquellas terras com huma companhia de Infanteria, Capellão religioso de S. Francisco, e lhe assistião tres ou quatro mil lascarins, e seus cabos: o seu dominio chegava até ás fronteiras de Uva, e ás de Batecalou, e pela beira mar todas as terras até Columbo.

Nas sete Corlas residia o Dissava dellas com huma companhia de Infanteria, tres ou quatro mil lascarins, e seus cabos, Capellão da mesma Ordem; seu dominio era das fronteiras de Candia, e Matalé até á serra de Grúdumalé. Como entrárão os Hollandezes, se fez outro arraial para assistir junto a Gálle; a este commummente chamavão o arraial de Maturé, de que adiante trataremos. Estes quatro Dissavas nas suas jurisdições tinhão poder para aos naturaes abri-los ao machado, ou espeta-los, e aos Portuguezes enforca-los em qualquer arvore, sem lhe fazer autos, ou processo, e só com dizerem, faça-se, era logo executado, não tendo que dar conta mais que a Deos.

Nestes arraiaes se observava o castigo e a obediencia, igualmente com o primor e brio entre os soldados; porque tanto que hum bando era lançado com pena de morte, se o quebravão, era infallivelmente executado, ainda que fosse sobre cousa muito leve, como passar por

hum caminho, ou hir a esta, ou áquella parte, e sempre quando o superior o mandava lançar, tinha fundamento, e não convinha que fosse a causa, porque o fazia, pública; por quanto muitas vezes estava o inimigo perto, e outras licitas; de mais que os soldados não devem especular as acções de seus maiores, senão obedecer no que lhe ordenão; assim que aquelle que quebrava o bando, era sem demora posto no tronco de huma arvore, e se fazia executivamente.

Nos arraiaes não se consentião pendencias, sob as mesmas penas, e com serem os soldados alli tão bellicosos em pontos de honra, se abstinhão; por quanto os cabos que governavão, asseguravão a todos; porêm huma legoa fóra dos arraiaes nas estradas, havia certas arvores que chamavão *das palavras* por este uso, e no destricto dellas para fóra podia haver cutiladas, saltadas, desafios, ou quaesquer outras pendencias, em que succedia haver mortes: os delinquentes se retiravão alguns dias, e isto havendo-a, por quanto em ferimentos não era necessario, e nesta retirada em oito dias, o cabo que governava lhe passava hum seguro, com elle se vinha para o arraial, e não se fallava mais no caso; e assim como não havia castigo, não havia livramento, por se não fazerem alli processos, nem autos judiciaes: os desafios se fazião sem galesia, e se algum della usava, era tido por vil e abominado de todos, ainda que fosse de hum seu irmão: os que o tinhão tido, ou levado as saltadas, em que sahião feridos, e com peioras da occasião, logo que passeavão depois de sãos, hum soldado de respeito o buscava na rua, pedindo-lhe as palavras da pendencia, e vinha a ser o mesmo que faze-los amigos, e nenhum as negava, por ser assim estilo; e se algum o fazia, era logo desafiado do mesmo que as pedia: como erão tomadas, ficavão huns e outros amigos, sem em algum tempo por toque ou remoque se fallar no caso. Com esta

criação erão todos muito obedientes, muito briosos, tratando-se huns aos outros com notavel respeito. Pelo que temos mostrado, as guarnições das praças e arraiaes que havia de gente Portugueza, em quanto na Ilha não entrárão os Hollandezes, erão setecentos, lotação della ordinaria. A esta gente se pagava cada anno dous quarteis, cada hum de dez pardaos aos soldados, e aos alferes, e sargentos a vinte, e aos capitães a cento, e a praça de hum pagem, e a tambor; assim a todos os mais, conforme o posto, que occupavão. Estas pagas se fazião huma por Natal, e outra por S. João, que erão para se vestirem; e para o sustento a cada soldado, ou de qualquer posto dava S. Magestade cada mez hum pardao para conducto, e medida e meia de arroz por dia, huma e outra cousa nas mãos dos capitães, porque davão aos soldados o comer guizado tres vezes ao dia.

As armas não estavão entregues aos capitães, senão aos mesmos soldados, e dellas tinhão muita conta em toda a occasião, por se ter por infame todo aquelle que se podia retirar ferido, faze-lo sem a sua arma, e assim quantos se retiravão em alguma róta que nos succedia, sãos e feridos, todos trazião comsigo a sua. Quando venciamos todas, de qualquer genero, se tomavão para ElRei, e se entregavão ao feitor. Das occasiões que havia com o inimigo, passavão os capitães escritos jurados com os pontos do que cada hum obrou nellas, e na mesma conformidade os passavão os cabos aos capitães; e com aquelles escritos os Capitães Geraes lhe passavão suas certidões, quando o capitão ou soldado tinha lugar de vir á cidade fazer esta diligencia; e muitas vezes não achava occasião em seis ou oito annos, e não importava que fosse em tempo daquelle General, ou outro que lhe succedesse. Todos assistião na Ilha como em hum presidio fechados: ninguem se podia hir fóra della sem licença do General, que era difficultoso concede-la. Os capitães

ou Mestres dos navios mercantís, davão fiança de tres mil pardaos, a não levar pessoa alguma sem ella; e se algum queria fugir por terra, o que se apanhava tinha sem remedio pena de morte.

Acrescentamento nenhum soldado o procurava, ainda que todos o desejavão, e para isso servião; por quanto como todos sabião os meritos huns dos outros, o que a fama divulgava o tinhão pelas maiores valias; alêm de que os mais dos Capitães Geraes encommendavão ao Capitão-Mór do Campo lhe avisasse do procedimento dos que se vantejavão nas occasiões: elles o fazião com pontualidade; e por esta razão estando alguns bem descuidados lhe vinha huma carta, e patente do Capitão Geral: com estes acrescentamentos se alegravão todos, como se a cada qual lhe fosse feito, e isto os fazia animar de qualidade, que nas occasiões tratavão de obrigar a todos em modo que fossem seus pregoeiros.

Os soldados não erão obrigados a serem de huma companhia mais que seis mezes, de hum quartel a outro, em que era costume vir o Capitão Geral ao arraial, e deitar bando, que dahi a dous dias viessem todos receber suas pagas: com elle ficavão os soldados livres para cada hum hir para a companhia que quizesse; e porque os capitães davão de comer aos soldados, e muitos o não fazião como era razão, e se tinha por infame aquelle que se queixava sobre o comer do seu capitão; o que tudo se remediava com esta liberdade; sendo que nem por ella ficava o capitão sem o numero dos soldados como os mais; por quanto o Capitão Geral pedia as listas das companhias, e fazia computo de todos, repartindo-os igualmente pelas companhias a trinta e seis e a trinta e oito, conforme os havia, mais ou menos, todas se igualavão; porêm os capitães de maior opinião tinhão a melhor gente, e os mais ficavão com a somenos. A alguns destes dizia o General seu remoque,

huma e outra vez, e por se lhe não fazer a face vermelha, forão tirados da occupação, dando as companhias a outros sugeitos. E como os capitães davão o comer guizado tres vezes ao dia ás suas companhias, para a assistencia deste serviço tinha cada hum duas aldêas, e os Culles dellas vinhão em repartição servir alternativamente quinze dias; e quando se marchava mandavão vir os que erão necessarios para a condução do mantimento e cozinha. Os Maioraes provião as companhias de vaccas, gallinhas, frangos, manteiga, adubos, e todo o mais necessario por dinheiro que para estas cousas lhe davão os Capitães; pois era o fim de terem aldêas, e para que acudão aos soldados com mais alguma cousa daquillo que ElRei lhes dá em hum pardao por mez, e assistão aos doentes que se podião curar sem o detrimento de os levarem á cidade ao hospital, que só hião quando o mal dependia de cura que alli se não podia remediar, para o que o Cirurgião passava certidão. Até nesta occasião levava o soldado a sua arma; e morrendo no hospital, o religioso que com elle corria a entregava ao feitor, e recebia quitação. Os que saravão hião convalecer a Malvana, donde de todo sãos se hia cada hum a seus arraiaes, sem levarem para a jornada mais que suas armas: em qualquer parte que erão horas de jantar ou cear, entravão em huma aldêa das muitas que ha naquellas estradas, disparando a arma, logo acodião os Maioraes, e o levavão á casa do Motteto, trazendo-lhe as frutas que havia, e brevemente de comer com muita largueza: se ficava alli de noite, lhe vinha na mesma conformidade a cêa, e depois do almoço o vem acompanhando á estrada, e neste agasalho não ha dolo ou maldade, porque se succedesse matarem hum soldado naquella hospedagem, ainda que fosse o inimigo, seria posta a aldêa a ferro e fogo, e se o sentem perto, guardão o soldado mais que a seus filhos: nem elles lhe podem negar este agasalho a

que por este antigo uso são obrigados; e todo o caminho desta maneira o leva até chegar ao arraial. O soldado, capitão, ou cabo que se casava, querendo no mesmo dia eximir-se do serviço de ElRei o fazia, por estar assim introduzido.

## CAPITULO XIV.

### *Em que mostramos os ritos, ceremonias e abusos dos Chingalás.*

No capitulo passado temos mostrado como se tratavão os Portuguezes naquella Ilha; razão será que neste digamos os costumes, ritos, ceremonias, e trages daquella gente. Primeiramente estes gentios são na superstição e adoração dos seus idolos quasi como todos os da India, differindo em algumas cousas. Tem a hum só Deos por Author da natureza, superior a huma multidão de Deoses, que nomeão com o nome de *Deo*, applicando a cada hum huma obra, como agricultura, elemento, ou outra semelhante. Os idolos são de varias formas: huns são de homem, outros de mulher, alguns de bogio, e outros de elefante com muitos braços; alguns com arco e frechas, e huma immensidade de varias figuras: sobre todos estes tem hum, a quem fazem muita veneração, a que chamão Bodú: a figura deste he de homem, e a fazem muito grande, por representar nella que foi grande santo: eu a vi em hum pagode, e tinha de altura seis covados. Este (dizem elles) foi hum grande Deo, que esteve naquella Ilha fazendo vida muito santa: de sua estada contão os annos, a que chamão Aurudá, e o começão na lua nova de Março, e feito o computo se acha ser quarenta annos da vinda do Redemptor, e segundo muitas conjecturas, se considera seria o Apostolo S. Thomé, que todos affirmão esteve nesta Ilha, e della passou

á costa de Xoromandel, onde se conserva muita Christandade que elle fez; e isto se confirma com elles dizerem, que o Bodú não era natural, nem morreo na Ilha, e della se foi para a outra costa. Daqui será a verdade, que Deos sabe, que eu só digo o que se praticava. A todos os seus Reis depois de mortos os venerão como Deoses: do sal, da polvora, da caça, do bétele, do mar, ou do rio etc. De modo que conforme as suas inclinações lhe dão os appellidos, e com grande superstição lhe fazem sacrificios: quando lhe fallão lhe chamão Deos, e tres vezes primeiro se estendem no chão com as mãos juntas levantadas postas sobre a cabeça, e em quanto estão em sua presença as tem na mesma forma; de qualidade que o demonio não podia inventar maior modo de adoração para enganar e attrahir a si os viventes. Esta supersticiosa reverencia a fazião tambem ao Capitão Geral, como Rei da Malvana: elles a consentião, por ser costume da terra, e authoridade do posto.

Não negão a immortalidade da alma, mas dizem que o máo tanto que morre, a sua se mette em hum animal inclinado a seus vicios, e o que viveo bem, em algum domestico, e sobre todos em vaca: a do valeroso em tigre, onça, etc. porêm só por aquella vez, e morrendo o animal, em que a alma se metteo, ella se vai a outro mundo, onde (dizem) haver o mesmo trato que neste, e o máo faz lá dobradas maldades; porêm he castigado com muitos tormentos; e o bom faz melhores obras, e por ellas he muito honrado; e dizem que huns e outros, que conforme o cabedal que tem neste mundo, o possuem no outro dobrado; e por esta razão aquelles gentios não herdão hum real de seus pais, nem ainda dos casados mostra hum ao outro o dinheiro que lhe vem á mão, cada qual o que adquire, o enterra onde lhe parece o tem seguro, e assim nenhum tem de seu cousa alguma. Quando morrem lhe achão somente alguns gados, e instrumen-

tos de lavoura, ou cousas semelhantes. Quando faz algum na guerra huma acção de valor, o Rei o premêa dando-lhe alguma joia ou cadêa: esta mercê fica logo registada, e só he senhor della em sua vida, e quando morre a procurão para o Rei, que infallivelmente a hão de repor com pena de vida seus filhos ou herdeiros, razão por onde nenhum se desfaz della; porque alêm de ser sua honra, tem por grande peccado virem a pagar o que elle desencaminhou.

## CAPITULO XV.

### *Que contêm o pacto que estes gentios tem com o demonio.*

Com o demonio tem contínuo pacto estes homens, de quem se valem para muitas feitiçarias de que usão. Quando algum está enfermo, lhe applicão os medicamentos que elles sabem, por serem grandes ervolarios, e não lhe achando com estes o remedio, tomão huma taboa, e na superficie della fazem de barro a figura daquelle enfermo de meio relevo; e dando recado a todos os seus parentes e amigos de hum e outro sexo, o dia que apontão tem feito hum banquete, e pelas nove horas da noite se achão todos perto da casa, em campo accommodado; nelle depois de acabado o convite fazem todos huma roda, deixando no meio hum espaço de terreiro, e accendendo muitas fachas, tangendo atabales e frautas a seu uso, que continuão huma hora, e levantando-se huma daquellas moças da companhia, que (dizem elles) ha de ser donzella, e ao som dos instrumentos e musiça que entoão os circunstantes, baila a moça, e dá algumas voltas; em breve tempo se estende no chão, escumando pela bocca, accendendo-se-lhe os olhos como huma braza: acode logo hum daquelles, propondo-lhe muitas razões, lhe diz: que

o enfermo sempre fôra muito seu amigo, e o tinha mostrado nas offertas que lhe fazia dos melhores frutos, que não permittisse perde-lo, ensinando-lhe com que melhoraria daquella enfermidade. Com esta pratica falla o demonio pela bocca daquella moça, e diz o que hão de fazer para ser são: alguns melhorão, a outros não lhe aproveita: se depois se lhe queixão daquella morte, diz que não o entenderão. Já aconteceo, que estando a moça, como digo, estirada para dar a resposta, dizer: na companhia está hum de quem sou inimigo, e com notavel odio aborreço; não posso em quanto aqui estiver responder: e buscando os circunstantes, achárão hum filho de huma Chingalá e Portuguez, o qual era Christão, porêm criado entre elles, e fallava bem a sua lingua; a este lhe rogárão se fosse a outra parte, o que feito deu o demonio a resposta; fazendo-lhe tambem muitas honras lhe chamão Jacá, e lhe põem comer guizado ao pé de certas arvores, a que chamão Bodiames, composto com muitas flores; e nenhum de quantos passão por aquelle lugar ousa a tocar na tal offerta. A arvore que tem mais carregada, e de melhor fruto, lhe offerecem: o que escapa dos bogios o comerem, o consome a terra. Na marcha achavamos algumas vezes estas arvores carregadas, e o fruto bem sasonado, que comiamos, e não era dos peores em gosto. Quando fui capitão, perguntei a hum Maioral das minhas aldêas que fallava bem a nossa lingua, se Jacá era seu Deos? Sorrindo-se me respondeo: he a mais má creatura que tem o mundo: se assim he, porque razão vós, e os mais lhe fazeis sacrificios e offertas do melhor que tendes? disse-me: se assim o não fizermos, nos fará grandes males, por ser máo, e vingativo, e nos convêm te-lo por amigo.

Assim mesmo são todos grandes encantadores; chamão com certa reza as cobras, que as ha na Ilha de cinco generos, muito venenosas, e lhe vem á mão, com ellas

brincão, e lhe são tão obedientes, que mandando-as, logo se vão: com palavras curão ás mordedellas que dão a alguns dos nossos; e se lhe não acodem brevemente, morrem do veneno; sendo que ha hervas e raizes contra elle; porêm poucos as conhecem. Tambem encantão os crocodilos, e fazem que não entendão com os que lhe pedem, se querem lavar no rio; mas não se ha de desviar da paragem que aquelle Chingalá lhe assegura, e se obra o contrario, faz presa o crocodilo. Muitas vezes hiamos em marcha; e como sempre andavamos descalços pelas muitas agoas e pantanos, succedia a miudo dar na nossa gente notaveis dores de estomago, e qualquer Culle de carga pondo-a no chão, e a mão na bocca do mesmo estomago, fazia hum rezamento por espaço de hum credo, e logo se tiravão as dores: muitas vezes o vi fazer a soldados e capitães, e por curiosidade perguntei se era verdade ficarem sem a dor; me asseguravão ficavão tão livres como se a não tivessem.

Dizem tem outras muitas feitiçarias; mas eu conto o que vi com os meus olhos. Ha entre elles Astrologos, a que chamão Nangatás: estes não duvido serem maiores feiticeiros que os outros, por terem esta parte, antes estão habilitados para huma e outra cousa: aos taes todos os consultão para fazerem jornadas em que tem agouro de qualquer cousa; a hora em que háode emprehender huma guerra, dar huma batalha, semear o campo, fazer casa, ou outro qualquer negocio, tudo se obra por seu conselho. Estes Nangatás são casta baixa que respondem a nossos a tambores.

## CAPITULO XVI.

*Em que mostramos os estilos de seus casamentos, e outros costumes dos Chingalás.*

Os casamentos he cousa ridicula: faz huma moça contrato para se casar com hum de sua casta (que com outro o não póde fazer), e ajustados se achão os parentes de ambos, e com a despeza de hum banquete se ajuntão os desposados; e ao outro dia de noite he seu substituto outro irmão do marido, e se os irmãos são sete, de todos he ella mulher, correndo por distribuição as noites, sem o marido ter mais lugar que qualquer de seus irmãos: e de dia aquelle que acha a cama desoccupada, parecendo-lhe, se recolhe com a moça, e em quanto está dentro não entra outro. De sorte que nem ella se póde negar a nenhum delles. Qualquer dos irmãos que se case, aquella mulher he de todos; somente o mais moço casando-se, nenhum de seus irmãos póde chegar a ella, e elle sim á de todos, todas as vezes que quizer; como tambem se acaso os irmãos forem mais de sete, os que passarem deste numero não podem ter ajuntamento com aquella; porêm se são de dous até cinco irmãos, com huma se contentão; e a mulher que se casa com marido que tem muitos irmãos, se tem por bem afortunada, porque todos trabalhão na lavoura, e conduzem o que adquirem para a casa, e vive mui estimada e abastada; e por esta razão os filhos a todos elles chamão pais.

Tem esta gente tal costume, que os nobres por nenhum caso nem agoa hão de beber em casa de outro inferior; como tambem o de casta baixa não lhe póde chegar á porta, e de fóra ha de pedir o que quizer, ou o de que necessita. Se alguma mulher das honradas te-

ve ajuntamento com homem de casta baixa, por justiça irremediavel tem pena de morte, e he accusada por seus proprios pais, e irmãos, por quanto nisto consiste toda a sua honra. De *ab initio* quem foi barbeiro, alparqueiro, ou outra casta baixa, por mais valor que mostre nas occasiões de guerra obrando maravilhas, o Rei lhe fará mercês de dinheiro, joias, aldêas de sua mesma casta de gente, e acrecenta-lo em postos, porêm não póde ter melhoras na qualidade para si, nem para seus descendentes, e para sempre he a mesma casta, e como tal se ha de tratar. Entre a gente de guerra tambem ha castas baixas: os cariás são pescadores, mainatos são lavandeiros, pachás, alparqueiros; huns e outros têm cabos e capitães valerosos, porêm servindo todos em hum arraial, e faltando na casta honrada hum cabo, e algum destes tenha maior posto, não póde governar aquelles de casta honrada. Em nenhuma parte que estejão podem encobrir que são daquella casta, e pelo vestir se conhecem, porque a estes não lhe passa o pano dos geolhos, e os honrados o trazem até meia perna.

Os Modeliares, Apuames, Adigares, e outros grandes entre elles, vestem camisa e gibão, que os de casta baixa não podem trazer. Toda esta gente he da côr de marmello, huns mais baços que outros, o cabello á nazarena, a barba larga á Portugueza antiga; do semblante bem affeiçoados, e não se differenção da gente de Hespanha; no corpo boa disposição, e muito robustos: as mulheres he mui rara a fêa, por todas terem formosos olhos; são muito limpas e aceadas, os guizados os fazem mui saborosos, tratão muito do cabello: o trage das graves he melhor que o das nossas mulheres da India: tambem trazem bajú, e pano até á ponta do pé por modo muito grave e honesto.

Entre elles ha huma lingua que não he vulgar, como entre nós o latim: os principaes sómente a aprendem, são

de juizo delgado; quando tem algum negocio com algum Ministro, primeiro que o proponhão lhe dizem duas ou tres parabolas para lhe não poderem negar o que pretendem: são bons poetas a seu modo: o cantar he mui suave, e causa recreação; porque sem os entendermos deixaviamos de fazer qualquer occupação pelos ouvir, porque ferem o verso com toante, e as syllabas bem medidas. Os officiaes fazem as obras com todo o primor, e com mui poucos instrumentos. São ambiciosos, o que os faz ser traidores, e faceis de admittir á christandade, e com a mesma tornão aos seus sacrificios; por quanto em tendo os nossos occasião de se recolherem á cidade, logo vão fazer adoração aos pagodes. Aos Dissavas, que são seus governadores nas provincias, em alguma rotta que tinhamos, os homens de guerra lhe guardavão muita fidelidade, e os havião de pôr em salvo ainda que lhes custasse as vidas. São muito perguiçosos no cultivar, por quanto o mato lhes dá de comer em abundancia; sómente necessitão do sal. Vivem muita idade: eu conheci, e fallei algumas vezes com dous, pai e filho, aquelle de cento e vinte annos, este de noventa, e ambos todos os Domingos, e Santos vinhão á missa, morando distancia de huma legoa, sem bordão ou encosto; outros conheci de quasi as mesmas idades.

Sómente a gente de guerra usa de armas; trazem traçados de dous palmos e meio, a que chamão Calachuros: os soldados são Lascarins, huns são lanceiros, e as lanças que trazem são de dezoito palmos: outros espingardeiros, e são destros no atirar; supposto que não são de pedra, e disparão com corda, tem mola como se o forão. Outros são frecheiros, e atirão muito ao certo: alguns trazem mosquetes com o cano de oito palmos, e quarenta livras de peso, levão de bala quatro onças; porém não atirão com elles a peito, mas tem no terço da coronha pregados dous pés de hum covado em com-

prido: quando querem disparar o põe no chão, onde se assentão estendendo as pernas, envestem os seus pés com os do mosquete, vindo-lhe por cima do hombro esquerdo o couce, que o fazem de meia volta, e calando a mecha, sem trabalho algum disparão, e faz tanto effeito como hum esmerilhão: a este genero de arma chamão mosquete de pé. O Rei de Candia tinha destes mosqueteiros cinco mil, e nós nas nossas terras quatro mil, que servião nos nossos arraiaes.

O Rei de Candia quando se dispunha a demandarnos, trazia na vanguarda do seu arraial alguns elefantes de guerra para com elles nos romper, e lhe punhão nas trombas disformes traçados ou espadas de largura de huma mão, e trazia cada hum em cima dous Cornacas, para que se matassemos hum, ficasse o outro; porêm aquelle que lhe não apanhavamos, o trazia contra a sua gente; por quanto usavamos de andar providos nos arraiaes com lanças de fogo, e sentindo nestas occasiões trazerem elefantes, se entregavão algumas a soldados de forças, e pondo-lhe huma acceza nos olhos, não podia o elefante resistir, e assim logo virava, e com a furia da paixão o effeito que havia de fazer nos nossos, empregava nos seus, sem os Cornacas o poderem remediar; e muitas vezes, porque nestes animaes trazião a sua confiança, nos davão as costas, em que os nossos Lascarins brevemente apparecião com as cabeças postas nas pontas das lanças; e de ordinario o Capitão Geral, ou o Capitão-Mór nestas occasiões lhe promettia huma pataca por cada huma para os animarem; e como são ambiciosos, a cortárão a seu proprio pai, a fim de ganharem o premio: o mesmo nos fazião os de Candia quando nos derrotavão, sem darem vida a pessoa alguma; por quanto por hum Portuguez vivo lhe não dava o Rei cousa alguma, e pela cabeça lhe não faltava com o premio que lhe prometteo.

## CAPITULO XVII.

### *Em que se mostrão algumas propriedades dos elefantes.*

Já que fallámos nestes animaes, não he razão que os deixemos em silencio, ao menos diremos alguma cousa, e porque escrevêrão delles, nós sómente o faremos de hum que tinhamos em nosso poder com filhos e netos: este era o mais formoso animal que se póde considerar, e só nos servia em alguma necessidade urgente, por quanto havia outros que occupavão o serviço ordinario, e só nos valiamos delle para caçar os brabos do mato: a este chamavão Ortelá, que tambem supportou o notavel sitio de Columbo, conduzindo-nos palmeiras de noite e de dia sete mezes que durou, para reparar as ruinas das continuas baterias, e de quinze que tinhamos, a elle sómente não comêrão, comendo-se os de mais. O Rei de Candia o mandou apanhar aos Hollandezes que o tinhão no Betal, e se lhe pedírão por elle grandes cabedaes todos os dera, por ter tal propriedade, que cada anno dava a S. Magestade mais de cincoenta mil patacas; e porque alguns terão este dito por fabuloso, sem passarmos adiante será razão explicarmos de que maneira.

Estes animaes andão no mato em bandos, e sempre nelles ha hum de maior corpo e respeito que os outros, ao qual chamão guarda bando: estes destroem as novidades, de que recebem os naturaes muita perda; assim como sentião bando logo vinhão avisar a paragem onde andava: o Capitão Geral como tinha este aviso, expedia o Ortelá sómente com dous Cornacas, e algumas Aliás, que são as femeas; e chegados áquella paragem as punhão na aldêa que lhe ficava mais visinha, informando-se os Cornacas da parte em que estava o bando, se hião

para lá, levando comsigo o Ortelá, que como o guardabando o sentia, se vinha chegando mui arrogante, ficando os mais parados: a este tempo hum dos Cornacas estava metido debaixo do Ortelá, que com hum descuido se hia chegando para o brabo, e ajuntando-se ambos o Ortelá lhe lançava a tromba sobre o pescoço, subjugando-o de qualidade, que nem com a muita furia que o brabo tinha se podia desembaraçar, por ser o nosso mui grande, e de muitas forças. O Cornaca que estava debaixo tinha hum laço que mettia em huma das mãos ao brabo, e o enleava á do mesmo Ortelá, ficando ambos presos. O outro Cornaca que estava á mira, logo acodia com outro laço, e o lançava no pé do brabo, e fazendo a mesma diligencia, ficavão ambos presos; com o que se achava o brabo como hum borrego: logo em continente trazião duas daquellas Aliás, e no lado opposto prendião o brabo com huma dellas pelo pescoço, e tirando o Ortelá lhe punhão outra do outro lado. Daquelle modo o trazião para a cidade; muitas vezes em dous ou tres dias chegavão com a presa; e nesta conformidade tomava tantos, que todos os annos se vendião para o Gran-Mógor entre vinte e trinta: o preço destes animaes he mil pardaos cada códo, que he da ponta do dedo maior até o cotovelo; e o maior elefante tem nove códos da ponta da mão á espadoa; sem embargo que este preço seja geral, com tudo paga-se de mais a perfeição, a postura, e signaes do animal; nem mais nem menos que os cavallos: com o que o menos que vale hum elefante de Ceilão são oito mil pardaos, e alguns se vendêrão por doze e quinze. Em muitas partes se achão elefantes que se vendem para os Mouros; porêm mais dão por hum desta Ilha, que por dous ou quatro de outra qualquer parte. Em Goa servem na ribeira das náos elefantes para a conducção das madeiras, e andão neste serviço dez ou doze de varias partes: quando para este ministerio mandavão

de Ceilão hum, o levavão para a ribeira, onde todos os outros, quando este entrava, lhe fazião huma reverencia com muita submissão, sem que alguma hora o tivessem visto, e passando por entre elles, por pequeno que fosse, não fazia commemoração das cortezias dos outros; e parece que de algum modo por instincto se conhecem, pois o respeitavão reconhecendo nelle superioridade. Os moradores de Goa nas vezes que para alli forão elefantes de Ceilão observárão o que digo. São muito honestos, e jámais se vio cohabitação nestes animaes, nem ainda mostras de vontade; e por curiosidade perguntei aos Cornacas se vírão algum dia este acto ao Ortelá, por ter entre nós netos, e ser cousa factivel ver-se; elles me informárão, que nem por pensamento lhe vírão mostras disso; e por não ser molesto deixo de dizer muitas particularidades delles: basta saber-se, que o que vem do mato em oito dias fica tão domestico, que não só não torna a fugir, mas ainda faz o que lhe dizem sem algum ensino. O principal beneficio para os amansar he, aquelles primeiros tres dias e noites não os deixão dormir hum instante, e se o querem fazer os divertem com pancadas; depois dos quaes com boas palavras que lhe dizem os vão animando, e no praso que temos dito, estão domados. Algum author escreveo, que estes animaes não se deitavão senão quando querião morrer; em parte se enganárão, porque todas as noites dormem deitados, e os que servem para carga a tomão deitados, que de outra sorte por sua altura ninguem lha poderia pôr: sómente quando fazem alguma jornada, e na marcha se deitão, não he para se tornarem a alevantar, porque alli morrem; o que succede hindo cançados.

## CAPITULO XVIII.

*Da correição que se fazia cada anno, a que chamavão Marallas.*

Como conservavamos aquella gente nos foros e costumes de seus Maiores, como acima temos dito, todos os annos se elegião quatro Portuguezes, a que chamavão Marelleiros, que entre nós respondem a Corregedores: estes erão nomeados pelo Bandigarralla, posto que entre nós he como Regedor das Justiças, e approvados pelo Capitão Geral: estes se dividião pelas terras e jurisdições dos quatro Dissavas, aonde fazia cada hum delles a correição; e todos os pleitos se julgavão por suas leis.

A cada hum dos Marelleiros acompanhavão dous interpretes das mesmas leis; assim como meirinho, e escrivão, huns e outros naturaes: querendo partir expedião aviso aos daquella provincia aonde era costume fazer-se as primeiras Marallas para estarem de acordo: ao dia assinalado os vinhão receber ao caminho, levando-os a agazalhar, os hospedavão com toda a honra e largueza como era costume: daquellas aldêas circumvisinhas acodia cada hum com o seu pleito, ou requerimento, e se detinhão conforme os negocios, e da mesma maneira o fazião nas mais provincias. A primeira cousa que procuravão erão os defuntos que tinhão fallecido, e o inventario de seus bens, onde acodião os herdeiros, e lhe davão juramento se fóra do inventario tinhão alguma cousa sonegada: se algum era neste crime convencido, o condemnava em tresdobro, mettendo-se o principal no monte, e o mais para a fazenda Real. Os Reis naturaes são expressamente herdeiros dos defuntos: o nosso Monarcha os aliviou desta pensão por parecer barbara, contentando-se com hum quinhão na partilha, como qualquer dos

herdeiros. Acodem tambem acredores de algum emprestimo que fizerão, e ordinariamente he alguma rez, ou mantimento. Tambem vem o ladrão, huns e outros são requeridos das partes que appareção nas Marallas, aonde são perguntados; o devedor, se confessa, mandão-lhe que pague, e constando não ter com que, os conchava o Marelleiro para o fazer em certo tempo. O ladrão confessando o furto, o condemna que pague á maior valia, com tanto que a parte fique satisfeita, e em pena do crime dobrada quantia para a fazenda Real; porêm o que negava o furto, ou divida, o Marelleiro lhe dava juramento, e para o fazerem trazem filho, filha, ou pessoa a quem amão, sendo á satisfação das partes: este levanta do chão tres ou quatro pedrinhas, pondo-as sobre a cabeça daquelle filho, e diz: que não fez tal furto, ou deve o que lhe pedem; e se o que diz he falso, Deos o mostra matando-lhe aquelle filho em tantos dias quantas pedras lhe tem posto na cabeça: e feito este juramento, ficão absolvidos do que lhe demandão, pagando a parte as custas. Elles dizem que tem tanta força este juramento, que todo o que o fez com mentira, lhe morre o filho naquelle termo, e assim estão vendo aquelles dias o successo para conhecerem a verdade.

Tambem apparecem os homicidas para se livrarem das mortes, porque andão homisiados; por quanto quando as fizerão, se dentro em sessenta dias os prendem, lhe dá o General ou Dissava a morte que lhe parece; porêm passado aquelle termo já os não podem castigar, e vindo as marallas logo apparecem a confessar sua culpa, pagando certa quantia, que em nossa moeda fazem cento e vinte reales para a fazenda Real, dando-lhe huma ola de livramento, e pagando as custas, ficão para sempre livres, sem jámais se fallar em tal crime; porêm se o de casta baixa mata algum honrado, não tem livramento, e sempre tem pena de morte.

O crime de que se faz mais caso he a molher de casta honrada se teve ajuntamento carnal com algum de casta baixa; esta vem accusada não só do marido, se he casada, senão seus pais e irmãos são os peores accusadores que tem, por ser este o ponto de maior honra na sua geração; e porque estas que são accusadas não tem prova mais que indicios, e conjecturas, porque se se verificasse com testemunhas, elles mesmos a podem matar, sem fazerem crime; e para ella provar a negativa lhe dá o Marelleiro juramento: este he o maior de todos, porque de dous ha de ser hum, ou metter a mão em huma caldeira fervendo de azeite, ou levantar huma barra de ferro feita em braza, e te-la na mão tanto espaço de tempo quanto jura, dizendo: que aquelle fogo a mate se ella commetteo o que lhe imputão, e de sua innocencia mostre Deos a verdade, e pureza com que sempre viveo. Acabada a proposta tem feito o juramento, com o que se purifica hindo para casa de seu pai ou marido, e dentro em hum dia, se se não queimou, recebe de todos os parentes muitos parabens; e se achão que se queimou, tomão testemunhas, e a matão, porque só assim se alimpa aquella geração. Este juramento he barbaro; mas eu ouvi dizer a hum dos nossos, que foi algumas vezes Marelleiro, víra sahir a muitas destes tormentos sem lesão. Outros pleitos differentes acodem, que os julga o Marelleiro a seu arbitrio, conformando-se em tudo com os pareceres dos dous interpretes de suas leis. Acabada a correição de sua jurisdição se recolhia á cidade, e dava conta do que rendeo a maralla, que se lançava em receita ao feitor.

## CAPITULO XIX.

### *Da muita abundancia de mantimentos, gados, e doenças que ha na Ilha.*

He toda a Ilha abundante de mantimentos, e gados, vacum, bufaros, cabras, carneiros, porcos, e valia a melhor rez duzentos réis: muita caça, javalis, veados, mérus, gazellas, corças, macareos, porco espinho, muita lebre, e de volataria, pavões, carvoeiros, rólas, pombos trocazes e verdes, ades, marrecas, gallinholas, gallinhas do mato: de passaros miudos ha tanta quantidade que cobrem os campos: cria-se muita gallinha, e valião vinte por dous reales, e pelo mesmo sete canadas de manteiga de vaca. Tambem cria o mato huns bichos de feitio de lagartos de côr parda, e comprimento de tres palmos, a que chamão talagoias. Os naturaes, e muitos dos nossos mais gostão de os comer, do que gallinha, e dizem não haver igual mantimento em gosto e substancia: será o que for, que eu não experimentei esta iguaria. Todos os rios e ribeiras crião muita quantidade de peixe, e camarões. Os frutos são muitos, e diversos, todos mui saborosos: a natureza os dá duas vezes no anno, sem ajuda de beneficio: os Chingalás nenhum comem sasonado, senão inchados ou verdes, feitos em guizados, e dizem que as frutas maduras são nocivas; sobre todas que tem a Ilha, he a laranja de Rei, e me parece que se alli fôra o Paraiso terreal, só com ellas poderia ser nosso primeiro pai tentado; por quanto em todo o mundo não póde haver pomo tão excellente. O arroz he muito, e o vi em huma mesma varge para se debulhar, outro que vinha espigando, e outro de hum palmo. Ha outras muitas varias sementes, que tambem lhe servem de mantimento, e quantidade de legumes, muita batata, e muito inhame; com

o que nenhum passa fome, pois a amenidade da terra em qualquer parte he hum Paraiso. Os valles são cobertos de flores e arvoredo, todos com ribeiras de agoa muito cristalina: os ares salutiferos; não faz frio nem calma com estar a Ilha tão chegada ao equinoccial.

As enfermidades ordinarias que dão aos Portuguezes são camaras, e algumas febres de sangue podre, o que não succede muitas vezes, e aos naturaes nenhuma, por muito a miudo lavarem o corpo mettidos nos rios. Eu o experimentei, por nos primeiros dous annos ter hum e outro achaque, e me resolvi lavar-me todas as manhãs e tardes, e em dezeseis me não doeu pé, nem mão. Dá na Ilha aos Portuguezes outra doença, a que os naturaes chamão bére bére, que estando hum homem bem disposto sem dor alguma, de improviso cahe no chão (que he este de todos o mais terrivel achaque) sem se sentir, tomando-lhe a porção dos quadris até os pés, e fica aquella parte sem nenhuns espiritos vitaes, e ainda que lhe quizessem cortar as pernas o não sentiria, como se não tivera do corpo aquella porção: este mal não se cura mais que comendo carne de porco, biscouto, bebendo vinho de palmeiras, tomando tabaco de fumo: com estas cousas continuadas tres ou quatro mezes tornão á perfeita saude. O Capitão Geral D. Antonio Mascarenhas, por conselho dos medicos naturaes passou ordem no arraial, que todos usassem deste tabaco, e porque não o querião fazer, elle foi o primeiro que lhe deu exemplo, com que fez usarem todos delle, e se desterrou aquella doença com este remedio.

Os naturaes a principal doença, e a que mais os atemorisa, são as bexigas, e a tem como peste: tanto que lhe dá em hum filho, irmão, mulher, ainda que seja em sua propria mãi, logo a sotavento quinze passos da casa em que vivem fazem outra aonde o mettem, e lhe dão de comer posto em huma pá, lançando-lho ao longo da

cama, sem alguma pessoa chegar mais ao enfermo o deixão ficar á discrição, por cuja causa muitos morrem. Chamão a este mal Deané charia, que em nossa lingoa quer dizer, negocio com Deos. Ao mal gallico chamão Parángue rere, que vem a ser, doença de Portuguez; e com razão lhe chamão nossa, porque de nós a recebêrão: no mais são sadios; se tem por acaso alguma febre, não tolhem ao enfermo beber quanta agoa queira, como seja cozida com coentro seco. São muito grandes cirvolarios: toda a sorte de feridas e apostemas, pernas, e braços quebrados em poucos dias com muita facilidade os curão. Os cancros, que entre nós he mal ascoroso e irremediavel, em oito dias os curão, sahindo toda a viscosidade na escara, sem ficar para sempre rasto que na parte estivesse tal mal. Eu vi curar muitos soldados e capitães no discurso do tempo que lá andei, e ficava maravilhado da facilidade com que o fazião; verdade seja que a terra he cheia de ervas medicinaes, e muitos contravenenos que eu me applicava a conhecer para o remedio das mordeduras das cobras.

## CAPITULO XX.

### *Da diversidade de bichos que a Ilha em si cria.*

He notavel a diversidade de bichos que na Ilha se crião, tigres, onças, porêm não para a gente carniceiros, pelo muito gado e caça de que se sustentão. Tambem ha quantidade de ussos em alguma parte da Ilha, e não em toda; os bogios não tem numero, de cinco sortes, e alguns galantes sauguins, e outros a que chamão roqueas; por estes endoudecem as mulheres dos Portuguezes, por suas cores, e galantarias são para se estimarem: ha quantidade de papagaios, periquitos, e outros passaros a que

chamão sayros, que huns e outros fallão bem, e sobre todos o fazem melhor, e mais claro, huns a que chamão martinhos. Tambem ha grande copia de gatos de algalia; porêm falta a curiosidade para a criação. Ha huns bichos a que chamão mongús, em cousa alguma se differença dos furões; tem grande antipatia com as cobras, e sentindo-as não descanção sem as matar, e como são todas venenosas, os mordem quando brigão, e sentindo-se desta sorte, buscão certa erva, que comendo-a ficão livres do veneno: tambem com elles não pára gallinha, nem frango: os soldados os crião com o medo das cobras, porêm são perigosos: eu conheci a hum, que criando de pequeno a hum destes bichos, e dormindo com elle, huma madrugada acordou dando excessivos gritos; logo lhe acodirão por verem o de que se queixava, e achárão o mongús ferrado em parte, que por pouco ficaria habilitado para poder entrar no serralho, e servir ás Sultanas; e com acodir-se-lhe logo, não deixou de andar em mãos de cirurgião algum tempo.

Assim mesmo ha quatro generos de cobras venenosas, humas de continuo em partes quentes esterculosas assistem, e são do comprimento de dous palmos, a côr parda, a barriga larga: tanto que mordem não póde o paciente livrar-se de hum terrivel e profundo somno, e com elle morre em seis horas se lhe não acodem com os remedios. Outras em mordendo fazem o paciente furioso, porêm dá lugar a que se lhe acuda em vinte e quatro horas. Ha outras que são mais terriveis, e tanto que picão, lança o pobre paciente sangue por todas as fontes que tem o corpo, e chegando a este termo não tem remedio. Ha tambem humas a que chamão de capello, ainda que são muito venenosas, nenhum Chingalá as mata, nem consente, podendo, que alguem o faça: dizem que estas são rainhas das outras, e que não mordem sem as escandalizarem, e tambem que a pessoa que mata hu-

ma, que a mãi, pai, ou irmã daquella cobra hade tomar vingança daquella morte; e tem isto tanto na cabeça, que ainda que lhe morda a mulher ou filho huma e outra vez, lhe não háo de fazer mal; somente por encanto as chamão, e lhe dão huma reprehensão; sendo que matão todas as mais.

Ha outra casta de cobras, que o dize-lo parece fabula; eu o não dissera se mo não affirmára hum grande homem filho da mesma Ilha, e sabia muito bem tudo o que nella havia, porque sendo a fama constante, o não podia crer: este que digo foi meu camarada, chamado Gaspar Figueira de Cerpe. He esta cobra da grossura de hum cordel de piáo, o comprimento de tres palmos, de côr parda, a qual se põe em hum ramo, e passando por baixo boi, bufaro, javali, veado, merú, elefante, ou qualquer outro animal em modo que ella toque; tem tal actividade o veneno, que aquella parte que tocou lhe desfaz os ossos, nervos, e carne daquella porção por onde passou com tanta grossura como a cobra em si tem, e desfazendo-lhe as partes interiores, fica a pelle inteira, e em seu ser, e o animal naquelle lugar sem se poder mover, que abertos alguns, por fazerem experiencia, achárão nelles estes effeitos. Ja succedeo o mesmo a hum Chingalá, e desta sorte viveo alguns annos, sem o poderem curar; e destas dizem que não ha muitas. Do mesmo tamanho e grossura ha outras de côr verde; tambem se põem nos ramos, e passando gente, ou animal, atirão aos olhos; porêm não vi ninguem por esta causa cego. Ha outra casta, a que chamão cobra da serra, engolem hum novilho, ou veado, das quaes vi algumas mortas pelos nossos cafres, e as comião, dizendo que erão muito gostosas, e substanciaes: tinha de diametro cada posta passante de hum palmo; a carne muito alva, a qual mostrava concha como de pescada. Sem esta immensidade de bichos, que temos referido, o mais nojoso, molesto, e impertinente

que tem a Ilha são as sanguesugas, e he tanta a quantidade que ha no mato, que as estradas estão povoadas; e se huma pessoa quer tirar huma, pegão-se-lhe duzentas; pelo que marchando, andavão de continuo todos escorrendo em sangue pelas pernas; e muitas vezes estando comendo de noite, nos succedia tira-las das gengivas já satisfeitas: as mais pequeninas são no morder as mais terriveis; as maiores tem o comprimento de huma agulha, a grossura de hum barbante, a côr de avelã; e das que usamos ha muitas nas varges alagadiças; destas se não faz caso.

## CAPITULO XXI.

*Em que mostramos a muita quantidade de pedraria, que ha na Ilha, e outras cousas.*

A mais subida e estimada pedra que ha em Ceilão por seu grande valor, são olhos de gato, de que muitas pessoas não tem conhecimento nem vírão estas pedras, por não serem usadas entre nós; porêm os Mouros e Gentios as estimão sobre todas. Eu vi huma do tamanho de hum ovo de pomba, que o Principe de Uva trazia furada no braço quando veio para nós. Seu feitio he esferico, como huma bala de espingarda, maiores e menores, o seu pezo he mais avantajado que de nenhuma pedra fina; não se lavrão, sómente se alimpão; mostrão huma côr composta de quantas Deos creou: nenhuma dellas per si se devisa, de todas se faz huma composição maravilhosa, e no visual se estão humas a outras guerreando, querendo á porfia cada qual prevalecer. A distancias se vê atravessada toda a pedra com hum fio direito, propriamente como alguma hora o gato mostra no meio do olho; a este fio chamão beta, e por esta semelhança lhe chamão olho de gato: assim como se faz movimento com

a pedra, se esconde aquella beta, e mostra outra, e desta sorte continuão as mais, duvidando a vista ser a primeira, porque só o movimento entre os resplendores faz apparecer huma, e esconderem-se as outras. As de mais valor e estima são as que tem mais betas; achão-se humas de tres, outras de cinco, e tambem de sete, e raras de nove, como era a daquelle Principe, e jámais se achou alguma que tivesse a pares as betas.

Ha immensidade de rubís, os melhores de toda a parte do mundo, todos são de bago, e muito claros; assim tambem muita quantidade de safiras, e topasios, humas e outras pedras de demasiada grandeza, e toda a mourama as estima muito. Estes são os quatro generos de pedras mais preciosas de que se faz cabedal naquella Ilha. Da mais pedraria que ella tem o temos mostrado no Cap. III. As serras crião quantidade de cristal de varias côres; ao branco chamão de agoas, gemado, verde, e roxo. Os lapidarios da terra lavrão delle muitas e varias peças; Senhoras, Meninos Jesus, Cruzes, e outras imagens curiosas com pouco trabalho; sómente com duas rodas que tem feito de esmeril e betume obrão quanto querem, aquentando-as ao fogo as fazem lizas, agudas, de meia cana, ou do feitio que hão mister.

Na Ilha tambem se fazia oleo, e cera de canella, e podendo-se occupar muita gente neste ministerio, por ser de muita estimação e valia em todo o mundo, sómente conheci tres familias que nisto se occupavão; tomando o fruto da canella machucado, o deitavão em caldeiras com bastante agoa, fazendo-lhe fogo forte por tempo de tres horas que se tirava a caldeira; e como de todo estava fria, lhe tiravão por cima huma pasta como sebo mui alvo, e ficavão por cima da agoa huns olhos como de azeite, que hião com huma penna tirando, e lançando-os em hum frasquinho que entre arêa punhão ao sol, aonde gastava a humidade, e apurado o deitavão em frasco

grande, e em pouco tempo ajuntavão quantidade que vendião por grande preço. Este he o oleo tão prezado por todo o mundo, por servir para muitas enfermidades. A'quelle cebo que tiravão, lhe chamavão cera, e a levavão para a India: he tambem medicinal para varias enfermidades: delle fazião cirios, que punhão dous ou quatro nos thronos pelas festas, e exhalavão de si tão odorifero cheiro, que parecia a Igreja o retrato da Gloria. A agoa nenhum dos nossos a estilou, nem a sabião obrar, por quanto tudo em nós he remissidade; não perdem este ponto os Hollandezes, que tirão com facilidade muita, porque tem a canella á mão com todo o sugo e espiritos, tirada da arvore; bem nomeada he hoje na Europa para onde conduzem quantidade, de que lhe resultão grandes interesses.

A pimenta, supposto que não se tirão carregações, como em outras partes, a saber, no Canará, Cochim, Coulão, Jambe, e outras provincias, he porque nellas se cultiva e trata como o principal genero que ellas tem. Já tenho dito, que tudo quanto Ceilão produz, nada he ajudado da industria, ou beneficio, e por esta razão não ha, como podéra haver muita e muita mais do que nas partes referidas, por quanto a que a terra dá por natureza, he a melhor de todo o Oriente; ainda assim a que se leva, he quantidade para a costa de Xoromandel, Bengala, e outras partes: em todas tem o valor dobrado, por ser muito grada e forte, porque como os Chingalás não tem os olhos nesta novidade (que tambem he duas vezes no anno) mais que para pagarem as pensões aos senhorios das aldêas, a colhem bem sasonada, e ordinariamente a maior parte lhes amadurece nas arvores: tirando-a de huns cachinhos onde nasce, a deitão em esteiras ao sol, e de verde se faz preta, encrespando a casquinha da superficie; a que mais se encrespa, tem menos actividade, e he pouco sasonada, e por esta razão he a de Cei-

lão muito grada, e pouco crespa. Os mercadores que a levão, apartão muita, que commummente chamão branca, que he aquella que de madura largou a casca, e a vendem por muito maior preço, por ser medicinal. As arvores são do mesmo feitio, e trepão como a hera; no pé de cada folha dá hum cachinho: os naturaes só aquella que per si trepou pelas arvores, a deixão criar; a que lhe fica das pensões, a vendem barata, e plantando-a, como fazem nas outras partes, he certo haveria immensidade.

## CAPITULO XXII.

### *Em que se mostra a pescaria do aljofar em Ceilão.*

Até' aqui temos por maior mostrado as riquezas que produz a terra, agora diremos as do mar, que na estimação dos homens não são menores; qual he a pescaria das perolas, pois não ajuda menos a ennobrecer a Ilha que o mais; e supposto que dizem, que em muita parte da costa della as ha; sómente se faz a pescaria na praia de Aripo, por ser aqui a paragem disposta, e o fundo do mar commodo para se pescarem; pelo que será razão para os que o não sabem, dizermos quando, e como. Entrando Março se ajuntão de tres até cinco mil champanas, todas providas e pagas por mercadores mouros e gentios, e tambem christãos; cada qual destes com o seu cabedal arma de huma a quatro champanas, huns mais, outros menos; e tambem se ajuntão dous e tres para armarem huma, por não terem aquellas possibilidades. Cada huma dellas de mais de dez ou doze marinheiros com seu mestre, traz até oito mergulhadores; e como todas estão juntas, logo os armadores tratão de buscar o lugar em que estão as ostras, entre cinco e sete

braças de fundo, que he o que se póde mergulhar: daquellas champanas elegem tres que fazem esta diligencia, e achadas huma legoa de costa mais abaixo ou acima das que tirão nesta busca, toma cada huma das champanas que forão áquelle descobrimento mil ostras contadas, e cada huma abre as suas á faca diante dos principaes armadores, e do que achão fazem exame no seu valor, por quanto hum anno crião melhor que outro, e conforme o rendimento contratão, e ajustão o que hão de pagar de feudo a S. Magestade daquella pescaria; e lhe manda assistir com tres ou quatro navios de remo por não serem inquietados de alguns cossarios. Aceitado o tributo, cada qual dos armadores toma na praia lugar sufficiente para recolher o chipe (que assim chamão áquellas ostras) que seus barcos hão de pescar, e aquelle lugar o cercão com ramos de espinheiros, deixando huma abertura para a conducção do chipe.

Em onze de Março ás quatro horas da manhã, com o sinal de hum tiro de peça, que o cabo dos quatro navios dispara, sahem todos para o mar, e naquella paragem de que tem feito eleição para fazer a pescaria, deitão todos ferro, e leva cada champana algumas pedras quadradas de duas arrobas de pezo, bem amarradas, e penduradas da parte de fóra: em surgindo, logo em huma dellas se põe em pé hum dos mergulhadores, pegando-se á mesma corda, e leva outra amarrada á cintura, e nella cingida huma bolsa ou saco feito de rede; assim o largão, com o que brevemente chega ao fundo, onde com presteza se tira de cima da pedra, e enche a bolsa daquelle chipe, que dizem está no fundo hum sobre outro. Tanto que tem cheio, puxa pela corda que tem á cintura, e com ella estão na mão dous marinheiros de acordo, que com brevidade tirão por elle; e desde que entrou até que sahio, se gastão dous credos de tempo. Em pondo a cabeça fóra da agoa, já outro mergulhador desce ao

fundo, e na mesma conformidade alternativamente todos os mais correm a roda. He de advertir, que o mergulhador tanto que subio á champana tem liberdade, até que o que está no fundo suba, de abrir com huma faca os chipes que puder, e o que acha dentro he seu, e assim os mais. Desta maneira estão pescando até ás quatro horas da tarde, que com o signal de outra peça dão á véla, e cada qual toma terra na paragem de sua descarga. Em chegando, he para notar a bulha que se faz todos os dias naquella praia em duas horas que dura esta descarga, por quanto deitão nella duas pranchas, e quantidade de cestos: os marinheiros se repartem huns a encher, outros a acarretar. Ajunta-se tambem muita cópia de moços, e rapazes, que das partes visinhas acodem, e sem paga chegão á descarga, sómente porque cada hum furta os chipes que póde. Descarregadas as champanas se retirão ao mar, desviando-se todos daquella paragem se vão para onde está a feira, e fica o chipe ao desamparo sem pessoa alguma que o guarde; por quanto onde se deita he meia legoa a sotavento do concurso, por respeito dos máos cheiros que se continuão naquella parte, por o sol abrir aquelle chipe, onde acode grande copia de moscas que os occasionão. Corre esta pescaria na conformidade que tenho dito, todos os dias de onze de Março até vinte de Abril, que he o ultimo dia em que se acaba, e todos vão deitando o chipe hum sobre outro.

A barlavento meia legoa na mesma praia se ajuntão todos os homens de negocio, que a elle acodem, de que se fórma huma feira franca, composta como huma galharda cidade, formada em ruas com varias tendas, onde conduzião toda a diversidade de mercadorias que tem o descuberto com as nações da Europa, e toda a Asia; e para o fazerem trazem ouro, prata em barras, e lavrada, todo o genero de pedraria, ambar, almiscar, alcatifas, meleques, patacaria com o precioso de todas as provin-

cias do mundo; de modo que se nelle ha cousa em que se possa gastar cabedal, e trabalho para se vêr, he este grande trato. Das terras circumvisinhas acodem tambem com toda a diversidade de mantimentos, e como a gente he muita, de varias nações e leis, Christãos, Judeos, Mouros, e Gentios, todos achão o mantimento que cada qual usa. He para se vêr o que ha de comprar e vender, para cada hum levar á sua provincia, não só aljofar, senão tambem os generos de que podem tirar ganancia. Os marinheiros, mergulhadores, moços, e rapazes, que são sem numero, todos vendem o que furtão, e muitos que andão comprando, e outros que tem suas tendas de varias fazendas e drogas, tambem comprão, fazendo todos suas avenças: os que comprão por miudo, vão dividindo as perolas de aljofar, e as sortes delle; vendem huma e outra cousa por junto, em que tem grande lucro, a outros mercadores grossos.

Dura esta feira cincoenta dias completos, por quanto depois de quarenta e hum, que continuados se fez a pescaria de onze de Março até vinte de Abril em que se acaba, se dão mais nove dias para se consumirem todas as viscosidades que causou aquella moscaria. No ultimo de Abril se vão os armadores com a gente de suas champanas, cada hum onde tem o seu chipe, levando ancinhos, e botando fóra os espinheiros, mandão rodar a huma parte aquella cascaria; estando apartada mettem crivos miudos, com que vão cirandando, e botando em lençoes; o que feito apartão as perolas, que cada huma tem seu valor, conforme a grandeza, e perfeição; o mais todo o dividem em nove generos: o primeiro he o melhor; a este chamão aljofar da primeira joeira, e assim até á novena, que sendo igual, redondo, já se sabe seu preço pelas partidas que aquelle anno se tem ajustado com os mais grossos mercadores; por quanto em hum anno val mais, e em outro menos, ou pela quantidade do aljofar,

ou dos mercadores que acodem. Já quando alimpão, quasi todos tem vendido, com sinal passado de seu ajuste, feito por corretores. Os barrocos se vendem por muito menos preço, e o miudo que daquellas cirandas cahio, fica na arêa, que no inverno os visinhos pobres acodem áquella praia com bandejas, levantando para o ar as arêas, e sacodidas do vento, vão recolhendo ao que chamão botica, de que vem para este Reino grande quantidade, como tambem para outras partes, e o vendem os naturaes muito barato. Com o que se acaba a pescaria, e nós o fazemos com este capitulo por continuar com o mais: advertindo que na costa se achão grandes pedaços de ambar, e os pescadores tirando as linhas, trazem nellas ramos de coral preto, e com os temporaes o mar lança muito fóra: dizem ser este para o ar, e malenconia melhor que o vermelho.

## CAPITULO XXIII.

### *Da notavel serra chamada Pico de Adam, e suas propriedades.*

O Pico de Adam, como temos dito, divide a falda delle as jurisdições dos Reinos Candia, e Uva, e duas Corlas. Esta serra he huma das maravilhas do mundo, porque ficando pela terra dentro vinte legoas, os mariantes outras tantas em dia claro ao mar a descobrem. Tem de altura duas legoas, coberta de grande arvoredo, e para se subir ao cume de huma planicie ou aba que faz a serra antes de chegar ao Pico, he com muito trabalho, por ser muito ingreme, e se gasta de pela manhã até as duas horas da tarde. Esta aba que faz a serra, he toda coberta de arvoredo com muitas ribeiras que formão-se com a agoa que se despenha do Pico, onde tambem tem alguns valles aprazíveis. Neste lugar os Gentios que vão

em romaria, lavão o corpo, e vestem roupas limpas, que levão para este fim; huma e outra cousa fazem com grandes ceremonias, por chegarem áquelle lugar, que tem por santo; e tem para si, que desta sorte vão limpos de todo o peccado. Depois que tem feito aquellas superstições, começão a subir para o cume do Pico, que tem mais de hum quarto de legoa, por cadéas de ferro, feitas a modo de escadas, e senão fosse desta sorte, por inexpugnavel, não seria possivel o subir-se. No fim se chega a huma planicie mui redonda, e tem de diametro duzentos passos, onde se vê huma alagoa mais profunda que dilatada, de excellente agoa manancial: correm della todas as agoas, que formão aquellas ribeiras, que se achão onde elles fazem as ceremonias, e discorrendo pela serra, chegão ao pé, e nelle se fazem os maiores tres rios que tem a Ilha.

Em o meio daquelle terreiro se vê huma lagem grande sobre algumas pedras lavradas, e nella estampada, como em cera, huma pégada de dous palmos em comprido e oito dedos de largo. Esta pégada he mui venerada de toda a gentilidade da India, e assim muitos delles vão em romaria pela vêr, e cumprir seus votos, e promessas. Ao lado esquerdo desviado, como vinte passos, estão algumas casas feitas de barro, e madeira, em que se recolhem os romeiros. Para o outro lado está o Pagode, que he a sua Igreja, e junto a elle a casa de hum Changatá, que he seu sacerdote, e assiste neste lugar recebendo as offertas, e tem cuidado de declarar áquelles barbaros que ganhão muitas indulgencias, e ficão sem algum peccado, em paga de sua devoção e trabalho, e que aquella pégada foi do primeiro pai do genero humano, que por memoria deixou naquelle lugar.

Em redondo da pedra tem postas muitas arvores proporcionadas, que fazem o lugar saudoso, e agradavel. Alli se detem fazendo hum modo de novena, e naquelle pagode dedicão seus sacrificios. O que áquelles gentios

os faz mais crer, que aquelle lugar he muito santo, he que sendo aquella serra tão alta, redonda, e proporcionada, ao pé della se levantem duas nos dous lados, e seus cumes se inclinem para o Pico, como que lhe fazem reverencia, e por esta maravilha da natureza, dizem aquelles Gentios, que as mesmas serras immoveis reconhecem o sagrado do lugar; porêm o que eu entendo; he, que esta pégada foi invenção gentilica; porque he certo, que se fosse de homem, de necessidade havia ser gigante, e a fizerão por introduzir no tal lugar adoração.

Os tres rios que se formão das agoas deste Pico, hum delles vem pela parte do Norte dividindo as terras das quatro Córlas, e passa por Ceitavaca, Malvana, e junto a Columbo se mette no mar em o Matual. Outro vem da parte do sul pelas duas Córlas, passa por Sofregão, e vai dividindo as terras de Pasdimcorla, e as de Reigancorla, mettendo-se no mar em Calituré. O ultimo he mais caudaloso, passa por junto á cidade de Candia, vai correndo todas as terras, e dividindo os Reinos de Trequimalé, e Batecalou, e desagoa na notavel enseada dos arcos, ao longo do porto de Cotiar, de que toma o nome, como os outros dous, que se nomeão pelas partes, por onde passão; a estes se annexa muita quantidade de rios, e ribeiras: de mais daquelles toda a Ilha he cortada de innumeraveis, porêm todos menores.

## CAPITULO XXIV.

*Em que se mostra a habitação dos Bedas, seus costumes, e marinhas de sal, que a Ilha tem sem beneficio.*

Não he menos para notar, que sendo esta Ilha, nem com a grandeza de Bornéo, ou S. Lourenço,

que alfim pela capacidade dellas, e distancia de terras, pudera haver semelhante monstruosidade; mas he de advertir, como temos mostrado, que o ambito de Ceilão he pouco mais ou menos em terreno como este nosso Reino, que tenha ha muitos seculos gente, que seu trato, e viver parecerá narração fabulosa; porêm todos os que andárão na Ilha tem noticia della. Das terras do Vani, que são do Reino de Jafanapatão, para as de Trequimalé entre dous rios, que dividem humas e outras, estão dez legoas de costa, e pouco mais de oito pela terra dentro: estão tão despovoadas, cubertas de mato fechado; nellas vive huma casta de gente, a que chamão Bédas: são na cor quasi como nós, e alguns ruivos bem assombrados; a lingua nenhum Chingalá, ou outra nação da India a entende, somente huns com outros se communicão: assim mesmo não apparecem a pessoa alguma, que não seja dos seus: o vestir são pelles de animaes, que naquelles matos se cria grande quantidade de caça de toda a sorte: suas armas são arcos, e frechas, e nellas são mui destros; não tem lugar certo, nem alguma povoação: cada familia assiste seis mezes somente na paragem, que naquelles matos buscão commoda para fazerem sementeira, e como a recolhem, se mudão a outra parte para a fazerem: o seu maior sustento he de caça, javalis, veados, merús, e em nenhum guisado comem a carne cosida; quasi toda he cortida em mel, que naquelles matos se cria grande abundancia de abelhas, que o fazem em tocas de arvores, e para cortirem a carne, cortão algumas de boa grossura, que fique o pé dellas em altura de huma braça: cada arvore a cavacão por dentro, e enchem o vão de carne, e mel, e das mesmas arvores cortão tampos, com que cobrem aquella conserva, e não bolem nesta carne dahi a hum anno, em tanto comem outra, que tem feito. Quando lhe faltão frechas, machado, ou outra

ferramenta, fazem moldes de folhas de arvores, que mostrem a obra de que necessitão: com elles se vão de noite, que não sejão vistos de pessoa alguma, áquella aldea, que lhe fica mais perto, e na porta do ferreiro pendurão os moldes, e tambem a paga da obra, que he meio javali, veado, ou cousa semelhante, que elles entendem pouco mais ou menos merece o ferreiro, que levantando-se pela manhã sabe pelo uso o que vem a ser: dá execução á obra, e dahi a tres dias, quando se quer recolher, a deixa pendurada no mesmo lugar; e muitas vezes pela manhã achão nelle os ferreiros hum quarto de carne; e assim folgão de lhe fazer este serviço.

Os Chingalás dizem sobre a origem desta gente huma cousa, que parece incrivel; porêm tudo pode ser; que ha muitas idades houve hum Rei na Ilha mancebo, mui dado a todo o genero de vicio, que o tal não tendo conta, nem respeito ás suas leis, e ceremonias, se desmandou comendo toda a sorte de animal, que Deos criou, nem ainda perdoando á vaca, (que entre os Gentios he o maior peccado, que podem commetter), e esgotando os animaes, mandou matar hum menino, e o comeo guisado: tendo o povo, e os grandes noticia desta maldade, o prendêrão com todos os mais, que lhe assistião, e vendo-se a temeridade do caso, os sentenciárão á morte por infames, e quando não quizessem morrer, se havião de hir aonde não tivessem communicação com outra gente; os quaes aceitárão embrenhar-se naquelles matos, onde vivem daquella sorte. Se o que dizem he mentira, não está mal composta; sendo que as mais das historias destes gentios, são fabulas, e ficções introduzidas: o nosso reparo he, que se isto assim fosse, como elles dizem, havendo tantas idades, e sem esta gente ter guerra com nenhuma nação, levando tantas mulheres, que assistião áquelle Rei, de força havião de ter multiplica-

do em modo, que ao menos aquelle districto havia de ser muito povoado; porêm são tão poucos, que em dez legoas andão vagando por aquelles matos e quasi se não communicão huns com os outros, mais que por acaso.

Eu conheci hum filho da India mistiço, que naquella paragem se perdeo em hum barco, e foi a nado á praia, ao qual tomou esta gente, e o fizerão casar com a sua Rainha, que estava viuva, onde o pobre por força assistio nove mezes, e tinha tão bom reinado, que buscou traça para fugir, virando as alparcas lhe poz os calcanhares para os dedos, pondo-se a caminho, com ellas se livrou, e pôde chegar ás nossas terras, aonde desta gente contou muitas cousas; que não tem lei, idolo, ou ceremonia; que as familias andão divididas pelo mato buscando o sustento, e em geral todos o davão á Rainha, cada hum seu dia alternativamente, arroz, milho, batatas, carne fresca, e cortida em mel, quanto bastava a sustentar seis ou sete pessoas; que o seu palacio era huma palhota entre brenhas; que elle não via mais gente, que os que levavão o mantimento todos os dias, e o não entregavão, se não á mesma Rainha, a quem fazião grande veneração, que a ella a não entendia mais que por acenos; a sua cama era composta de feno, e por cima huma pelle de usso, e vestia outras pelles: a carne cortida em mel, que daquella sorte a comião, e era saborosa, a crua a embrulhavão em folhas, enterrando-a em huma cova, lhe fazião em cima huma fogueira, e depois de apagada a tiravão, e ficava mui tenra, e gostosa; porêm que sem sal a comião, pelo não ter esta gente: do milho, e arroz feito em farinha fazião bolos: outras muitas cousas contou, que não ha para que referi-las.

Em o Reino, que foi de Jaula, que ha muitos annos se extinguio, junto de Balavé estão humas tres legoas de costa, e duas pela terra dentro muito baixas,

e planas, em que pelo inverno a força do vento sul mette tanto mar nellas, que alaga todos aquelles campos. Tanto que he verão o sol converte aquellas agoas em sal, do qual se provê a maior parte da Ilha, principalmente todas as terras circumvizinhas, que são os Reinos de Candia, Uva, Batecalou, Trequimalé, e as terras de Villacem, e algumas das nossas, que lhe custava o hir busca-lo menos, que compra-lo nas nossas praças, onde acodia muito da outra costa. O Rei de Candia, como tinha guerra comnosco, e só deste genero necessitava, daqui com facilidade se provia, mandándo de Dezembro até Abril boiadas de cinco e seis mil bois, e bufaros, que vinhão carregados, e para sua guarda alguma gente de guerra. Esta jornada a fazião duas e tres vezes naquelle tempo; algumas lhe apanhavamos, e sempre o não podiamos fazer, por nos ficar o arraial distante. Muitas vezes usámos deste sal; para temperar he bom, e para salgar não serve, porque resalga; he differente de todo o que tenho visto, por ser transparente como cristal: os que o vão buscar levão picaretes, que sem elles seria o trabalho baldado, por todo estar unido, como se aquella planicie fôra toda huma lagem: o mais miudo que trazem, são pedaços como nozes, assim he difficultoso de desfazer, por não ter poros. Desta paragem a quatro legoas pela terra dentro está hum Pagode de muita veneração entre os gentios, e guarda em si offertas de muitas idades, que lhe tem feito, de ouro, joias, e pedraria, e tem para sua defensa de continuo quinhentos homens de armas. Com o desejo daquellas riquezas lhe fizemos em varios tempos diligencias para os alíviar daquelle cuidado. Na entrada de 1642 fui eu em companhia de cento e cincoenta Portuguezes, e dous mil lascarins, muitos delles christãos, e por nosso cabo Gaspar Figueira de Cerpe, por ser entre elles respeitado, esperto, e visto em sua lingoa, e

costumes. Chegando perto, onde dizião estava, tomámos hum morador natural, e vizinho, a quem perguntou o cabo, se sabia onde estava o Pagode? Respondeo, que o sabia, e era dalli perto, servindo-nos de guia, nos levou por hum outeiro coberto de mato, sendo o unico que se acha naquella paragem, o qual rodeámos, e atravessámos muitas vezes; e he certo estar no alto este Pagode, porêm não sei que encanto elle tinha, que de cinco guias que tomámos, os primeiros tres forão mortos, por cuidarmos nos enganavão, fazendo-se doudos, dizendo muitos disparates, cada qual por sua vez, sem saberem huns dos outros: os ultimos dous nos desenganárão com fazerem as mesmas acções, e assim nos foi forçado tornarmo-nos como fomos, sem effeito, nem ver o tal Pagode, ao qual chamão de Catérgão: de volta tomámos aos de Candia parte de huma boiada de sal, que passárão de dous mil bois, os mais se mettêrão pelo mato: com elles nos retirámos mais leves, do que cuidavamos vir quando fomos; porque todas as cousas deste mundo não são mais que humas apparencias, e a realidade sempre he ao contrario do que se nos representa: pelo que passemos estas miudezas, que temos relatado do que he Ceilão, e vamos aos progressos da guerra daquella Ilha, que da sepultura do esquecimento nos estão chamando, quando devião sempre viver em nossa lembrança.

# LIVRO II.

Dos progressos da guerra, que tivemos na Ilha de Ceilão com os Naturaes, e Hollandezes.

## CAPITULO I.

*Em que mostramos os motivos, que houve para se principiar a guerra.*

Temos mostrado por maior, e pelo modo que nos foi possivel, o que he Ceilão, e o que produz, ritos, leis, e costumes daquella gente, e tudo o mais que vimos, experimentámos, e especulámos em dezoito annos de assistencia; pelo que será razão dizermos os motivos, que houve para quebrar a paz, que tinhamos com o Rei de Candia, e os progressos daquella guerra, no fim da qual viemos a ser expulsos do melhor pedaço de terra, que o Creador poz neste mundo, e assim tornaremos ás cousas nos termos, em que as deixamos no capitulo VIII. do livro primeiro para melhor se conseguir a historia.

Deixámos ao Rei que foi Changatá no Pico de Adam por nome Henar Pandar posto em Candia casado

com a Rainha Dona Catherina, tributario a S. Magestade, como temos referido, e continuando nesta fórma alguns annos, até que foi restituido ao posto de Capitão Geral, que tinha occupado na Ilha Constantino de Sá e Noronha, em cujo tempo se renovou esta guerra, a qual resumiremos com a brevidade possivel, e os successos della; como tambem os progressos deste valeroso capitão.

Em chegando áquella Ilha em 1623 foi grandemente de todos festejado pelo bem que se tinha havido quando nella esteve. A primeira acção, que emprehendeo, foi hir em pessoa fundar a fortaleza de Trequimalé, o que o Rei de Candia sentio por extremo pelo impedimento que lhe causavamos ao negocio de todo o seu Reino, que tinha no porto de Cotiar; porêm como se não achava com bastantes forças para romper a guerra, dissimulou por então: e vendo o Capitão Geral o muito que nos convinha fazer outra força no porto de Batecalou, foi com poder bastante a conseguí-lo, e posta a obra em execução se alvoroçou aquelle Rei, vendo que lhe tomavamos os portos, de que elle estava introduzido senhor, e ajuntando gente para a impedir; estando preparado, não se atreveo a demandar os nossos. O Capitão Geral deixando de todo acabada a praça, e guarnecida, se recolheo á Malvana; porêm aquelle Rei com esta magoa se resolveo a romper a guerra descendo ás nossas terras, nellas fez algumas hostilidades. O Capitão Geral com grande diligencia o foi demandar; e informado o Rei da sua marcha, sem o esperar, se retirou a Candia. O General poz todas as terras em quietação, e vendo que da parte do Rei se tinha rompido a guerra, e que estava mui soberbo, e orgulhoso, por lhe amansar os brios se poz em marcha com quinhentos soldados Portuguezes, e a gente preta das nossas terras, todos bem amonicionados, e contentes, por ser o princi-

pio da guerra; e o foi demandar em seu mesmo Reino. Nesta entrada achárão os nossos a opposição dos seus Dissavas, porêm forão vencidos em varios recontros; e não tendo mais remedio aquelle Rei, se acolheo para o de Uva, por ser terra mais aspera, e desviada das nossas. O General mandou pôr fogo á cidade, e a seus paços, que a achárão despejada, matando os gados, e fazendo as hostilidades, que a guerra permitte, tomou á ligeira alguns capitães, e soldados, que lhe pareceo, que não forão muitos, e deixando a mais parte do arraial franqueando aquelle Reino, com aquelles poucos entrou em Uva com grande resolução, pondo tudo a ferro, e fogo, demandou ao Rei, que sentindo-o o não esperou. Com este successo se tornou ao arraial, e se recolheo a Manicavaré sem perda, e victorioso. O mesmo fez o seguinte anno de 1629, entrando em Candia poz áquella cidade o fogo, e o Rei com os seus se recolheo a huma serra inexpugnavel, á qual chamão o Penedo; andando o nosso arraial assolando todo aquelle Reino, teve o General aviso, que o Rei tinha mandado sobre Jafanapatão cinco mil homens escolhidos, e por seu cabo hum Modeliar seu Atápata, (que he capitão da guarda da pessoa), por saber que aquelle Reino, e praça estava com pouca guarnição, e ser morto Felippe de Oliveira, que submetteo aquelle Reino ao Imperio Portuguez. Deste capitão se poderão fazer grandes volumes, porque não foi menos valeroso que christão, e modesto; tanto que delle se diz, que jamais nomeou pais, e na matricula dava por seus progenitores as ervas, virtude mui opposta ao costume daquelle estado, onde todos querem descender das estrellas. E por o Rei tambem fazer aos nossos diversão para que não pudessem aquelle anno inquieta-lo em Candia; mas nem huma nem outra cousa lhe valeo, pois não livrou de ser a cidade queimada, e a praça soccorrida. Tendo o General

em Candia esta noticia, nomeou quatro companhias, e tres mil lascarins, e por cabo deste troço a hum capitão de valor, e experiencia, Foão de Pina; nomeou outras tres companhias, e tantos mil lascarins, e destes fez cabo a outro capitão chamado Luiz Teixeira de Carvalho, e por ser de pequeno corpo lhe chamavão o Carvalhinho. Despedio estes dous troços com ordem, que a toda a diligencia marchassem, cada hum por seu caminho, e se ajuntassem certo dia perto de Jafanapatão, o que fizerão com o mesmo cuidado que lhe encommendou. O General com o resto do arraial se retirou a Manicávaré, sem o inquietar o inimigo. O soccorro se ajuntou no lugar, e dia, que lhe deu por ordem, e sem demora deu sobre o inimigo, que sitiava a praça, o qual não deixou de fazer bastante resistencia, em que perdemos alguns pretos nossos de valor; porêm foi roto o inimigo, e lhe degolámos mais de tres mil; os que escapárão se acolhêrão como puderão, deixando a praça livre, e em nosso poder sete mil prezas, que são naturaes das nossas terras, dos que obedecem, ou assistem ao inimigo, e por vassallos desta Coroa não podião ser cativos; porêm se repartião pelos cabos, e soldados, e se libertavão por limitado preço, costume introduzido, pois nesta guerra não tinhão outros despojos: algumas vezes não usavão com elles desta piedade, porque os espetavão, ou abrião ao machado.

Em breves dias pelas sete Corlas se recolhêrão os nossos com esta victoria a Manicavaré, onde estava o mais arraial. O General se passou a Malvana, aonde aquelle Rei sollicitava com todo o empenho, e condições que quizessemos, as pazes. O General não estava muito fóra de lhas admittir, assim pelas condições dellas, como pelos soldados estarem naquelles dous annos cançados das contínuas marchas, e trabalho, em que tinha perdido alguns nas occasiões, e muitos mortos de doença, e

com pouco dinheiro, que huma e outra cousa he o essencial da guerra; porêm a este tempo lhe chegou huma ordem do Vice-Rei o Conde de Linhares, em que expressamente lhe mandava, que de huma vez conquistasse aquelle Reino, accusando-o de alguma remissidade; isto fez o Conde informado de alguns mal affectos ao General, (que ninguem se livra de émulos, e quanto são maiores os procedimentos, parece he a moeda, com que melhor se compra este veneno); e he de advertir, que este ponto da conquista se tinha algumas vezes tratado no Conselho daquelle estado, em tempo do Conde Almirante, sobre que o General tinha mandado acertados pareceres, como pervisto nas cousas da Ilha, e humores dos naturaes; nelles resolvia, que convinha ao serviço de S. Magestade ser aquelle Rei lançado fóra da Ilha, mas que para este fim necessitava de gente e dinheiro, por quanto seiscentos Portuguezes, lotação ordinaria, que nella havia, somente erão para guarnições das praças, e que para invadir, e conquistar dous Reinos, como o de Candia, e Uva, de gente tão bellicosa, e terras tão asperas, não era possivel obrar-se nada sem os soccorros que apontava. Nada disto bastou, e prevaleceo o que fizerão entender ao Vice-Rei para expedir aquella ordem, sem vir acompanhada do que tinha pedido. Recebida que foi do Capitão Geral deu de mão ás pazes, preparando-se para naquelle anno que entrava de 1630 fazer o que lhe ordenava. Alguns religiosos, e capitães de experiencia lhe aconselhárão não devia fazer aquella jornada, pois tinha pouca gente, e bem sabia o trabalho que tivera nas antecedentes, tendo muita mais, e que aquelles Reinos estavão com as mesmas forças, porque sem embargo que lhe tinhamos morto muita gente, a tinhão de sobra, e tambem que somente pelejavão quando lhe estava a conto, e quando não, se mudavão de huma para outra serra, como tinhamos ex-

perimentado; quanto mais de todo a conquista-los. A estas razões respondeo o Capitão Geral, que sabia que aquella empreza se acabaria com a sua vida; só o que sentia era a ruina das praças, e Ilha de ElRei seu senhor; que elle era mandado, e lhe não convinha mais que obedecer, pois sobre esta materia tinha dado pareceres, que lhe não forão admittidos.

Servião nos nossos arraiaes quatro Modeliares naturaes, todos christãos, e filhos de Columbo dos principaes da Ilha, aparentados com os principaes moradores Portuguezes, todos ricos, e obrigados com mercês, a quem o General fazia muitas honras trazendo-os ao seu lado, e em muitas cousas seguia seus pareceres. Estes governavão a gente de armas da terra, e se chamavão D. Aleixo, D. Cosme, D. Balthezar, e D. Theodozio: estando tão obrigados ao General, e criados comnosco, como temos dito, se confederárão com o Rei de Candia, de qualidade que forão nossa total ruina, como veremos; que em fim todos são negros nossos inimigos.

## CAPITULO II.

*Da jornada, e traição dos Modeliares, em que se perdeo o General Constantino de Sá com todo o arraial.*

Com as antecedencias que temos dito, e o Principe de Candia mais velho, por nome Rajá Cinga, fazer huma entrada em nossas terras, para incitar ao Capitão Geral, segundo se tinha contratado com os Modeliares: depois de franquear duas provincias nossas, em que se mostrou mui orgulhoso, se recolheo a Uva, e se metteo em a sua principal cidade, e logo a poz em defensa com a fortificação que o tempo lhe deu lugar. Os quatro traidores forão ter com o General dizendo-lhe, que

convinha ao credito de ElRei seu senhor, e da nação Portugueza castigar-se o atrevimento daquelle Principe. Com esta proposta se resolveo o General fazer entrada em Uva. Os soldados Portuguezes que havia, não chegavão a quatrocentos; pelo que escolheo alguns moradores de Columbo capazes de o acompanhar, e perfez de huns e outros quinhentos homens, e quasi vinte mil lascarins. Com este poder se poz em marcha, e chegando áquelle Reino, foi noticiado, que o Principe com grandes brios o esperava na mesma cidade, e querendo subir a serra, sobre que ella está, se retirou o Principe por outro lado; o que visto pelo Capitão Geral, lhe mandou pôr o fogo, e se aquartelou em hum outeiro á vista della, e por dár allivio á sua gente do trabalho, e apressada marcha que fez, descançou nelle dous dias, no fim dos quaes appareceo o inimigo em tanto numero, que cobrião aquelles campos, e outeiros. Aqui o avisárão da traição, que tinhão ordido os quatro Modeliares, e attrahido tambem alguns dos principaes entre elles á mesma conjuração, porêm foi a tempo que lhe não foi possivel ja remediar este damno. Aquella tarde o inimigo não fez mais que praticas, como elles costumão, dizendo: hoje he a ultima hora que tendes de vida, e de mistura algumas deshonras, com o que anoiteceo. O General como os vio daquella sorte, conhecendo-lhe os humores, e o descoco, com que se lhe oppunhão, teve por infallivel a conjuração, e assim fez huma falla a todos os nossos para os animar; com ella se dispuzerão a perderem as vidas: logo mandou a todos do arraial trouxessem o fato que tinhão, e deixando algum mantimento para tres dias, e de tudo o mais mandou fazer hum monte, e pôr-lhe o fogo, por não occupar os soldados, e ficarem desembaraçados; porque ficando alli, se aproveitaria delle o inimigo.

Aquella noite todos se confessárão com os religio-

sos que hião no arraial, animando-se huns aos outros, e o General a todos, pelos ver com tal resolução se mostrava mui alegre. Pela manhã se poz em marcha para atacar o inimigo, e na vanguarda hião, como he costume, os nossos lascarins, que seus cabos erão os quatro traidores. O inimigo se veio tambem chegando para os nossos, e o primeiro, que se declarou na traição, foi D. Cosme, matando hum soldado Portuguez, pondo-lhe a cabeça na ponta da lança, sinal que tinha dado ao inimigo. Os mais conjurados virárão as armas contra os nossos. A multidão dos nossos lascarins ficou pasmada de verem aquella novidade, porêm, como todos são de huma casta, e aquelles erão seus cabos, quasi todos os seguírão, e só ficárão comnosco pouco mais de cento e cincoenta, que quizerão com valor seguir a nossa fortuna. No mesmo tempo nos investírão aquelles rebeldes, sendo elles os primeiros para incitarem aos de Candia, e Uva, porêm, achando nos nossos boa resistencia (que pelejavão como quem queria vender bem a vida), matárão ao inimigo todo aquelle dia muita quantidade, porque não derão lugar que tivesse a nossa gente algum allivio, nem ainda de noite, porque por todos os lados os inquietavão com frechas, e remessões, e muitos alaridos. O General a todas as partes andava discorrendo, e animando a todos: mandou curar os feridos, e boa parte, que erão mortos, a enterra-los. Tendo passado parte da noite, em que o inimigo ja não os apertava tanto, quizerão descançar de tão grande trabalho, e o que esperavão ter no seguinte dia: permittio Deos por seus justos juizos, que sobreviesse huma grande trovoada, e logo tanta chuva, que alagou aquelles campos, em modo, que a polvora, e corda não pôde ter reparo, ficando huma e outra cousa incapaz de se poder usar; por quanto as principaes armas, com que naquella Ilha offendemos ao inimigo, são os arcabuzes; e vendo todos era aqui-

lo disposição do Ceo, se accommodárão em se tornarem a Deos, reconciliando-se, e os religiosos não socegavão de exhortar a todos, para alcançarem o premio da Gloria. Os poucos Chingalás, que nos assistião, que não passavão os que ficárão comnosco de cento e cincoenta, e os Portuguezes se animárão grandemente. O General recebia muita consolação de ver a todos tão dispostos ao que Deos delles dispuzesse. Esta noite foi advertido se retirasse com alguns poucos, (que o podia bem fazer), porêm o General não quiz admittir este conselho, que seu generoso animo, e piedade não lhe permittio largar em tanta afflicção seus companheiros.

Pela manhã se poz em marcha na mesma fórma: não tinha dado muitos passos, quando logo por todos os lados foi acommettido daquella multidão, e querendo-se os nossos valer das armas de fogo, o não puderão fazer, por estar a corda, e polvora, como temos dito; com o que mais soltamente erão acommettidos do inimigo; porêm não querião chegar a golpe de espada, por serem as armas, de que os nossos se podião valer: elles descarregavão sem contradicção a sua espingardaria, e frecharia, sendo tanta, que parecião nuvens; com o que os nossos quasi todos forão mortos, e alguns poucos naquelle conflicto desordenados: o que visto pelo Capitão Geral, que a todas as partes andava acodindo, e esforçando a todos, levou da espada, que era como hum montante, e a jogava com huma manopla, por ser aleijado da mão direita, mettendo-se entre aquelles barbaros, fez nelles hum monte de corpos; e por não ficar aquelle dia o inferno sem bom quinhão, nenhum ousava chegar a elle, que os não fosse acompanhar: por ultimo lhe derão algumas feridas de balas, e frechas, com que rendeo o espirito a seu Creador, aquelle que não merece menos nome na memoria da fama, que os maiores heroes do mundo; não só por seu valor, quanto por ter to-

das as qualidades para ser amado. Depois desta desgraça até a ultima hora, que fomos expulsos daquella Ilha, sempre esteve vivo na memoria, e em quanto houver Portuguezes naquelle estado será suspirada a vida, valor, e acertos de Constantino de Sá e Noronha.

Este fim teve aquella jornada, de que se seguírão grandes males ás nossas praças por tempo de hum anno; porque com toda a gente da Ilha poz o Rei sitio a Columbo, dando-lhe muitos assaltos, e de hum teve entrado aquella cidade, que forão rebatidos pelo esforço dos moradores, e se veio a retirar com bastante perda de gente; porém aquella cidade, e todas as mais praças da Ilha padecêrão grandes necessidades, por falta de mantimento, e as mais cousas necessarias; porque supposto que o Rei levantou o sitio, comtudo se deixou ficar nas nossas terras, que estiverão levantadas.

A desgraçada nova desta perda, e sitio, se divulgou por todo o Oriente, sentindo-se notavelmente a morte de Constantino de Sá. De Cochim com toda a brevidade acodírão com algumas galeotas de mantimentos a Columbo, e a Galle, e tambem com os soldados, que se pudérão achar, que forão cento e trinta. De Malaca mandárão duzentos, todos soldados velhos, e dos melhores daquella praça. De Goa mandou o Vice-Rei trezentos, e por Capitão Geral hum fidalgo por nome D. Jorge de Almeida; mas por amor dos temporaes, que achou no golfo, se derrotou este soccorro, e a bom livrar chegou o General a Columbo no fim de Outubro de 1631. Como desembarcou, logo demandou ao inimigo, que estava fortificado com algumas tranqueiras, duas, e tres legoas de Columbo: não deixou de achar boa opposição, porêm foi o inimigo roto em varios recontros, e pondo todas aquellas terras á obediencia de S. Magestade, obrigou áquelle Rei a pedir paz, que se lhe concedeo com a mesma obrigação de pagar os dous elefan-

tes de dente todos os annos. Com esta quietação esteve aquella Ilha, até que chegou a governar o estado Pedro da Silva Molle, que nomeou por Capitão Geral de Ceilão a Diogo de Mello, e foi render a D. Jorge de Almeida.

## CAPITULO III.

*Que trata a causa, por que outra vez se moveo a guerra com aquelle Rei.*

O Rei de Candia Henar Pandar veio a fallecer, estando viuvo de D. Catherina, e deixou o Reino de Candia a Rajá Cinga seu filho mais velho, e o Reino de Uva ao outro filho, que he o que veio para nós em 641, o qual morreo em Goa feito christão, cujo successo adiante veremos. Ao filho que ficou de D. João, e D. Catherina, não deixou cousa alguma, porêm este Principe de Uva sempre o amparou em quanto esteve na Ilha. Temos dito, no capitulo VIII. do primeiro livro, como os Principes de Candia erão criados com a politica dos Portuguezes, assim a todos tratavão como irmãos, e com elles na urbanidade, e conversação miudamente perguntavão por nossos costumes, e dos que lhe parecião, se fazião capazes, e os approvavão; porque tinhão aprendido as artes, que os nossos lhe tinhão ensinado, como temos dito: com aquella lição fazião officiaes em suas casas, como usão os nossos Principes, e dizião que das nações do mundo, nós eramos os mais honrados; e se não comessemos vaca, o seriamos tanto como elles. Com esta familiaridade hum Portuguez, que esteve algum tempo em Candia, foi visitar aquelle Rei, e agradecido de favores, que delle tinha recebido, lhe levou hum presente; porque todos os Reis tem muito a mal, quando lho não levão, e não recebem

a tal visita, nem deferem a outro algum negocio; se bem o nosso Portuguez com elle não tinha algum, como tambem não quiz faltar ao costume, em se mostrar grato, levando-lhe hum caixão de frascos de agoa rosada, que elles muito prezão, com algum sandalo branco, e hum formoso cavallo para sua pessoa. O Rei de tudo fez muita estimação, ficando obrigado dos primores, e agradecimento, que achou naquelle Portuguez: teve-o por seu hospede alguns mezes, e despedindo-se para se vir, o Rei não quiz ser menos liberal, dando-lhe algumas peças de valor, e hum formoso elefante de dente: com os agradecimentos devidos se despedio daquelle Rei, e se veio pelo caminho de Columbo, por ter melhor commodo de embarcar o seu elefante, e vende-lo na outra costa. O General como vio aquelle Portuguez com tão formoso bicho, lançou mão delle, dizendo que o Rei devia as pareas do anno antecedente, e as não queria pagar, que por tanto aquelle elefante ficava á conta: e por mais diligencias, e razões, que este homem deu para lhe ser restituido, o não pôde conseguir, e vendo não tinha outro remedio, voltou para Candia, e contou ao Rei o succedido: elle o sentio notavelmente, e disse: eu não devo a ElRei de Portugal cousa alguma das pareas, como diz o da Malvana, porque para as pagar, se as devera, quando não as tivesse, não me he difficultoso mandar tomar os elefantes que forem necessarios; porêm não me espanto fazer-me este aggravo, se não a vós; porque, ainda que fosse o que diz, não era de razão tomar-vos o que era vosso, porque alem de seres Portuguez, como elle, por credito da nação, se não havia cegar tanto da paixão; senão dizei-me, quando se vos faz esta semrazão, que esperarei eu, sendo hum negro, que não sou da vossa casta, nem sigo a vossa lei? tenho observado consideradamente que toda he mui docil, affavel, cortez, liberal, grave, e sobre tudo valerosa, par-

tes que muito se devem estimar, como eu faço, amando a todos, porque a muitos que tenho tratado, não achei algum, que não seja para acreditar o que digo; mas tambem reparo, que qualquer de vós outros, ainda que fóra disto seja muito virtuoso, em tendo qualquer cargo, logo parece que renuncía todas as virtudes, adquirindo dobrados vicios, e isto quanto mais bons se mostrão de antes; com elle se fazem huns demonios: com o que não posso dar nesta maxima, e para dizer que a vossa lei assim o dispõe, eu a tenho examinado, e acho que toda he muito santa; se hum fosse soberbo, outro mal soffrido, pudera ver erão effeitos da natureza, porêm a muitos Portuguezes tenho conhecido, e de alguns noticia com as virtudes que digo, e quando sei que dêrão a estes algum governo, alegro-me em ver, que forão aquelles povos venturosos, e de quasi todos em breve tempo deixo de ouvir innumeraveis queixas, e semrazões, trocando-se em outros homens, que não erão; e parecendo-me que o Vice-Rei os castigaria, como merecião seus graves crimes, vejo lhe dão outro maior governo; com o que me acho confuso, e suspenso; senão he fazerem-me estas cousas entender, que entre vós ha alguma occulta lei, ou maxima, e não quereis que esta seja notoria mais que entre huns e outros. A semrazão, que a ambos nos fez o Rei da Malvana, só me acompanha o sentimento de vosso successo, pois he lastima nem huns aos outros escaparem, e isto me diverte do que me toca, para me accommodar; mas por quanto vos tomárão o que vos dei, aqui tendes em que recuperar a perda, dando-lhe dobrado valor em pedras, e dizendo-lhe: não quero que vos succeda outro encontro; ide-vos por Chilão, e mandou que lhe dessem gente para guia, com que se despedio o Portuguez agradecido.

## CAPITULO IV.

*Do que mais succedeo, e perda do arraial em Candia.*

O Rei se não deu por entendido deste aggravo, e chegando o tempo em que era costume de pagar as pareas, expedio os dous elefantes daquelle anno; e he de saber, que o General considerando o muito preço que dava o Rei por hum cavallo, mandou buscar dous mui excellentes, e como forão chegados, os remetteo a Candia para se venderem por elefantes, sem reparar que aquelle Portuguez não vendeo o seu, nem fez troca com o Rei, senão levar-lho por presente, em sinal de amisade e conhecimento, como temos dito. Tanto que o Rei vio na cidade os dous cavallos, e sabendo o fim para que forão, disse a quem foi fazer aquelle negocio: dizei ao Rei da Malvana, que elle me apanhou hum elefante de maior valor que estes cavallos, mandando-mo, logo lhos enviarei, e em tanto terei cuidado de os mandar pensar bem. Com este recado ficou o General para endoudecer, por se atrever aquelle Rei fazer-lhe esta affronta, como tambem ficarem frustradas as esperanças dos avanços; porque a sahir bem daquelle negocio, ja era impossivel deixar de ter grande perda, por não haver a troca, que elle considerava, vindo-lhe os cavallos, em que tinha feito boa despesa, e não saber a sahida que lhe desse; quizera pôr-se a caminho para Candia a tomar satisfação deste desacato. Em quanto se preparava mandou-lhe hum recado; que a Candia o havia de ir buscar para o castigar, como merecia, e que logo sem demora, ou réplica, lhe mandasse os cavallos. O Rei com elle não se alterou, somente disse ao mensageiro, que fizera aquella represaria para lhe ser

restituido o seu elefante, que em quanto lho não mandasse, era escusado pedir os cavallos; que se S. Alteza o quizesse castigar por querer cobrar o seu, que Deos de todos era Juiz, e sempre acodia pela razão; que se fosse a Candia, elle se não havia de hir para outra costa, porque alem de ter muito amor á sua patria, lhe dera aquelle Reino para o defender, como estava obrigado.

Com esta resposta se poz logo o General em marcha com toda a gente de guerra das nossas terras, e a brevidade pôde conduzir, que forão vinte e oito mil lascarins, e setecentos Portuguezes, a melhor gente, que jamais teve a Ilha. O Rei desta conducção, e apparato foi noticiado, de que fez aviso a seu Irmão Principe de Uva, que com a sua gente se achasse em Candia o mais breve que podesse, o que aquelle Principe fez com todo o cuidado, trazendo comsigo daquelle Reino dez mil, que he a melhor gente que tem a Ilha: e tanto que o General chegou com o arraial á serra de Balané, o Rei por evitar extrucções, ou por se temer, chamou hum religioso, que tinha em Candia, com quem communicava alguns particulares, entregando-lhe hum Crucifixo, lhe pedio, que com elle fosse ao nosso arraial, e dissesse ao General, que por aquelle Senhor, em quem criamos viera ao mundo a morrer por salvar ao genero humano, não fizesse entrada em suas terras, pois era vassallo de ElRei de Portugal; alem de que elle lhe não tinha dado causa em querer cobrar o seu; que as paixões delle Rei da Malvana erão particulares, que attendesse não era bem pagarem os innocentes povos o que elles sôs devião, que se sustivesse, e lhe daria toda a satisfação que fosse justa; e que quando não o quizesse fazer, que protestava diante do mesmo Senhor, a quem tomava para que fosse Juiz daquella causa.

A resposta, que o General deu ao religioso, foi

que dissesse ao Rei: que elle se não abalára a outro fim mais que de o vir açoitar, pois seus desaforos o merecião, e logo mandou marchar o arraial: descendo a serra, foi assentar ao longo do rio, deixando alguma gente nas espaldas, para defenderem ao inimigo não cortar o arvoredo, e tapar o caminho. Estes logo se passárão ao Rei, e muitos, dos que levou comsigo, fizerão o mesmo (que todos alfim são de huma lingoa); com o que quando assentou perto do rio, levava alguma gente ferida, e muita que lhe ficava morta, sem verem quem o fazia. O inimigo tinha cortado da outra banda do rio muitas arvores, as quaes lhe servião de trincheira, não só para defenderem a passagem para a cidade, mas tambem não consentírão que os nossos tirassem huma gota de agoa, com o que não só forão molestados toda a noite com os continuos tiros de espingardaria, e mosquetes de pé, que o inimigo esteve mettendo no arraial, de que a maior parte forão mortos, e feridos, mas tambem á sede, passárão toda a noite com grande disvelo, sem algum alivio. De madrugada informado o General, que o caminho de Balané estava tapado, e que não se podia retirar, vendo o destroço que tinha recebido, mandou huma embaixada ao Rei por hum fidalgo mancebo por nome Fernão de Mendoça, em que pedia cessassem as armas, que elle se retiraria para Columbo, e ficassem as pazes no estado em que estavão. O Rei não deu resposta, e deixou ficar o Embaixador, que o Principe de Uva tomou a si, e deu ordem, que os nossos fossem acommettidos; com o que o inimigo se veio chegando pelos lados, encobrindo-se com o arvoredo, e continuárão tantas cargas, que mui poucos escapárão de serem mortos. Vendo o inimigo o destroço que nos tinha feito, com grande resolução investio aos poucos que se defendião; porém como a multidão era excessiva, forão de todo vencidos, e de-

golados. Depois de tudo roto, deu o Rei, e o Principe ordem aos seus, que os Portuguezes, que estivessem com vida, os não matassem. Os do Rei tomárão quinze, e os do Principe de Uva dezoito; e não teve elle pequena parte nesta victoria. Della usou o Rei moderadamente, não opprimindo com sitio as nossas praças; somente poz todas as terras á sua obediencia, porêm não deixou Columbo de padecer fomes, por não ser mòção que da India viesse soccorro com a brevidade que a necessidade pedia. Este fim teve aquella desgraçada jornada, em que não só morreo o General; mas ainda não se soube qual era o seu corpo, fazendo-se muitas diligencias para o haver.

## CAPITULO V.

### *Que trata a liga que o Rei de Candia ajustou com os Hollandezes.*

Considerando o Rei, que jamais poderia assentar suas cousas de modo que ficassem seguras com os Portuguezes, se resolveo em confederar-se com os Hollandezes, e para este fim mandou dous dos seus grandes a Batavia a tratarem este negocio: os quaes forão bem recebidos; e vista a proposição, resolvêrão os do conselho virem a Candia outros dous Hollandezes, os quaes bem instruidos levárão commissão ampla do que devião obrar. Chegados em Março de 1638 áquella Ilha, forão do Rei bem recebidos, e hospedados. Dando-se principio aos ajustes, fez o Rei muitas queixas dos Portuguezes, e seus Capitães Geraes, que o inquietavão só a fim de lhe tomarem o seu Reino, não se contentando com pagar-lhe tributo, senão todas as vezes que querião, sem causa, lhe entravão em Candia, e lhe queimavão a cidade, e sua propria casa; fazendo em suas terras

todas as hostilidades que podião, sem embargo de algumas vezes os ter vencido; que em quanto na Ilha tivessemos praças, sempre havia de ter a mesma oppressão, e para remedio destes males, determinou mandar a Batavia seus Embaixadores fazer com elles ajuste em modo que fosse conveniente a huns e a outros.

Os Hollandezes respondêrão, que a Companhia, e os Estados Geraes sentião muito as exorbitancias, que os Portuguezes fazião em todo aquelle estado, e por esta razão, e o serem vassallos de ElRei de Hespanha seu capital inimigo, lhe fazião elles toda a guerra que podião; que tinhão entendido as muitas semrazões, que elle Rei dos Portuguezes tinha recebido, que alem dos seus Embaixadores as declararem no Concelho de Batavia, lhe erão presentes, por serem a todos notorias, que para pôrem fim a tantos males, erão vindos á sua Corte, e os seus Maiores estavão promptos a servi-lo com todas as suas forças, até elle Rei, e toda aquella Ilha ficar livre das tyrannias que recebião; e para se conseguir se havia entre elle Rei e a honoravel companhia fazer hum mediano ajuste, para esta empresa se obrar com todo o empenho; porquanto o seu não era outro, mais que acodir pelas semrazões, não só feitas em Ceilão, mas em todo o Oriente: porquanto o seu disvelo era livrar a todos da oppressão que padecião, e a Companhia determinava extingui-los da India; que para nos tomarem as praças, que na Ilha tinhamos, lhe sobejavão forças; porêm que elles não querião o alheio, e sabião muito bem, que Ceilão estava usurpado dos Portuguezes, e de direito era delle Rei natural; que a tenção dos seus Maiores era livra-lo, sem quererem para si cousa alguma (isto dizião para mais o obrigar): tanto souberão propôr, que vierão a fazer capitulações na forma seguinte.

Que todas as praças, que nos tomassem na Ilha, e

terras, ficarião ao Rei, sem que a elles lhes ficasse cousa alguma, mais que o saque, por ser da gente de guerra, e elle Rei os ajudaria com a sua, e a de serviço, em quanto ella durasse, e que para as despezas seria obrigado a pagar-lhe por cada náo que se perdesse nesta demanda, certa quantia, que se regulava pelas toneladas de cada huma, e pagaria mais por cada tiro de artilharia certo preço, conforme os calibres, que constaria pelos livros de suas despezas, e assim mais pagaria por cada pessoa que morresse na guerra, hum tanto, sendo soldado, e a esse respeito os mais, conforme os postos que occupassem, e na mesma conformidade os aleijados de perna hum preço, de braço outro, com differença de direito a esquerdo: o mesmo em pé, ou mão, olho, ou outro qualquer membro, conforme a serventia, ou impedimento era o preço limitado. De tudo se fizerão escrituras, ficando satisfeitos do ajustado; com o que se despedírão os Embaixadores, e chegárão a Batavia, ficando todos contentissimos deste negocio, e assim logo tratárão de pôr em execução, como o tinhão ajustado com o Rei.

## CAPITULO VI.

*Em que se mostra como nos tomárão as duas fortalezas, Batecalou e Trequimalé.*

Para dar principio, e cumprimento ao ajustado, e mostrarem-se os Hollandezes mui servidores do Rei, na entrada do anno de 1639 expedírão seis náos de Batavia, com bastante infantaria, e mais petrechos: e para que elle visse erão desinteressados em seus particulares, mostrando só a vontade a seu serviço, derão ao Cabo desta frota ordem que viesse sobre Batecalou, e Trequimalé, fortalezas nossas, que tinhamos na Ilha, porém

de pouca força, e tanto que fossem rendidas, as arrazassem; porque sabião não erão de negocio, nem dellas tiravamos cousa alguma mais que fazermos despesas, e a paragem em que estavão lhe não era de utilidade, e com isto fazião obsequio ao Rei em ficar por aquella parte desassombrado.

Chegada a frota a Batecalou em Fevereiro do anno apontado, lançárão a gente em terra sem impedimento; por quanto a praça não tinha mais que quarenta soldados que pegassem em armas: deitárão tambem alguma artilharia, e não foi necessario muita, a respeito dos baluartes serem limitados, e a muralha singela. Em breves dias arrazárão hum lanço de muro, e a dous baluartes fizerão o mesmo; com o que não tiverão mais remedio os sitiados, por serem poucos, e estarem sem defensa, se rendêrão. Logo em continente a arrazárão, sem deixarem sinal em que ella estivesse. Huma e outra cousa obrárão em doze dias, logo se embarcárão, e em breve tempo chegárão a Trequimalé, aonde pelos mesmos termos desembarcárão, pondo sitio, e batarias á fortaleza: em dous dias a arruinárão por ser o entulho dos baluartes de area, faltos de polvora, e mais bitualhas, e lhe matarem vinte e tres soldados de cincoenta que tinha de guarnição, se veio a render em sete dias: o mesmo lhe fizerão que á de Batecalou. Com esta facção, que dos nossos foi mui sentida, mais pela reputação que utilidade, por serem as primeiras praças que os Hollandezes nos tomárão naquelle estado. Voltando-se a frota a Batavia, deixou o Rei de Candia bem contente, promettendo-se que com a mesma facilidade com que aquellas forão tomadas, assim serião as mais que tinhamos na Ilha.

## CAPITULO VII.

*Em que mostramos o encontro que o nosso arraial teve com os Hollandezes em Caimel, perda das fortalezas Negumbo, e Galle.*

Meado Janeiro de 1640 appareceo á vista da cidade de Columbo huma frota de doze náos Hollandezas, nas quaes os que vinhão dentro, por se temerem do nosso arraial, e que os moradores da cidade unidos com elle os podião derrotar, não deitárão a gente em terra. Nella estava por Capitão Geral D. Antonio Mascarenhas, que foi provido naquelle posto depois da perda do nosso arraial em Candia, o qual logo fez aviso a Francisco de Mendoça Capitão Mór do campo, que estava com o arraial em Manicavaré, que com toda a brevidade se poz em marcha, e achando os Hollandezes desembarcados huma legoa ao Norte de Negumbo em huma aldea, a que chamão Caimel; e como os nossos não tinhão naquella Ilha fórma alguma de marchar, ou pelejar, mais que á desfilada, na mesma conformidade os acommettêrão com aquella confiança, como faziamos aos naturaes; pelo que assim como chegavão os nossos sem fórma, logo erão mortos, ou feridos; por quanto o inimigo estava com tres mil e quinhentos, em seis esquadrões, bem temeroso do arraial. Depois dos nossos nesta conformidade terem provado a mão, em que a maior parte forão mortos, e feridos, como temos dito, largárão a pertenção. O inimigo á nossa vista se poz em marcha pela praia, e chegando a Negumbo, que sem demora, nem fazer ja caso do arraial, atacou a fortaleza, e pondo na porta hum morteiro, foi entrada sem alguma resistencia; por quanto a guarnição que tinha era huma companhia de impedidos velhos, e achacosos, os quaes na entrada fo-

rão todos mortos. Os que escapárão de Caimel, conduzindo alguns feridos, se recolhêrão a Columbo, que tambem estava atemorisada com os novos hospedes.

Os Hollandezes se detiverão alguns dias em fortificar Negumbo, fazendo-lhe por fóra da cerca, que erão quatro paredes singelas, e dous reductos limitados, huma bem forte tranqueira de palmeiras, terra, e fachina, bastante para se defenderem trezentos, que nella deixárão de guarnição, com tres peças de artilharia, bem municionados, e providos de mantimentos, se embarcárão, fazendo-se na volta de Columbo, donde forão navegando pela costa acima. Entendendo o nosso General desembarcarião em Galle, e tendo a gente reformada o melhor que o tempo deu lugar, dos que vierão de Caimel, e capitães que fez em lugar dos que lá morrêrão, por todos se compoz o arraial de duzentos e oitenta, com o proprio Capitão Mór do campo partírão por terra a soccorrer aquella praça, e por mais que na marcha se disvelárão, achárão o inimigo desembarcado, desviado della tiro de peça, onde dos nossos forão logo acommettidos com grande esforço, e resolução; porêm como o numero delles era tanto, os não pudêrão os nossos romper, e o inimigo o fez de qualidade, que poucos escapárão com vida; mas não lhe custou barata a victoria, porque ainda assim perdêrão mais de quatrocentos, acabando-se todas as forças que tinhamos para defensa daquella Ilha. O Capitão Mór do campo no meio daquelle conflicto se metteo entre o inimigo acompanhado de alguns capitães, e soldados, que com valor por muitas vendêrão bem as vidas.

Desta rotta escapárão quarenta e oito, que se recolhêrão á praça, á qual logo puzerão sitio, e no seguinte dia batarias de grossa artilharia aos tres baluartes que tem. O Capitão della era Lourenço Ferreira de Bri-

to, que assistia aos reparos, e ruinas, animando aos moradores, e soldados, que assistião, e trabalhavão com o mesmo zelo nos postos que lhes forão nomeados; porêm o inimigo apertou tanto com as batarias, que em dezoito dias poz os baluartes razos. Em huma madrugada ao romper da alva lhe derão assalto, e supposto que achárão boa resistencia, os mais dos defensores forão mortos, e entrados os baluartes: alguns dos que escapárão, se recolhêrão á Igreja.

Succedeo aqui hum caso digno de não o passarmos em silencio: Lourenço Ferreira de Brito Capitão daquella praça, era casado, e nella tinha sua mulher; ás noites não consentia, que elle fosse assistir nos postos, sem a levar comsigo; elle por lhe dar gosto algumas vezes lho consentia, ainda que tinha molestia pela ver em perigo, e o embaraço, que causão mulheres em execuções militares: entre as noites que foi, que era a maior parte dellas, acertou ser a em que se deu o assalto, mostrando-se nelle com grande animo ao lado do marido, que o fez naquella occasião, como o tinha feito em outras, recebendo na defensa cinco feridas, e hum mosquetaço, que lhe quebrou huma perna, da qual cahio em terra, e logo sobre elle os inimigos para o acabarem; o que visto por aquella matrona, se lançou sobre elle, dizendo aos inimigos: que a ella a poderião matar, mas que o não fizessem a seu querido marido, porque de tantas feridas que tinha, estava nos ultimos paroxismos. Os Hollandezes que ouvirão estas razões, e hum caso jamais visto em tempo que se combatião no maior conflicto, huns por tomarem a praça, outros pela defenderem, se oppoz aos mais hum capitão inimigo, e afastando todos, lhe disse, que se assegurasse, que elle a defenderia, porque mais merecia seu esforço. O caso se divulgou, e de todos foi tão estimado, que o General Hollandez passou ordem se não matasse pes-

soa alguma: assim o fizerão aos que achárão pelas casas, que somente saqueárão, e aos recolhidos na Igreja.

Logo o General mandou ao seu cirurgião, que com todo o cuidado assistisse a Lourenço Ferreira, e assim de todo o necessario proveo a sua casa: dahi a alguns dias assegurando-lhe o cirurgião a vida, e que se podia embarcar, passou ordem, que todos os Portuguezes o fizessem com suas mulheres, e filhos, os quaes se repartírão pelas náos, reservando huma, que tinha bom commodo, mandou chamar o capitão della, e lhe disse, que a camara a mandasse desoccupar para nella hir o capitão da praça, e a sua familia, e que na viagem lhe fizesse o tratamento, como se fosse a sua pessoa. Mandou metter tambem a bordo para a viagem todo o provimento necessario, e os acompanhou até aos bateis, e chegárão a Batavia bem servidos. Havia dias tinha chegado áquella cidade hum pataxo de aviso, em como estavão senhores das duas praças, e tambem noticiárão o caso referido, que de todos foi bem festejado. Tanto que ao General Hollandez avisárão de sua chegada, os mandou visitar, e barcos, em que vierão a terra, onde lhe fez muitas honras, acompanhando-os para humas casas, que lhe tinha preparado de todo o necessario, não lhe faltando cousa alguma em quatorze mezes que alli estiverão: no fim delles forão remettidos a Columbo, aonde communiquei o dito Lourenço Ferreira de Brito, que depois foi Capitão Mór do campo.

## CAPITULO VIII.

*Chegado o Conde de Aveiras João da Silva Tello por Vice-Rei á India expede a D. Filippe Mascarenhas por Capitão Geral de Ceilão, e restaura Negumbo.*

Em dezoito de Setembro de 1640 chegou á India o Conde de Aveiras João da Silva Tello, que foi por Vice-Rei daquelle estado (com elle passei a servir), que hia render Pedro da Silva Molle, o qual achou falecido, e tinha aquelle governo Antonio Telles de Menezes, que depois foi Conde de Villa pouca. Achou Ceilão com as perdas que temos referido, e para pôr remedio ás cousas daquella Ilha, fez concelho de estado; e porque nelle não havia dinheiro algum, sendo o principal que se requeria para a expedição do soccorro; e no inverno antecedente nos tinhão queimado os Hollandezes tres galeões, que estavão em Mormugão, sendo as forças que nelle tinhamos; com o que tudo achou atenuado; e considerando, que aquella perda de Galle, e Negumbo, sendo duas praças de tanta importancia, e consequencias, devíamos com todo o empenho recupera-las, atalhando as ruinas, que se nos podião seguir, e que D. Antonio Mascarenhas seu Capitão Geral era a pessoa, a quem mais doião aquelles infortunios succedidos em seu tempo; sendo hum fidalgo, q' e tinha servido com grande satisfação naquelle estado, e assim convinha mandar-se huma tal pessoa, que fosse muito amigo de D. Antonio, e que não necessitasse de cabedaes, pois delles se achava o estado apurado; porque nem por emprestimo se poderia haver, pelas faltas que a nobreza de Goa experimentava com a assistencia

que os Hollandezes, havia annos, fazião com suas armadas, postas todas os verões naquella barra, e lhe tinhão tomado os navios de negocio: pelo que tudo bem considerado, se resolveo no conselho, fosse por Capitão Geral daquella Ilha seu irmão D. Filippe Mascarenhas, por concorrerem nelle todas as partes que se requerião, sem embargo de que tinha mui pouco servido; porêm conhecião nelle grande talento, e que de tudo daria mui boa conta: em fim a necessidade, e as razões apontadas, e o ser de grossos cabedaes, obrigou ao conselho, que o Vice-Rei lhe encarregasse aquelle posto, e empreza, que aceitou com generoso coração, e não se enganárão, porque de quantos fidalgos conheci naquelle estado em dezenove annos, levárão as suas partes, e virtudes a todos ventagem. Aprestárão-se entre galeotas e fustas, dezeseis com quatrocentos soldados, e bons capitães. Com toda a brevidade partio em os primeiros de Outubro, e com onze dias de viagem chegou a Columbo, aonde seu irmão D. Antonio o veio receber com aquella alegria, que pedia o amor, e respeito que lhe tinha, como a pai: entregando-lhe o governo, logo pegou em hum pique, e servio por soldado na occasião que se offereceo, e ficou continuando algum tempo, até que em huma batalha foi morto pelos Hollandezes, e foi bem sentida esta morte, porque alem de D. Antonio ser grande soldado, era muito entendido.

Estava ja em Columbo Antonio da Mota Galvão, que em soccorro tinha marchado por terra de Jafanapatão, com duzentos e cincoenta soldados de huma armada que áquelle Reino levou D. Braz de Castro, e foi pelo estado provido com o posto de Capitão Mór do campo. O Capitão Geral com esta gente, e alguns mais que forão feridos em Caimel, e os quatrocentos que fomos em sua companhia, se partio a pôr sitio a Negumbo, por estar mais á mão, e ficar desassombra-

do para conseguir o de Galle: tanto que chegou, lhe puzemos batarias, e os apertámos de qualidade, que em doze dias fizerão chamada; na conferencia que houve se não ajustou cousa alguma, pela qual razão aquella noite os apertámos de tal sorte, que no seguinte dia se vierão a render com os partidos que lhe tinhamos offerecido: hum delles foi, dar-se-lhe embarcações para se hirem onde quizessem; com tanto que não tomarião algum porto da Ilha, o que elles mal cumprírão, porque se forão metter em Galle; verdade seja, que as que lhe demos erão tão velhas, e mal providas, que não sei como chegárão áquella praça, não sendo de costa mais que vinte e cinco legoas: porêm caro custou aos que depois vierão a nosso poder. Os rendidos que se achárão, sãos, e feridos, forão duzentos, os mais erão mortos no sitio. Em quanto elle durou esteve nas nossas espaldas hum daquelles traidores, dos quatro da rebellião de Constantino de Sá, por nome D. Balthezar, por ordem do Rei de Candia com vinte mil homens, dando calor á praça, e como foi rendida, o demandámos com seis companhias, e dous mil lascarins: démos nelles em modo, que derrotados deixárão grande numero de cabeças, e não foi pouca a alegria que houve com a deste traidor, que deixou pelas custas. Com este successo logo os das terras circumvisinhas nos vierão obedecer, e ficárão as cousas mais bem assombradas do que estavão.

Quiz D. Filippe logo recuperar a fortaleza de Galle, porêm oppuserão-se-lhe muitos inconvenientes, e o maior era necessitar de huma armada, que sem ella seria o trabalho, e despeza inutil; por quanto a fortificação daquella praça era bastante para resistir a hum grande sitio, e os defensores tendo o mar livre, lhe virião duplicados os soccorros, para o que fez aviso á India; e para que em tanto elles naquellas terras não fizessem canella, nem recolhessem mantimento, mandou Antonio

do Amaral de Menezes com dez companhias de Infantaria, que levárão trezentos e cincoenta soldados, e o Dissava de Maturé com mil e oitocentos lascarins. Com este arraial posto na Córla de Galle, não teve o inimigo lugar de tirar da terra cousa alguma, e fez despovoar a mesma Córla, para que o inimigo em nenhum tempo pudesse tirar cousa alguma daquellas terras. Em huma cilada, que lhe armámos junto da fortaleza, forão mortos cento e vinte e oito, e quarenta e tres prisioneiros: com esta perda ficárão tão advertidos, que jamais podérão cahir nas nossas mãos.

E porque as terras de Sofregão estavão á devoção do Rei de Candia, e necessitavão para se pôrem á nossa de pessoa com experiencia, foi para as conquistar o Capitão Mór do campo Antonio da Mota Galvão, e levou cinco companhias, que tinhão cento e noventa soldados, e o Dissava daquellas terras com quatro mil lascarins; porêm não deixou de ter trabalho, e muitos encontros com o inimigo da terra, e a seu pezar as poz todas á obediencia de Sua Magestade.

Para as quatro, e sete Córlas se offereceo a hir D. Antonio Mascarenhas, e levou nove companhias, que constavão de trezentos soldados; e aos dous Dissavas daquellas provincias os acompanhavão sete mil lascarins. Excessivo trabalho teve este fidalgo em reduzir aquellas terras; porque deixando humas obedecidas, e o inimigo roto, e fugido, o achava nas outras mui opposto á defensa dellas, e demandando-o, quando lhe não estava a conto receber os nossos, se mudava para as que deixavamos obedecidas, fazendo de contínuo estarem todas levantadas. Não deixárão os miseraveis povos de pagar o que só era industria do inimigo, e por esta causa forão muitos mortos com o pretexto de o consentirem em suas provincias. Durou esta demanda, e contínuo trabalho, hum anno, em que no fim delle foi Deos servido,

que nas sete Córlas o achassemos descuidado, e lhe démos de qualidade, que a grande perda que recebeo, o obrigou a retirar-se para Candia, e ficámos senhores de todas aquellas terras, não ousando mais os de Candia a inquietar-nos, e os Hollandezes sem sahirem fóra da fortaleza.

## CAPITULO IX.

*Em que se mostra forão mortos dezesete Portuguezes que estavão prisioneiros em Uva.*

Antes que continuemos a narração, nos he necessario para melhor intelligencia tornarmos atrás, para dizer o successo do tempo em que estamos. Ja tenho mostrado, que na perdição que teve o nosso arraial em Candia, o Principe de Uva foi o que teve a melhor parte naquella victoria, ajudando seu irmão; e como era affeiçoado aos Portuguezes, por ser com elles criado, achando-se vencedor, e o arraial derrotado, deu tambem ordem á sua gente, que os Portuguezes que achassem com vida, lhos trouxessem, e forão dezoito, entre os quaes era hum religioso, e tambem Fernão de Mendoça, que ficou em seu poder reteudo, levando a embaixada ao Rei. Com este fidalgo travou o Principe grande amizade, assim por ser mancebo de muita qualidade, e discrição, e a todos os mais Portuguezes amava como se forão seus irmãos, tratando-os com muita urbanidade, e vendo que havia quatro annos que estavão prisioneiros, em huma occasião fallou a todos desta sorte:

Amigos meus, bem podeis ter entendido o quanto vos estimo, pois o tempo que aqui estais vos póde assegurar bem meu amor; assim mesmo vos he presente virdes a meu poder prisioneiros, e para vos dizer a verdade, depois que vos communiquei, o fiquei eu muito

mais dos vossos bons procedimentos, porque ao pequeno serviço que vos tenho aqui feito, sempre déstes mostras de muito gratos; com o que não só me tendes obrigado a desejar-vos todo o alivio, mas tambem a ser a todos muito affecto; e os que chegão a estes termos, he necessario que com obras acreditem as palavras, e para que todos conheçais esta verdade, tenho determinado constituir-vos em vossa liberdade, para o que vos podeis aparelhar, e a partida será á hora que dispuzerdes; quando tal ouvirão, não souberão de que modo lhe agradecessem tão grande mercê; lançando-se todos a seus pés, e elle com as lagrimas nos olhos abraçando-os, os levantou, e cada qual ja não desejava a liberdade, nem o amor da patria os obrigava, porque só sentião apartar-se de tão honrado Principe, e assim lho representárão. Estando alguns dias sem se resolverem, lhes disse: por que não dispunhão sua jornada? elles lhe respondérão: que não podião apartar-se de Sua Alteza, que com tudo estavão em lhe dar gosto ao que delles dispuzesse; o que visto pelo Principe, chamou hum Modeliar capitão da sua guarda, e em segredo lhe ordenou, que ao outro dia estivesse aparelhado com alguma gente para acompanhar aos Portuguezes, e po-los nas nossas terras. Pelas cinco da manhã estavão todos com o Principe, e abraçando-os com muitas palavras de amor os expedio. Sahindo-se os nossos bem saudosos, e maravilhados dos primores daquelle Principe, seguirão sua jornada.

O Rei de Candia tinha guardas nos limites de suas fronteiras, com as quaes vierão os nossos a topar; estes os retiverão, e fizerão aviso ao Rei para saberem o que ordenava, o qual inteirado de que o Principe lhe dava liberdade, dissimulou, e mandou que lhos levassem a Uva, e lhe dissessem da sua parte: que aquelles Portuguezes estavão, sendo prisioneiros, tão senhores de si, que se atrevião a fugir; que as suas guardas os achárão

nas fronteiras, que alli os enviava, e lhe pedia os mandasse ter a melhor recado. O Principe lhe mandou dizer: que a guarda daquelles Portuguezes corria por sua conta, por serem seus prisioneiros, e que em quanto a elles hirem fugidos, não se devia estranhar, pois se vião em terra alheia, faltos do necessario, e que todos desejavão a liberdade, por ser o que na vida mais se estima. Com esta resposta, e estar o Rei inteirado, que elle os mandava, dando-lhe para guarda, e guia o seu Modeliar; mas como era sagaz, e astuto, fez que nada entendia.

O Principe consolou a todos, e lhe prometteo, que elle faria, apesar de seu irmão, com que se vissem brevemente entre os nossos; e porque a amizade que tinha com Fernão de Mendoça, era muito entrada, e sentia que este fidalgo perdesse muito em não estar entre nós; com esta consideração o chamou, dizendo-lhe: que bem sabia ser hum fidalgo dos principaes de Portugal, e que os taes passavão á India a servirem o seu Rei, por augmentos de suas casas; que elle perdia muito em suas melhoras; e tambem lhe era presente o que tinha succedido; que para mandar a todos os Portuguezes não lhe parecia acerto; que elle buscaria o mais breve, que pudesse, occasião para que todos se fossem, e queria que elle logo se partisse: e supposto que a jornada não era tão breve, porêm mais segura, e o não fazia aos demais, por não desgostar de todo a seu irmão, que elle era hum só, e poderia ser não tivesse noticia de sua hida; e chamando quatro lascarins, que sabião bem os caminhos para o guiarem, o expedio, e em sua companhia o religioso. Em oito dias de jornada pelas Grevaias, chegárão sem perigo a Maturé, onde achárão a nossa gente. Ao Rei de Candia nada era occulto, porque tinha em Uva quem de tudo o avisava; dissimulando mandou fallar com o Modeliar Capitão da guarda do Principe,

por saber que delle fiava seus negocios, e lhe mandou dizer: sabia muito bem, que querendo o Principe mandar aos Portuguezes, o não havia de fazer, senão por sua via, que receberia grande gosto de matar a todos naquella occasião, pois assim seu irmão se lhe oppunha a favorecer com tanto empenho a seus inimigos, e que feito este negocio se fosse para Candia, onde lhe faria muitas honras, e para melhor, que elle mandava retirar as guardas daquella parte das fronteiras. O Modeliar se empenhou com o Rei para fazer o que lhe pedia. Entre aquelles Chingalás havia inveja, de que o Principe favorecesse, e fizesse tanto cabedal dos Portuguezes, sendo nação a elles tão opposta, de que havia entre huns e outros motivo a murmurações. O Modeliar foi encommendando á memoria os que achava desta opinião para com elles a seu tempo dar cumprimento ao que tinha promettido. O disvelo do Principe era buscar modos e occasião, assim por satisfazer a sua palavra, como por não ficar frustrado o que tinha começado na liberdade dos Portuguezes, e vindo-lhe á noticia, que não havia guardas em algnns caminhos, principalmente nos que vem para as duas Córlas, se mandou informar desta verdade pelo Modeliar, (e elle melhor o sabia do que aquelles a quem mandou fazer a diligencia), e unidos os levou diante de seu senhor, para que dos mesmos soubesse estavão os caminhos desempedidos; e mostrando-se muito alegre, lhe disse: Vossa Alteza tem o que deseja para conseguir o bem que quer fazer a estes pobres Portuguezes, sem que o Rei o possa impedir. O Principe, como era de bom coração, e o tinha por bom criado, lhe respondeo: ja que o tempo se nos offerece, não he bem que o deixemos passar; de madrugada estai aparelhado com cem homens da guarda, os que vos parecerem que podem dar conta do que vão fazer, porque quando encontrem gente de meu irmão, sejão estes

Portuguezes defendidos, não sómente de receberem agravo, mas tambem livres de hirem a seu poder; porquê não me fará graça de mos tornar a remetter, pois ficaráõ para sempre sem liberdade (cousa que eu muito sentirei), porque em fim tanto tempo os communiquei, e ja estou empenhado, como vós sabeis, que isto se consiga: as jornadas são poucas, e como está o arraial em Sofregão, tanto que os puzeres em suas terras, estaráõ seguros. O Modeliar lhe prometteo fazer tudo, como lhe mandava, e lhe disse: se assegurasse, que ainda que perdesse a vida, não haviáõ os Portuguezes de hir a poder de seu irmão. Com este acordo lhe fez aviso, para de madrugada se pôrem a caminho, repartindo alguma cousa aos que sabia erão pobres, e de todos se despedio. Elles muito contentes ás horas apontadas se puzerão a caminho. O Modeliar assim como teve a ordem, logo mandou avisar a gente que havia de levar em sua companhia, fazendo eleição principalmente de tres Araches seus confidentes, e mal affectos ao Principe, por favorecer tanto aos Portuguezes.

Depois de tres dias de jornada junto das nossas terras, o Modeliar chamou de parte os Araches, a quem contou o trato que tinha concertado com o Rei, e delle tinha ordem, que aos companheiros, que neste feito se achassem, com mercês lho saberia agradecer, e que lhe tinha dado sua palavra, e estava empenhado em o servir; alem de que o Principe, sem reparar em nada, favoreciá com tal empenho a seus inimigos, até os querer pôr em liberdade, acrescentando forças ao arraial. Não houve mister muito encarecimento, e assim os tres com esta proposta ficárão muito contentes approvando a resolução por acertada. Cada qual tomou á sua conta fallar á sua gente, em que todos vierão com a mesma vontade. Pela manhã se puzerão em marcha, todos mui alegres, communicando-se com os nossos. Entrárão nas

nossas terras, em que os Portuguezes tomárão novos alentos, considerando-se em sua antiga liberdade. Tendo marchado tres legoas, em Dinavaca fizerão alto, dizendo o Modeliar, que ja estavão seguros dos do Rei; que se querião despedir delles: e pondo-se todos com mostras de alegria em duas alas, com as pontas das lanças no chão, o que fizerão por modo de cortezia, forão passando os nossos pelo meio: huns e outros com grande contentamento se despedião: como estiverão os dezesete em meio das alas, derão sinal, alanceando-os a todos em hum instante: o que feito, com brevidade se acolhêrão para Candia; e sabido do Rei este feito, ficou contentissimo, e assim o mostrou com os executores desta maldade.

## CAPITULO X.

*Da guerra que se moveo entre o Rei e o Principe, e como este veio para nos pedir soccorro.*

O Principe informado do caso, esteve tres dias recolhido, no fim dos quaes expedio ao Rei hum mensageiro, pedindo lhe enviasse a bom recado o Modeliar, e Araches para lhe dar o castigo, que seu atrevimento, e traição merecia. Respondeo o Rei: que não sabia que aquelles homens fossem traidores, mas antes os tinha por muito leaes, por emendarem os desserviços, que delle Principe recebia hum e outro Reino, pois tão precipitadamente favorecia, e acrescentava as forças ao inimigo commum. Que bem sabia com quanta razão lhe concedêra Deos a victoria, onde aquelles inimigos forão vencidos; que por tanto não somente aquelles homens não tinhão dado causa para serem castigados, senão que erão merecedores de mercês, que elle Rei lhe havia de fazer. Com esta resposta ficou o Principe bem

enfadado, e tornou a mandar dizer ao irmão: tinha entendido ser Sua Alteza o tudo nas mortes de huns pobres prisioneiros, a quem antes se devia favorecer, do que falsamente matar; e que se lhe dera liberdade, não foi por querer acrescentar forças ao inimigo, pois elles por amor de dezesete não deixarião de continuar a guerra; que se aquelles fossem desagradecidos, Deos, que naquelle tempo os puzera em seu poder, faria o mesmo em outras occasiões: demais que aquelles Portuguezes forão seus prisioneiros tanto tempo, por cuja causa não pôde deixar de os communicar; e que o achar nelles tantas partes de estimação, foi o motivo, e interesse de os pôr em liberdade: e por tanto ou Sua Alteza lhe havia entregar os homicidas, que lhe forão traidores, ou elle os haveria contra sua vontade. Com esta réplica se enfadou o Rei notavelmente, e sem dar outra resposta, virando as costas, disse: eu castigarei tantos desatinos. Informado o Principe tratou de ajuntar gente, e o Rei logo mandou aos Dissávas conduzissem com brevidade toda a que fosse possivel. Fizerão vinte mil, que mandou entrar em Uva com ordem, que houvessem o Principe ás mãos, e o levassem a bom recado: tanto que forão entrados em Uva o Principe os demandou, e achando-os aquartelados em huns valles entre serras, lhes tomou as entradas, e os teve sete dias sem poderem dalli mover, estando como sitiados, onde se davão por perdidos, e o Principe conhecia os tinha mais seguros, do que em huma cadea; porêm como era mui compassivo, disse aos seus: temos nossos inimigos para os castigar como nos parecer; mas vejo, que todos os que alli estão, não tem culpa nos excessos de ElRei, pois fazem o que lhe mandão, e aonde não ha culpa, injusta será a pena: demais, que matando nós a estes, a quem havemos buscar, que defenda nossa patria, fazendo-a deserta? bem conhecem elles o aperto em

que estão; porque em nossas mãos tem suas vidas; mas eu me resolvo em conceder-lhas, por não me parecer com ElRei em as tirar aos innocentes; por tanto demos-lhe lugar a que se retirem; e assim lhe mandou o fizessem, e se recolhessem a Candia, sob pena de não usar mais com elles de piedade: mandando á sua gente, que estava nos postos, se retirasse; com o que os do Rei se sahirão daquelle perigo, sem receberem perda alguma.

O Rei foi logo avisado do aperto, em que se achava a sua gente; com toda a brevidade mandou ajuntar o restante para em pessoa os soccorrer, e como soube terem-se retirado, e irem em marcha para Candia, se irritou contra os cabos, afeando-lhe por huma ola, que lhe escreveo, serem tão obedientes a seu inimigo, quando elle em pessoa os havia soccorrer, como ja estava em marcha; e na parte, em que aquella os achasse, fizessem alto, que elle em breve tempo seria com elles. Recebida a ola no posto em que tinhão alojado para passarem a noite, que era tres legoas fora da jurisdição de Uva, se deixárão estar oito dias, no fim delles se chegou o Rei, que levava outros vinte mil; e pondo-se com todos em marcha, fez entrada em Uva por duas partes; elle se foi direito á cidade, aquartelando-se nos paços, em que o Principe estava, sem pensamento de tão repentina entrada, e apressadamente se foi retirando com poucos que o acompanhavão; por quanto todos os seus ficárão timidos, e confusos; não tendo outro remedio, se poz nas fronteiras das duas Córlas junto ás nossas terras; e vendo não podia fazer opposição a seu irmão, escreveo ao Capitão Mór do campo Antonio da Mota Galvão, que com o arraial estava em Sofregão pedindo-lhe seguro, para lhe poder vir fallar em materias que convinhão ao serviço de ElRei nosso senhor. Respondeo-lhe o Capitão Mór: que Sua Alteza podia vir seguramente, onde acharia tão prompta a von-

tade para o servir, como a execução. Com esta resposta se poz o Principe a caminho com seis dos seus grandes, que o acompanhavão: hindo em marcha, mandou recado ao Capitão Mór, que se hia para elle, e informado do mensageiro, por que parte vinha o Principe, mandou o Dissáva com duas companhias, e alguma gente de guerra ao panaique espera-lo: em aquelle mesmo dia chegou tambem o Principe, que foi dos nossos recebido com tres cargas de boccas de fogo; com que notavelmente se alegrou, corespondendo a todos com grande cortezia, carinhoso do maior até o minimo soldado.

Ao outro dia se poz em marcha, e se não pôde acabar com elle, meter-se mais no andor, marchando a pé, e conversando com o Dissava, e capitães; e adrede se mettia entre os soldados, com quem tambem folgava praticar, perguntando a cada hum por sua patria; a cada qual gabava o bom que nella havia, como os melões da Chamusca, os peros de Alcobaça, as azeitonas de Elvas, etc. Com que os soldados ficavão admirados de o ouvir, e com todos se mostrava tão urbano, como se todos fossem seus irmãos. Estas intelligencias do Principe nascião-lhe de se criar, e conversar sempre com os Portuguezes, e tinha em seu aposento hum mappa deste Reino, em que se vião muito por extenso as cidades, villas, e lugares, rios, e mais particularidades, e hum livro manuscrito, que miudamente declarava tudo. Em tres dias de jornada chegou a Cadangão, onde o Capitão Mór Antonio da Mota, e o Principe, depois das primeiras vistas, tratárão sobre a materia de sua vinda, em que lhe propoz: que a guerra, que seu irmão lhe fazia, era por respeito dos Portuguezes, e fiado achar nelles a mesma correspondencia, e amor, se viera para nós, por ser a todos presente, que aquelle movimento do Rei, fôra por elle insistir em dar liberdade áquelles á quem os traidores matárão em Dinavaca, e

sobre procurar estes homicidas para os castigar, como merecião; e tambem ser notorio que o Rei fôra author destas mortes; que aquella causa mais tocava aos Portuguezes, do que a elle: e por tanto que não queria mais para o desempenho que lhe dessemos cento e vinte soldados em tres companhias, e os que o acompanhassem, em nenhum tempo se arrependerião, por lhe não faltarem cabedaes para lhe assistir, e todos ficarem satisfeitos, e tinhão nelle todos hum irmão; que não só havia fazer guerra ao Rei, mas tambem nos ajudaria com todas as suas forças a lançar fóra da Ilha os Hollandezes, e fazendo-lhe elle Capitão Mór esta mercê, se teria pelo mais ditoso do mundo; porque estava resoluto não só a castigar aquelles rebeldes, mas tambem a quem deu motivo a tão grande maldade, que o obrigou a largar seu estado.

O Capitão Mór adrede veio para aquelle sitio espera-lo, por ser de Sofregão para Columbo perto de quatro legoas, onde o Principe não podia ja fazer senão o que lhe ordenassemos. A esta proposição de pedir o soccorro, lhe respondeo o Capitão Mór: que a todos era presente ser verdade tudo o que Sua Alteza dizia, e os Portuguezes que lhe estavão mui obrigados; mas para lhe dar aquella gente, que pedia, tinha muitas difficuldades; porque não somente era necessario ver-se com o Rei da Malvana, senão tambem fazer-se aviso a Goa, para que no Conselho de estado se determinasse o que fosse mais acertado. O Principe, como foi ouvindo impossiveis, esperando não só lhe dariamos o que pedia, mas tambem lhe assistiriamos gratos com todo o empenho; e assim logo no semblante mostrou o sentimento, que lhe occupava o coração, o que entendido por hum seu grande, dos que com elle vierão, homem de maior idade, se adiantou dizendo: esta guerra, que o Rei de Candia faz ao Principe meu Senhor, he por amor dos Portugue-

zes; a elles toca o desempenho, de que se mostrão tão alheios: ásseguro eu, que com ser o que he tão notorio, se fossemos valer-nos dos Hollandezes, e pedir-lhe esta ajuda, nos havião assistir com todas as suas forças. O Capitão Mór ouvindo estas razões, o deshonrou de traidor, e o mandou prender, e logo cortar-lhe a cabeça, cousa que o Principe notavelmente sentio; e em dous dias, que alli esteve, não se tornou a ver com o Capitão Mór, nem teve mais hora de alegria, e se deu totalmente por perdido, mas com os soldados, que lhe entravão de guarda, sempre estava conversando, por ser affavel o natural.

Passados dous dias deste successo, mandou-lhe dizer o Capitão Mór: que era necessario Sua Alteza avistar-se com o Rei da Malvana, para com elle tratar o seu negocio. Respondeu: que quando para nós viera, fôra disposto a fazer tudo o que lhe ordenassem, quanto mais, que folgava infinito, por esperar em Deos acharia no Rei da Malvana muito bom acolhimento: logo se poz em marcha com duas companhias de infantaria, e alguma da nossa gente de guerra; e tanto que chegou a Malvana, aonde o Capitão Geral D. Filippe Mascarenhas o estava esperando; entre ambos houve muitas cortezias, e comprimentos em huma casa, em que estava hum docel com duas cadeiras, tudo de veludo carmesim, e franjas de ouro. O Capitão Geral não consentio que o Principe se sentasse senão no lado direito, que elle houve de aceitar obrigado da cortezia; assim estiverão tratando em varias cousas, sem o Principe dizer em mais de huma hora ao que vinha; o que visto pelo Capitão Geral, lhe disse: que bem inteirado estava do muito amor, com que sempre tratára a nossa nação, e as differenças, que tinha com ElRei seu irmão, forão pela mesma causa; por tanto, que Sua Alteza entendesse, que todos os Portuguezes havião pôr as vidas pelo servirem.

Respondeo, que quando não tirasse mais fructo de sua vinda, que tão grandes honras, como de Sua Alteza recebia, a tinha por bem empregada; que o sentimento, que o acompanhava, era, por huma tão leve causa, matarem-lhe hum homem, a quem tratava com os respeitos de pai. O General com mostras de sentimento o consolou; porêm que devia Sua Alteza reparar, que com muita razão as cousas dos Hollandezes nos erão odiosas; quanto mais que aquelle seu vassallo sem consideração se antecipára, faltando ao respeito, e decoro, que a Sua Alteza se devia, pois em sua presença se desmandára, e por esta razão o castigára o Capitão Mór, e não por outro fim. A isto respondeo o Principe: Senhor, aquelle velho criou-me, e como o amor, que me tinha, era como a filho, e ver que com tão justa demanda tinha vindo, e se me dava differente expediente, do que eu esperava, por estas razões se atreveo a fallar daquella sorte, não porque elle deixasse de approvar esta minha vinda, e não culpo ao Capitão Mór, mais que da breve execução; que supposto que nella tivesse razão, não devia ser o castigo com tanto rigor. Creio eu, disse o Capitão General, que se o Capitão Môr soubera, que esse homem era tão estimado, e tinha as razões que Vossa Alteza diz, nem ainda faria que o entendia; quanto mais, que o Capitão Mór no que disse a V. Alteza, não merecia que elle se desmandasse, pois he certo que sempre deviamos ver o melhor modo, com que V. Alteza havia ser servido, porque as cousas sempre se devem fazer com bom fundamento; e assim o espero em Deos, que tudo se faça, como convem; por tanto V. Alteza descance, que em parte está onde a experiencia lhe mostrará quanto todos o amamos, e desejamos servir.

Foi o Principe para humas casas, que lhe estavão aparelhadas, como convinha, acompanhado de alguns cabos, e dos principaes moradores da cidade, que ti-

nhão vindo para fazerem côrte ao General, o qual pela manhã o veio visitar, e depois de varias praticas, lhe disse: seria bem servir-se Sua Alteza de hir com elle para Columbo, onde com mais commodidade descançaria da penosa jornada que trouxe, e que na cidade tratarião de suas cousas. O Principe, por estar della tão perto, folgou de ter occasião de a vêr; e assim lhe respondeo: a minha vontade, Senhor, não se regula mais que pela de V. Alteza, e vejo que tudo se encaminha a fazer-me mercês, para que tenha em todo o tempo na lembrança a grandeza dos senhores Portuguezes, que pelo que tenho ouvido, infiro não he limitada: rendo a V. Alteza as graças por todas as que me faz.

Depois de jantar lhe mandou hum palanquim bem ornado, e nelle em nenhum caso se quiz metter, dizendo: que aonde tantos senhores marchavão a pé, não faria elle outra cousa mais que acompanha-los da mesma sorte; e por mais que o General o quiz obrigar, o não pode acabar com elle, e assim ambos vierão a pé aquellas tres legoas. Sobre a tarde chegárão ao campo de S. João, que he junto á cidade, onde todas as companhias o estavão esperando, e o General se deixou ficar atraz boa distancia, por dar lugar a que aquella entrada fosse do Principe, e pedio a todos os que o seguião, o acompanhassem. As companhias estavão postas em boa ordem, formadas de hum e outro lado, fazendo-lhe todos as continencias com tres cargas de mosquetaria, e elle, por onde passava, a todos correspondia cortez: assim marchou por entre os nossos até chegar ás portas, aonde repetidamente o salvárão com tres cargas de artilharia, de que ficou admirado, por não se ter achado em outra semelhante. Ao entrar o recebeo a Camara, que o esperava formada com o Capitão da cidade, o Bandigarralla, e alguns dos principaes moradores, e o commum do povo com muitos vivas. Não se pode

encarecer a alegria, que recebeo naquella entrada este Principe; e depois dizia: que tinha por mui ditosos os trabalhos, e perseguições de seu irmão, por estes serem motivo de vêr o amor, que sempre tivera aos Portuguezes, tambem satisfeito, que Deos lhe havia dar lugar para se desempenhar com todos.

Foi aposentado em humas das melhores casas, que havia na cidade (sendo as mais dellas nobres), aonde se lhe metteo de guarda huma companhia, que outra rendia ás horas costumadas, e todos os soldados, que nellas entravão, o fazião com grande luzimento. O Capitão Geral da sua fazenda o mandou prover de todo o necessario com muita largueza; não se punha á meza sem o capitão da guarda lhe fazer companhia: algumas vezes sahia fóra a visitar o General, e o fazia aos cinco conventos que havia de religiosos; no mais era grave, modesto, galante, boa presença, mostrava ter de idade trinta e quatro annos, o corpo tirado, e mui direito, o cabello comprido anelado nas pontas, a barba á Portugueza, o bigode não mui grosso, a côr de marmello, e sobre tudo muito alegre, e carinhoso com os Portuguezes; porêm quando fallava com os naturaes mostrava real presença, severo, e mui composto.

## CAPITULO XI.

*Como se tratou do soccorro, que pedia o Principe; e se resolveo manda-lo para a India.*

Depois de estar o Principe na cidade dez dias, fez o Capitão Geral D. Filippe Mascarenhas algumas conferencias sobre se se lhe havia dar o soccorro, que pedia, e examinando-se este ponto em hum concelho de todos os homens praticos, e antigos na Ilha, bem intelligentes na terra, forão de parecer, que se lhe havia, e

devia com toda a brevidade dar, não só cento e vinte Portuguezes; mas tambem todos quantos pudessemos, e fundavão a razão; que occupavamos, em tempo que não tinhamos na Ilha os Hollandezes, quinhentos em dous arraiaes, por termos as terras postas á nossa devoção, para não estarem á do Rei de Candia, e nem assim se livravão de seus assaltos, e entradas, que a miudo nellas os seus fazião, de que nos resultava grande prejuizo; e que dando parte desta gente ao Principe, lhe fariamos a guerra de portas a dentro, e ficavão as nossas terras sem oppressão, e que as mais companhias, e gente de guerra a podiamos occupar com os Hollandezes; com o que a estes e áquelle Rei seria facil extinguir da Ilha; porque alem do Principe ser valeroso, a guerra que tinha com seu irmão não fôra por outra causa mais que por favorecer-nos com todo o empenho; e por sua affabilidade era por extremo amado dos naturaes, e a gente de Uva a mais animosa da Ilha; que esta com o favor dos Portuguezes, e o calor delles de necessidade havião destruir ao Rei, ou lança-lo fóra da Ilha; e quando as cousas não succedessem nesta fórma, tinha elle bem que se defender do Principe; com que não somente ficaria impossibilitado para nos fazer guerra, mas tambem de poder ajudar os Hollandezes: assim mesmo tinhamos aquelle Principe da nossa parte para nos ajudar, quando necessitassemos de seu poder, e juntamente, que os Portuguezes que fossem em sua companhia, não era necessario fazer-se com elles despesas, por quanto aquelle Principe tinha bastante thesouro para lhe assistir; que mais se podia dizer, e affirmar, que este soccorro, que lhe dessemos, mais redundava em serviço de Sua Magestade, e bem, e utilidade daquella Ilha, do que favor que fizessemos áquelle Principe?

Daquella junta disserão dous do concelho; que o

Principe era irmão do Rei, e seria facil concordarem-se, que sempre o Rei faria os partidos com taes conveniencias, que os Portuguezes não deixarião de ficar em peior estado, por ser notorio que tinha feito aquella liga com os Hollandezes, só a fim de expulsar-nos da Ilha, e que por estas razões não convinha dar-se-lhe o soccorro. Todos os mais do conselho se oppozerão a estes, dizendo: que supposto que tudo succedesse, como elles dizião: não ha muitos mezes que o Rei, e o Principe estavão com essa união, que se allega; mas por ventura deixavamos nós por isso de nos defender? ou tambem acaso da nossa parte procurámos a discordia que ha entre ambos? e quando elle se una com seu irmão, que maior mal nos pode vir, que nós não tivessemos? antes se Deos nos mostra esta occasião, será acertado que não a despresemos, alem de outras razões, que se ajuntão muii forçosas, e nos obrigão a todos pôr as vidas por hum homem, que na sua patria, sem lho merecermos, por nossa causa se oppoz contra o seu proprio sangue, e será de todo este Oriente muito estranhado não sermos agradecidos, pois todos na vida são obrigados a bem obrar, e não com tão máo termo querermos castigar hum contingente, que corre só por conta de Deos; e quando o Principe não seja grato, nós obramos como christãos, e como Portuguezes, e elle o fará como negro, e gentio, em que pouco importa termos mais hum contra nós, e se fizermos o contrario, a nós mesmos buscaremos nossa ruina; porque quando o Rei somente com a gente de Candia nos faz tão grande guerra, que fará sendo senhor do Reino de Uva? em boa verdade, que se não damos este soccorro ao Principe, não pode aquelle Rei buscar amigos mais confidentes, que aos Portuguezes; porque sem contradição o fazemos senhor de toda a Ilha. Isto he o que nos parece: daqui o senhor Ca-

pitão Geral pode vêr, e dispôr o que for mais acertado ao serviço de S. Magestade.

A todos pareceo bem o que se allegou, porque todos os mais da junta se conformárão; tanto que até os dous oppostos com os pareceres contrarios cedêrão de sua opinião, vendo tão efficazes, e bem fundadas razões. Nesta junta assistio o feitor, e alcaide mór de Columbo, e nella não deu parecer algum, escusando-se, que não tinha experiencia da Ilha, e depois de vêr as cousas em termos de se lhe dar o soccorro, pedio licença para poder fallar: todos lhe disserão, que folgarião de o ouvir, por conhecerem nelle talento, e fazendo a venia ao General, disse desta sorte: Até agora estive reparando em que parava o fim desta conclusão, onde vejo o acerto das efficazes razões, com que por todas as consequencias se deve dar o soccorro a este Principe, porque o estado das cousas de rigor assim o pede; porém não posso, como sou obrigado, deixar de declarar huma ordem, que acho registada nos livros da feitoria, em a qual expressamente mandão os Serenissimos Reis de Portugal a todas as cidades, praças, ou partes, em que tenhamos dominio neste estado, que vindo a nosso poder por qualquer via, ou acontecimento, Rei, ou Principe gentio, ou mouro, o não deixaráõ tornar ás suas terras, por não continuar seus ritos, e ceremonias, e mui particularmente aos desta Ilha; e que aos taes se lhe fará todo o bom tratamento, exhortando-os por bons termos a que voluntariamente recebão a agua do Santo Baptismo; e porque de dissimular o que digo me podem castigar, o declaro, para que o senhor Capitão Geral assente com Vossas mercês o que for mais acertado. Com esta proposta ficárão todos suspensos, e por aquelle dia não se tratou mais deste negocio, e mandou o Capitão Geral, que mais de vagar todos vissem bem aquella materia para se determinar.

Forão todos chamados dahi a dous dias, em que

se tratou a mesma materia, e uniformes forão do parecer que tinhão ajustado, por convir assim ao mesmo serviço de Sua Magestade, e dizião; que a tenção dos Serenissimos Reis de Portugal em ter passado aquella ordem, era para bom fim, e de presente não o podia haver melhor que o estado em que se achava aquella Ilha, e que quando se mandou, não tinhamos hum inimigo tão poderoso contra nós, como erão os Hollandezes; e supposto que andavamos sempre em guerra com os Reis do Oriente, bastavão as nossas forças para resistir ainda destes o maior poder; porêm que nos termos em que estavamos, e a necessidade, se não devia attender a esta ordem; que sobre tudo o senhor Capitão Geral faria o que mais conviesse ao Real Serviço. Respondeo o General: não era justo, Senhores, que huma cousa de tanto peso a tomasse sobre o meu parecer, pois a hum homem lhe he mui difficil acertar em tudo, porque a má ou boa sorte está na mão de Deos; e quem se guia só por seu parecer, vem a descobrir fallencias; quanto mais, que não me ficava a conto deixar em opiniões do vulgo, que julga temerario, conforme a cada hum parece; e por me accommodar com o juizo de todos os que estamos presentes, os tomei por companheiros, e o que nesta materia se tem tratado, folguei de ouvir as muitas, e grandes razões, por que se deve com todo o disvelo acodir a hum homem, que por nosso respeito se vê fóra da sua patria, e estado, valendo-se dos mesmos, por quem padece; e mais sendo para as nossas cousas de tantas consequencias, acodir-se-lhe com o soccorro, e de se lhe não dar, ficão atenuadas; porêm quizera eu saber, que desculpa poderemos ter para não cahirmos na indignação de ElRei N. Senhor, em lhe quebrantarmos suas ordens? Eu mandei trazer o livro, onde está registada, e reparei miudamente em suas circunstancias; achei que não podemos fazer outra cousa, mais que o

que nos ordena; pelo que convem que o remettamos à Goa, onde por miudo diremos ao Vice-Rei o que temos entendido sobre esta materia; e se elle poder, que o remetta com gente bastante; quando não dará conta a S. Magestade, que sendo-lhe presente, creio o mandará enviar com forças a mette-lo de posse em seu estado. Todos com bem sentimento não replicárão, vendo mostrava o Capitão Geral não poder obrar outra cousa; porque só a elle se lhe havia pedir conta.

O Principe como soube o que se resolveo, em nada se mostrou sentido; somente disse, sentia muito que os Portuguezes augmentassem as forças a seus inimigos, e o não poder-lhe pagar as mercês, que de todos tinha recebido. O Capitão Geral de sua fazenda lhe mandou fazer copiosa matalotagem, e se mandou informar do que necessitava para sua pessoa, e de tudo lhe mandou fazer larga provisão em huma galeota, a melhor de oito, que expedia para Goa, acompanhando-o até o embarcar, onde se despedio com mostras de agradecido, e de todos, os que estavão presentes: sem mostras de sentimento se embarcou com a alegria, que se lhe podia vêr, se lhe dessem o que pedia. Partio de Columbo meado Dezembro de 641, e em breves dias de viagem chegou a Goa, aonde do Conde de Aveiras João da Silva Tello foi bem recebido, e lhe consignárão bastante renda para seu sustento, e de dous grandes, e dos criados que o acompanhavão: aos mais tinha pedido ao General, antes que partisse, os mandasse remetter a Uva, o que elle logo fez com grande cuidado: e por darmos fim ao que tratamos do Principe: esteve em Goa tratando-se com respeito, communicando o mais do tempo com religiosos, até Março de 645, em que D. Filippe Mascarenhas chegou de Ceilão por Vice-Rei daquelle estado, que com elle fez grandes diligencias por sua conversão, e pondo-a este Principe em effei-

to, deu conta ao Serenissimo Rei D. João o IV., pedindo-lhe se servisse de ser seu padrinho. S. Magestade com notavel alegria por carta, que lhe escreveo, lhe louvou muito a eleição, e mandou poderes a D. Filippe Mascarenhas, para que em seu nome fosse padrinho. Tanto que lhe chegou a carta de S. Magestade, quiz logo se fizesse a solemnidade daquelle acto, e em o dia que se determinou, se juntárão todos os prelados, e senhores do tribunal do Santo officio, fidalgos, e mais nobreza com o Vice-Rei. Primeiro que tudo naquelle publico fez o Principe huma pratica bem ordenada, e elegante, dizendo: que por entender que nenhum racional se podia salvar sem ser lavado com a agua do santo baptismo, para ter parte no sangue que Jesus Christo derramou pelo genero humano; e porque todos entendessem, que nenhuma cousa o movêra mais que a misericordia do Altissimo, a quem rendia humildes graças, por usar com elle de suas misericordias, alumiando-o com a sua divina graça, e tirando-o da cegueira, em que vivia: que para sempre detestava de todos os pactos, que tinha tido com o demonio, querendo só ser filho de Jesus Christo, por meio deste tão salutifero lavatorio, o queria com grande fervor, e humildade receber; e pedio logo, que de tudo se fizesse hum termo, que assinou; e logo recebeo o santo baptismo, e com elle todos os que lhe assistião. Este dia foi o mais alegre, e de mais solemnidade, que tinha visto aquelle estado, em o qual viveo até o anno de cincoenta e quatro, em que passou desta vida com mostras de mui catholico.

O Rei de Candia como soube que mandámos seu irmão para a India, ficou com notavel contentamento, porque estava com grandes receios, de que lhe dessemos o soccorro, com o qual se dava por perdido; e tanto que sahio de Uva, ordenou aos officiaes do Principe, que cobravão as rendas; que vindo elle, lhas entregassem,

e mandando-as pedir, dizendo: que não dessem cousa alguma sem sua ordem; porque de tudo lhe havião dar conta. Como soube que era embarcado, usou daquelle Reino como seu, e comnosco se foi tendo, sem nos fazer guerra com empenho, por não nos obrigar a trazer aquelle Principe a Ceilão, porêm como soubè ser morto, logo nos fez todo o mal que pôde.

## CAPITULO XII.

### *Como o Hollandez veio com treze náos para sitiar Columbo, e não teve effeito.*

Em Janeiro de 642 vierão sobre Columbo treze náos do inimigo Hollandez, e nellas tres mil e quinhentos soldados; pela qual razão nos foi forçoso com toda a brevidade descerem os tres arraiaes, e deixar as terras para impedir o intento a este inimigo; e como elle tivesse noticia, que tinhamos melhora de oitocentos soldados, e os moradores, que não erão inferiores, temêrão desembarcar em alguma parte; porêm não deixárão de nos inquietar trinta e cinco dias com contínuas marchas, que fizemos por aquellas praias, por se fazerem em huma e outra volta; depois dos quaes, vendo que não lhes era possivel conseguirem o que pertendião, se fizerão na de Galle; e sabendo o Capitão Geral não estavão na Ilha, e o arraial, que tivemos o anno antecedente na Córla de Galle, não tinha forças bastantes, como convinha, para resistir ao poder, que o inimigo deitasse naquella praça; por onde não tratou de sugeitar as terras de Sofregão, e repartio aquellas cinco companhias, que nellas estiverão, pelos dous arraiaes; acrescentando ao de seu irmão D. Antonio huma, por quanto dez bastavão para a opposição do Rei de Candia, e defensa das quatro, e sete Corlas: as outras quatro as incorporou ao arraial

de Maturé, e ficou este com quatorze da melhor gente que havia na Ilha; com elle foi o Capitão Mór do campo Antonio da Mota Galvão, e por esta causa o Dissava de Sofregão com a gente de guerra daquella provincia se aquartelou em Ceitavaca, posto bem conveniente, e forte, por huma fortaleza que tem de cantaria, obra do Madune, pai do Raiú, e daqui lhe obedecião as terras até Cadangão. D. Antonio Mascarenhas foi com o seu arraial para Manicavaré, aonde assistio rebatendo as entradas, que o Rei mandava fazer pelos seus Dissavas nas quatro, e sete Córlas; e fazia esta guerra lenta, por dar satisfação aos Hollandezes; porque sendo dos nossos demandados, se retiravão a Candia, sem nos esperarem, e assim não tivemos com elles encontro, e aquellas provincias ficárão obedecidas ás nossas armas.

O Capitão Mór Antonio da Mota marchou para Maturé, e as quatorze companhias que levava no seu arraial constavão de quinhentos soldados, toda gente mui luzida, e o Dissava daquellas terras, que o acompanhava bastante troço da nossa gente de guerra. Assentámos junto de Galle; e porque não nos quiz sahir o inimigo, fomos a Maturé, e sugeitámos todas as terras de Cornacorla, Grevaias, e Ballavé: depois de obedecidas viemos assentar em Beligão, onde a miudo faziamos contínuas emboscadas aos Hollandezes; porêm não se atrevião a sahir fóra da fortaleza. O inimigo de Candia fez naquellas terras algumas entradas, que mais nos servião de inquietação, e trabalho, do que de conclusão, pelos asperos caminhos; pois raras vezes nos esperârão. Nesta conformidade passámos até Junho; e porque o principal intento era, que os Hollandezes não fizessem sahidas da fortaleza a tirar canella, nos fomos com todo o arraial pôr sobre ella, e tambem por esperarmos se vinha a nossa armada de Goa para lhe pôr baterias:

assentámos meia legoa da praça em huma aldea chamada Acomivina, e dalli estavamos de contínuo sobre elles em modo, que huma folha verde não podião tirar de fóra: esta assistencia continuámos até o fim de Fevereiro de 1643, sem nos vir a armada que esperavamos; porêm chegou a Columbo hum commissario dos Hollandezes, por nome Pedro Burel com quatro náos, que hia apregoar humas tregoas, que tinha ajustado o Serenissimo Rei D. João o IV. com os estados por dez annos no da India; e porque elles querião lhe largassemos a Córla de Galle, dizendo, que aquellas terras pertencião á fortaleza; o Capitão Geral lhe deu por razão, que havia sete mezes as occupava o nosso arraial senhoreando até o fosso daquella praça, sem os della terem hum palmo de terra de muros a fóra; que o que lhe podia fazer, era largar-lhe o districto que cobrisse a sua artilharia: não quiz Pedro Burel estar por isto, pela qual razão se fez na volta de Goa a fazer este ajuste com o Vice-Rei Conde de Aveiras, a quem se avisou, dando as causas, porque não convinha largar-lhe aquellas terras. Em quanto isto se averiguava, se assentou huma cessação de armas, e entretanto levantámos o arraial, dividindo-o em dous troços, fomos conquistar as terras de Sofregão, e todas as mais que estão por aquella parte pertencentes á Corôa de Portugal. Esta jornada se fez com mais trabalho, do que perigo, pelo dilatado, e aspero dos caminhos, em que o inimigo Chingalá todas as noites nos desinquietava tocando arma, fazendo de cima das serras praticas, como elles costumão, dizendo, que somos huns velhacos, e que temos somente duas horas de vida: alguns estando no melhor deste sermão forão dos nossos apanhados, pagando logo de contado, huns mettidos em espetos, outros partidos ao machado os deixavamos ficar, para que servissem de exemplo aos demais.

## CAPITULO XIII.

*Como não tiverão effeito as tregoas em Goa, e se deu a batalha na Curaça.*

Depois que tivemos as terras de Sofregão todas obedecidas, se retirou o Capitão Mór do campo, trazendo dez companhias para as de Maturé, e deixou naquellas quatro com o Dissava, por ser o que bastava para sua defensa. Viemos assentar o arraial em huma aldea chamada Acumana, tres leguas de Maturé, onde em breves dias nos veio aviso, que a guerra com os Hollandezes se continuava, como de antes, por o Vice-Rei não lhe querer largar a Córla de Galle, aonde Pedro Burel chegou, e deitou naquella praça toda a infantaria, que trazia nas quatro náos: entre elles se acordou de pôrem hum arraial em campo: assim o fizerão com toda a brevidade, escolhendo quinhentos soldados, e alguns lascarins, que com elles moravão na fortaleza; e por saberem tinhamos deixado as quatro companhias em Sofregão, e muita parte dos soldados doentes, por respeito da dilatada marcha; vierão a assentar o arraial em Beligão, sitio por natureza forte. Todas estas cousas nos fôrão juntas noticiadas, que nos obrigárão com toda a brevidade a nos pôr em marcha para Maturé, por respeito do inimigo se não apoderar dos mantimentos, e munições, que tinhamos naquelle porto, e tomando huma e outra cousa, nos mettemos pela terra dentro tres legoas de jornada, e assentámos em huma aldea chamada a Curaça, que dista outro tanto de Beligão. Despedio o Capitão Mór aviso ao Dissava de Sofregão, ordenando-lhe, que com toda a brevidade se pozesse a caminho com as quatro companhias, e a gente de armas, que comsigo tinha; porêm os Hollandezes, como sabião

a falta que tinha o arraial de gente, e de se dilatarem teriamos maior poder, por não perderem esta occasião, que o tempo lhes offerecia, se pozerão em marcha em nossa demanda. No seguinte dia, em que tinhamos chegado á Curaça pelas oito horas da manhã, vierão alguns dos nossos lascarins dizendo: que tinhão topado em marcha com o inimigo, e a toda a diligencia se avisinhava a nós, já em distancia de hum quarto de legoa. O Capitão Mór Antonio da Mota logo expedio o capitão da dianteira, e outra companhia mais que o seguia, para o receber aonde o encontrassem.

As duas companhias nos topámos com o inimigo em distancia de tiro de peça do nosso arraial, onde lhe tivemos o impeto, pelejando com elles meia hora, em que chegárão outras duas de refresco, e com esta ajuda ajustámos com elles as lançadas, e coronhadas: dahi a outro espaço vierão outras duas, e assim continuárão as mais. Esta porfia durou das nove da manhã até ás tres da tarde, e nella quasi todos os quinhentos forão mortos, e prisioneiros; acolhendo-se com poucos o seu major, a cujo cargo vinha aquelle arraial, por nome João Uvanderlat, ferido, e o melhor soldado que elles na Ilha tinhão. Dos nossos forão mortos vinte e cinco, e feridos sessenta e sete, sendo todos os que nesta occasião nos achámos duzentos e quarenta e tres, porque os mais estavão bem doentes. Este successo foi em quatro de Maio de 643. Os nossos feridos, e os prisioneiros se remettêrão a Columbo, aonde chegados, deu ordem o Capitão Geral, que nenhum delles fosse ao hospital, e pedio de favor aos principaes moradores, que cada hum levasse para sua casa hum, ou dous, conforme podessem, para que com mais cuidado se tratasse de sua cura, e em pessoa os foi a todos visitando, animando-os a maiores occasiões; e conforme a relatoria do procedimento, que cada hum teve nesta, assim lho agradecia com

honradas palavras, e a todos, conforme a qualidade, posto, ou meritos de cada hum, lhe mettia entre o travesseiro hum papel, e nelle a doze, a quinze, e a vinte San-Thomés, dizendo: V. m.ce não tem aqui mais que hum irmão, o qual sou eu, e não me falta com que o soccorra, antes que isto se acabe, avise-me para que não passemos faltas. Com estes afagos, e carinhos, e bons termos do Capitão Geral, todos os soldados desejavão occasiões em que mostrassem seu valor.

Em breves dias chegou o Dissava de Sofregão com as quatro companhias, e a gente da terra. O Capitão Geral tambem de Columbo mandou oitenta soldados, que se repartírão pelas companhias, que estavão faltas. Com este soccorro se poz o arraial com as mesmas forças, que de antes tinha: com elle partimos da Curaça; e expedio o capitão da dianteira por outro caminho a dar no Dissava de Candia, que estava com muito poder em Cornacorla, jornada que fizemos com mais trabalho, que opposição que nos fizesse o inimigo; porque achámos o seu quartel desoccupado; porêm não de mantimento, do qual nos provemos, e dando a volta, nos ajuntámos com o arraial, perto da Acomivina, occupando aquelle posto, que tivemos quando se tratava da tregoa: nelle assistimos do fim de Maio referido até a primeira oitava do Natal, em que de contínuo estavamos sobre a fortaleza, sem os deixarmos passar o fosso, e assim não tivemos com elles nenhum encontro, por não se atreverem a demandar-nos.

Em dezesete de Dezembro chegárão a Galle dezeseis náos, e trazião quatro mil e quinhentos soldados, que logo lançárão em terra; e não se atrevendo a commetter-nos, por estarmos aquartelados em sitio forte, rodeado de pantanos, e alagadiços; nos tomárão duas estradas, por onde nos vinhão de Columbo as conducções e mantimento; e por nos acharmos com pouco,

e aquelle poder não mostrar ser só para o arraial, senão tambem para tomar-nos as praças. Aquella noite de vinte e seis alevantámos o arraial, e marchámos quatro legoas pela terra dentro; fomos assentar em huma aldea chamada Mapolegama, onde ao outro dia por nossas espias soubemos, que o inimigo, tanto que nos retirámos, se embarcára. Logo em continente levantámos o arraial, e viemos por asperos caminhos buscar a praia: chegando a Belitote bem cançados daquella marcha, tratámos de fazer palhotas, para passar a noite; e feitas, sobre a tarde descobrimos as náos, que vinhão na volta de Columbo, com o que não tivemos mais remedio, que por-nos a caminho pela praia sempre á sua vista; e chegando ao rio de Panaturé, deitárão todas as lanchas, guarnecidas de mosquetaria, e alguns falcões, para nos impedirem a passagem, e o não puderão conseguir, porque o capitão da dianteira tomou com a sua companhia a bocca da barra, e fazendo os soldados covas na area, dellas pelejárão todo aquelle dia, e em tanto teve lugar de passar o arraial sem perigo; o que visto pelo inimigo, como foi de noite, se recolheo ás náos. No seguinte dia nós, e elles nos achámos em Columbo. O Capitão Geral ja tinha feito aviso a seu irmão D. Antonio Mascarenhas do poder que o inimigo trazia, o qual com todo o cuidado tinha marchado com o arraial de Manicavaré, e estava em Negumbo, como tinha por ordem. Tanto que chegámos á cidade, o Capitão Geral expedio ao Capitão Mór do campo Antonio da Mota para Negumbo, com seis companhias; e deixou ao capitão da dianteira Pedro de Sousa na cidade por cabo das mais, para acudir aonde se offerecesse.

## CAPITULO XIV.

*Da batalha de Negumbo, em que morreo D. Antonio Mascarenhas, e o Capitão Mór do campo Antonio da Mota Galvão.*

Em tres de Janeiro de 1644 chegou o inimigo com as náos a Negumbo, onde ja estava D. Antonio Mascarenhas com o seu arraial, que tinha dez companhias, e nellas trezentos soldados, e alguns enfermos, que fôrão para Columbo. As seis, que levou o Capitão Mór Antonio da Mota Galvão, tinhão pouco mais de duzentos. O inimigo na madrugada de quatro desembarcou sem algum impedimento meia legoa ao Norte da fortaleza: os nossos dous troços se preparárão para os receber, fazendo aviso ao General da resolução, com que estavão, visto o inimigo ter desembarcado; com o qual o Capitão Geral mandou pôr em marcha o cabo Pedro de Sousa com as oito companhias, que tinhão trezentos soldados, e as seguião alguma gente da terra. O inimigo formou sete esquadrões, cada hum de seiscentos, com elles se poz em marcha: todos em huma linha, apartados huns dos outros trinta passos; e por razão dos matos não se descobrião mais que dous na frente dos nossos; e nesta fórma vierão talando aquella campanha. D. Antonio Mascarenhas, e o Capitão Mór do campo Antonio da Mota Galvão, se resolvêrão em os acommetter, cada hum pelo esquadrão que lhe ficava na frente: elles se vinhão aos nossos seu passo ordinario formados em quadro terreno, e com a primeira carga que lhe demos, recebendo a sua, forão com a espada na mão dos nossos atacados; e dos dous esquadrões forão a maior parte degolados: porêm quando a nossa gente se não precatou, achou-se pelos lados com

os cinco esquadrões, que a mais largo passo chegárão a carregar os nossos, que andavão desordenados correndo a huma e a outra parte, matando este, ou aquelle dos que tinhão escapado dos dous esquadrões, que tinhamos desfeito; e assim nos achárão espalhados, sem modo de fórma, para lhe ter o encontro; pelo que o inimigo com huma e outra carga nos veio apertando de qualidade, que o que a bala não acertou, tratou de se valer dos pés. Vendo D. Antonio Mascarenhas, e o Capitão Mór do campo tudo desbaratado, se mettêrão entre o inimigo, seguidos de alguns poucos que os acompanhárão, aonde por muitas vendêrão bem as vidas. Com a mesma brevidade, e marcha que trazião, chegárão á fortaleza, a qual logo foi entrada; porque não tinha guarnição que a defendesse, mais que alguns impedidos. O Capitão della, defendendo a porta, o fizerão de tal sorte, que das feridas não se conheceo; e em menos de tres horas não ficou Portuguez com vida, assim dos arraiaes, como da praça, que forão das dez do dia até á huma da tarde.

As oito companhias caminhavamos a grande pressa por aquella impertinente praia, que tem cinco legoas de arêa solta, que tanto se anda para diante, como para trás, e chegando aonde chamão o pocinho, que fazem meio caminho, achámos os que se vinhão retirando, que nos derão as tragicas novas daquelle infeliz successo; marchámos mais adiante meia legoa, por vêr se achavamos alguns dos nossos, e por huns lascarins soubemos ser tudo derrotado; com o que fizemos alto, onde logo chegou aviso ao cabo, que lhe ordenava o Capitão Geral se recolhesse com toda a brevidade: assim o fizemos, e chegámos á cidade com tres horas de noite. Na occasião matárão muitos capitães, e officiaes, e o Capitão Mór do campo, que era casado em Columbo; pela qual razão, aquella cidade se poz em plantos;

o que visto pelo Capitão Geral, logo pela manhã vestio a mais rica gala que tinha, com que passeou a cidade: parando aonde ouvia gemidos, mandava pelo seu capitão da guarda hum recado; que dissesse a quem chorava, que não era razão plantear, mas antes tinhão motivo de ter grande alegria, por cavalleiros tão honrados sacrificarem as vidas tão felizmente, pelejando com os inimigos da Fé por seu Rei, e patria. Com o General se pôr daquella sorte, e os seus recados, não houve mais mostras publicas de sentimento, nem se deitou luto algum; e foi excellente o modo para não se divertirem os animos, estando com o inimigo tão visinho, e victorioso.

O Capitão Geral logo tratou de reduzir as reliquias, que escapárão do arraial de seu irmão D. Antonio, e do troço do Capitão Mór Antonio da Mota, e delles formou oito companhias, que tinhão duzentos e oitenta, e os que perdemos na batalha, serião outros tantos; com que ao todo nos achámos com dezeseis companhias, e nellas quinhentos e oitenta soldados. O General nomeou por Capitão Mór do campo, em quanto o Vice-Rei não provia aquelle posto, em João Alvres Beltrão, porque algumas vezes o tinha occupado, e aquartelou o arraial junto á cidade no tanque salgado, e poz no passo do Betal tres companhias, com os lascarins, que nos assistião, e a todos aquelles naturaes, com mostras de grande amor, e palavras, e o seu dinheiro, agradeceo acompanhar-nos; por quanto os da terra quasi todos nos largavão quando tinhamos alguma rota.

## CAPITULO XV.

*A diligencia que o inimigo fez para passar a Columbo, e embaixada que se mandou ao Rei de Candia, sitio que pusemos a Negumbo.*

Depois que os Hollandezes tomárão Negumbo, se occupárão doze dias em fortificar aquella praça, fazendo-a regular, deixando somente as casas da cerca velha, e desfizerão a tranqueira, que os mesmos tinhão obrado, tomando-a no anno de 1640. Nos angulos do quadrado lhe fizerão quatro baluartes, e em cada hum puzerão oito peças de artilharia de oito, dez, e doze livras. Os lanços da muralha, e baluartes os fizerão de terrão: tendo acabado a obra, vierão em nossa demanda; marchando pela praia, chegárão ao passo do Matual, pretendendo por aquella parte passarem o rio, aonde nos achárão á defensa. As náos, e lanchas se puzerão na bocca da barra; e parecendo-lhes nos desalojarião daquelle posto, formárão huma bataria de oito meios canhões, com cestões de que vinhão prevenidos. O Capitão Geral com toda a brevidade mandou vir da cidade alguma artilharia, que em plataformas puzemos em partes superiores. O inimigo continuou nesta porfia dez dias, em que recebeo grande perda, por estar na praia em descuberto, onde não faziamos tiro sem effeito: e como o Capitão Geral sempre assistio comnosco a esta defensa, muitos dos principaes moradores nos acompanhárão, e os baluartes da cidade assistidos com muita gente della. Vendo o inimigo a perda que recebia, sem fazer effeito, aos vinte e sete de Janeiro amanhecêrão embarcados, e recolhida ás náos a artilharia, e se fizerão na volta de Negumbo; mettendo naquella praça seiscentos, que deixárão de guarnição; se partí-

rão na volta de Batavia. O General fez pagas ao arraial, e o mandou marchar para as quatro Córlas; e por acharmos aquellas terras sem as o inimigo de Candia occupar, assentámos em Manicavaré, onde estivemos até meado Abril; e em tanto nos fomos preparando para pôr sitio áquella praça.

A primeira cousa que emprendeo o Capitão Geral, foi mandar huma embaixada ao Rei de Candia, que elle com melhor semblante aceitou, do que conclusão da proposta; sendo que o General sahio com o fim do intento que pretendia, o qual era não nos perturbasse no sitio que determinava pôr a Negumbo, e assim lhe pedio quizesse ajustar huma paz perpetua; ainda que bem sabia, que em tal aquelle Rei não havia vir, por estar ligado com os Hollandezes; porêm fez esta diligencia, para nos outorgar o que nos concedeo. Mandou-lhe hum bom presente, que elle aceitou, e fazendo-lhe a proposta da paz, respondeo: que esta não convinha aos Portuguezes, nem a elle; porque não havia faltar ao que tinha capitulado com os Hollandezes; ja que o nosso máo termo, e ambição o obrigárão a buscar de quem se valer na oppressão que comnosco padecia: que pelo amor que nos tinha sentia nossos trabalhos, porque sempre tratára mais com os Portuguezes, do que com os seus naturaes, e com elles se criára de menino, e não sabia outra cousa, mais que o que lhe tinhamos ensinado; porêm que nada tinha ja remedio; que lhe erão presentes as tregoas, que ElRei de Portugal tinha ajustado por dez annos, e pelo anno antecedente lhe não darmos a Córla de Galle, se não declarárão, ficando a guerra, como de antes, em que tinhamos perdido Negumbo, e tão boa gente; que este ponto das terras se havia resolver em Portugal, e a resolução infallivelmente chegaria no fim do anno; e que tambem sabia, que o Rei da Malvana em nada era descuidado, e lhe convinha recuperar aquella praça;

que o que podia fazer pelo servir, não inquietaria as nossas terras, para na execução se poder valer de mantimentos, e da gente de guerra, e serviço; e para o mais, que lhe conviesse de seus particulares, se podia o Rei da Malvana valer delle, que o acharia com grande vontade: ao Embaixador deu algumas peças, despedindo-o com esta resposta: com ella ficou o General mui contente, por ser o fim que pretendia.

Meado Abril, tendo chegado no fim de Março a Columbo Fernão de Mendoça, que esteve prisioneiro em Uva, e agora provido em o posto de Capitão Mór do campo, e trouxe em sua companhia quatrocentos soldados, dos quaes erão alguns fidalgos. Com esta gente marchou o Capitão Geral de Columbo, e o mesmo fez tambem o arraial de Manicavaré: em dezoito de Abril nos ajuntámos todos no passo dos Lagartos, e aos dezanove chegámos a Negumbo. O inimigo nos recebeo com huma salva de balas de artilharia; tratámos de nos aquartelar; os naturaes conduzião fachina, e os nossos trabalhando, em tres dias se acabou a obra, e outros tres que caminhámos com aproches para a praça, onde formámos duas batarias, huma de oito, e outra de quatro meios canhões, em que entravão dous furadores. O dia de vinte e cinco os convidámos com novecentas e cincoenta balas, e cento e vinte bombas de fogo, que mais parecia semelhança dellas, do que na realidade o fossem; porque o zelo do Capitão Geral fez mandar fundir hum morteiro, e em lugar de bombas, mandou encher de polvora hum bom numero de cocos, que bem cubertos de estopas, breu, e outros ingredientes, ficárão parecendo o que não erão: ainda assim com o inimigo fazer zombaria destas bombas, derão-lhe com tudo muito cuidado; porque na Igreja, e casas da fortaleza antiga, não cabião duzentos, e os quatrocentos se accommodavão em palhotas, e continuamente andavão com

os baldes nas mãos, para se defenderem daquelles globos de fogo; o mais effeito era quasi nada. Tinhão os inimigos em huma Ilhota, que estava no meio do rio, feito hum forte, que guarnecia hum capitão com cincoenta soldados, e duas peças de artilharia, com as quaes nos fazião notavel damno; porque nos aproches nos desquartinavão de lado, e nos obrigavão a cobrir tanto da praça, como do forte: ordenou o Capitão Geral ao da dianteira o tomasse huma noite, para cujo fim lhe deu mais duas companhias. No quarto da madorna, tendo passado á Ilhota, lhe démos huma avançada, com a qual foi o forte entrado, e mortos os que o guarnecião, e delles se salvárão cinco, que passárão o rio a nado. Continuámos as batarias, e fizemos outras duas; e caminhámos mais alguma cousa com os aproches, por estarmos mui distantes da praça, e tambem mudámos a artilharia; porque cabia por cada fogão daquella hum braço, que fez com a continuação dos tiros. A muralha, como estavamos distantes, em nada se mostrava arruinada. Os nossos pouco vistos em sitiar; e ao Capitão Mór do campo parecia que o seu valor bastava a maiores emprezas, nascida esta presunção pela falta de experiencia em sitios, e neste, porque alem de ter muito valor (o que tambem não faltava nos demais), era juntamente orgulhoso. Com isto desesperavão todos, de não se render a praça: o que visto pelo Capitão Geral, chamou os cabos, e capitães a concelho; nelle tambem se achou hum Alemão, que tinha sido criado do Senhor D. Duarte, o qual passou á India por terra, para servir esta Coroa, e vendo que todos mostravão em suas razões mais valor, do que acertos militares, fallou nesta fórma:

Senhores: eu sou Alemão, e o amor da nação Portugueza me desterrou da minha patria a estas partes tão distantes, só para os servir, por ser criado

de hum seu Principe, e por esta razão procurei occasião, e a mais proxima, que se me offereceo, depois que cheguei a Goa, foi esta, em que fiz diligencia para me achar nella, acompanhando o senhor Capitão Mór, que está presente. Em minha patria, servindo a meu amo, e senhor, me achei em muitas occasiões, e sitios, aonde com differentes termos se obrava; e isto o não digo, por achar falta de valor nos senhores Portuguezes; antes pelo terem demasiado me alargo; assim que o meu parecer he, que caminhemos com os aproches, para nos avisinharmos mais á praça; porque nos achamos ainda mui afastados della, e o terreno nos offerece chegarmos em breve tempo ao inimigo, e como lá estivermos, temos de tres huma eleição para os podermos não só render, senão tambem a todos consumir: a primeira he, mandar o senhor General conduzir pelo rio alguns mastros, e delles formar hum castello de madeira, porque, como a praça he pequena, e não tem recolhimento, não poderão remediar o damno, que hão de receber da nossa mosquetaria, pelos estar cobrindo, e nos ajuda muito terem a sua artilharia descavalgada; ou quando não, temos vinte mil homens de armas, e outros tantos de serviço; como estivermos ao pé da praça, que he de fachina, e terrão, o quadrado pequeno; conduziremos com esta gente tanto mato, e lenha, que aqui temos á mão, e arrumando-lha aos baluartes, e muralha, pondo-lhe o fogo, de necessidade se hão de lançar á praia, e quando o valor de vossas mercês não queira levar este negocio senão pelas armas, estando nós ao pé da muralha, se pode fazer a eleição do tempo, e hora, que mais convenha, como quem está sobre elles para se dar o assalto: e estando nós ainda tão distantes, nem elles tem opressão para se renderem, nem nós razão de lho darmos, porque alfim com seiscentos homens, tem tres guarnições: eu pouco entendo; mas parecia-me, que o

estrangeiro não hia fóra de caminho, no que toca chegarmos com o aproche á muralha; por quanto nos achavamos com o ultimo com duas carreiras de cavallo, desviados da praça.

Foi respondido ao Alemão: que para os Portuguezes não erão necessarios castellos de vento, nem invenções, que logo ao outro dia convinha se desse o assalto, e que fosse bem de dia, para que todos pudessem mostrar seu valor: assim se poz logo em execução, e se passou ordem, que se aparelhassem, o que todos fizerão confessando-se, e commungando. Tinha o inimigo afincado pelo fosso (que não passava de quatro palmos de altura), alguns páos de dous palmos aguçados na ponta, que lhe servião por estrepes, e todas as noites hia hum Chingalá, a quem grandemente pagavão este serviço, e nos trazia boa quantia delles: este Chingalá tambem fazia ao inimigo aviso dos nossos movimentos; porque tudo o que os nossos maiores determinavão era publico; e assim para nos receberem o assalto, estavão preparados, pois nem aquella noite o deixárão de mandar fazer aquella diligencia. Em vinte e cinco de Julho dia do Apostolo S. Tiago nos achámos todos de madrugada nos aproches, aparelhados para o assalto, aonde nos detiverão abrazados ao calor do sol, até ás dez horas do dia, e quasi ás onze nos derão ordem para o acommettimento. Sahimos todos a quem mais corria ao posto, que a cada qual estava assinalado, chegámos ao fosso, em que não houve difficuldade em o passar, nem as escadas, que levámos, forão necessarias; porque das batarias estavão os baluartes tão escarpados, que com facilidade os pudemos subir. Achámos os de dentro cobrindo o terreno da praça, bem ordenados; a muralha guarnecida de picaria, e as praças dos baluartes, de mosquetaria formada. Tinhão alguns bicheiros, com que a muitos dos nossos arrastárão para

dentro, e os fizerão em postas, com os travezes, e flancos nos matárão muita gente; e fazendo os nossos grandes forças para entrar, jamais o pudérão conseguir; porque nenhum descobrio a cabeça, que não ficasse morto, ou bem ferido, por quanto os seus parapeitos, e muralha tinhão a escarpa feita para a parte interior da praça; com o que nenhum do inimigo se descobria. Insistimos nesta porfia das onze até ás duas horas da tarde, em que nos recolhemos, e de novecentos e cincoenta, que fomos, nos achámos trezentos e noventa e dous, os mais ficárão ao pé da muralha, entre elles foi o Capitão Mór do campo Fernão de Mendoça, e Francisco de Mendoça irmão do Conde de Val dos Reis, muitos fidalgos, e capitães de nome. Os que ficámos dahi a tres dias, depois de retirarmos a artilharia, e mais petrechos, nos viemos, e assentámos em Vergampetim aldea entre Negumbo, e Columbo. Deste posto lhe faziamos algumas ciladas, e nellas assistimos até Dezembro do proprio anno.

## CAPITULO XVI.

*Como se apregoárão as tregoas, e D. Filippe Mascarenhas passou a Vice-Rei da India, e veio por General de Ceilão Manoel Mascarenhas Homem.*

No fim de Dezembro referido, chegárão a Columbo seis náos Hollandezas: nellas vinha o General João Mansucar, e levava ordem do Serenissimo Rei D. João o IV., para que lhe entregassemos todas as terras, que inteiramente ficassem da parte das fortalezas, de que elles fossem na Ilha senhores ao tempo da apresentação daquella ordem, que seria apresentada dentro em hum anno de sua data, e somente se tinhão passado nove

mezes. O mesmo levou cartas, e ordens de S. Magestade, pelas quaes fazia mercê a D. Filippe Mascarenhas de o prover no posto de Vice-Rei do Estado da India, que rendesse ao Conde de Aveiras João da Silva Tello; e para Capitão Geral de Ceilão, fez mercê a Manoel Mascarenhas Homem. Em breve tempo remetteo de Goa o Vice-Rei a mesma ordem, e que na môção viria huma armada para levar o novo Vice-Rei, e traria o Capitão Geral. Apregoárão-se em Columbo as tregoas por oito annos; por quanto se tinhão passado dous depois de Pedro Burel hir fazer este ajuste, que não teve effeito. O dia que se apregoárão nas náos, e em terra se fizerão muitas festas. Na partição das terras coube aos Hollandezes não só a Córla de Galle, mas tudo o que vai do rio de Alicam até as Grevaias, que são vinte e seis legoas de costa, e pela terra dentro dez, que comprehendião toda a provincia de Cornacórla, partindo com as terras de Bebiliagama da jurisdicção de Sofregão; sendo que a Córla de Galle, que da primeira vez não lhe quizemos dar, não era a quinta parte destas terras. As de Negumbo se dividírão em Verganpetim, que he meia distancia de Columbo, até Madampé, que tem oito legoas de costa, e pela terra dentro das sete Córlas seis: humas e outras são os matos cubertos de canela. Hum dos pontos, que tinhão as capitulações, foi, amigos de amigos, e inimigos de inimigos, e por esta razão, como se quizerão apregoar, foi o Rei de Candia por parte dos Hollandezes notificado para entrar nesta tregoa, conforme o que S. Magestade tinha com elles ajustado: ao que respondeo aquelle Rei: que entraria nella; com tanto que comnosco não queria communicação alguma; que elle estaria em suas terras, e nós nas nossas; e que havendo algum aggravo de huma ou outra parte, causado por revoltosos, que daquella, em que houvesse o movimento, ficasse obrigada ao casti-

go, com a emenda, e satisfação, que o caso pedisse. Nesta conformidade se aceitou de todas as partes; e não deixou aquelle Rei de cumprir o que prometteo á nossa embaixada, quando quizemos pôr sitio a Negumbo: ao mesmo não faltou todo o tempo, que durou a tregoa, no que toca aos seus inquietar-nos. Os moradores, que tinhão sido de Galle, forão viver ás suas aldeas, que estavão naquellas terras, que couberão aos Hollandezes, ao que elles não puzerão impedimento para que as desfrutassem; com o que matárão aquelles homens á fome, que padecêrão cinco annos, depois que se perdeo aquella praça: assim mesmo todos os mais, que as tinhão daquella parte, as ficárão desfrutando; porque os Hollandezes somente lucravão o que pertencia a esta Coroa.

O Vice-Rei D. Filippe, logo mandou buscar os ossos de seu irmão D. Antonio Mascarenhas, que os Hollandezes sepultárão com o devido respeito, e os mandou trazer por mar em huma manchua coberta de luto, e chegados á bahia, o Vice-Rei do mesmo modo os foi receber com seus criados; ordenando o funeral com toda a pompa, os sepultou no convento da Madre de Deos dos Capuchos, aonde lhe fez as exequias com as honras que se devião ao procedimento deste fidalgo, e com o mesmo luto se embarcou para Goa, onde chegou em Março de 1645 na armada, que conduzio o General Manoel Mascarenhas Homem.

Os Hollandezes, tendo passado algum tempo, e vendo que as terras, que lhe couberão de Negumbo, não lhe querião obedecer, pelo Rei de Candia estar com elles differente sobre certa quantia, que lhe pedião, determinárão lançar fóra daquella praça hum arraial, para as fazerem obedecer, o qual constou de trezentos e cincoenta soldados, e alguns lascarins das mesmas terras, que lhe assistião. Com esta gente se pozerão em

campo nos seus limites, que pegavão com os nossos das proprias sete Córlas; e sendo noticiado o Rei de Candia da parte em que estavão, determinou de os fazer recolher á praça, quando não os pudesse derrotar, segundo no exterior mostrava; e porque as nossas terras ficavão de permeio, mandou com muita summissão pedir ao Capitão Geral Manoel Mascarenhas licença para por ellas passar sem impedimento, para destruir aquelles nossos, e seus inimigos. O Capitão Geral muito simples, parecendo-lhe que fazia grande negocio, lhe respondeo com muita cortezia, concedendo-lhe tudo o que pedia: que Sua Alteza podia passar livremente, e tudo estava á sua ordem, porque o desejavamos servir, e dar-lhe em tudo gosto. Havida a licença, logo se poz o Rei em marcha com vinte e cinco mil homens, passando pelo meio das nossas terras, onde lhe fizerão grandes honras, conforme aquelles povos tinhão por ordem. Achou os Hollandezes bem aquartelados, e cubertos; pelo que não os pode atacar, como representava; pelo que lhe poz sitio, e se vierão a render no fim de doze dias, por lhe faltar o mantimento, e levando-os a Candia prisioneiros, os repartio pelas aldeas.

O Governador de Galle foi avisado deste successo, e mandou a Candia, queixando-se delle Rei em não só lhe não pagar o que lhe devia, mas tambem fazer-lhe guerra, aprisionando-lhe a sua gente, quando estava obrigado a favorece-los, pois por seu respeito vierão áquella Ilha, aonde tinhão recebido, e feito grande damno aos Portuguezes, com notaveis despezas; e agora, que tinhão tanta parte nella, se voltava contra elles, sem causa alguma, tendo-o tambem servido, e posto freio a seus inimigos, e á custa do seu sangue estava feito senhor pacifico de todo o seu Reino, entrando na tregoa com os seus proprios inimigos; por tanto que Sua Alteza devia attentar, que tudo erão beneficios re-

cebidos dos Hollandezes, para lhos gratificar. O Rei com esta queixa, fez o que determinavão suas conveniencias, em modo que não pagou cousa alguma da quantia que lhe pedião. Ao enviado que foi a Candia com esta demanda, disse: que elle entregava livremente todos os prisioneiros, que tinha em seu poder, cousa que jamais elle, nem seus antecessores fizerão aos Portuguezes, e que o Governador entendesse, que aquella jornada mais a fizera por experimentar o nosso coração, do que por lhe fazer guerra a elles, e para este fim nos pedira licença de ter o passo livre por nossas terras, o qual lhe concedemos com notavel alegria, e grandes offerecimentos; que aceitára a passagem, para lhe mostrar quem tinhão em nós, que eramos huma gente, que não guardavamos fé, nem lealdade a nenhuma nação do mundo, e bem se estava vendo como procediamos com os que erão quasi de huma lei, e terra; por tanto que não se fiassem de nós; porque em tudo o que pudessemos haviamos usar com elles as falsidades que costumavamos. Os Hollandezes ficárão maravilhados do que souberão, e ao Rei mui agradecidos, por lhes restituir toda a sua gente. Com o que aquelle Rei disse de nós; logo tratárão de lançar fóra das suas terras aos Portuguezes, dizendo-lhe muitos opprobrios, sem jamais consentirem que nenhum desfrutasse a sua aldea, como se ajustou de elles somente cobrarem o que pertencia a esta Coroa. A quem este damno mais tocou, foi aos moradores que tinhão sido de Galle; porque depois da perda daquella praça, andárão mendigando, e com a tregoa comião de suas aldeas; pela qual razão estes pobres carregados de filhos clamavão, e tornárão a mendigar, até que forão de todo consumidos.

## CAPITULO XVII.

*Como se apregoou a guerra, de que se originou hum motim, em que expulsárão, e prendérão ao General Manoel Mascarenhas Homem.*

Continuou a tregoa em que não houve progresso, mais que o successo que temos referido dos Hollandezes com o Rei de Candia, que foi em Abril de 1646. As nossas guarnições, que tivemos todo o tempo que ella durou, estavão nos postos seguintes: em Manicavaré residião de assento doze companhias, e tinhão quatrocentos e cincoenta soldados Portuguezes com o Capitão Mór do campo, que governava aquelle arraial, Sargento Mór, e o Dissava das quatro Córlas, com os lascarins que bastavão. Outro arraial assistia em Sofregão, de cinco companhias, e nellas cento e noventa soldados Portuguezes: a este governava o Dissava daquellas terras. O Dissava das sete Córlas residia naquellas provincias, em huma aldea, a que chamão Lahoa, e tinha duas companhias de topazes, que são christãos filhos de Columbo, ainda que pretos, bons soldados, e alguns lascarins daquellas terras. O Dissava de Maturé, tinha seu assento em Alicam com dez, ou doze companheiros Portuguezes dos pobres moradores, que forão de Galle, os quaes lhe assistião por terem a porção de hum soldado (notavel miseria naquella Ilha), e alguma gente da terra. Em Caliturè estava de presidio hum Capitão de infantaria, com a sua companhia: assim mesmo outra em huma tranqueira, que se fez de madeira em Canasturé, onde tinhamos hum armazem, em que se recolhia o mantimento, e munições, que pelo rio se conduzião, e provia o arraial de Manicavaré. Em Columbo quiz o Capitão Geral que houvesse companhias de presidio, e fez tres,

que assistião naquella cidade, cada huma de oitenta soldados. Na Malvana em lugar dos que no tempo da guerra hião convalecer, fez huma companhia de velhos, e com achaques, que lhe impedião as marchas.

Nestes postos, e fórma se repartírão as guarnições, que tinhamos na Ilha, depois de se fazer a tregoa, e com ellas estivemos até meado Outubro de 1652, tempo em que a Columbo chegárão de Galle dous Hollandezes a notificar-nos a guerra, e como a paz he muitas vezes nociva, com a vinda destes homens se mostrou demasiado sentimento, tanto nas praticas, como na hospedagem; porque huma e outra cousa foi differente do que á nossa reputação deviamos: basta dizer, que as casas, aonde forão aquella noite agasalhados, estavão de tudo tão mal providas, que nem huma luz lhe puzerão. Deu isto motivo a toda a cidade para accumularem a culpa ao Capitão Geral em mostrar no exterior o sentimento que lhe occupava o coração, e daqui se veio a formar contra elle publica murmuração, e desta as suspeitas indecorosas, e não permittidas a hum fidalgo, que se criou, e servio com os dictames daquelle estado. Estava morador em Columbo Ruy Lopes Coutinho, fidalgo por suas partes, e prendas de todos muito amado, o qual se achou com outros principaes moradores, e entre elles se moveo pratica sobre o referido, e tambem de humas ordens, que se tinhão passado aos arraiaes, que se retirassem para a cidade, tanto que ouvissem sete tiros de artilharia, e o arraial, que estava em parte distante, que não os podia ouvir, mandárão pôr em huma serra outros tantos mosquetes de pé, para lhe fazerem o sinal. Assim mesmo era notorio áquelles moradores, que os arraiaes estavão providos para muito tempo de mantimento das terras, e que em lugar deste se mandar conduzir para a cidade com toda a brevidade, por estar delle muito falta, visto a ordem que tinhão, o pouco

que nella havia, se levava para os arraiaes, por cuja causa em Columbo tudo erão corrilhos, e vierão a suspeitar mal do Capitão Geral: todas estas cousas, e as mais que cada hum dos circunstantes sem rebuço quiz dizer, vierão á pratica. Ruy Lopes Coutinho, por atalhar della o que era mais pesado, disse: não entendo, Senhores, ter o nosso General as faltas que se dizem; o que me parece he ser o galgo froxo para correr estas lebres. Não faltou quem este dito fizesse presente, nem no mesmo dia soldados, de huns que tinhão chegado de Goa, que lhe dessem taes feridas, que o deixárão por morto.

Os principaes moradores, como vírão este caso, confirmárão a presunção, que tinhão concebido, e considerando, que se o governo continuava daquella sorte, se davão sem duvida alguma por perdidos; pelo que com toda a brevidade fizerão huma carta ao arraial de Manicavaré; porque nelle estribavão as principaes forças, e defensa da Ilha, por ter a melhor gente, e todos soldados velhos, praticos nella. Em a carta representavão tudo o que tenho referido, assim verdades, como tambem o mais que do Capitão Geral quizerão presumir, ou maquinar, a fim de irritarem aos soldados, e com estas cousas apadrinharem seu negocio: huma dellas era, que depois da guerra publicada, se vendêra aos Hollandezes quantidade de trigo por sua ordem (crime notavel naquellas partes, se assim fôra); porêm o que eu posso affirmar he, que o General mais se pudéra accusar de remisso, do que hum ponto contra a fidelidade. Os soldados não houverão mister muito encarecimento para acreditarem tudo quanto lhe dizião na carta os moradores; porque em Setembro tinha chegado do Vice-Rei aviso, que as tregoas erão acabadas, e se continuava a guerra. Logo que o Capitão Geral o teve, mandou ordem ao arraial, que nenhuma pessoa delle fallasse em

guerra, ou actos militares, e o official que ouvisse semelhante pratica, matasse ao movedor della, e se algum na execução se mostrasse remisso, ainda que fosse capitão, o castigaria como a traidor, por não dar cumprimento ás suas ordens (o que devia ser por não vir á noticia dos Hollandezes, que nós eramos sabedores daquelle movimento). Tambem metteo naquelle arraial por Capitão Mór do campo hum fidalgo seu genro, por nome Lopo Barriga, a quem deu por ordem, que todas as noites corresse as estancias, em que as companhias estavão alojadas; e assim o fazia, não sendo nenhuma ás mesmas horas, e contava a todos, se estavão nellas; diligencia bem escusada; por quanto os soldados no arraial entre Chingalás, Gentios, não se desviavão das suas companhias, e somente huns dos outros se fiavão; e porque em Ceilão nunca se tinha feito semelhante diligencia, e huma ordem tão apertada de não fallarem em movimentos militares, andavão todos os soldados confusos, e por estas razões foi muito facil terem por infallivel, e acreditarem tudo quanto os moradores de Columbo escrevêrão. A carta foi remettida a dous irmãos tambem filhos de Columbo, para a communicarem, e introduzirem aos de mais respeito daquelle arraial: nella pedião a todos com muitas lastimas, se compadecessem das miserias, que ameaçavão aquella cidade, que não permittissem fossem os templos della profanados pelos hereges, e sobre tudo advertissem ser aquella Ilha patrimonio de ElRei Nosso Senhor, e o muito que recommendava a sua defensa, e não havia palmo della, que não fosse regada com o sangue dos Portuguezes, e que na brevidade, ou demora, que houvesse, consistia o remedio, ou ruina. Com todas estas circunstancias, e o estarem os soldados com o fatinho amarrado esperando a momentos pelo sinal dos sete tiros, para se retirarem para a cidade; e tambem verem que os mantimentos,

que nella havia, vinhão para o arraial dobrados dos que se gastavão, havendo muitos da terra, como tenho dito; assim todos desesperavão; e se estivera na mão de cada hum, aquelle só se oppuzera ao governo: com o que não somente moradores, e soldados, mas tambem clerigos, e frades, grandes, e pequenos, todos estavão do mesmo animo.

Chamavão-se os dous irmãos filhos de Columbo, a quem a carta foi remettida, Gaspar, e Antonio da Costa, mancebos de respeito, e bem procedidos, com as obrigações de filhos da terra, para fazerem com todo o cuidado aquelle negocio. Estes o communicárão a alguns seus amigos soldados velhos, que lhe parecêrão de segredo, e capazes de emprenderem semelhante facção, os quaes derão estas noticias a outros, de quem tambem se fiavão: entre todos forão cincoenta soldados razos, que guardárão entre si notavel segredo. Dahi a dous dias, a tempo que vinha rompendo a aurora, sahirão armados, trazendo diante hum crucifixo, appellidando: viva a Fé de Christo, morra o máo governo. Todos os mais, que estavão nas estancias, se alvoroçárão a estas vozes, e pegando nas armas, se ajuntárão huns com os outros; porque todos estavão com aquelle animo, pelas razões apontadas, e assim não perguntavão, que causa, ou movimento havia para aquella revolução, porque as que lhe erão presentes, lhes parecião muito bastantes para se opporem ao governo; e quando chegavão a huma estancia para que pegassem nas armas, ja as duas visinhas estavão com ellas nas mãos, seguindo huns aos outros. E em hum instante não ficou soldado daquelle arraial, que se eximisse deste motim; e ainda que quizesse, o não podéra conseguir, sem lhe custar a vida. Chegárão a casa do Capitão Mór do campo Lopo Barriga, onde lhe sahio ao encontro hum seu sobrinho, cavalleiro, de todo o arraial muito amado

por suas prendas, e soldado velho na Ilha, por nome Luiz Alvares de Azevedo, que como honrado, quiz que não violassem a casa de seu tio, sobre o que foi morto. O Capitão Mór sahio de sua casa, e assim como estava pegárão nelle, e em meio de alguns sessenta o levárão á estrada de Columbo, e sem lhe fazerem outro aggravo, lhe dêrão bastante gente da terra, que o acompanhou até á cidade. Hum capitão, bom soldado, que estava obrigado ao General, por nome Jacinto de Madureira, foi morto, por se querer oppor. Outro, por nome Bernardo da Cunha Cavallo, sahio de sua casa, por vêr aquella revolta, lhe derão hum revéz, que lhe cortou o casco da testa até á orelha esquerda. No seguinte dia entregárão o fato inventariado do Capitão Mór Lopo Barriga a hum Arache, que com a sua gente o conduzio, e entregou na cidade.

A primeira cousa, que pozerão por obra, foi: de cada companhia elegerem hum soldado razo, tal qual os principaes daquelle motim entendêrão, que lhe convinha: estes doze forão os do governo, onde se determinavão todos os pleitos. E para desmentirem haver cabeça, fizerão hum altar na casa, em que o Capitão Mór dava audiencia, no qual pozerão hum crucifixo grande, e qualquer pessoa, que tinha algum requerimento, fazia huma petição, e pondo-lha aos pés, a achavão com o despacho no mesmo lugar. Alguns capitães fizerão petição, em que pedião licença para hirem a Columbo, e lha concedêrão. Os mais ficárão servindo seus postos, e forão tratados com o mesmo respeito, como se estivesse presente o Capitão Geral, ou o Capitão Mór do campo. Se os do governo davão alguma ordem, e nella punhão qualquer pena, se algum a quebrava, logo era executada com todo o rigor.

Depois de oito dias, que tinha succedido o motim, mandou o Capitão Geral ao arraial hum cidadão dos

principaes, e homem de respeito dizer: que daria seguro a todos, para que em nenhum tempo fosse alguma pessoa delle castigada pelo que tinhão commettido: estas razões as não quizerão ouvir de palavra, e mandárão-lhe, que as fizesse por papel: a resposta que lhe derão, foi: que dissesse a Manoel Mascarenhas Homem, que largasse o governo, se não queria experimentar que lho tirassem com violencia; porque assim convinha ao serviço de Deos, e de Sua Magestade; e se não fosse a este fim, não tornasse por seu mandado a hir pessoa alguma ao arraial, sob pena de ser bem castigado o que se atrevesse a faze-lo. Com a resolução daquelle arraial, logo o Capitão Geral mandou ao de Sofregão ordem, que largasse as terras, e se recolhesse á cidade, por não se communicar, e unir com o amotinado, o que logo fez aquelle arraial, deixando quantidade de mantimentos, e canela, que estava feita. Ordenou tambem a duzentos soldados, que tinhão vindo de Goa, e estavão em seis companhias de guarnição em Calituré, e a propria daquelle presidio, que todos se recolhessem a Columbo, e largassem aquella fortaleza. O mesmo ordenou á companhia da Malvana, e com as tres, que tinha de guarnição na propria cidade, fez oitocentos soldados. Assim mesmo mandou pedir de mercê ao Rei de Candia, que com todas as suas forças, e brevidade viesse ás nossas terras, e não desse vida a nenhum daquelles rebellados. O Rei não podia desejar melhor commissão; pondo se logo em marcha, se veio avisinhar ao arraial, aonde com muitas promessas, e diligencias solicitou traze-lo a seu serviço. Respondêrão-lhe: que Sua Alteza não tratasse desta materia, e se não queria ter algum desgosto, desoccupasse as terras da Coroa de Portugal. Como o Rei vio a resolução, com que lhe fallavão, e que facilmente emprenderião o que dizião, alevantou o seu arraial, e se foi alojar em Aranduré,

aonde com mais empenho fazia a mesma diligencia para os attrahir. Erão ja passados vinte dias do motim, em que os moradores de Columbo nenhum delles deixárão de apertar com repetidas cartas aquelle arraial, que largasse em todo o caso as terras, e descesse á cidade, pela qual razão se puzerão a caminho; e como o Rei estava alojado pouco mais de huma legoa, e se vio desenganado das esperanças que tinha, o acommetteo pela retaguarda, e veio pelejando distancia de meia legoa até Duravaca, e pela considerável perda que recebeo, não quiz descer a serra. Com tres dias de marcha, e dous feridos da pendencia, veio o arraial assentar no passo de Nacolegam, onde lhe vierão alguns moradores da cidade dar as boas vindas da chegada.

A este tempo trazião comsigo no mesmo arraial hum filho de Columbo, cunhado dos dous irmãos Gaspar, e Antonio da Costa, homem sagaz, astuto, e muito valeroso, que se tinha criado naquella guerra, e nella tinha dado mostras de grande soldado, dando mui boa conta das empresas mais difficeis, que os Generaes lhe tinhão encarregado, e com a tregoa vivia retirado do serviço; chamava-se elle Gaspar Figueira de Cerpe, e não deixou de ter grande parte nestes negocios; porque ao tempo que no arraial se fez o motim, estava elle em huma aldea sua, que distava tres legoas do arraial, onde depois de oito dias mandárão huma companhia, e alguns lascarins trazê-lo como preso; presunção certissima, pois o tiverão no arraial com toda a liberdade, e regalo, que foi possivel. Tanto que assentárão em Nacolegam, lhe entregárão o arraial, promettendo-lhe todos seguirem as suas ordens, até perderem as vidas na execução de expulsarem o Capitão Geral. Com esta condição aceitou o governo daquelle arraial, e logo tratou de fazer capitães ás companhias, que estavão vagas, dos que lhe pareceo de satisfação; e feitos, no seguinte dia

passou o rio da parte de Columbo, e assentou o arraial em hum palmar a tiro de peça da cidade, onde chamão o tanque salgado: alli esteve tres dias, e no fim delles pelas duas horas da tarde formou de todos hum esquadrão, com o qual se poz em marcha para a cidade: chegando a S. Thomé, que dista della duzentos passos, o Capitão Geral, que assistia no baluarte S. João, e lhe ficava na frente, como vio que o esquadrão marchava, mandou dar fogo a nove peças com bala, que todas metteo no corpo delle; porém não fizerão prejuizo a pessoa alguma. Todos aguardavão estes tiros; porque quando quizerão marchar, disse em publico Gaspar Figueira para animar aos soldados: havemos ter contra nós alguns tiros; porêm com elles teremos a cidade á nossa ordem. Assim succedeo, porque ao primeiro toda a infantaria, que guarnecia os baluartes, e mais postos, os largárão, dizendo aos cabos, não pelejavão com seus irmãos: ajuntando-se com os moradores, clerigos, e religiosos, se forão á Matriz, onde acodio todo o povo, e vierão com o Santissimo Sacramento onde estava o General, e dahi á porta, que chamão da Rainha, e abrindo-a, fizerão sinal, que o Figueira bem entendeo; porque ao mesmo tempo, que na cidade houve esta revolta, mandou marchar para aquella parte o esquadrão, e chegando á porta, não deixou entrar o povo a nenhum, sem primeiro Gaspar Figueira em nome de todos tomar juramento de se não fazer aggravo a nenhuma pessoa, que estivesse naquella cidade; o que feito, derão entrada a todo o esquadrão, que com quietação, e modestia foi aquartelado nos baluartes, e toda a mais infantaria, que estava na cidade, deu obediencia a Gaspar Figueira. Neste tempo ja o Capitão Geral com seu filho Estevão Homem, e genro Lopo Barriga, Luiz de Miranda Henriques, se tinhão recolhido em S. Domingos, onde por hum religioso lhe mandou

o Figueira dizer, que para segurança de suas pessoas convinha estarem em parte, que as guardas os defendessem de qualquer perigo, porque sem ellas podia succeder não poder remedia-lo. Derão em resposta: que estavão promptos para fazerem o que lhe ordenassem, como lhe assegurassem as vidas. Logo os quatro forão mettidos em huma torre, que chamavão de homenagem, que o mesmo Capitão Geral mandou fazer no baluarte Santo Estevão, e lhe poz de guarda huma companhia de cincoenta soldados escolhidos para este fim, e della fez capitão a seu cunhado Gaspar da Costa.

Ao seguinte dia se fez na Camara huma junta dos vereadores, em que assistio Gaspar Figueira de Cerpe, o capitão da cidade, o alcaide mór, e alguns dos principaes moradores, para se fazer hum Governador, em quanto não vinha de Goa Capitão Geral provido pelo Vice-Rei: na eleição cada qual tratou de pretender o soberano do lugar, e entendidos do Figueira, fez que este dominio o tivessem igualmente tres, para que em tudo se obrasse o que elles determinassem. Os eleitos forão Gaspar de Araujo Pereira, que tinha occupado os postos de Capitão Mór do campo, e capitão da cidade: outro D. Francisco Rolim, e o terceiro Francisco de Barros; porêm estes Governadores se ficárão com o nome, e Gaspar Figueira com o dominio; porque somente se emprendião as suas resoluções, sendo elle de todas executor; e vendo que a cidade padecia fomes, se poz em marcha com doze companhias, deixando todas as mais em guarnição della, por respeito, que os Hollandezes assistião na frente da bahia com nove náos, para nos impedirem os soccorros. Foi com aquellas doze ás sete Córlas, onde o Rei de Candia estava fortificado com huma boa tranqueira na serra de Vedava, e nella tinha recolhido todo o mantimento daquellas terras. Sendo pelos seus avisado da marcha, que Gaspar

Figueira trazia áquella serra, se deixou estar mui confiado na aspereza do sitio, por ser inexpugnavel. Porém a necessidade, que a cidade tinha de mantimento, e o desejo que Gaspar Figueira tinha de lhe mostrar, que os Portuguezes crão herdeiros do valor dos antigos, de quem muitas vezes se não deu por seguro nas suas proprias serras, não só facilitou, mas estimou notavelmente o Figueira a resolução do Rei o esperar. No cabo de quatro dias de marcha, pelas dez horas da manhã chegou ao pé da serra, e sem fazer caso do inimigo, assentou o arraial, por dar algum alivio aos soldados da apressada marcha, motivo que ao Rei acrecentou novos brios, parecendo-lhe que os nossos o não determinavão atacar, e só com ameaços o queriamos fazer retirar. Tanto que foi de noite por huma de duas varedas, que a serra tinha, fez marchar ao Dissava João Botado de Seixas com seis companhias, e quinhentos lascarins; dando-lhe por ordem, que antes de romper a alva estivesse com todo o silencio ao longo da fortificação do inimigo, e que o toque das caixas, e atabalinhos lhe darião sinal de acommetter por aquelle lado, ficando-se Gaspar Figueira com o resto, que era outra tanta gente. Ambos os troços com trabalho subirão a serra, cada qual por sua entrada, e ao romper da aurora mandou acommetter; em ambas as partes o fizerão com grande resolução; mas achárão o inimigo mui opposto á defensa, por terem sentido aos nossos, que forão resistidos de qualidade, que obrigou a Gaspar Figueira ser o primeiro, que subio, e entrou a tranqueira, servindo de guia, e exemplo aos demais. Como forão entrados, houve dentro huma bem renhida pendencia, que durou em quanto o Rei se não retirou por huma vareda occulta, que tinha prevenido para este fim. O Dissava achou na sua parte boa resistencia, e pelo Figueira ter entrado, pode elle achar-se dentro para ajudar a derrotar o inimigo.

Os nossos nesta occasião degolárão mais de tres mil, os mais se acolhêrão, cada qual como o pode fazer, pelo espesso da serra; perdemos nesta occasião o capitão Rodrigo Delafetá, e o capitão Antonio de Freitas Babilão, hum alferes, e cinco soldados; todos acabárão com valor; e dos pretos dous Araches, e tres lascarins. Com esta victoria os naturaes daquellas provincias lhe vierão obedecer; e com os cules, e bois de carga dellas, fez conduzir para a cidade todo o mantimento; e foi em tanta quantidade, que muito tempo não se sentio a fome, vendendo-se pelo preço ordinario. Desfeita a tranqueira se poz em marcha, passou por Negumbo, e nos seus rebaldes cortou algumas cabeças aos Hollandezes; fazendo conduzir quantidade de canela, que naquellas terras achou feita; e para descançarem os soldados alguns dias, se recolheo a Columbo, aonde de grandes, e pequenos foi mui festejado, pois com tanta facilidade destruio o inimigo, e proveo aquella cidade com tanta abundancia, em tempo de dezeseis dias, que della tinha sahido.

Estando aliviando o arraial do trabalho referido, foi noticiado, que em Angoratota tinhão os Hollandezes feito huma forte tranqueira de madeira; que a guarnecião cento e quarenta e huma companhia de Bandanezes, e quatrocentos lascarins das terras de Galle que assolavão as provincias de Reigancórla, e Salpiticórla. Com notavel brevidade se preparou Gaspar Figueira, com quinze companhias de infantaria, e alguma gente preta, que seguião os Dissavas de Maturé, e Sofregão, este Antonio Mendes Aranha, aquelle Francisco Antunes; levou este poder pelo inimigo estar duas legoas de Caliturê, praça que elle tinha fortificada, e guarnecida com quinhentos de presidio. Chegando a Angoratota achou o inimigo bem fortificado, com as defensas ne-

cessarias, reductos, flancos, e hum fosso, que cobria a fortificação; pela qual razão lhe não deu assalto, como tinha intento; e por não poder obrar o que desejava, lhe poz sitio. Ao terceiro dia, vendo que recebiamos alguma perda, e tinha o inimigo fornecimento de todo o necessario para muito tempo, mandou conduzir da cidade duas peças de oito livras, e como chegárão, aos primeiros tiros não pôde deixar de fazer chamada, e se rendêrão a partido: concedeo-lhe sahisse com suas armas, tocando caixas, bandeiras largas, corda aceza, e marchassem até o alojamento do Capitão Mór, aonde arrumarião as armas, e estarião em Columbo até á primeira môção de hirem para Goa, e passarião nas nossas náos a Portugal. Nestas capitulações não permittio entrassem os lascarins, que lhe assistião, e todos remetteo á cidade para servirem na casa da polvora, excepto os Araches, que a sete mandou espetar, e a seis partir ao machado, por terem sido nossos; se bem moradores, e naturaes das terras de Galle. Este castigo mandou fazer Gaspar Figueira áquelles treze Araches com pertexto, que erão traidores á Coroa de Portugal; porêm elle o fez por intimidar os naturaes, que assistião aos Hollandezes. Com os prisioneiros se recolheo a Columbo victorioso, onde com grande applauso foi recebido de todos.

Em quanto os nossos estiverão em Angoratota, o Rei de Candia mandou com grande poder a hum seu Dissava, que descesse ás nossas terras, e peleijasse com os nossos Dissavas, por nos divertir do sitio, que puzemos á tranqueira dos Hollandezes. O das sete Córlas era Lazaro de Faria, que estava em Catagoré, sitio forte por natureza, e distava de Columbo seis legoas: tinha tres companhias de infantaria, e dous mil lascarins daquellas terras: pelo sitio em que estava, não se atreveo o de Candia a acommette-lo; porêm foi demandar ao

Dissava das quatro Córlas João Botado de Seixas, que estava em huma aldea chamada Thiara, outras seis legoas de Columbo, e lhe assistião quarenta soldados particulares, todos homens honrados, que voluntariamente o acompanhavão; e da terra mil e quinhentos lascarins. O de Candia trazia dezoito mil, e com toda a confiança chegou a atacar os nossos, que supposto estavão em huma varge, sem algum reparo, ou defensa, o recebêrão, e se tratou huma bem porfiada batalha, que durou tempo de duas horas, em que os nossos se vírão bem apertados, por ser toda á ponta da lança, e á espada: foi Deos servido, que no maior aperto cahisse morto o Dissava inimigo; e a não ser assim, nenhum dos nossos escaparia. Com algumas cabeças, que nos cortárão, se puzerão os mais em retirada, deixando naquelle campo mais de seiscentos: não nos custou barata esta victoria; porque dos quarenta nos matárão dezenove: destes levárão algumas cabeças, e todos os mais que ficarão bem feridos, de que alguns vierão a morrer. A nossa gente preta procedeo nesta occasião com tantos brios, que em valor se igualárão com os Portuguezes; delles perdemos quatro Araches, e cento e vinte e oito lascarins, e boa quantidade de feridos.

Gaspar Figueira de Cerpe, tanto que chegou a Columbo com os prisioneiros, foi informado, que o Rei tinha descido ás nossas terras; estava nas quatro Córlas, alojado com grande poder em Metapetim, sitio forte; e dalli ameaçava todas as nossas terras, e muitas ja estavão á sua obediencia: como tambem magoado do successo de Thiara, se deteve somente dous dias, por dar allivio ao arraial, e prover-se de munições, e mais cousas necessarias. Tendo tudo preparado, se poz a caminho com treze companhias de infantaria, e o mesmo Dissava João Botado, a quem seguião todos os lascarins daquellas terras, que estavão á nossa obediencia. Em

quatro dias de marcha chegou aonde estava o Rei, que o esperou; e melhor conselho tomára, se o não fizera; que com perda de muita parte de sua gente fugio para Candia descompostamente. No seu alojamento achou grande quantidade de mantimento, de que se proveo o arraial para muitos dias, mandando trazer o mais para Columbo; e sem fazer demora, por saber que hum Dissava de Candia estava com grande poder, senhoreando todas as terras de Anapanduna, o foi buscar; porêm este o não esperou; e na retirada os nossos lascarins lhe cortárão algumas cabeças: pela qual razão ficárão todas aquellas terras obedecidas á nossa Coroa, e tambem as de Bulátegama, que havia muitos annos as desfrutava, e tinha o Rei usurpadas do tempo que se fizerão as tregoas; e não sei como o dissimulámos, ou consentimos: o que posso affirmar he, que estas aldeas alfim erão da Coroa Real. Com estas victorias ficárão huns e outros inimigos quebrantados, e tímidos, e a cidade provida com sobras de mantimento, e todas as terras á obediencia de Sua Magestade. Fez Gaspar Figueira com o seu arraial assento em Aranduré sitio forte, onde esteve até Maio de 653.

## CAPITULO XVIII.

*Como veio áquella Ilha por Capitão Geral Francisco de Mello de Castro, e se relatão muitas occasiões, e a batalha de Tebuna.*

Chegou no fim de Maio acima dito Francisco de Mello de Castro com o posto de Capitão Geral, provido pelo Vice-Rei o Conde de Obidos: era fidalgo de maior idade, e tinha occupado o posto de Governador do estado: levou em sua companhia duzentos soldados, e por seu Capitão Mór do campo hum fidalgo filho de

Baçaim, por nome D. Alvaro de Ataide, o qual tinha occupado este mesmo posto, por falecimento de Fernão de Mendoça, que matárão os Hollandezes no assalto de Negumbo. Trazia o Capitão Geral hum perdão passado pelo Vice-Rei, sobre a deposição, e prisão do Capitão Geral Manoel Mascarenhas Homem, que até este tempo estava preso com os mais naquella torre de homenagem, e antes de desembarcar o remettco a terra: continha elle, que em nome de Sua Magestade perdoava para sempre todos os crimes, que se tivessem feito na expulsão do Capitão Geral Manoel Mascarenhas, e suas dependencias, assim á gente de guerra, como aos moradores de qualquer qualidade, e condição que fossem. Este perdão foi em publico declarado, e por todos os que assistião naquella cidade foi dito: que não o aceitavão; por quanto estes se costumavão conceder a homens facinorosos, e não a quem com tanto disvelo, e trabalho tinha livrado aquella Ilha de estar em poder do inimigo, como infallivelmente seria, se elles não puzessem atalho aos males, que a experiencia tinha mostrado; pelo qual todos esperavão serem honrados, e premiados de Sua Magestade, pelo que tinhão obrado; e tambem querião que o Vice-Rei mandasse devassar do caso, e os que fossem culpados, estavão promptos para receberem o castigo, como se fossem traidores. Desta resposta mandárão fazer hum publico instrumento, que remettêrão ao Capitão Geral, mandando-lhe tambem dizer, que Sua Senhoria desembarcasse, e tomasse posse do governo daquella Ilha, aonde todos nelle amparo esperavão, como em hum pai. Desembarcado o Capitão Geral, mandou logo soltar da prisão a Manoel Mascarenhas Homem, e aos tres que com elle estavão, e nos mesmos navios se embarcárão para a India com todos os seus amigos, e criados, que a nenhum se lhe tinha feito aggravo.

O Capitão Geral não mudou a nenhum do posto que occupava, por achar, que na guerra tinhão obrado com honrados procedimentos, assim com o inimigo da Europa, como naturaes; e porque da costa não veio mantimento algum, como de ordinario nas môções vinha, experimentou Columbo esta falta, e para em parte se remediar, ordenou ao Dissava de Sofregão Andre de Seixas da Silva, que entrasse naquellas terras, e nellas fizesse diligencia por recolher todo o que pudesse, e com o mesmo cuidado, e brevidade o mandasse conduzir á cidade. Para o acompanharem nesta jornada, lhe deu seis companhias que tinhão duzentos e vinte soldados; e porque os lascarins que lhe assistião, erão tão poucos, que não passavão de duzentos, o acompanhou nesta jornada com os seus o Dissava de Maturé Francisco Antunes, que lhe assistião trezentos. Postos todos em marcha com dous dias e meio de caminho, chegárão a Cadangão pelas dez horas da manhã, aonde, sem os nossos terem noticia, derão repentinamente com o Rei de Candia, que senhoreava aquellas terras com vinte e cinco mil homens; com os quaes nos atacou pela retaguarda. Occupava este posto com a sua companhia o capitão Manoel Fernandes de Oliveiros, que com notavel valor lhe teve o encontro. Vendo o Dissava André de Seixas, que não se podia retirar, nem podia resistir a tantas forças, salvo fosse pela serra de Openava, e para o conseguir lhe era mui difficil, por lhe ficar distancia de duas legoas: em fim a necessidade, e o perigo, em que se via, o obrigou a marchar com a vanguarda por vêr se podia tomar a serra; porêm todo aquelle caminho apertou o inimigo a retaguarda com notaveis, e continuos acommettimentos; em todos ficárão seus intentos frustrados, deixando muitos dos seus mortos; porque os que vinhão naquelle posto, peleijavão como quem só tratava de vender bem as vidas,

pois em nos cortarem huma cabeça consistia degolarem a todo o arraial, pelo furor com que se atrevem em semelhantes occasiões. Foi Deos servido, que sem perda, mais que do cirurgião, que com huma bala nos matárão; pelas quatro horas da tarde tomámos a serra; assim mesmo foi esta huma das honradas occasiões, que houve naquella Ilha, por suas circunstancias, que por não ser molesto, deixo de referir. Pelas nove horas da noite forão os nossos alojar em huma aldea, e o restante a passárão com as armas nas mãos, e no seguinte dia pelas onze da manhã chegárão á Ruanella. O Capitão Mór Gaspar Figueira de Cerpe estava com o arraial em Arandure, aonde foi pelos da terra avisado da pendencia, e retirada; pondo-se a caminho os veio vêr, e em geral agradeceo com honradas palavras o bem que procedêrão, e a alguns em particular, de como se houverão na occasião. Passados dous dias, que o Capitão Mór alli esteve, e querendo-se partir para o arraial, ordenou: que das seis companhias fossem com o mesmo Dissava André de Seixas cinco, que assistissem em Grubebe, posto mui conveniente para se atalharem as entradas, que o Rei por aquella parte quizesse fazer. A outra companhia, que foi a de Manoel Fernandes de Oliveiros, a mandou assistir em N. Senhora da Vida, por razão de fazerem a miudo os Hollandezes assaltos neste posto, que fica no rebalde da cidade, e não foi de pouca utilidade occupar-se; porque não só se evitou ser a miudo infestado do inimigo, mas ainda aquella companhia com alguns lascarins, alimpou as terras de Salpiticórla, em que houve alguns encontros, que como os Hollandezes estavão em Calituré, mettião a miudo troços para inquietar aquellas terras. Do rio de Panaturé á outra banda puzerão hum capitão com sessenta cravineiros, e trezentos lascarins das terras de Galle; e porque aquelle rio se passava a váo, fazião com facili-

dade entradas até o Morro, matando, e roubando os naturaes, que por aquelles palmares vivião, em que a cidade recebia consideravel perda; porque os moradores tinhão as suas fazendas despovoadas, sem haver por esta causa quem quizesse beneficia-las: o que visto pelo Capitão Geral ordenou ao Dissava de Maturé Francisco Antunes, que com todo o segredo fosse desalojar a esta gente daquelle posto, e levasse as companhias, que lhe parecessem necessarias. O Dissava era criado naquella guerra, e bem entendido, não quiz mais que a propria companhia do Oliveiros, e os lascarins, com que se achava, que não chegavão a trezentos; e pondo-se a caminho, fez esta jornada com bem trabalho, por caminhos furtados de alagadiços. Em huma madrugada, sem o inimigo sentir os nossos, tiverão lugar de degolarem a maior parte; os que escapárão, se mettêrão pelo mato, e ficárão tão escarmentados, que não tornárão mais a lançar gente a inquietar os rebaldes de Columbo.

Vendo o Capitão Geral, que em quanto os Hollandezes estivessem em Calituré, não deixarião as nossas terras de estar sempre inquietas, com seus assaltos, por terem reedificada aquella fortaleza, com boa fortificação, e nella quinhentos de presidio, dos quaes a miudo mettião nas terras de Reigancórla, e Salpiticórla troços a destrui-las, o que não somente resultava em grande prejuizo daquella cidade, faltando-lhe os provimentos, que dellas vinhão, senão a notavel perda, que recebia esta Coroa, por estarem despovoadas, sem dellas se tirar hum páo de canela, nem nos valermos da gente de armas, e serviço; e para evitar estas extorsões, e correrias, se resolveo em pôr naquellas partes hum arraial: este o compoz de doze companhias, e nellas quatrocentos e cincoenta soldados, e o Dissava Francisco Antunes, que lhe assistião aquelles poucos lascarins da-

quellas terras; e nomeou por Capitão Mór delle a Antonio Mendes Aranha, a quem proveo de todo o necessario. Antes de partir lhe ordenou que fizesse com o arraial huma entrada nas terras de Negumbo, o que se fez com grande cuidado, e nellas notavel estrago, assim nas novidades, e gados, que se matárão, e conduzirão, como quantidade de canela, que elles tinhão feita, e com morte de alguns Hollandezes deu o arraial volta pela terra dentro, atravessando as de Reigancórla a buscar o rio de Caliturć, para o passar; e da parte da fortaleza tomar o posto, que estava determinado, onde se havia de aquartelar á beira do mesmo rio chamado Diágam, e duas legoas da praça. Este o achámos occupado pelo inimigo, que nos defendeo a passagem cinco dias com repetidas, e continuas cargas de ambas as partes, no fim delles se vierão a retirar para a praça, com alguns mortos, e feridos. O nosso arraial, não sem a mesma perda, passou o rio, e se assenhoreou daquelle posto, do qual a miudo faziamos entradas nas terras dos Hollandezes, por cuja causa se vierão as mais dellas a despovoar, e de ordinario estavamos sobre a praça. Com estas assistencias recebêrão tal perda, e os impossibilitámos, que vierão a não poderem ter de Galle por terra communicação.

Nesta assistencia, e fórma procedeo o nosso arraial dos ultimos de Julho de 1653 até Março do seguinte anno, em que não houve encontro digno de memoria, por não se acharem os Hollandezes com bastantes forças para se opporem áquellas, que consideravão no nosso arraial, pois tão soltamente lhe fazia aquellas assistencias. Em Columbo veio a faltar o mantimento; e porque daquella cidade vinha o fornecimento ao arraial, que se achava sem nenhum, obrigou ao Capitão Mór Antonio Mendes Aranha a hir com todo a busca-lo ás terras do inimigo; e para o intimidar, se foi pôr junto

á praça, onde vinte e quatro horas o esteve provocando a batalha. No seguinte dia, por não lhe querer sahir, foi alojar em Macuné, onde aquella noite vierão topar comnosco huns quarenta soldados cravineiros, com o capitão da Córla de Galle, o qual foi morto, e a maior parte dos soldados. Pela manhã nos fomos caminho de Alicam, Velipéne, e outras aldeas, por vêr se achavamos mantimento, dando volta a toda a provincia de Pasduncórla, onde apenas houve algumas frutas, e vacas, que nos servírão de sustento, sem arroz, por estar despovoada; e por esta razão tornou o arraial a buscar o rio, onde chegámos aos vinte e cinco do sobredito, e alojámos perto do nosso posto. No de vinte e seis pela manhã, vierão alguns dos nossos lascarins, que tinhão visto os Hollandezes em marcha em demanda do nosso arraial, e os acompanhava grande numero dos da terra, e alguns Bandanezes. Fizerão esta sahida pelos informarem, que o arraial andava com falta de mantimento, e quantidade de enfermos; e na verdade assim era huma e outra cousa. O Capitão Mór Antonio Mendes Aranha chamou o Dissava, e capitães, e lhes propoz o referido, que dissessem seu parecer no que devião obrar, todos disserão: que pelas mesmas faltas, que padecião, se não podião retirar, e erão de parecer os fossemos receber ao caminho. Com esta resolução se puzerão em marcha: não tinhamos dado quinhentos passos, quando os encontrámos em huma aldea chamada Tebuna; com as primeiras cargas forão dos nossos atacados á espada, e baralhados tempo de duas horas, no fim das quaes foi o inimigo roto, e posto em fugida, deixando em nosso poder, não só aquella victoria, mas tambem a fortaleza de Calituré; porque os que escapárão em chegando a ella, com muita brevidade recolhêrão os poucos, que ficárão de guarnição, e apressadamente se forão metter em Galle.

Nesta batalha peleijárão os Bandanezes (nação de Banda, Ilha perto das Malucas) com tal valor, que não pode haver nenhuma que lhe leve vantagem, e forão de quem á espada recebemos maior perda, sendo só huma companhia de cincoenta: em prova do que digo, direi o que aqui succedeo. Hum sobrinho de Jane Mendes de Vasconcellos, chamado do mesmo nome, se achou nesta occasião, servindo por soldado raso; na batalha atravessou de peito a espaldas hum destes Bandanezes, o qual, como se sentio passado, pegou fortemente com a mão na lança, mettendo-se por ella, sem dar lugar a que Jane Mendes a tirasse, chegando a elle, lhe metteo hum cris pelo vão do hombro esquerdo, que lhe sahio á ilharga direita, e cahio morto a seus pés o Bandanez. Perdemos nesta batalha quarenta e cinco, delles erão dous capitães Manoel de Sousa, que o era da dianteira, e João de Lafetá, alguns officiaes, e setenta e hum feridos; e parecendo aos nossos, que para remediarem a necessidade, que padecião, acharião algum mantimento; porêm não foi mais, que armas, e munições, por virem á ligeira sem bagagem, e terem a praça duas legoas, onde com a victoria pertendião recolher-se o mesmo dia.

Aquella noite nos veio aviso se tinha o inimigo mui á pressa retirado de Caliturê, deixando a praça desemparada. Como foi manhã a fomos occupar, e achámos nella hum armazem de arroz, com que matámos a fome de tantos dias, e tres peças de artilharia, algumas armas, e munições, e huma boa fortificação, que lhe tinhão feito pela falda do outeiro, com huma forte muralha, fosso, e ponte levadiça, capaz de aturar hum grande sitio. Depois do arraial descançar tres dias, e desterrar a fome, o Capitão Mór Antonio Mendes nomeou por cabo delle ao capitão da dianteira, que succedeo a Manoel de Sousa, Domingos Sarmento de Car-

valho, e o mandou para Alicam com dez companhias, e o Dissava daquellas terras Francisco Antunes, com os seus lascarins; deixando em guarnição da praça duas; o que assim disposto, se retirou para Columbo, com o pretexto de achacoso. Tanto que o arraial chegou a Alicam, se alojou ao longo do rio, e logo obedecêrão, e se povoárão as terras de Pasduncórla, e nas de Galle fizerão muitas entradas com grandes hostilidades, assim em gente, como nos gados, não ficando nellas hum páo de canela da muita que estava feita, e toda se conduzio para Columbo.

Em breve tempo chegou ao inimigo de Batavia hum soccorro, e com elle fizerão hum arraial, com que se puzerão em campanha, e vierão a alojar da outra banda do mesmo rio de Alicam, na frente do nosso, em huma aldea chamada Bentótta: trouxerão quatro peças de artilharia de oito livras, com ellas derão principio a quererem descompor os nossos, parecendo-lhe desaloja-los daquelle posto, e obrigando-os com todo o cuidado a se cobrirem de huma tranqueira de palmeiras. Desta vinda, e assistencia do inimigo se deu parte ao Capitão Geral Francisco de Mello de Castro, que com brevidade mandou para o arraial duas peças de dez livras, que plantámos em partes convenientes, com as quaes não recebêrão menor perda, da que nos fazião. O inimigo tinha no seu arraial setecentos soldados da Europa, e duas companhias de Bandanezes; e passante de mil lascarins das suas terras, que assistião ao capitão da Córla de Galle; e pelo nosso ser muito inferior em numero, traziamos entre elles espias, que nos avisavão de seus movimentos, os quaes nos derão parte, que intentavão huma noite passar o rio, e ao romper da alva dar sobre o nosso arraial, por saberem não tinhão as dez companhias mais que trezentos soldados, e lhe faltavão as duas, que estavão de guarnição em Calituré.

Estando as cousas daquelle arraial nestes termos, pareceo ao Capitão Geral conveniente mandar pessoa de experiencia para o governo delle; assim determinado, proveo aquelle posto de Capitão Mór em Gaspar de Araujo Pereira. Tanto que a elle chegou, foi noticiado do que dizião as espias, queria o inimigo huma noite passar o rio por Velipéne, como tenho dito, e para o não fazer a seu salvo, mandou seis noites continuadas armar-lhe naquelle sitio huma emboscada, com cinco companhias, e por cabo dellas o Dissava, a quem deu por ordem, que tendo passado do inimigo até trezentos, os investisse; que elle estava com as mais companhias prompto para acodir aos primeiros tiros. O inimigo entre os nossos tambem trazia espias, e dellas soube a fórma, em que os esperavamos; e vendo que por aquelle caminho não podia conseguir o que pretendia, usou de huma estratagema, e com ella veio a lograr seus intentos, que foi na fórma seguinte.

Huma tarde pelas quatro horas até ás oito da noite, continuárão com tantos tiros de artilharia, que deu motivo a todo o arraial aquella novidade; porque o não fazião, mais que quando descobrião alguns dos nossos, e aquella vez o fazião sem causa alguma. Ao amanhecer não appareceo pessoa alguma, mostrando que se tinha retirado. O Capitão Mór, como havia tão breves dias que tinha vindo governar aquelle arraial, ficou contentissimo, e sem duvida teve presunção, que o inimigo pelo temer se tinha retirado, e sem fazer diligencia alguma, ou averiguação, mandou logo que passassem á outra banda tres companhias, e que todas as mais estivessem aparelhadas para as seguirem. A todos do arraial pareceo aquella resolução de quem mais se fiava em seu proprio parecer, do que na experiencia; porque devia reparar, que o inimigo tinha poder superior ao nosso, sem ter causa, ou oppressão, que o obri-

gasse, e ainda que em forças o excedessemos, tinhão o seguro de hum rio bem largo, e caudeloso em meio. As tres companhias passárão, e desembarcárão aonde o inimigo esteve alojado, em que não achárão rasto, que naquelle posto estivesse gente, e foi o melhor sinal, que tiverão para hirem com cuidado na marcha que fizerão, por descobrir o espesso do arvoredo em contorno. Não tinhão dado vinte passos, quando se achárão pelos lados, e frente atacados com todo o seu poder; e antes que elles dessem a carga, ja os nossos tinhão empregado a sua, por hirem suspeitosos daquella retirada ser fingida; porêm o inimigo lhe não deu mais lugar, que valerem-se das espadas; mas foi com pouco effeito, porque por todas as partes se achárão carregados de tal sorte, que a maior parte forão mortos; os que escapárão se lançárão ao rio, para a nado se salvarem, onde com as muitas balas acabárão as vidas. O que tenho referido deste caso, succedeo tudo em tempo de huma hora, e das tres companhias, e alguns particulares, que as acompanhárão, se pudêrão salvar somente seis. Por esta perda ser em occasião tão inconsiderada, foi de todos mui sentida; e como della se informou o Capitão Geral, obrigou ao Capitão Mór, que tinha sido daquelle arraial, Antonio Mendes Aranha, que estava retirado em Columbo, e queria lograr o bom successo da batalha de Tebuna, por onde veio a nosso poder Calituré, e não podendo deixar de obedecer, em breves dias chegou a Alicam, trazendo em sua companhia cento e vinte soldados, com os quaes se refez a falta dos que tinhamos perdido. Achou o inimigo na mesma fórma que antes estava; porque no mesmo dia se poz a bater-nos com a artilharia, e assim continuou pouco mais de hum mez, até que huma noite passou do rio a esta parte, e deu huma batalha, cujo successo veremos no capitulo seguinte.

## CAPITULO XIX.

*Da batalha, que nos derão os Hollandezes em Caloámodra, e como o Rei de Candia desceo sobre o arraial, que estava entre as quatro, e sete Córlas.*

Em dezeseis de Novembro do mesmo anno de 1654, passou o inimigo de noite o rio, por Velipéne, meia legoa por cima do nosso alojamento, sem os nossos desta passagem terem noticia: ao amanhecer se tinhão avisinhado ao arraial, e tanto que o soube, com muita brevidade se poz em retirada, por huma vareda entre matos: o inimigo tambem marchou em seu alcance a passo largo buscando a praia, e em pouco mais de meia legoa se vierão a encontrar com os nossos, em huma aldea chamada Caloámodra, aonde os nossos se não puderão escusar de dar a batalha; contendêrão nella de huma e outra parte porfiadamente tempo de hora e meia, em que os nossos fizerão da necessidade virtude; e por não terem outro remedio, os investírão á espada, com que lhe fizerão enfraquecer a resolução com que nos determinavão romper, ficando parados em seus batalhões, com perda de muitos: e supposto que ficou por elles a victoria, não foi pequena a que tivemos, por nos darem lugar a que nos retirassemos á praça de Caliturć mui compostos, conduzindo os feridos, doentes, e bagagem. Perdemos nesta occasião dezenove, entre elles hum capitão, e vinte e tres feridos. Ficárão em poder do inimigo as duas peças de artilharia, por falta de quem as conduzisse. Sobre a tarde chegou o arraial á praça, e se aquartelou a tiro de peça, em hum palmar, aonde chamão o Garaveto, que he huma porta para serventia de huma tranqueira, que cobria aquelle posto. Aos vinte e

tres do dito pela madrugada chegou o inimigo a elle; deliberado a rompe-lo, e insistio todo aquelle dia na porfia, em que pelos nossos foi rebatido animosamente até á noite, que a seu pezar se veio a retirar, levando muitos mortos, e feridos, e sem ficar em Alicam passou o rio, e alojou em Bentota, e desta aldea ficárão senhoreando as suas terras, e deixárão as nossas livres.

Dom Alvaro de Ataide, que o Capitão Geral Francisco de Mello de Castro levou por seu Capitão Mór do campo, não quiz exercitar aquelle posto em hum ou outro arraial, e se deixou ficar em Columbo, por lhe parecer, que como o Capitão Geral era fidalgo de muita idade, lhe viria a succeder naquelle posto; porêm, como os dias tinhão feito o General maduro, e o natural bem inclinado, não se deu por entendido; pelo que metteo em seu lugar hum seu sobrinho, que levou comsigo, por nome Antonio de Mello de Castro, que vindo da India, se veio a perder em N. Senhora da Ajuda, e occupou o posto que tinha Gaspar Figueira de Cerpe, que se retirou para a cidade. O Rei de Candia, como o vio fóra daquelle arraial, ajuntou a gente, que o tempo lhe deu lugar, com a qual o veio demandar, e sem o atacar, lhe tomou os caminhos, que delle vinhão a Columbo, por lhe tirar a communicação, e mantimentos, tendo-o como sitiado; e como Antonio de Mello de Castro não sabia as tramas, e invenções dos Chingalás, nem tinha alguma experiencia da terra, se não resolveo em lhe dar batalha, pela qual razão se originou em Columbo huma geral murmuração, de tirarem a Gaspar Figueira daquella occupação; esta foi logo á noticia do Capitão Geral, que o mandou chamar, pedindo-lhe que por amor delle, e pelo que convinha ao serviço de Sua Magestade, com toda a brevidade se puzesse em marcha, com as companhias que assistião de guarnição na cidade, e outras que ja tinha mandado vir

de Calituré, e livrasse aquelle arraial da oppressão em que estava; o que feito, ficasse occupando o seu posto. Tinha ja ordenado a Antonio Mendes Aranha, que se recolhesse com o arraial dentro na praça, e lhe mandasse quatro companhias, as quaes forão por elle nomeadas para este fim; e postas a caminho com o cuidado que a necessidade pedia; tendo chegado ao morro, achárão outra ordem que se recolhessem; por quanto Gaspar Figueira, assim como se despedio do Capitão Geral, sem tornar á sua casa, com cinco companhias que havia de guarnição na cidade, e alguns moradores amigos, que livremente o quizerão acompanhar, marchou, e ja tinha roto, e destroçado ao Rei, que se acolheo para Candia, deixando em nosso poder muitos mantimentos, e armas, que são os despojos ordinarios daquella guerra, e grande numero de gente degolada. Tomou posse Gaspar Figueira do governo daquelle arraial, e ordenou, que as companhias de guarnição de Columbo, e os moradores, que naquella occasião o acompanhárão, o fizessem a Antonio de Mello de Castro, havendo entre ambos muitos comprimentos, se puzerão todos a caminho; estes para Columbo, e o arraial a conquistar as terras, que com a vinda do Rei estavão levantadas, e para as reduzir á nossa obediencia, teve alguns encontros com os Dissavas de Candia, que descompostos as deixárão com boa quantidade de mortos, e quatrocentos prisioneiros; sendo que não estava em uso haver quartel entre nós, e os de Candia, e de huma e outra parte sempre se cortárão a todos as cabeças; porêm havia hum anno que o Rei tinha dado ordem á sua gente: que os Portuguezes que pudessem tomar vivos, assim em batalhas, como nos assaltos, ou encontrados pelos bágueás, os não matassem, e lhos levassem vivos; assim o executavão, e os que pode haver os mandava entregar aos maioraes das aldeas do seu

Reino, recommendando-lhe os tivessem com bom trato; e por esta razão os tinhão com respeito. Bágueás são, como entre nós os partidarios, que o Rei de ordinario mandava que viessem ás nossas terras a matar algum Portuguez que achassem na sua aldea, ou soldado, que hia e vinha dos arraiaes, e os religiosos, que estavão administrando os sacramentos á christandade que havia nas suas reitorias, e muitos perdêrão as vidas neste ministerio; e por esta ordem, que o Rei tinha dado, mandou Gaspar Figueira dar a vida a alguns, que depois de rotos apanhavão os nossos pelos matos, e vinhão a servir na casa, e fabrica da polvora, e o fazia por não se mostrar menos piedoso; porêm o Rei o fez com diversos intentos, como adiante veremos.

Vendo o Rei, que muitas vezes elle e os seus capitães forão vencidos por Gaspar Figueira de Cerpe, e por grandes diligencias, que tinha feito, jamais lhe pôde dar o minimo desgosto, cousa que notavelmente sentia; e por esta causa se dispoz a ajuntar todo o poder, que lhe foi possivel, parecendo-lhe que desta vez o derrotaria, recuperando o credito, que avaliava perdido: para este fim fez conduzir pelos seus Dissavas a Candia quarenta mil homens de armas, dos quaes forão tres mil mosqueteiros de pé, nove mil espingardeiros, treze mil frecheiros, quinze mil lanceiros, e huma companhia de cincoenta Hollandezes cravineiros em guarda de sua pessoa; e todos os seus grandes, que nesta occasião o acompanhárão. Com este grande apparato, sahio de Candia em vinte e hum de Março de 1655.

Achava-se Gaspar Figueira a este tempo com o seu arraial onde se dividem os destrictos das quatro, e sete Córlas, para dalli atalhar os movimentos que o de Candia quizesse causar naquellas provincias: estando sem pensamento daquella resolução foi avisado das forças, e intentos, com que vinha em marcha sobre elle, e vendo

que retirando-se ficavão todas as nossas cousas perdidas, não somente aquellas provincias, mas ainda todas as mais da jurisdição desta Coroa, e obedecidas áquelle Rei; que se lhe não poderião tirar sem grande trabalho, e muita gente, que não tinhamos mais que o arraial de Caliturè; que por não ter forças para se oppor aos Hollandezes, estava recolhido naquella praça, e se seguiria juntamente huma total ruina a Columbo, pelas fomes que padeceria, ficando o Rei senhor das terras, a quem os naturaes obedecem com grande vontade; e se o fazião ao nosso imperio, era violentados. Com estas considerações se determinou em dar-lhe batalha, porque se acaso nella se perdesse, muito maior damno seria o de retirar-se; porque na batalha ao menos não se perdia o credito das armas Portuguezas, e na retirada se vinha a perder o credito, e as terras, e que de lha dar estava o negocio nas mãos de Deos; e supposto que a muitos parecia que Gaspar Figueira era de conciencia larga, enganavão-se, por ser de muita caridade, timorato, e amava muito o serviço de Sua Magestade; porêm como era incansavel, valeroso, e mui resoluto no que determinava; aborrecia, e descompunha sem respeito a quem faltava ao procedimento, e para quem servia com zelo, e boa satisfação, era amicissimo, liberal, tendo para os taes a sua casa, e fazenda, (que jamais foi muita) tão prompta, como se fosse senhor de grossos cabedaes; pela qual razão dos máos era aborrecido, e dos bons muito amado.

## CAPITULO XX.

*Da batalha que o Capitão Mór Gaspar Figueira de Cerpe deu ao Rei de Candia nas nossas terras, e hum sitio que os Hollandezes puzerão a Calituré.*

Achava-se Gaspar Figueira com oito companhias, e nellas duzentos e quarenta soldados Portuguezes, e huma de topazes, que tinha trinta e sete: o Dissava das quatro Córlas, a quem assistião quatro mil lascarins. Com este bem inferior cabedal, não só quiz esperar aquelle Rei, senão tambem em parte hir tirar-lhe o trabalho do caminho; e para lhe fazer descorçoar a sua gente, porque parecendo-lhe que os nossos pelas limitadas forças com que se achavão para poderem resistir a tão grande poder, se retirarião, não somente os esperavão, mas ainda com grande resolução os hião receber ao caminho; e não ha duvida, que em muitas occasiões esta resolução dá muita parte da victoria. Como entendido, e bom Capitão, tanto que lhe declarárão, que o de Candia vinha com aquellas forças, pagou muito bem a estas espias, de quem se fiava, e lhe poz pena de morte, não declarassem a nenhuma pessoa do arraial o que sabião, nem elle a nenhum seu amigo o quiz noticiar; que supposto os que tinha erão de valor, poderia succeder algum não ter o segredo, que convinha, com que se viesse a intimidar o arraial. Quando foi a dar o nome, deu por ordem, que se havia de marchar de madrugada, e que pelas tres horas estivesse o comer repartido aos soldados; esta não se estranhou, por quanto quando se havia de marchar, áquellas horas se repartia o almoço. Vindo rompendo a aurora, ja estava posto a caminho, e pelas sete da manhã se topárão os

nossos lascarins com os do inimigo, que vinha tambem marchando. O Capitão Mór, como levava este cuidado, os primeiros tiros lhe derão aviso, e com notavel brevidade passou á vanguarda por entre as companhias, mostrando queria vêr a causa delles, e fazendo que todos apressassem o passo, se poz na vanguarda. A pequena distancia deu com hum valle cuberto de innumeraveis inimigos, e sem fazer alto, mandou tocar a acommetter, para animar aos nossos, e como quem fazia pouco caso daquella gente, foi elle o primeiro que se metteo por entre tão espantosa multidão. O Rei se vinha chegando pela nossa frente, e por ambos os lados chovião as balas da mosquetaria de pé, e espingardaria; a frecharia daquella immensa turba parecia nuvens. Tudo fôra horror, e confusão, a ser outra nação, que não estivera costumada a semelhantes acommettimentos, como os nossos, que se mettêrão por elles com repetidas cargas, e o Figueira com a espada na mão diante de todos, obrou por sua pessoa mais effeitos de raio, que de Cerpe; porque seus golpes só a morte lhe servia de reparo a quem os recebia. Durou o conflicto desta batalha pouco mais de huma hora; e não podendo o inimigo resistir, e o grande temor que concebeo, fez buscar a cada qual por onde se pôr em salvo, sem os obrigar o amor, e respeito, que devião ao seu Rei, que vendo-se daquella sorte, desesperado se quiz metter entre os nossos, e sendo pelos seus grandes impedido, houve por mais são conselho com a companhia dos Hollandezes apressadamente retirar-se, e se metteo no espesso de hum bosque alagadiço, entre duas serras, onde esteve até de noite, que se póde retirar a Candia.

Os nossos lascarins cortárão onze mil cabeças, e tomárão vivos mil e seiscentos, setecentos mosquetes de pé, innumeraveis espingardas. Foi esta a maior victoria, que dos naturaes em tempo algum se alcançou,

Todas estas armas, e cativos remetteo Gaspar Figueira ao Capitão Geral, e todos naquella cidade derão muitas graças a Deos por tão singular mercê com o Senhor exposto tres dias em todas as Igrejas, e os mesmos de festas, e luminarias. O Capitão Mór, depois de dar alivio ao arraial alguns dias, se poz a caminho, e foi assentar nas fronteiras de Candia, e ultimo destricto das nossas terras, em huma aldea chamada Motapali, ficando deste alojamento amparando as quatro, e sete Córlas. O Rei se recolheo em seu paço, onde esteve oito dias, sem apparecer a nenhum dos seus; depois dos quaes deu audiencia, vestido de luto, que continuou até que fomos rendidos, e expulsos da cidade de Columbo, nem em todo este tempo consentio, que os seus Dissavas inquietassem as nossas provincias, ou o acompanhassem com rodellas brancas, sendo a principal insignia, com que acompanhão aquelles Reis, quando sahem fóra.

Nos proprios dias, que o Rei desceo ás nossas terras com aquellas forças, que tenho referido, os Hollandezes vierão a pôr sitio á fortaleza de Calituré, por se mancomunarem de a hum mesmo tempo nos acommetterem em ambas as partes; porque se o Rei tivesse o successo, que elles esperavão, não punhão difficuldade em renderem a praça. Para este fim vierão com novecentos soldados, e todos os lascarins das terras, que lhe obedecião, e puzerão na bocca da barra, que faz aquelle rio, tres náos, e duas sumacas, das quaes desembarcárão sete peças grossas, de que formárão duas batarias; e para a provincia de Reigancorla deitárão quatrocentos lascarins, que lhe dava calor huma companhia de Hollandezes cravineiros, com que assolárão aquellas terras: nellas a nossa gente preta pôde haver ás mãos dous daquelles lascarins do inimigo, que remettêrão ao Capitão Mór Antonio Mendes Aranha, que estava dentro na praça; estes o informárão do referido; e para que o ini-

migo entendesse, não era o sitio causa de lhe impedir o atalhar da propria praça aquellas correrias; preparou alguns tones, e de noite mettoo nelles ao Dissava com alguns poucos lascarins, que nella se recolhêrão, e huma companhia de infantaria; navegárão pelo rio acima, á sombra do arvoredo, por não serem sentidos, e chegando de madrugada ao posto onde estava o inimigo, desembarcados em terra, e fazendo a diligencia, não achárão mais que os fogos nas palhotas do alojamento, por se terem de noite apressadamente retirado com ordem do seu maior, que teve aviso do succedido na batalha com o Rei; e aquelle mesmo dia recolhêrão ás náos a sua artilharia, e sobre a tarde levantárão o sitio, em que assistírão onze dias; e pondo-se a caminho, se tornárão ao seu alojamento de Bentotá. Neste sitio nos matárão cinco soldados, e oito feridos: não deixárão elles de levar maior perda; porque as nossas armas não estavão ociosas.

Em dezoito de Maio soubemos, que vinha de Goa Antonio de Sousa Coutinho, provido no posto de Capitão Geral daquella Ilha, para render a Francisco de Mello de Castro, e trazia duzentos e cincoenta soldados em nove galeotas. Pela corrente das agoas, e ser o piloto pouco observante, foi tomar a ponta de Galle, onde lhe sahírão duas náos com vento fresco, que sem difficuldade descompuzerão com a artilharia as galeotas, por serem de remo, e destroncadas. Antonio de Sousa Coutinho á força delle com sete pode salvar a ponta; ás duas lhe não foi possivel consegui-lo, e tendo a maior parte da gente morta, e quasi desfeitas da artilharia, tomárão por seu remedio darem á costa em Guinduré, duas legoas daquella praça, onde levárão prisioneiros os que escapárão: as sete derão volta á Ilha, e tomárão o Reino de Jafanapatão. Antonio de Sousa Coutinho logo em desembarcando fez aviso: que em quinze de Junho

estivessem em Aripo algumas companhias de infantaria; aonde no tal dia estaria acompanhado de gente daquelle Reino. Aprestou-se com este aviso muita gente de guerra, e serviço para a conducção do fato; e para guarda de sua pessoa se offereceo a hir o Capitão Mór Antonio Mendes Aranha, que levou quatro companhias de guarnição da cidade; e no dia apontado se achárão todos em Aripo, e sem fazer demora, em poucas jornadas entrou o novo Capitão Geral em Columbo, que tomou posse do governo. Com o dinheiro, que de Goa trazia, fez paga de hum quartel aos soldados, que passava de hum anno e meio estavão sem ellas, por cuja causa andavão mal providos de vestido.

## CAPITULO XXI.

*Em que os Hollandezes chegárão com huma poderosa armada, e pondo sitio a Calituré, a rendérão.*

Em os ultimos de Setembro chegou a Galle huma armada, que foi de Hollanda, e por seu General Giraldo Holfot, que levou todos os poderes, e supertendencia em tudo o que elles dominavão naquelle estado. Esta constava de dezoito náos, e dous patachos, e nella seis mil homens de guerra; detendo-se poucos dias naquella praça, e informado dos praticos na Ilha, por onde seria mais acertado dar principio á guerra; assentárão, que a primeira praça, que lhe convinha tomar-nos, era Calituré; assim por não a deixarem nas espaldas, como por nella estar a gente mais luzida, com que lhe tinhamos feito guerra. E tirando de Galle quinhentos soldados, e o seu Mestre de campo General, por todos fez seis mil e quinhentos, com os quaes se poz em marcha, deixando naquella praça por governador Adriano

Uvandremed com a guarnição, que lhe bastava para sua defensa. Em dous de Outubro chegou a Calituré, e da frota, que surgio na barra, lançou em terra artilharia, com que plantou tres batarias, e mandou passar o rio da parte de Columbo tres mil e quinhentos, para estes impedirem os soccorros, que lhe quizessemos introduzir. A praça estava guarnecida com o arraial, e as doze companhias se achavão com quatrocentos e setenta soldados; porque da gente que levou o novo Capitão Geral, refez a falta, que ellas tinhão com cem homens, e cinco peças de artilharia de oito livras. O inimigo continuou apertadamente com as batarias; mas com pouco effeito pela resistencia da muralha, que os mesmos tinhão obrado com o barro, de que abrirão o fosso; com que estava capaz por sua defensa, e guarnição, de aturar hum dilatado sitio; e sem duvida se perdera o inimigo, querendo-a levar por assalto, como o General teve determinado, se os seus capitães praticos na Ilha com razões o não fizerão mudar deste parecer. Como ordinariamente nas praças daquelle estado temos pouco fornecimento, em onze dias, por falta de mantimento, e munições, os sitiados fizerão chamada, e se rendêrão a partido com as condições seguintes.

Que sahirião da praça formados, a nosso uso, com suas armas, corda aceza, bandeiras largas, tocando caixas, com duas peças de artilharia, carregadas, e cavalgadas, e nesta fórma marchárião até o quartel do General, onde serião desarmados: que os soldados, e officiaes menores serião levados a Batavia, e dahi passados nas suas náos a Hollanda; os capitães, que aquelle verão serião lançados na Persia, e o Capitão Mór Antonio Mendes Aranha, por ser casado em Columbo, estaria em Galle até se findar a guerra aquelle anno; e não tomando a cidade, o mandarião para sua casa, e que rendendo-a, o porião onde elle quizesse. Com estas

condições se rendeo aquella fortaleza, em quatorze de Outubro de 1655. Ao capitulado derão pontual cumprimento, por lhe estar assim a conto, que difficultoso seria tornar mais aquella gente a Ceilão.

## CAPITULO XXII.

*Da batalha, que tivemos com os Hollandezes na praia do Moroto.*

O Capitão Geral sabendo que o inimigo sitiava com tanto empenho a fortaleza de Calituré, ordenou a Gaspar Figueira de Cerpe, que estava com o seu arraial em Motapali, que largasse as terras, e se viesse com elle para metter soccorro naquella praça, e fizesse a jornada por Columbo, para o prover do necessario. Tanto que o Capitão Môr Gaspar Figueira recebeo aquella ordem, se poz com o arraial a caminho. Ao Rei de Candia, tanto que a Galle chegou a frota, e as forças, que trazia, lho fizerão presente; e sabido pelos seus grandes, o persuadião, dizendo: que era boa a occasião de Sua Alteza descer ás nossas terras, e ao tempo que o arraial se retirasse, se podia vingar do passado. O Rei os atalhou, dizendo-lhe: deixemo-los, que bem tem em que se occupar, e assim não consentio, que os nossos fossem inquietos na jornada; com o que achárão as terras quietas, e sem alteração; cousa, que em retirada naquella Ilha, raras vezes succedeo. Aos treze do mesmo mez de Outubro, entrou Gaspar Figueira com o arraial em Columbo, aonde se preparava alguma gente de huma armada, que comboiou humas champanas de mantimento, e o havião de fazer ás galeotas da canela, que havião de levar o Capitão Geral Francisco de Mello de Castro. Esta constava de dez fustas, ou navios de remo, (como lá lhe chamão) com duzentos e qua-

renta soldados, da qual era Capitão Mór Nicoláo de Moura. Estando Gaspar Figueira aos quinze preparado para marchar em soccorro da praça, entrárão sete galeotas com trezentos soldados, que de Goa mandou o Conde de Sarzedas, que tinha chegado por Vice-Rei daquelle estado; e por esta causa se detiverão hum dia em desembarcar, e compor a esta gente, que com os que havia, se fez hum arraial de novecentos soldados em vinte e quatro companhias, e nenhum delles passava de trinta e cinco annos, nem era menos de vinte, o mais luzido, que havia muitos annos se tinha visto na Ilha.

Na manhã de dezeseis se poz em marcha o Capitão Mór Gaspar Figueira, e foi a alojar ao Morro, onde pelos da terra foi noticiado, que havia dous dias estava a praça rendida, do que logo deu parte ao Capitão Geral, que lhe mandou em resposta, que as espias não fallavão verdade, que em todo o caso introduzisse o soccorro, e se a praça tivesse capitulado, assentasse o arraial na passagem do rio, para impedir o inimigo poder-se avisinhar a Columbo. Quando chegou esta ordem, ja elle tinha passado o rio de Panaturé, que dista do Morro duas legoas, do que tambem o Capitão Mór deu parte, e por ultimo em resolução lhe ordenou o Capitão Geral: que pela manhã se pozesse em marcha, e aonde topasse o inimigo, lhe desse batalha. Aos dezesete em Domingo pelas seis da manhã, levantou o Capitão Mór o arraial, e não tendo caminhado mais que huma legoa na praia do Moroto, se chegárão a avistar huns e outros, e sem de ambas as partes diminuirem o passo, se atacárão com grande resolução. O Hollandez, por se achar com tão grosso poder, que passava de seis mil e quatrocentos, e bom numero de lascarins das terras de Galle, gente, que não he inferior á melhor da Ilha. Aos nossos parecia, que toda Hollanda era muito

pouco, por se verem com hum arraial, que em nenhuma occasião, que com elles tivemos, nos achámos com tantas forças. Ajustados ás lançadas, foi tão porfiada, e renhida a batalha tempo de hora e meia, que por nenhuma parte se mostrou vantagem; sendo que com quatro peças de campanha nos fizerão grande estrago; e como o numero da nossa gente não era bastante para cobrir toda a praia, teve lugar o inimigo de marchar com hum grosso esquadrão pelo nosso lado direito, com o qual nos ficárão cruzando em modo, que nos obrigárão a dar-lhe as costas. Deixámos nesta batalha quinhentos e vinte, e os que escapárão foi quem a pés o pôde fazer; por quanto não derão quartel a pessoa alguma, que lhe caio nas mãos. Aqui acabárão os melhores capitães, que tinhamos na Ilha, e alguns homens fidalgos.

## CAPITULO XXIII.

*Do sitio, que os Hollandezes puzerão á Cidade de Columbo, e hum assalto que lhe derão.*

Aquelle dia se veio alojar o inimigo em N. Senhora da Vida, posto, que fica pouco mais de tiro de peça da cidade. O Capitão Geral no seguinte de dezoito reduzio a companhias os que escapárão da batalha, e vendo que o baluarte S. João era o mais opposto ao inimigo, e a praça delle muito limitada, por ser ao antigo, e oitavado; e que não poderia resistir ás baterias, ordenou manda-lo forrar de terra, e fachina pela parte exterior, e para que o inimigo não impedisse esta obra, por ter guarnição, nas casas que estavão em S. Thomé, onde davão principio á primeira, para este fim nomeou hum capitão, que assistia no mesmo baluarte, sendo ca-

bo de cinco companhias, que o guarnecião, e a porta da cidade, e casamata: estas occupárão a praia, que se mettia em meio do inimigo, e a praça, onde os soldados na arêa fizerão covas, e dellas continuárão com tantas cargas, que o inimigo não somente não pode impedir que se forrasse o baluarte; mas ainda o trabalharem na bataria, em cuja assistencia estiverão cinco dias, em os quaes ficou forrado, como se pretendia. Aos vinte e seis amanhecêrão com a bataria feita, e nella cinco meios canhões, e hum de trinta e oito, com que todo aquelle dia nos estiverão batendo, de que recebemos alguma perda no mesmo baluarte, mais com as ruinas dos parapeitos, por serem de alvenaria, do que com as balas inimigas; e por lha rebatermos com toda a brevidade, formámos huma plataforma na parte da praia, ao pé do baluarte S. João, paragem bem conveniente, em a qual puzemos dous meios canhões, e hum tambem de trinta e oito, com que lhe arrazámos as casas, que estavão junto á sua bataria, onde se alojavão, e os obrigámos a cobrirem-se de hum vallo. Continuárão-se os tiros de huma e outra parte alguns dias, em hum delles derão fogo a hum mesmo tempo aos de trinta e oito, e se vierão as balas a topar em meia distancia; a do inimigo tornou o curso atraz, e se foi metter pela bocca do proprio canhão, e o fez em pedaços. Na entrada de Novembo se tinhão adiantado com o aproche, cousa de trinta passos, onde formárão outra bataria com seis de vinte e quatro, e dous furadores, e com ambas continuárão a bater apertadamente até doze. Vendo o seu General Giraldo Holfot, que com aquellas dilatorias não conseguiria em muito tempo o fim de suas esperanças, determinou que ao outro dia se desse assalto á cidade, dispondo a gente na fórma seguinte.

Mandou que estivessem promptas duas náos de for-

ça guarnecidas com boa infantaria, e que estas ao tempo que em terra se desse o assalto, entrassem dentro na bahia, e se puzessem a bater a Couraça Santa Cruz, e no meio do conflicto com as lanchas senhoreassem aquella força, que lhe era mui conveniente, e por ficar sobre o mar em hum recife, lhe pareceo estaria sem guarnição. Fez tambem metter dentro na alagoa quantidade de barcos pequenos, dos quaes veio prevenido para este fim. Aquella noite mandou passar a ponte, que fica em hum braço da mesma alagoa, que he serventia do caminho, que vem á porta da Rainha, mil infantes; e dous mil os poz junto ás suas batarias, para que mil delles pela praia passassem a estacada, dos quaes, quinhentos viessem á casamata, porta de S. João, e plataforma; os outros quinhentos, que fossem a huma couraça, que ficava na praia, defronte do Collegio da Companhia; e os outros mil, que acommettessem o baluarte S. João, e o lanço de muro, que delle corre até o de S. Estevão. Não preparárão esta gente tão occultamente, que deixasse de ser a toda a cidade notorio querião dar assalto, pelas paragens, em que pela manhã descobrimos estes corpos de gente formados; e assim tivemos lugar de nos prevenir para os receber.

Como foi pelas oito da manhã de treze de Novembro de 1655 em que a maré ja dava lugar, que pela praia se passasse a estacada; de huma bataria fizerão sinal com tres tiros, e a hum tempo abalárão todos formados, e mui compostos, dando-nos lugar a que antes de chegarem lhe empregassemos duas cargas. As náos andavão ja á vela com vento fresco, fazendo pequenos bordos; e tanto que virão o sinal, puzerão as pròas na bahia; huma dellas se metteo dentro, e deu fundo ao longo da Couraça Santa Cruz; a outra ficou fóra bem distante, por se livrar do perigo. Cada qual

dos esquadrões chegou ao posto, que lhe estava assinalado, e só o não pudêrão conseguir os mil, que vinhão ao baluarte S. João, e muralha, por darem com a cava; porêm divididos, forão huns ao baluarte S. Estevão, outros pela praia derão a mão aos quinhentos, que tinhão chegado á plataforma, e casamata, que se estenderão pelo lanço de muro, que corria até a couraça. Todos arrumárão as escadas, e subírão por ellas com grande resolução, por vêr se podião fazer-se senhores de algum daquelles postos, lançando quantidade de granadas; mas em todos forão dos nossos rebatidos, combatendo-se huns e outros porfiadamente; e os que lançavamos abaixo das escadas, tornavão a subir com maiores brios, sem os intimidar os muitos, que com os travezes, e mosquetaria cahião mortos: não menos obravão os mil que forão á porta da Rainha, e baluarte S. Sebastião. O Capitão Mór Gaspar Figueira assistia á defensa da porta de S. João, e casamata, onde no meio do conflicto lhe derão parte, que o inimigo tinha entrado a couraça da praia, e para acodir a este perigo, ordenou a hum capitão, de quem fazia confiança, a fosse soccorrer; assim o poz por obra; e parecendo-lhe, que o seguirião os soldados, ao entrar nella, se achou com hum somente, que o seguio, e aquella praça desemparada dos moradores, que a guarnecião. Os dous investírão com os que ja do inimigo estavão dentro, e a seu pesar os fizerão saltar á praia, oppondo-se aos mais que vinhão entrando; e parecendo ao inimigo, que os que acodião, era mais quantia, lançárão dentro muitas granadas, que pegárão o fogo em as panellas de polvora, de que todos os baluartes estavão providos com grande quantia; com que não se livrou o capitão de ficar abrasado. Ao incendio acodírão alguns soldados, e moradores dos que tinhão desemparado aquelle posto, que o pejo de vêr, que dous

somente despejárão o inimigo, os fez tornar á defensa. No mesmo tempo correo huma voz, que o inimigo tinha entrado na cidade: esta fez que todos se alvoroçassem; porêm ninguem largou o seu posto, porque todos tinhão bem que fazer em o defender. Antonio de Mello de Castro tinha a seu cargo cem soldados, e estava com elles no meio da praça, para acodir onde a necessidade o pedisse: tanto que lhe disserão onde estava o inimigo, com muita brevidade se foi áquella parte seguido tambem de alguns moradores, e huma companhia de Topazes, e se achou com hum esquadrão de trezentos sem saberem por que parte havião de marchar, e só lhe fazia rosto hum religioso: logo forão dos nossos investidos, e dos trezentos derão vida a sessenta e dous; os mais forão passados á espada. Estes trezentos tinhão entrado por hum muro baixo, que cingia a cidade pela alagoa, paragem, que não tinha, nem necessitava de guarnição, e forão a ella nos barcos, que trouxerão para este fim. Em todos os postos forão dos nossos rebatidos com grande valor; e vendo o inimigo a muita gente que perdia, e em toda a parte boa resistencia, se veio a retirar pelo meio dia, deixando os pés das muralhas, e baluartes cobertos de cadaveres. A náo, que entrou na bahia, se poz a bater a couraça Santa Cruz, e pela mesma em breve tempo foi mettida no fundo, e alguns, que não perdêrão nella as vidas, parecendo-lhe se salvarião na lancha, foi tambem mettida a pique com huma bala; e de todos os que nella hião, só o capitão, e dous mais se puderão livrar a nado; os outros vierão a terra; delles nos valemos para lhe tirar trinta e oito peças de artilharia, que nos servirão em alguns postos, e tres pipas de vinho de Canarias, alguns barris de carne, e quantidade de enxarcia, de que nos valemos, feita em corda, para nos postos haver fogo contínuo.

Perdeo o inimigo neste assalto mais de dous mil, da melhor gente que tinha, e se os nossos soldados não forão novatos na Ilha, e por consequencia pouco vistos em semelhantes occasiões, nenhum Hollandez se havia retirar. Quando no meio do combate ouvio dizer huma matrona, que a couraça era entrada do inimigo, foi tal a sua dor, que a obrigou a pegar em huma alabarda, e resoluta se foi áquelle posto, nelle assistio em quanto o inimigo não se retirou; e sem duvida se o achára dentro, fizera a obrigação de hum bem procedido soldado: esta era casada com hum cidadão honrado, por nome Manoel de Sousa Bigodes, que a gota o tinha como entrevado.

Mandámos enterrar os mortos, e por ser grande quantidade, se fizerão covas da muralha para fóra, que levavão muitos, por onde se achavão, o que fizemos, por não nos causarem algum contagio. O inimigo, depois de retirado, esteve alguns dias sem fazer de si movimento; tanto, que nos pareceo que se querião retirar; e não ha duvida, que se lhe não deramos a batalha, em que perdemos tanta, e boa gente, e se a tivessemos para lhe sahir, nenhum se livraria de ser passado á espada; mas eramos tão poucos, que nem guarnição tinhamos para os postos, e na occasião nos ficárão mortos, e feridos noventa. Depois de se passarem dez dias em silencio, continuárão com as baterias, e caminhárão com os aproches, onde vierão a formar outras novas, e forão seis, todas ao baluarte S. João, e algumas dellas ao longo da cava, em a qual de noite mettêrão huma galaria com intento de por ella nos minarem o baluarte; e supposto que o escuro era demasiado, não deixárão de ser sentidos, e em continente alguns dos nossos saltátão na cava, e matárão dezoito, que achárão nesta obra, e desfizerão a galaria. Pela manhã tratámos de fabricar dentro na mesma cava hum

dique, no qual mettemos huma peça de seis livras em opposição de qualquer engenho, que o inimigo quizesse metter nella, e vendo que lhe tinhamos atalhado o que pretendia, se veio prolongando com hum aproche pela face da mesma cava, sem lhe podermos atalhar esta obra com muitos e continuos assaltos, que lhe dêmos, abrasando-os a puro fogo; e para nos impedirem estes, e defenderem os que trabalhavão, fizerão tres fortins naquella parte; comtudo em nada nos descuidavamos; e por todas as vias, que nos era possivel, os encontravamos, pelo perigo, que se nos seguia. Nesta porfia perdemos muitos soldados de grande procedimento; e ainda que com todo o empenho, e mais do que as limitadas forças nos permittião, não lhe pudémos impedir continuarem com o aproche; e chegando com elle, onde lhe desfizemos a galaria, lançárão tanta quantidade de terra dentro na cava, que brevemente a vierão a entulhar, o que feito, romperão-lhe a camisa, e por baixo daquella terra vierão minando, e nos impossibilitárão de tal sorte, que nem do dique, ou do baluarte S. Estevão, os pudémos offender.

Defronte da porta da Rainha trinta passos, fizerão huma bataria de oito meios canhões, com a qual em sete dias arrasárão o lanço de muralha, que della corria até o baluarte S. Sebastião, e fizerão tudo tão raso, que não ficou sinal de ruina, por ser toda obrada de taipa, como a demais que cobria a cidade; por cuja causa andavão todos occupados em forrar o lanço que corria do baluarte S. João ao de S. Estevão, com terra, e palmeiras, prevenção não escusada, por ser onde o inimigo insistia com mais empenho; mas por não ficar a cidade ao desemparo por aquella parte, fizemos huma estacada de páo pique, pregada com travessas por duas partes, e ficou tão bem acabada, e defensavel, que escusava muralha, e nos flancos, que fechavão na porta,

e pé do baluarte, rematavão quatro pedreiros. O inimigo tinha determinado por esta parte dar assalto; porêm os soldados, que a miudo nos fugião, os divertirão deste intento.

Todo o tempo que durou este sitio, lançárão na cidade grande quantidade de bombas, de demasiada grandeza, e na casa, em que alguma cahia, o menos que lhe fazia era levar-lhe os sobrados, e a deixava descoberta, ficando somente as paredes; sendo mais a inquietação, e horror, que causavão, do que as mortes, que com ellas conseguião. Outro genero de bombas fabricárão, estas erão muito menores; porêm cobertas de muita estopa, e ingredientes de fogo, e feitas em tal proporção, que na parte inferior entre as mesmas estopas trazião de vinte até vinte e cinco canos, como de pistoletes, atacados até á bocca com duas balas, e mettidas estas bombas nos morteiros, atiravão com tal medição, que chegando em altura de nós huma braça, ou braça e meia, desparavão aquelles canos para todos os lados, fazendo tanto damno os mesmos canos, como as balas, e no fim arrebentava a bomba: com este artificio nos matárão alguma gente. O que mais nos atormentou, e só o mesmo demonio trazer podia á luz semelhante invento, foi, que em lugar de bombas, enchião os morteiros de cunhaes, e pedras grandes, e com a mesma ordem, e elevação, que davão ás bombas, punhão o fogo, ordinariamente de noite, e com este infernal artificio nos matárão grande numero de gente, que como não trazião fuzil, nenhuma pessoa estava segura, nem se desviava, e só tratava cada qual de se encommendar a Deos, esperando afflicto a sua sorte; porque só de huma morteirada nos matárão no baluarte S. Estevão dezesete. A seu exemplo tirámos de hum armazem, em que estava, aquelle morteiro, que D. Filippe Mascarenhas mandou fundir, e levou a Negumbo, com que lançámos os co-

cos naquella praça; e supposto que era pequeno, não deixámos com as pedras de lhe fazer consideravel perda na gente, que assistia nos fortins, e batarias, não lhe dando toda a noite hora de refugio, e sempre andavão inquietos. Para fóra da Ilha não pudémos deitar, nem nos entrou barco algum, sem ser tomado, por estarem as dezoito náos surtas, e prolongadas na frente da bahia; e como era de noite os patachos vinhão surgir mais a terra, e nesta fórma o fazião as sumacas, a quem seguião as lanchas perto ja da praia; compondo-se de todas huma meia lua, e pela parte de fora andavão as chalupas guarnecidas, fazendo ronda, e ao romper da alva todos hião deitar ferro ao longo das náos.

## CAPITULO XXIV.

*Que prosegue a mesma materia do sitio.*

Como não pudémos impedir ao inimigo deixar de minar por baixo daquelle entulho, que lançárão na cava, para por elle fornilharem o baluarte S. João, que ja estava tão escarpado, que não tinha meia praça, a respeito das muitas cortaduras, que lhe tinhamos feito por fazer parapeitos, e reparar os que nos arruinárão as contínuas batarias, pela qual razão fizemos com toda a brevidade pelo pé do mesmo baluarte huma contramina, e por ella nos fomos topar: não foi, para nosso reparo, esta obra de pouca utilidade, pelo impedimento, e atalho, que puzemos, á em que tão apressadamente continuavão, tirando-lhe as esperanças no que pretendião. Ao romper com elles peleijamos huma tarde porfiadamente: e porque a estrada, que por aquella terra tinhão feito, era de duas braças de largo, acudírão muitos á defensa, dos quaes forão mortos boa quantidade, e por

ser o buraco, que rompemos, mui pequeno, e escuro, nos não podião offender. As armas que neste posto se podião manejar, forão bacamartes, e pistolas; e como foi de noite cessou de huma e outra parte a pendencia, e se cobrio o inimigo com huns taboões, que pregou em madeiros, em os quaes abrio seteiras. Os nossos com toda a brevidade, no intervallo que havia de nós ao inimigo, abrimos hũma cova, onde enterrámos hum caixão de polvora, de comprimento de seis palmos, deixando-lhe a espera da escorva pendurada fóra da terra palmo e meio; e foi milagre, que sendo muito tempo tão continuos os tiros naquelle posto, não lhe saltar huma faisca. O que feito, rompemos o buraco, de sorte que ficou quanto hum homem em pé podia caber de peito a espaldas; e para haver pessoas dedicadas para a guarda delle, mandou o Capitão Geral chamar alguns capitães reformados de boa satisfação, aos quaes disse: que por ser aquelle posto o que havia de mais risco, não convinha fiar-se de quaesquer sugeitos, senão de suas proprias pessoas; e por tanto lhe pedia tomassem á sua conta a defensa delle, pelo muito que importava ao serviço de Sua Magestade, que lho remuneraria com grandes mercês; e que só daquella sorte ficarião todos sem cuidado, tendo tão honrados cavalleiros por defensores; porque o mais que podia durar aquelle trabalho, e sitio, era hum mez, que no seguinte de Março, por ser môção, nos chegaria o soccorro.

Daquelles a quem chamou para esta occupação, aceitárão oito com grande zelo, e vontade; a cada dous lhe coube fazerem naquelle posto dous quartos, hum de dia, e outro de noite, porque não dava mais lugar, que para estarem duas pessoas, e estas divididas. Na parte interior da praça, e bocca da contramina, se fez hum postigo, por onde mal cabia hum homem; e como chegavão a elle os dous, que hião fazer a sua

sentinella, antes de entrarem, se desarmavão de todas as armas; porque se as levassem, só lhe servirião de embaraço, e assim cada hum não levava mais que hum bacamarte: e como entravão o postigo, se lhe fechava com chave, e se entregava ao capitão cabo do baluarte: os dous caminhavão aquella distancia por baixo da terra, aonde apenas cabia o corpo, e com tão notavel escuro, que se perdia o tino: chegados ja perto ao lado esquerdo estava huma gruta, que se fez com as ruinas do baluarte, onde hum dos dous subia altura de dous palmos, e se mettia debaixo de humas taboas, que acaso alli se achárão, e devião servir quando se forrou o mesmo baluarte; neste posto ficava aquella sentinella, a outra caminhava mais adiante, distancia de duas braças, que era aonde tinhamos rompido com o inimigo, que se cobria com os taboões, havendo entre esta sentinella e elles sete palmos somente de terreno, onde estava enterrado o caixão de polvora. O inimigo mettia naquelle posto de guarda vinte e cinco cravineiros, que de ordinario armavão praticas com esta sentinella; porque da que ficava no primeiro posto, não tinhão noticia alguma: dellas descompostas, e outras mais racionaes, segundo os humores dos que as movião: lançavão muitas vezes frutas, tabaco, e outras semelhantes; porém de ordinario estava algum com a bocca da cravina posta em huma das seteiras, que tinhão nos taboões, e pelas nossas sentinellas se descuidarem, forão alguns mortos, servindo de aviso aos mais advertidos, para estarem de acordo, que tanto que vião a seteira escura, era certo estar o tiro prompto. Neste lugar, onde estava esta sentinella, não cabia hum homem mais que em pé, posto de ilharga, e com o olho direito havia desquartinar as seteiras dos taboões. O outro companheiro, que ficava no primeiro posto, fazia a sentinella deitado de bruços, por não poder ser de

outra sorte, e vigiava por entre aquellas taboas, sendo este lugar superior ao inimigo. A ordem que levavão era, que se por aquella parte avançassem ao baluarte, lhe atirassem com os bacamartes em modo, que o fogo pegasse na espera do caixão de polvora. Era este posto tão medonho, e perigoso, que o de maior esforço não deixava de desmaiar, e ainda ao coração mais alentado empavorecia; não só pelo grande perigo, senão tambem por se verem fechados, e as mais das noites não erão rendidos, trabalho intoleravel; pelo qual alguns destes capitães, de quem se tinha boa opinião, por o não poderem aturar desemparárão aquelle posto, e delle fugírão para o inimigo; com o que veio a ser tão arriscado, que huns dos outros se não fiavão, com receos de serem dos companheiros mortos, ou entregues ao inimigo; porque o que ficava no primeiro posto o podia facilmente conseguir; e por estas razões não só aquella primeira camada dos que forão chamados para esta occupação, se veio a extinguir, senão que houve até quinta nomeação, e de todos somente tres aturárão este horrendo, e insoportavel trabalho até o fim, que passou de tres mezes. Hum delles, Manoel de Sousa, natural de Villa Viçosa, a quem, por ser de pequeno corpo, chamavão o Sousinha: outro foi Francisco Pereira, natural da Ilha Terceira, e o terceiro hum capitão natural desta cidade.

Como o inimigo estava ao pé do baluarte, era-lhe mui facil ganha-lo; e porque se assim succedesse, fizemos junto a elle pela parte interior hum contra-baluarte de terra, e madeira para delle lhe fazermos opposição, e lhe puzemos duas peças de seis livras. De todo o ponto nos faltou a corda; com que os soldados rasgavão as camizas, e os que não as tinhão, buscavão trapos de roupa branca, com que remediavão esta falta; e como o inimigo pela parte de Mapane não fez aproches, nem ti-

nha posto guardas, por ser o terreno de pissarra, baluarte, muralha, e fosso tudo ao moderno; sahimos huma madrugada duzentos, levando os escravos dos moradores, e muitos machados, e demos comnosco no matto de N. Senhora dos milagres, que distava meia legoa da cidade: nelle cortámos tantas arvores, de cuja casca se faz a corda, quantas todos pudemos carregar, e sem impedimento nos recolhemos; e sabido pelo inimigo, que fizemos aquella sahida, fabricou huma forte tranqueira, e poz nella bastante guarnição, para nos impedir fazer outra semelhante.

## CAPITULO XXV.

*Em que se continua a mesma materia.*

Para relatar miudamente tudo o que succedeo neste horrendo sitio, serião necessarios grandes volumes, e assim digo somente por maior algumas cousas mais assinaladas, e que o tempo não as desterrou da memoria, como costuma com todas as do mundo. Não he de pequena admiração a que se nos offerece, e esta somente nos pode servir de despertador para considerarmos a grande miseria da nossa fragilidade, verdadeiro espelho do que somos nesta vida. No dia em que demos aos Hollandezes na praia do Maroto aquella batalha, que foi em dezesete de Outubro, como tenho mostrado; e no seguinte de dezoito (devem nisto reparar muito os capitães, que governão praças, principalmente as ultramarinas, para que em semelhantes casos não lhe succeda outro tanto): o Capitão Geral inadvertido, e sem reparar, deixou aquelles dous dias entrar na cidade quanta gente da terra morava em sete freguezias, que havia nos rebaldes; toda ella inutil, e sem prestimo algum. Não sentimos este grande, e notavel descuido,

senão na entrada de Março, por nos faltar o mantimento, que até aquelle tempo havia sobras, e se vendia publicamente por mais algum preço do ordinario, porém não que fosse exorbitante; e como faltou de repente, quizemos acodir ao remedio, lançando de noite fóra da cidade muita daquella gente de ambos os sexos, e todas as idades, por quatro vezes, a mil e quinhentos, e a dous mil, para que se fossem pela terra dentro; e porque o inimigo em toda parte tinha guardas, logo os tornava a mandar para a cidade, sem consentir que nenhum daquelles miseraveis fosse remir a grande oppressão da fome que padecia, só por nos acabarem de consumir algum pouco, que houvesse, e chegando ás portas da cidade, não os quizemos recolher; e vendo aquelles desgraçados, que nem em huma, ou outra parte achavão abrigo, tomárão por unico refugio metterem-se pelos fossos, aonde sem lhes valer os contínuos clamores, e gemidos, forão consumidos todos. De toda esta gente não se achou mais, quando nos rendemos, que as ossadas junto da alagoa; espectaculo mais horrendo que o mundo podia vêr; sendo quasi todos christãos, criados comnosco, e vivendo á nossa sombra.

Com a fome deu tambem na cidade huma terrivel peste, não somente nos pobres, mas ainda nem respeito guardou aos ricos e de qualidade: com ella huns inchavão como hydropicos, outros sem dor, ou achaque cahião mortos. De quinze de Março de 656, em que este mal teve principio, até vinte de Abril, que aos mortos se deu sepultura, forão contadas vinte e duas mil e trinta pessoas; e não he de admirar, porque havia familia, que tinha sessenta, e as que tinhão pouca, erão doze, ou quinze. Dahi por diante até quem enterrasse os mortos faltou: e tal era o horror, e miseria, que todos se desejavão sepultados; porque nem para os poucos solda-

dos havia com que lhe reprimir a fome. Pelas ruas andava muita gente pedindo pelo amor de Deos lhe acodissem com huma pequena de agoa quente; porque bem sabião que com outra cousa os não podião remediar. Com estas insoportaveis miserias nos fugirão para o inimigo cento e vinte soldados, entrando alguns de posto: estes lhe davão verdadeiras noticias do aperto em que estavamos; e por lhe parecer impossivel o que ouvião, lhe não davão credito, e tambem por serem informações de homens, que apadrinhavão o seu máo procedimento: e na verdade muito mais era, do que elles podião dizer. Permittio Deos por seus justos juizos, que chovendo na Ilha tres, e quatro vezes no dia, por estar mui chegada á equinocial, que em todo o tempo que durou o sitio não chovesse, e causou tanta quentura que nem calçado se podia andar pelas ruas, as quaes se achavão cobertas de cadaveres cheios de nojosa moscaria, que causava horrivel fedor. Havia açougue publico de cães, e o que alcançava algum arratel, o tinha a grande sorte. Os elefantes que morrião, se comêrão até as pelles; e para terem esta occasião, matárão occultamente alguns; e de quinze que havia, que nos servião, não escapou mais que o Ortelá, pelo amor que todos lhe tinhão: assim mesmo não escapou animal immundo, que se não comesse. Algumas familias de Portuguezes honrados se achárão todas as pessoas dellas mortas nas proprias casas.

Huma mulher natural da terra, cujo marido tinha o inimigo morto, vendo-se obrigada da necessidade, que todos padecião, e criava hum menino de peito seu proprio filho, a esta lhe veio a faltar o leite; e parecendo lhe que sem duvida morreria, e entrando esta miseravel nestas considerações, se quiz valer delle para seu sustento; pondo-o por obra, o degolou, e estando-o abrindo para lhe tirar o ventre, entrou em sua casa hu-

ma visinha, que acaso buscava lume, e alhea do que via lhe perguntou o que fazia com a sua criança; e como o ladrão, que de ordinario se acha com o furto na mão, não dá desculpa mais que a da necessidade, assim o fez a pobre, e confessou de plano: espantada a visinha, se sahio da casa, fazendo o caso publico, de que logo se deu aviso ao Capitão Geral, que com toda a brevidade mandou por hum ajudante prende-la, e que a levassem ao baluarte de Mapane, aonde a fizesse pôr na bocca de huma peça. Por toda a cidade se divulgou este caso, e o castigo que lhe mandavão dar, ao que acodirão alguns religiosos de virtude, e com razões fizerão que o Capitão Geral cedesse do castigo, dizendo: que não o podia ter maior aquella mulher, que sendo obrigada da fome matar a seu proprio filho, ultima miseria desta vida, e tão repugnante á mesma natureza; com o que se dissimulou com ella, por não causar escandalo em tal aperto: alguns casos semelhantes, era alli fama, succedêrão neste aperto; porêm eu só conto o que sei de certo.

Continuou o inimigo com as batarias apertadamente, em que só ao baluarte S. João batia com seis, como tenho dito, algumas de oito meios canhões, e na porta da Rainha tinhão aquella, com que nos arrasárão o lanço da muralha, que fica referido. Nesta parte, em quatro de Maio tinhão acabado outra de seis, e aquella noite lhe havião pôr artilharia, para com ella arrasarem o baluarte S. Sebastião, que por limitado, e muito arruinado com pouco trabalho o podião fazer. Na cidade, e sitio se achou hum religioso da Companhia de Jesus, homem incansavel, e de notavel coração; vendo este que o inimigo se nos batesse com ella, em poucos dias ficava a cidade aberta, e sem trabalho se farião della senhores; porque ja neste tempo se achava com mui poucos defensores: convidou a al-

guns daquelles, que sentio o acompanharião em qualquer facção, como o tinha feito em outras; e sem declarar o que determinava, tomou a palavra a treze, para estarem juntos a horas de meio dia, e havida licença, que o mesmo sollicitou do Capitão Geral, se sahio capitaneando aquelles poucos, e se metteo sem ser sentido dentro na bataria, onde os fios da espada derão rebate, para alguns poderem salvar as vidas, e em tempo de huma hora desfez a bataria, que estava obrada de palmeiras, e fachina, e pondo a tudo o fogo, debaixo do grande fumo pode retirar os que o seguirão, sem prejuizo algum, deixando o inimigo admirado, e confuso; e não ha duvida, que se houvesse trezentos, que com elle fossem, o bom do nosso religioso não deixaria a Hollandez com vida.

Em sete de Maio Domingo pelas oito horas da manhã, estando sómente o capitão de guarnição, e huma sentinella, hum artilheiro, no baluarte de S. João, subio o inimigo por elle acima, o que não lhe foi difficultoso, por estar das batarias tão arruinado, e escarpado, que mais facil o pôde fazer, do que se fosse por hum outeiro, e matando aos tres, ficárão sem contradição senhores delle: logo se tocou a rebate, e acodirão todos a seus postos, por estarem os que havia ouvindo missa, e chegando cousa de trinta, achárão o inimigo descendo á rua, onde forão dos nossos investidos com tal resolução, que nas suas mortes querião salvar as vidas, e foi tal esta contenda, que do inimigo forão mortos setenta e seis, entre elles tres capitães, os mais se retirárão ao baluarte, deixando cinco bandeiras, sem se atreverem a descer mais á rua. Como o inimigo tinha ganhado aquella praça, acodio a pouca guarnição, que tinhámos nos mais postos, e por todos nos achámos cento e cincoenta, os quaes juntos os avançámos tres vezes aquelle dia, para os desalojar do baluar-

te com muita quantidade de panellas, e gorgoletas de polvora, occupando alguns dos nossos o contra-baluarte, que tinhamos feito de madeira, e com as duas peças; e por lançarmos entre elles muitas panellas, e gorgoletas de polvora, sem nenhuma levar fogo, e logo huma que o levava, lhe fizemos notavel estrago; porque como aquella polvora estava entre elles, sem se precatarem, ficavão abrasados de tal sorte, que pelos ares viamos hir ardendo os chapeos, e pedaços de bandeiras. Sobre a tarde não podendo o inimigo ja soportar os muitos tiros, e grande quantidade de fogo, com que tinhão perdido a maior parte da gente, que havia no seu exercito, largárão a praça do baluarte, e na parte de fóra se puzerão a defende-lo, servindo-lhe os mesmos parapeitos; que como estava tão escarpado, o pudérão mui bem fazer. Com a muita polvora, de que nos valemos para supprir a falta de gente, não póde deixar de pegar o fogo em alguma, que causou grande incendio, matando-nos algumas pessoas de conta, e pegou na madeira do contra-baluarte, que por se achar o entulho em falso, vierão as peças ao chão. Perdemos neste dia melhor de oitenta soldados, e capitães, em que todos mostrárão grande valor, e zelo, com que defendião a praça: não foi pequeno o que mostrou o Capitão Mór Antonio de Mello de Castro, Gaspar Figueira de Cerpe, Diogo de Sousa de Castro, Ruy Lopes Coutinho, D. Diogo de Vasconcellos; e outros fidalgos e capitães, que com valor perdêrão as vidas neste sitio: e para os nomear, e dizer em particular o muito que cada hum obrou, não me he possivel; não mereceo menos o Padre Damião Vieira religioso da Companhia de Jesus, porque mais obrou em todo o sitio, como muito cuidadoso, e disvelado capitão, do que parecia professo religioso, porque não houve assalto, em que deixasse de ser o primeiro, e de muitos foi

author, todos com bom successo, sendo o que investio com os trezentos, que entrárão pela alagoa no primeiro assalto, e o que desfez a bataria na porta da Rainha: em resolução digo que a Companhia se pode jactar de hum tal soldado, e os soldados de tal capitão. Pelas nove horas da noite não tinhamos ja forças para os rebater, e se nos tornassem a acommetter á rua, sem duvida com pouco trabalho degolarião os poucos que havia.

Aquella noite conduzírão quantidade de fachina, e terra, de que formárão para a cidade parapeitos, e pela manhã tinhão ja virada a artilharia, o que visto pelos nossos, se chamou a conselho para nelle se assentar o que se havia obrar no estado, e termos em que nos achavamos: nelle houve alguns votos, que as poucas mulheres e meninos que havia, se mettessem em huma igreja, e lhe puzessem o fogo, e da mesma sorte a toda a cidade, e que os poucos que havia, com a espada na mão morressem entre o inimigo, para que não ficasse memoria de gente daquella cidade, nem elle se poder jactar de vencedor. Os Prelados das Religiões assistírão nesta junta, que puzerão atalho a semelhante proposta, dizendo: que seria acção gentilica, e totalmente barbara, condenada pelas leis divinas e humanas, que nos haviamos compor com o que Deos dispunha, sem nos querermos oppor a seus divinos decretos; que supposto que Sua Magestade recommendava muito a defensa daquella Ilha, que a seus Ministros havia pedir conta de em tanto tempo não mandarem algum soccorro. Com estas razões, e algumas lagrimas, concordárão todos, que visto não termos outro remedio, se fizesse chamada ao inimigo, e mandassemos capitular alguns honestos partidos: aos nove do dito assim se poz por obra, e até que forão os commissarios, estivemos de contínuo pelejando. Concedêrão que toda a gente de guerra sahiria

da praça com suas armas, corda aceza, bandeiras largas, tocando caixas, e marcharia com quatro peças de artilharia até Nossa Senhora da Vida, quartel General, onde arrumarião as armas; e que os capitães não serião desarmados de suas ordinarias, e logo com toda a infantaria serião lançados em praça nossa daquelle estado; e a gente de guerra deixaria ficar o seu fato nas casas dos moradores, para cada hum levar o seu, quando se embarcasse: que os dous Generaes com seus moveis, e criados os porião na praça que elles quizessem, e o mesmo concedião a todos os moradores, e suas familias, e que pudessem por tempo de hum anno vender livremente todos os moveis, que não pudessem ou quizessem conduzir, e a todos neste tempo darião passagem nas suas náos: aos religiosos pelo conseguinte, e que poderião levar toda a fabrica do culto divino; porêm que pedião a todos que nenhum levasse em publico joias, ouro, ou prata, e cousas semelhantes, por evitarem desatinos a seus soldados. Todo o referido se capitulou com Adriano Uvandremed, General que succedeo a Giraldo Holfot, que foi morto no sitio de hum cravinaço.

## CAPITULO XXVI

*Como se entregou a cidade de Columbo, e a gente de guerra foi lançada em Negapatão.*

Em doze de Maio de 1656, pelas tres horas da tarde, sahimos daquella cidade bem magoados setenta e tres homens de guerra, e erão todos os que nella se achavão, entrando alguns aleijados com braços e pernas menos; e todos parecião defuntos. Puzemo-nos em marcha á desfilada por entre huma multidão de naturaes, que por hum e outro lado nos estavão vendo, e com es-

tes quasi todos serem de Candia, nossos inimigos, mostravão no semblante o sentimento, que lhe assistia de nos verem naquelle estado. Deixámos ficar á porta da cidade as quatro peças, por não haver quem as conduzisse, e chegados a N. Senhora da Vida, quartel do seu General, em o corpo da guarda arrumámos todos as armas, ficando os cabos, e capitães com as suas espadas, o que feito subimos á casa onde achámos o General, e o maior, que nos recebêrão com notavel alegria, e com hum brinde que nos fizerão, se quizerão despedir dizendo: nos ficassemos embora, e antes que fosse mais tarde, querião hir receber a infantaria, e os senhores Generaes; respondemos-lhe: que aos senhores Generaes podião suas senhorias hir receber; porêm que toda a gente de guerra tinhão presente. Com esta resposta mudárão de cores, trocando-se-lhe em notavel tristeza a grande alegria com que nos recebêrão, e fallando pouco espaço hum com o outro em sua lingua, nos disserão: parecia-nos que Vossas Merces erão os officiaes maiores: assim devia ser, porque em nos matando hum official de qualquer posto, logo se provia, com que dos setenta e tres tantos erão os officiaes, como os soldados. Logo que se forão para a cidade, veio hum capitão que com cortezia nos disse o seguissemos, e nos trouxe para mais perto da praça, mettendo-nos em humas boas casas, que tinhão a commodidade de huma horta murada, e na porta poz de guarda huma esquadra, cujos soldados nos servião com boa vontade, trazendo-nos o que nos era necessario: aqui passámos dous dias, no fim delles veio o seu Mestre de Campo General, pedindo nos muitos perdões; que as occupações lhe não derão lugar a poder mais brevemente tratar de nossa commodidade, pois era certo teriamos passado mal por falta do necessario. Levou nos para a cidade muito de vagar por aquelle caminho em praticas dizendo: que grande conta ti-

nhamos que dar a Deos, em deixar perecer tanta gente, por sustentar o que não podiamos; que elle correra os postos que defendiamos; e não era possivel serem guarnecidos com menos de mil e duzentos soldados; que tinha lido muitos sitios, que houve no mundo; porêm que nenhum se podia comparar com aquelle; sendo que outros houvera de mais tempo, mas não com as miserias, e circunstancias deste: e todos os que para elles se passárão, lhe disserão o que dentro na cidade se padecia, e lhe não davão credito, por lhe parecer tudo impossivel. Levou-nos por dentro dos seus ataques, por nos mostrar os fortins, e batarias, e com as praticas nos deu lugar a perguntar-lhe a quantia de bala, e polvora que gastárão: da bala disse se não sabia o numero, porque alem de tres vezes lhe vir grande quantidade, tambem se tinhão valido das nossas; e da polvora nomeou huma tal quantia, que ficámos admirados; o que não relato pelo não encommendar á memoria: que áquelle sitio vierão com os soccorros oito mil trezentos e cincoenta homens, todos da Europa, e delles se achavão com mil e duzentos, que pegavão em armas, e setecentos feridos e quzimados; que todos os mais erão fallecidos. Com isto nos metteo pela cidade, recolhendo-nos na Igreja do Collegio da Companhia, e ao despedir nos disse: que alli podiamos trazer o nosso fato, e fazer cada qual o negocio que tivesse; porque dahi a tres dias nos haviamos embarcar.

A' porta daquella Igreja mandou pôr de guarda huma companhia, para que de nenhum soldado recebessemos aggravo, e cada vez que nos parecia sahir fóra a fazer algum negocio, o faziamos sem impedimento: só de noite o não consentião por não nos succeder algum encontro: e pelo Mestre de Campo General achar alguns soldados, que querião entrar a casa de hum cidadão rico, a hum o matou ás cutiladas, e dous fo-

rão enforcados; e por esta causa deitou quatro rondas, com ordens mui apertadas de se não fazer aggravo a pessoa alguma da nossa gente. Dahi a tres dias nos mandou embarcar, mettendo-nos em duas náos com alguns moradores, e viuvas pobres, mas não consentio, que embarcassemos caixões, ou bahûs, pelas não avolumar; com que cada hum accommodou o seu fato em sacas, e lançoes. Desta sorte nos embarcámos, e em breves dias chegámos a Negapatão, onde francamente derão liberdade a todos os que estavão prisioneiros em Galle, e repartidos pelas náos. Aos Generaes, e todos os moradores cumprirão com pontualidade o capitulado, usando com todos de muita urbanidade.

Quando nos rendemos não havia peça de artilharia de bronze que se achasse sem lesão, por estarem todas, ou sem munhões, ou com a joia menos, ou abertas, e pelos fogões lhe caberia hum braço, e as de ferro muitas quebradas, e sómente algumas, e pedreiros que estavão nos flancos, não tiverão este damno; porque ainda que em muitas partes da cidade não houve batarias, as que estavão naquelles postos forão mudadas, e assim nenhuma que fosse capaz deixou de trabalhar. Gastámos neste sitio tres mil setecentos e vinte e nove quintaes de polvora; rendemo-nos com vinte e quatro e duas arrobas.

O Rei de Candia tanto que nos pozerão sitio, logo desceo a elle, trazendo quarenta mil homens de guerra, e serviço, com que lhe assistio; e como vio que a cidade capitulou, mandou alguns dos seus dentro com grandes promessas, para que se quizessem passar para elle. Os mais dos filhos da terra, e alguns Portuguezes com suas familias o fizerão, e em sua companhia alguns clerigos, e a todos estes, e aos que tinha prisioneiros em Candia, repartio aldeas das terras desta Coroa, para que todos vivessem com largueza, em nossa Reli-

gião, sem obrigar algum a outro rito. Muita instancia fez com os Hollandezes, para que lhe entregassem Gaspar Figueira de Cerpe, e promettia por elle boa quantia de dinheiro; para cujo fim fizerão conselho, em que assentárão de não lho entregar, e derão em resposta ao Rei: que não o podião fazer, por lhe ser prohibido pela lei; porque de mais de estarmos rendidos debaixo do capitulado, era hum grande crime e abominação entregar homem christão a quem o não era: e na verdade elles castigão gravemente o crime de passar gados; sendo que o não fazião expressamente por este respeito, quanto por entenderem o queria para seu capitão, e assim tratárão logo de o embarcar, e os dias que se deteve lhe pozerão de guarda huma esquadra, sem o deixar sahir fóra de casa, vendendo-lhe por fineza de o não entregarem. O Rei tinha mandado fazer diligencia com o mesmo Figueira; mas elle não quiz dar ouvidos ás suas muitas promessas; ainda que bem sabia mais o queria para lhe governar as armas, do que para lhe fazer aggravo pelas victorias, que delle tinha alcançado; e da ultima andou de luto até este tempo que nos rendemos.

Em dezenove do mesmo mez rompeo o Rei a paz com elles, e lhe deu huma batalha na tranqueira grande, na qual ficou vencedor, e nunca mais lhe quiz admittir os tratos, que sollicitavão de paz, porque com a guerra ficou absoluto senhor de todo Ceilão, e os Hollandezes ficárão sómente com as praças, e algumas aldeas, que ficavão junto da praia; que pela terra dentro não tirão cousa alguma: e havendo o Rei de fazer com elles ajuste, de necessidade lhe hade largar todas as terras, que forão, e pertencem á Coroa de Portugal: de maneira que para o Rei ser senhor de Ceilão, hade ter guerra com os Hollandezes, e a elles lhe fica maior a despeza, que a receita. A conveniencia que elles tem he

a pouca canella, que se tira na Ilha, ser por sua ordem, e navega-la, porque o Rei não trata della.

## CAPITULO XXVII.

*Como os Hollandezes tomárão a Ilha de Manar, e sitiárão a fortaleza de Jafanapatão, e a rendêrão.*

Vendo os Hollandezes que depois de perdermos a cidade de Columbo, conduziamos muita gente, e com ella reforçavamos a Ilha de Manar, e o Reino de Jafanapatão, aonde se tinha recolhido huma armada de remo, que em soccorro de Columbo expedio Manoel Mascaranhas Homem, o qual era Governador do Estado, por fallecimento do Conde de Sarzedas, Vice-Rei delle, da qual foi Capitão Mór Francisco de Seixas Cabreira; e tambem outra de doze sanguiceis, que o mesmo Governador mandou para Manar, e della foi por Capitão Mór Manoel de Mello de Sampaio: assim mesmo cento e dez soldados e capitães, que os Hollandezes deitárão em Negapatão, rendidos em Columbo, e que andavão prisioneiros nas náos. Tinha o mesmo Governador nomeado por Capitão Geral da Ilha de Ceilão a Antonio do Amaral de Menezes, que actualmente occupava o posto de Governador daquelle Reino: e que poderiamos continuar com tantos soccorros, que lhe viessemos a dar pezar, quando o remedio lhe fosse difficil, por termos estas forças na mesma Ilha; e por se livrarem deste cuidado, se dispuzerão em expulsar-nos fóra della: para este fim, em meado Fevereiro de 658, vierão com dez náos, e nellas tres mil e duzentos soldados, e alguns Chingalás, homens de valor, que tinhão em Columbo sido nossos. A primeira parte onde puzerão a proa, foi em Titicorim, por estarem em guarda

daquelle porto cinco navios de remo, dos quaes era cabo D. Alvaro da Silva; e como elle he aberto, se pudêrão chegar tanto á terra, que sem impedimento os forão acanhoando, por quanto os nossos navios não tinhão outra artilharia com que os poder resistir, mais que em cada hum huma peça de duas livras, e pelo conseguinte nenhuma defensa: com o que teve o inimigo lugar de os desfazer, mettendo dous no fundo, e os tres apenas pudêrão chegar á terra com a maior parte da gente morta e ferida; onde por não haver outro remedio, lhe mandou o cabo pôr o fogo, e se veio com alguns que o quizerão acompanhar para Jafanapatão; o que feito se fez o inimigo na volta da Ilha de Manar, onde se achava o Capitão Geral Antonio do Amaral de Menezes com doze companhias, e nellas pouco mais de quatrocentos soldados; como tambem alguns navios de remo, e sanguiceis, de que compoz huma armada, e della foi Capitão Mór Gaspar Carneiro Girão. Com as companhias que estavão em terra fez pela beira da praia hum vallo, em distancia de huma legoa, que com ellas guarneceo, para lhe impedir poderem desembarcar.

Tanto que o inimigo, com a sua armada, chegou, veio-se aos navios e sanguiceis, que com repetidas cargas de artilharia os foi desfazendo, mettendo huns a pique, e dando com outros á costa, não deixou algum de correr a mesma fortuna, com a maior parte da gente morta e ferida; com o que ficou o inimigo desembaraçado para poder desembarcar aonde lhe fosse mais conveniente; e porque de Manar até Talemannar são grandes duas legoas de praia de arêa, e o fundo muito limpo, e as companhias guarnecião a primeira legoa do vallo, como tenho dito, a mais praia não havia quem a defendesse: nesta parte chegárão com as náos á terra, e nas lanchas mettêrão quinhentos soldados, que desembarcárão sem impedimento algum, e delles formárão

hum esquadrão, o que visto pelos nossos, forão sahindo do vallo assim como estavão á desfilada, para os acommetterem; e pelo pouco numero dos que se achavão na vanguarda, se não atrevêrão; sómente destes se metteo pelo esquadrão hum alferes, que resoluto quiz mostrar seu valor, por nome Sebastião da Costa, o qual logo foi morto; e deixando as mais companhias o vallo que guarnecião, se vinhão incorporando para atacarem o inimigo; mas forão tantas e tão contínuas as cargas de artilharia, que das náos atirárão, que não derão lugar a conseguir-se, por nos matarem alguns capitães e soldados de valor, entre os quaes foi tambem o Capitão Geral Antonio do Amaral de Menezes: em tanto teve lugar o inimigo de pôr em terra toda a gente, o que visto pelos nossos, se vierão retirando, e elle posto em marcha em nosso seguimento, e chegando á fortaleza se lhe rendeo por não ter defensa, nem ser capaz de resistir.

A nossa gente passou o rio com a brevidade que a necessidade pedia, e veio para Jafanapatão marchando aquellas dezoito legoas mortos á fome, aonde chegárão com o Capitão Mór do campo Antonio Mendes Aranha, que tratou com o Governador daquelle Reino, João de Mello de Sampaio, de reduzir a companhias aquella gente; por quanto a mais della não tinha capitães, e feitos se pozerão no rio salgado para defenderem aquelle passo ao inimigo, que no proprio alojamento em breves dias nos veio acommetter, por ter tambem marchado por terra, trazendo pelo mesmo rio todas as lanchas, e quantidade de barcos com bastimentos e petrechos; e pelejando com elles nos viemos retirando até á primeira rua da povoação, onde nos fizemos fortes. Passados tres dias nos avançárão aquelle posto, que por nos ser difficultoso sustenta-lo, de noite nos retiramos para a ultima, chegada mais á praça: nella nos

cobrimos, e estivemos quatro dias, e por hum lado com a sua artilharia nos rompeo, e obrigou a recolher-nos de noite á fortaleza, em a qual tambem se tinhão recolhido todos os moradores, e mais gente da povoação, que por ella não ter dentro mais que as casas do Governador, hospital, e hum convento de S. Francisco, todos se alojárão na Igreja, e seu claustro, como pudérão, huns junto de outros. A fortaleza era hum quadrado regular com quatro baluartes; de hum a outro angulo havia vinte e cinco passos, e nos meios dos lanços da muralha, huns cobellos, ou meias laranjas, tudo muito limitado ao antigo, e toda a fabrica feita de pedra pomes: por hum dos lados a cingia o rio, e os tres os cobria huma cava de largura de vinte e quatro palmos, e de alto doze: entre a cava e a muralha se alojou a infantaria, que aquella noite levantou para se cobrir hum valo, que nos ficou servindo de barbacam. O inimigo formou tres batarias, com que nos forão batendo os dous baluartes da parte do rio, por lhe fenecer a cava a seus pés; estes com facilidade se arruinárão, por estar todo o mossiço, como terra de cemeterio, a respeito da qualidade da pedra, com que tudo era obrado. Tambem com tres morteiros nos deitárão grande quantidade de bombas, e de continuo muita pedra, com que nos matárão muita gente. Na praça não havia mais que algum arroz ja corrupto, sem outro genero de conducto; nenhuma pedra de sal se achava; e por estas faltas padecemos todos grandes miserias, sendo causa de nos adoecer e morrer muita gente. Alguns assaltos demos ao inimigo para lhe impedir obras, a que davão principio, e não as continuárão pela opposição que lhe fizemos.

Na entrada da barra, que distava da praça pouco mais de duas legoas, tinhamos hum forte, apropriado com o do Bogio, e o guarnecia huma companhia de infantaria, quatorze peças de artilharia, Condestavel, e

dous artilheiros. O inimigo lhe poz batarias na ponta do caes dos Elefantes, por ser a paragem por onde o forte se avisinhava mais á terra; e porque tambem era feito de pedra pomes, facilmente o arruinárão; faltando-lhe o mantimento e munições se veio a render em pouco mais de hum mez. O sitio da praça continuava com todo o aperto, e pelas miserias que todos padecião, e falta de mantimentos, e mais cousas necessarias; depois de dous mezes de batarias nos fez o inimigo chamada, em que nos offerecia rasoaveis partidos, que não lhe quizemos admittir, insistindo na defensa, que continuámos de vinte de Março, em que nos recolhemos, até vinte e dous de Junho; e vendo todos que não havia polvora, arroz, nem outro algum mantimento, e a maior parte da gente morta, os baluartes desfeitos, e não era possivel vir-nos soccorro, e havia ja tempo nos faltavão os tiros do forte, sinal manifesto de estar rendido; por estas razões, e a muita doença que havia, se fez conselho, no qual se assentou entregassemos a praça, e fazendo chamada ao inimigo, que vendo o faziamos de necessidade, pois não era possivel vir-nos soccorro, sendo elles senhores de Manar e do forte daquella barra, onde tinhão cinco náos; pelo que não quizerão conceder-nos algum honesto partido: somente na honra das armas não reparárão, e no demais nos rendemos como se fosse á mercê. Concedêrão que sahissemos com as nossas armas, corda aceza, bandeiras largas, tocando caixas; porêm expulsos de joias, ouro, prata, e qualquer peça semelhante; que ao Governador, Fidalgos, e capitães os lançarião em huma das nossas praças daquelle estado, e o mesmo a todos os casados com suas familias, e os soldados serião passados em suas náos a Batavia, e dahi para Europa: o que mal cumprírão, por todos serem levados a Batavia.

Em vinte e quatro de Junho de 658 sahio a gente

de guerra na fórma do capitulado, e nos achámos por todos cento e quarenta: tanto que arrumámos as armas na parte assinalada, a primeira cousa que fizerão, foi rodear-nos algumas esquadras, e de hum por hum muito de vagar fomos passando por onde estava o seu fiscal, que a todos foi despindo, e apalpando as partes occultas, descalçando elle mesmo os sapatos, e tirando geralmente a todos quanto levavão, não perdoando ainda a cousas de pouca valia, e os ministros que lhe assistião, erão tão zelosos, que nos tomárão os vestidos, e os mesmos chapeos; e para nos aliviarem de todo, quando quizemos sahir da praça, derão ordem, que deixassemos todos o nosso fato em casa do Governador, aonde elles em sua guarda punhão hum ajudante, para nos ser entregue; muito tivemos que lhe agradecer neste cuidado, porque o guardárão de qualidade, que nenhum de nós tornou a vêr em sua vida cousa alguma. Despedimo-nos daquelle zeloso ministro; depois de feitas as diligencias, nos mettêrão quasi nús no Collegio da Companhia de Jesus. Com o mais povo fizerão as mesmas ceremonias, não reservando as mulheres, que sem respeito ou vergonha lhe buscou este infame as partes, que a natureza determina se occultem, sem áquellas miseraveis lhe valer lagrimas e accidentes, de que não escapou a mais nobre; que a sede da ambição faz que se obrem semelhantes desatinos. A todos nos mettêrão em suas náos onde passámos muitas fomes e trabalhos, até chegarmos a Batavia, e naquella cidade fomos mettidos em huma prisão.

Os Fidalgos e principaes pessoas que se achárão neste sitio, são as seguintes. O Governador daquelle Reino João de Mello de Sampaio, o Capitão Mór do campo Antonio Mendes Aranha, Diogo de Sousa de Castro, Manoel de Saldanha e Tavora, seu primo Manoel de Saldanha, D. Alvaro da Silva, Alvaro Rodri-

gues Borralho, D. Gonçalo da Silva, João Botado de Seixas, Gaspar Figueira de Cerpe, Mathias Catanho, o Védor da fazenda Leonardo de Oliveira; e outras pessoas, que obrárão no sitio, mui conforme a suas obrigações, não faltando ao sangue de seus progenitores.

# LIVRO III.

Discursos que mostrão os desacertos, que houve na conquista da India, e só nos convinha povoar Ceilão.

## CAPITULO I.

*Em que se propõem os erros, que tivemos na conquista do estado da India.*

Em o primeiro livro temos mostrado o que he Ceilão, no segundo os progressos daquella guerra, e para o fim que pretendemos, tudo he necessario, e antes que cheguemos a mostra-lo com evidencia, havemos de fazer de necessidade alguns reparos, e se nelles errámos, muitos de outro juizo, talento, e estudo cahirão nesta fragilidade: porêm a nossa tenção não he dirigida mais que ao fim de hum zelo, que nos conduzio a este trabalho; que quando elle não seja aceito, muitos se tem empendido em vão; e prouvera a Deos não tivera custado a esta Coroa mais aquelle, que tem tido cento e oitenta e

oito annos, aonde os muitos de tantos heroes, que naquelle estado perdendo as vidas, ficárão frustrados; e crêo se o mundo fosse despovoado, pudera hoje achar-se propagado por esta nossa nação: e o peor mal de todos he, que não nos ficou mais, que humas escuras memorias, e quasi mal vistas ruinas de nosso desvelo; porêm conheço claramente, que os que desfizerão os nossos opulentos edificios, forão os raios de nossos proprios peccados, e não as forças inimigas, que Deos Senhor Nosso tomou por instrumento para o castigo: seja elle sempre louvado, que ainda assim nos trata como Pai amoroso, e tudo obra para nosso bem: permitta sua divina piedade seja para gloria sua.

Os Monarchas desta Coroa com entranhavel zelo de se estender, e dilatar a Fé de Jesus Christo por todo o mundo, liberalmente gastárão quanto puderão, e mais do possivel de seu patrimonio, assim com as rendas para assistir ás despezas, como em repartirem com os vassallos muitas terras, e senhorios; em que não pôde o mundo deixar de lhe louvar o affecto, com que a Deos desejárão servir nesta santa obra, e o mesmo com que os vassallos a puzerão em execução, passando tantos climas, e trabalhos para a levarem a terras tão remotas, e incognitas á Europa; e não ha duvida, que se com este mesmo zelo se continuára, sempre a Deos acharia-mos propicio, por ser a causa sua; porêm como os humores não são todos de huma qualidade, nem os tempos permanecem em hum mesmo ser, daquelles gloriosos principios declinou a huns meios, que não puderão deixar os fins de serem como todos vemos.

Não he a nossa tenção censurar em particular de sujeito algum; porque he certo, que todos nesta vida desejamos acertar nas resoluções que emprendemos, em as quaes de ordinario achamos varios oppostos, assim em os tempos, como nas occasiões, ou tambem nas forças,

por não serem sempre de huma sorte, ou por se encontrarem os juizos para as disposições. Bem claro se está cada hora vendo esta differença em hum conselho, aonde todos os que nelle assistem desejando com amor, e fidelidade servir ao seu Principe, cada hum vota, conforme entende. Esta mesma diversidade podemos attribuir aos que governárão aquelle estado, e porções delle, que desejando todos acertar, por alguma destas causas não conseguirão o que pretendião; e se o executárão, não foi o mais acertado: com o que nestes termos se desterra toda a culpa, quando a tenção he boa. Não mettemos neste numero aquelles, a quem a fama he sempre devedora, e elles na gloria seus acredores; porque como consultavão com Deos, ajustárão o desejo com o acerto.

O nosso fim he somente mostrarmos as causas, que entendemos, que naquelle estado forão nossa total ruina, por vermos tão mal logrados os fervorosos zelos dos nossos gloriosos Reis na propagação da Fé; e considero, que se hoje lhe perguntassem aonde Deos por sua Misericordia os tem, que sentião destas cousas, sem duvida dirião: estavão arrependidos de terem emprendido aquella conquista, pelos deserviços, que se fizerão a sua Divina Magestade. A primeira razão, que se nos offerece, he vêr, que do Cabo de Boa Esperança para dentro, não quizemos deixar cousa alguma fóra da nossa sugeição, e tudo quizemos abarcar quanto se acha naquelle dilatado, de Sofala até o Japão; que se bem se contão as legoas, passão de cinco mil; e o peor foi, que o puzemos em execução, sem medirmos nossas forças, nem attendermos, que esta conquista, ainda com os mesmos naturaes, não podia ser permanente; porque de necessidade com elles haviamos ter dous mil desgostos, e tambem se devia reparar, que no mundo sempre houve ambiciosos, e os da Europa vendo que

com tão limitadas forças assim atropelavamos o mundo, era certo que alguns se havião de mover, obrigados da inveja, e ambição, querendo provar a mesma ventura, que em nós vião, ajudados da consideração, que não erão menos sufficientes para emprenderem outro tanto, como nós; porque he certo que a nenhuma nação parece, que em valor he inferior a outra; e supposto que não fizessem esta expedição em nossa opposição, e a executassem somente por buscarem alguns vazios, que tivessemos desoccupados, sempre com os taes haviamos contender; quanto mais que não demos lugar a ficar recanto, que o que não occupámos, quizemos que estivesse á nossa devoção; em que se mostra o pouco discurso com que o fizemos.

O segundo ponto he, que nem somente não perdoamos ao precioso do muito que naquellas partes se acha, mas ainda ao mais limitado, a saber: arroz, cocos, tamaras, e cousas semelhantes. A isto me responderão, que como o principal intento foi dilatar o Santo Evangelho em todo o Oriente, por esta causa se lançou mão de tudo, para que a todos fosse noticiado. Bem se pudera admittir esta razão, se os effeitos tambem o disserão; porêm sahírão tanto ao contrario, que a experiencia mostrou outros fins, obrigando-nos a dizer, que forão conveniencias particulares, por adquirirem fama aquelles, que derão principio, e continuárão huma quantidade de praças, não sendo das mais somenos, como a de Barbacena, e semelhantes, pondo em humas a cem Portuguezes, em ontras a duzentos, para viverem entre quatro paredes, levantadas muitas dellas de terra; quarenta e cincoenta legoas distantes humas de outras, com pouca ou nenhuma defensa: e para ser bem aceito este serviço, se avisaria a Sua Magestade, dizendo: Senhor, aqui sugeitei a esta Coroa tal Reino, que tem estas, e aquellas riquezas; testemunhos que le-

vantavão ás pobres terras, que quando muito teriáo hum pouco de arroz, e esse comprado aos naturaes com o nosso dinheiro: senão, quizera que me disserão, que christandade, ou de que utilidade servio a esta Monarchia o grande numero de praças, que ao diante diremos? e outras, que na costa de Africa presidiavamos? ou o que veio aos nossos Reis daquelle muito ouro de Sofala, Moçambique, Quiloa, Mombaça? pois que gente nos não comêrão aquellas Ilhas de Querimba, Zenzibar, Monfia, e a de S. Lourenço? tudo por descobrir riquezas, sêde de nossos desejos.

## CAPITULO II.

*Em que se prosegue a mesma materia.*

Passemos ao terceiro ponto: para a conservação destas fortalezas, (fallamos nas de menos conta, e utilidade) se provião, como as mais, de capitães, homens que tinhão servido naquelle estado; e como ensaiados na guerra, quando entravão em hum daquelles governos, podião vêr miudamente, e informar-se, que muros, artilharia, munições, e mais cousas necessarias havia para a defensa daquella praça, para o que lhe faltasse dar-lhe o remedio possivel; moeda era esta que não corria; somente se fazia exacta diligencia de inquirir quanto tirou o seu antecessor, por que vias ou caminhos, estes logo se punhão em execução, acrecentando outros de novo, que lhe dictava o querer sahir com melhoras, e sempre havia de ser de ordinario sobre os pobres naturaes em contorno: pois se acaso perto havia algum Principe, ou Senhor da terra, que comnosco tinha boa correspondencia, e alliança, alli era o alvo, onde paravão todas aquellas balas; e isto com hum imperio, como se o Capitão fosse hum Monarcha, e aquelle hum seu servo;

de que resultava muitas vezes occasiões, que sem grande despeza, e prejuizo do serviço de Sua Magestade se não remediavão, ficando aquelle Principe, e seus povos com hum perpetuo escandalo, e a nossa nação para sempre odiada. Não duvido, que entre os que forão governar aquellas praças, houvesse alguns, que se haverião humanamente, porêm nada remediavão; porque os aggravos de hum máo mais se imprimem na lembrança, do que os beneficios de cem bons.

O quarto he, que havendo de ter as nossas forças unidas aonde o Superior pudesse attender aos aggravos, e vexações feitas aos visinhos, e remediar as proprias faltas; nos fomos dividindo em tantas pracinhas, distantes humas de outras, que quando não fosse áquellas partes nação da Europa, de necessidade os naturaes tratarião de se eximirem das oppressões, que padecião; e bem nos derão a conhecer esta verdade os Canarás, nação, que habita mais visinha a Goa, que outra alguma daquelle estado, porque no anno de 653 nos tomárão quatro praças, que tinhamos, e presidiavamos em seus portos, estas forão Honor, Bracelor, Cambolim, e Mangalor; e o tinha ja feito na Arabia Feliz o Imamo, que nos tomou huma tão forte, e bem assentada cidade, como he Mascate, e a fortaleza de Curiate, com as mais forças, que tinhamos naquella costa; assim estes como aquelles sem ajuda dos Hollandezes, nem de outra nação alguma; e o fizerão por se verem opprimidos de semrazões; sendo estas as armas, que infundem nos animos o maior valor; e Deos N. Senhor, como tão justo, acode pelos humildes, ainda que não sejão do seu rebanho; antes aos que o somos castiga com mais severidade; porque tendo seus preceitos, delles tanto nos desviamos, e aquelles os ignorão; porque o fiel da sua balança, não pende mais para humas, que para outras creaturas.

Para melhor intelligencia ponhamos o que dizemos com mais miudeza, para que razões declarem o que sem ellas tem mostrado os effeitos. Bem se pode vêr, que qualquer grande Monarchia, dividindo suas forças, não lhe he possivel ser permanente, porque todas as porções, que della se separão, não só a debilitão, mas ainda estas ficão dispostas a toda a ruina; assim pelo limitado, como tambem pelo animo, com que o inimigo se lhe oppõe. Estamos vendo por exemplo, que em hum campo aonde pastão algumas vacas, ou eguas com suas crias, muitas alcateas de lobos não bastão para o acommettimento, e se achão desgarrada huma, qualquer sobra para conseguir o que pretende. Se o que dizemos he tão claro, como desculparemos hum erro tão notavel? e assim de necessidade lhe havemos attribuir huma de duas causas; se he que não concorrerão ambas, como considero. A primeira he; a conservação de tantas pracinhas, que povoamos naquelle estado, mostra ser impulso do interesse. A segunda se empenhou com todo o seu cabedal a leviandade pela persistencia, oppondo-se a toda a razão: esta nos mostra, que de castigarmos Moçambique, Mombaça, povoações infieis, e traidoras, e outras semelhantes, foi valor, zelo, e quasi forçado; porêm o conserva-las povoando-as, quizera me dissessem, qual foi o fim? porque se nellas havia quatro grãos de ouro, e hum pouco de marfim, se compravão não só com o nosso cabedal, senão tambem com as vidas dos vassallos, necessitando dellas S. Magestade para as perderem em seu serviço, em partes que fossem de mais utilidade, e não aonde para esta conservação lhe era necessario que deste Reino tirasse tanto numero de gente, fazendo com ella largas despezas; e para que hum soldado escapasse da morte, havião de alli chegarem tres vivos; porque os mesmos sinos, e artilharia, com serem de bronze, não resistem aos effei-

tos da lua, e melhor o poderão dizer os nossos navios, que tomárão aquelles portos, que raro foi o que levou duzentos, que sahisse com cento, deixando os mais sepultados. Pois que gente nos não comeo os rios de Cuáma com a sêde do ouro de Monomotapa? em boa verdade, que parecem cousas estas mais para se terem por fabulosas, do que por verdadeiras.

## CAPITULO III.

### *Que se discorre por todo o estado, mostrando o essencial das praças.*

Achando-me confuso, e mettido em hum laberinto de tantas praças, me pareceo acertado, ainda que fosse com muito trabalho, dar a todas huma vista para saber o que erão, e o que de cada qual tiravamos, e ellas produzião; levando por companheiro nesta dilatada jornada hum pobre discurso, tal qual Deos mo deu, e com pouca matalotagem, e quasi nada de intelligencia, nos puzemos a caminho. Deixando a costa de Africa, passámos á da Arabia Feliz, para dar principio a nossa peregrinação. Mettidos em huma embarcação, démos á vela, e o primeiro porto que tomámos, foi a Ilha de Socotorá, onde não desembarcámos, porque as ruinas de huma praça, que nella tivemos, bradando nos promettêrão defender de qualquer emulação; com o que nos passámos á cidade de Mascate, Curiate, e ás mais praças que tivemos no sino persico; estas nos disserão: amigos, se os Mouros não se fizerão christãos, ao menos produzem estas terras cavallos, incenso, tamaras; porêm, Portuguezes, o vosso dinheiro vos custava; este resgate poderieis fazer, sem occupares comnosco tantos moradores, e soldados, não chegando os direitos, e registos, para sustentar vossas armadas. O sentimento

que nos assiste he, que os templos sagrados, onde se dizia a palavra do Senhor, se convertêrão em mesquitas, em que se explica o abominavel alcorão. Disse eu a meu companheiro: estas praças fallão verdade, e por não ouvirmos algumas queixas de Dio, nos desviamos: chegados á costa da India, desembarcámos na cidade de Damão, onde não nos detivemos, e por terra fomos marchando, passando por S. Gens, Danû, Aserim, Tarapor, Mahim, Quelme, Manorá, Agasaim e outros lugares. Chegámos á muito nobre cidade Baçaim, onde residem mais de duzentas familias de homens fidalgos muito honrados, e pedimos encarecidamente a alguns dos principaes, que nos relatassem por miudo, que riquezas tinhão, e produzião estas cidades, fortalezas, e povoações; por ser impossivel deixarem de ser muitas, tendo com tanto empenho mettido Portugal em todas tantos povos e nobreza: feita a curiosa pergunta a dous de authoridade, em qualidade, e dias, nos respondêrão: o que desejais saber por vos dar gosto, do modo que nos for possivel, em breves palavras vos satisfaremos. Deveis de entender, que neste mundo tambem ha Limbo, e são todas estas terras, por onde até aqui tendes marchado, e ainda passão mais adiante a Taná, e Caranja, e outras de menos porte; por quanto nenhuma dellas tem pena ou gloria: não tem gloria, por não terem genero algum de riquezas, e não tem pena, porque não lhe falta o sustento de arroz, trigo, e carne, que todos comemos simplesmente, por nos faltar a especiaria, motivo por que damos a Deos muitas graças; e de hum mal nasce muitas vezes hum grande bem: não foi pequeno evitar a estes povos visitas dos Hollandezes; que como aquella gente de nada gosta sem adubo, não quizerão ser nossos hospedes. Da cortezia com que se houverão, e de nos dizerem a verdade, lhe rendemos os devidos agradecimentos; com o que despedidos, nos puze-

mos a caminho para Chaul, aonde chegados, vimos os muros daquella cidade, que se estavão queixando, por se verem atacados de terra de Mouros, sem terem hum palmo para se alargarem, e os moradores della, que nem o sustento tinhão para si, quanto mais para o repartirem com o Mouro. Daqui viemos a Goa, emporio de toda a India, muito nobre, e grande cidade; e supposto que pelo sitio mal fundada, achamos-lhe porêm dous muito convenientes portos, para o amparo de nossas armadas, e outras consequencias, que fazem eternamente ser lembrado o seu conquistador.

Desta muito opulenta, e nobre cidade nos despedimos saudosos, por nos ficar no meio de todo aquelle indico Occeano, e de força haviamos discorrer pelo outro lado, por vêr o que nelle tinhamos. Em poucos dias de jornada chegámos a Honor, Bracelor, Cambolim, e Mangalor: nestas quatro praças achamos arroz comprado ao Canará, como tambem alguma pimenta; todas se estavão queixando, que podendo hum feitor fazer aquelle negocio, se occupárão os nossos em povoar, fortificar, e prover quatro forças sem mais consequencias, do que aquelle resgate, aonde dos naturaes forão os nossos por remate de todas extinguidos, depois de muitos perderem as vidas com o adquirido; e os que escapárão andavão mendigando. Tivemos lastima de tantas miserias, e por não nos determos, continuámos nossa jornada: em breves dias chegámos a Cananor, aonde vimos huma fortaleza e povoação cercada até os muros de Malavares, e Mouros; perguntámos o que nella havia, motivo que tivemos, por vêr estavão sobre esta praça tantos inimigos, foi nos respondido: que cardamomo e algum gengibre, que os nossos áquelles compravão, quando elles muito por sua vontade o querião vender, e sem mais utilidade sustentavamos aquella praça. Desta fomos caminhando a Caranganor fortaleza com presidio, e moradores; e porque a paragem, em que está

situada, nos não pareceo de commercio, por se desviar do maritimo, perguntamos, que trato, ou negocio nella havia; foi-nos respondido: que a sustentavamos, porque nos principios daquella conquista, naquelle lugar, o valeroso Duarte Pacheco alcançou do Zamorim algumas victorias, e por esta memoria servia de padrão.

Em o seguinte dia demos comnosco em Cochim, primeira fundação, e principio de nossa corte naquelle estado, e segunda cidade em grandeza, povoada de muitos Portuguezes, e todos tão pobres, como em algum tempo presumidos: tanto que nos virão, se chegárão alguns delles para se informarem de nossa vinda, e satisfeitos com a verdade de nossa peregrinação, me pareceo, que por não nos hospedarem, introduzírão huma pratica de miserias, que padecião: voltei para meu companheiro, dizendo: pelo salvoconduto, que esta gente toma, vejo não acharemos nelles agasalho; sendo que a fama de Cochim nos promettia outra cousa: entre as muitas que nos disserão, foi; senhores, padecemos nesta cidade taes necessidades, que para vos dizermos huma minima parte, não podereis deixar de receber escandalo; e por não termos com que sustentar nossas filhas, lhe damos liberdade para que ellas, como puderem, busquem o necessario. Esta cidade tem huim bairro, que chamão o Caloete, aonde algum tempo residião mulheres do mundo, e hoje por nossos peccados toda está feita hum Caloete; porque todas passão a mesma fortuna. Aqui não temos negocio algum, e quando muito ha dous patachos, que vão ao Sinde, e Cachanaganá; quando hum delles vem a salvamento, não he tão pouco; porêm só abrange a seu dono, e o do outro pelo tomar o inimigo, fica passando as miserias dos mais. Perdoe Deos a quem povoou esta cidade, porque se era para a defensa do Rei, em nos mostrarmos agradecidos do seu bom procedimento, que teve com os primeiros conquistadores,

bastava a fortaleza, que tinhamos naquelle tempo; porque não havendo na India mais que cento e quarenta Portuguezes, bastárão não só para a defender, e ao mesmo Rei; mas tambem vencêrão muitas victorias do Zamorim; e assim poderiamos ter hoje povoado terra, aonde ao menos matassemos a fome, e não se farião a Deos tantas offensas.

De ouvir aquellas lastimas, ficámos magoados; e porque não tinhamos que lhe offerecer, nem elles com que nos hospedar, nos despedimos, e demos comnosco em Coulão, onde chegámos bem cançados. Entrámos em huma povoação, que tinha mais de duzentas familias de Portuguezes, e huma fortaleza limitada, e por sua fortificação incapaz de defensa; porque alem de ser de muros singelos, não tinha guarnição de infantaria. Os moradores nos hospedárão com cocos, e licor de palmeiras: recebemos-lhe a offerta, assim obrigados da fome, como por não ser desagradecidos, e vêr que o não podião fazer com outra cousa; e quem offerece o que tem, faz quanto póde. Viemos em praticas, nellas inquirimos o de que vivião: disserão, que daquellas quatro palmeiras que estavão junto á povoação, sem terem outra cousa de que se alimentar; que para Sua Magestade se comprava aos Malavares alguma pimenta, e para este fim sustentavamos aquella praça, e povoação, cousa que qualquer Portuguez podia fazer, sem a despeza de sustentar, e occupar tantos moradores, padecendo continuadas fomes, sem fazerem serviço a Deos, nem á Coroa. Passámos aquella noite, e de madrugada nos puzemos a caminho, por nos ter ja despedido dos nossos hospedes. Andámos toda a costa de Travancor, dobrámos o cabo de Comorim; passámos ás sete costas, com que chegámos a Teticorim, onde achámos hum Portuguez, que residia na povoação, a qual he de Paravás naturaes da terra: assim como o vimos, nos infor-

márão, que era o Capitão Mór da costa da Pescaria: saudamo-lo com a devida cortezia, e nos perguntou, a que fim eramos vindos áquella terra: dissemos-lhe o nosso intento, e quizemos delle saber, onde estava a fortaleza para buscar aos mais Portuguezes, e delles inquirir o trato de que vivião, ao que nos respondeo: a fortaleza he aquella casa em que vivo, apontando-nos huma pouco mais que palhota; os Portuguezes em mim se encerrão todos; com o que, amigos, tudo tendes visto: aqui tenho este governo triennal, que me derão por despacho de muitos, e grandes serviços; o sentimento que tenho he, que não vejo neste porto homem branco, mais que algum de passagem. De ouvirmos esta novidade ficámos admirados, e assim lhe dissemos: ditoso he v. m.ce senhor Capitão Mór, pois sem mais soldados, capitanêa tanta multidão de negros: esta em boa verdade se pode chamar a oitava maravilha do mundo, e opposta a todos os mais governos, que temos visto neste estado. Replicou elle, dizendo: o governo he á vontade desta gente, e se o permittem, he porque estas terras crião quantidade de arroz, e se fazem muitas roupas, que huma e outra cousa lhe compramos por bom preço.

## CAPITULO IV.

### *Que prosegue a mesma materia.*

Despedidos do Capitão Mór, nos embarcámos em huma champana, e em quatro dias de viagem aportámos em Manar, aonde entrámos por hum pequeno canal, que separa esta Ilha da de Ceilão: não nos quizemos deter nesta praça, por ter pouco que notar, e ser da jurisdição daquella conquista. Em dous dias de viagem, chegámos a Negapatão, cidade bem povoada de

moradores Portuguezes, que no anno de 1642 se sobmettêrão á obediencia de ElRei Nosso Senhor; porque até aquelle tempo vivião á lei da natureza, em povoação aberta sugeita ao Naique de Tanjaór, e por differenças que com elle tiverão, que não sabemos quaes forão os authores deste movimento, pedirão soccorro, em mui boa occasião, que tinhamos perdido Malaca, e quasi todo Ceilão; com o que deixámos de amparar o que tinhamos, para acodir a huma gente, que em nenhum tempo se quiz sugeitar a esta Coroa, pretendendo conservar-se no soberano da liberdade, e se o fizerão, foi obrigados da necessidade, estando do Naique sitiados; e havendo de transplantarmos aquelle povo em Ceilão, não só o não fizemos; mas antes gastou Sua Magestade huma armada, da qual era Capitão Mór Domingos Ferreira Beliago, fazendo-a huma cidade bem fortificada de baluartes, muros, fossos, artilharia, soldados, e todos os mais petrechos necessarios, em tempo, que as praças do patrimonio Real estavão com a Santa-Unção.

Vimos toda esta cidade, que está situada na ponta da terra firme, aonde tem principio a costa de Xoromandel: junto a seus muros está huma grande povoação de gentios, não sendo mais as casas dos moradores, do que os pagodes, e muitos de notavel fabrica. Em hum delles de grande veneração guardão com a mesma huma columna de altura de dez palmos de marmore preto, bem lavrada, e polida, e nella esculpidos os martyrios de Christo Senhor Nosso, e se vêm salpicadas algumas gotas, como de sangue. Tem estes idolatras em suas chronicas o modo com que a houverão. Dizem que muitas idades, antes que os Portuguezes passassem áquellas partes, huma noite de notavel escuro se levantou repentinamente naquelle povo tão grande terremoto, e vento tão forte, que todos sem duvida cuidavão, que o

mundo se confundia, e lançando alguns a vista para o mar, descobrírão nelle huma grande fogueira; e parecendo a estes ser alguma embarcação, passárão aos mais palavra daquelle incendio, com o que o mais do povo se veio á praia, e de improviso cessou a tempestade, e o fogo cada vez se mostrava mais pujante: em breve tempo chegou á terra, onde cessárão aquellas chamas, e chegando o povo, por vêr aquella novidade, achárão esta columna, que com grande festa, e solemnidade a mettêrão neste pagode, aonde a venerão pelo caso, como cousa vinda do Ceo. Quando a mostrão a alguma pessoa de respeito, he com grandes ceremonias; e para o commum do povo a vêr, fizerão outra do mesmo modo, e com as mesmas insignias, e a puzerão na entrada deste pagode. Este apparecimento todos affirmão ser como tenho referido, assim os nossos, como gentios. Deos Nosso Senhor sabe o fim para que obrou aquella maravilha entre aquelles barbaros; permitta seja para gloria sua.

Esta povoação toda he de homens de negocio, a quem os nossos compravão muitas roupas, que navegavão para varias partes, e dellas pagavão tão limitados despachos, que apenas rendia para ordinarias do seu capitão, sem terem outro algum tributo; com o que tive motivo de dizer a meu companheiro: tenho lastima desta nossa nação, que presumindo o mais tosco sapateiro, que lhe sobra juizo para o governo do mundo, ser tão pouco advertida, que em tempo que não tem com que acodir a Ceilão, applica esse pouco a novas povoações, sem serem de mais utilidade, que de debilitar-nos as forças, acrecentando despezas á fazenda Real; pois só para embarcar hum soldado para a India, faz de custo mais de cincoenta mil reis; e para que chegue hum a seu serviço, embarca cinco; porque na viagem huns morrem, outros achão em Goa parentes, que os le-

vão para casa, outros tomão as Religiões, os mais pequenos os occupão para pagens, e muitos que as febres daquella cidade comem; pois os innocentes, que vão do limoeiro, como tem feito algumas velhacarias, se passão a terras de mouros, do que não me admiro; porque quem em Portugal he máo, na India não pode ser bom: o que me espanta he, que todos os que servem neste estado, conhecem estas verdades, e as dissimulão: de modo, que só algum desemparado, ou de bom procedimento apenas fica dos cinco; e este para se pôr aonde he necessario, se faz mais despeza com elle vinte mil reis; com o que por boa consequencia vem a custar a ElRei Nosso Senhor cada soldado posto em seu serviço, duzentos e setenta mil reis. A estas razões acodio meu companheiro, dizendo: mais despezas faz esta gente, e não fallando no amor com que seus pais os crião, e dão com boa vontade para servirem a Deos, e ao seu Rei; porêm para se embarcarem concorre cada qual, segundo sua possibilidade, para no possivel lhe aliviarem as incommodidades de tão prolongada viagem, o que lhe atalhei com dizer: disso não fazemos caso, porque criar os filhos, he acto da natureza, e concorrer cada hum com o que pode, do amor que temos aos semelhantes; só tratamos nos desserviços que se fazem ao Monarcha, que por estar longe, não sabe o que por aqui vai: e o peor mal he, que cuidão lhe fazem hum grande serviço, e por este não ter ja cura, vamo-nos aonde temos o mais que vêr.

Passámos adiante, e chegados á nobre cidade Meliapor, visitámos o santo templo, que dizem ser fabrica do glorioso Apostolo S. Thomé, onde se conservava por thesouro inextimavel o ferro da lança, com que foi morto, e humas alparcas de seu uso; ao sahir delle achámos alguns moradores nobres dos muitos de que a terra he povoada: cada qual nos queria levar para

sua casa, e nos fomos com hum, que se mostrou mais affectuoso: delle fomos hospedados com grande urbanidade, e em tres dias, que nos detivemos, visitados dos principaes. Do nosso patrão, e os mais soubemos, que em algum tempo forão todos muito ricos a respeito dos grandes avanços, que lhe davão as roupas, que se fabricão naquella cidade, por serem as melhores de todo o Oriente; porêm depois que aquellas partes forão frequentadas dos Hollandezes, tinhão-lhe roubado tudo, e ao presente padecião á fome, sem terem para onde navegar, nem cabedal para o poderem fazer; assim nos contárão de huma matrona das principaes, que fôra muito rica, e chegou havia poucos dias a tanta miseria, que não tendo ja que vender para seu sustento, cortou os cabellos, e por elles lhe derão com que comprar arroz, que comeo o ultimo dia de sua vida. Démos louvores ao Senhor, lastimados, e despedidos nos fomos pela costa abaixo, passando por Pipli, Ogolim, Balaçor, Junçalão, quatro povoações de Portuguezes, que nellas vivem á lei da natureza, sem conhecerem Rei, a quem obedeção, nem ministro que os governe, todos tão abastados, como cheos de vicios, fazendo para varias partes suas carregações nas náos dos Mouros, e Gentios, que são senhores das terras, de que tirão grandes interesses, com que augmentão sua vaidade e presunção: em nenhuma dellas nos detivemos, por recearmos vir a ira de Deos sobre aquelles povos, e podia succeder arder o verde pelo seco.

Tivemos noticia, que a hum lado do Ganges está hum Reino, que commummente chamão, e ao seu Rei o Mógo, e nelle residião cousa de quatrocentos Portuguezes, todos de vida mui exemplar. Com grande contentamento para esta parte fizemos nosso caminho, por vermos aquella maravilha, que como em todo o estado são muitas as presunções, e cada hum o menos que se con-

sidera, hé virem os seus progenitores do sete-estrello; o tivemos por novidade. Em fim chegámos áquelle Reino, onde achámos estes homens (se he que a feras se pode dar este nome), servindo aquelle Rei; porque não conhecem a Deos, e todas as suas adorações são dedicadas a Bacco; e se por acaso algum não lhe faz grandes sacrificios, não he admittido para viver entre aquelles seus servos. O Mógo os tem divididos em companhias, e faz capitães aos mais observantes, a quem tem dado aldeas, para que de seus rendimentos sustentem as companhias, e com elles faz guerra a seus visinhos. Cada capitão he obrigado a ter duas Jalias, que de continuo andão pelos esteiros dos rios encobertas com o espesso do arvoredo; como he de noite saltão em terra, e dão assaltos nos povos abertos, roubando-lhe o que tem, e a todos os que podem haver ás mãos, trazem cativos: o que se furta vem diante do capitão, em cuja presença se faz leilão com os cativos, repartindo-se toda a preza pela companhia, sem della o Rei ter cousa alguma, por ser este o soldo com que lhe paga. Qualquer soldado, que lhe pareceo alguma moça capaz para seu uso, deita nella hum lanço; e como todos são muito cortezes, nenhum dos outros o tira delle, e arrematada desta sorte, a manda accommodar com outras quatro, ou cinco do mesmo modo compradas, e do mesmo exercicio. Este estilo he em todos geral, e não tem por homem aquelle, que não vive com este estado: de modo, que passão a vida com a penitencia, que temos referido; e se jactão, que cada hum tem feito mais christandade, do que fez S. Francisco Xavier em quanto andou no Oriente. Eu o não duvido, porque continuamente andão nestes latrocinios; e como aquelles miseraveis são Gentios, logo que os apanhão os baptizão: o Rei, como he Mouro, o não impede, e os vendem a navios, que vão áquelles portos com negocio,

e nós pelo não termos com tal gente, nos safámos.

Passámos por algumas paragens, onde achámos muitos daquella confraria, que se não erão tão zelosos em fazer christandade, ao menos na mais vida erão semelhantes; até que démos comnosco em Sião, onde vimos outros poucos; porêm mais humanos, que aquelles que atraz deixámos: estes tambem vivem de negocio; porêm sem lei, nem Rei. Passámos de largo, e fomos a Macáo, cidade bem povoada de nobreza, e edificios; se bem queixosos, dizendo: que estavão muito pobres, e alcançados, a respeito do negocio não ser como algum tempo foi; porque depois que os Hollandezes forão a Cantam, o tinhão deitado a perder em toda a China, e as fazendas que levavão da Europa, as davão muito baratas; e com ser assim tinhão nellas grande avanço, porque as passavão de suas terras, sem fazerem despezas, e as nossas, que hião da India, lhe sahião muito caras, pelos direitos, e fretes, e outros gastos, com que chegavão á China; pelo qual respeito estavão todos muito pobres, e distantes sem communicação daquelle estado, expostos a qualquer desgraça.

Depois de estarmos alguns dias em Macáo, e ter visto aquella cidade, nos passámos ás Malucas: em breves dias de viagem desembarcámos em Ternate, por vermos se estava ainda naquella Ilha huma fortaleza, que nella tivemos: logo pelo trage nos conheceo hum natural, que alcançou aos Portuguezes, o qual se chegou a nós, dizendo: tenho por novidade ver-vos nesta terra, pois ha tantos annos que della foi a vossa nação excluida, e para vos dizer verdade não foi sem razão, pelos muitos aggravos, que este povo, e todas as mais Ilhas visinhas recebêrão; e assim com toda a brevidade possivel vos retirai, e não aporteis em alguma dellas; porque sei, que se vos conhecem, como eu, não vos será facil livrar-vos da morte; e agradecei-me este

aviso, que me obriga a faze-lo o amor que tenho a hum vosso capitão, e o foi desta Ilha, do qual todos os meus naturaes recebêrão obras, mais que de hum pai; e assim tambem o era para todos os das mais; e o tenho mui presente na memoria, para que ás suas cousas me mostre grato; por onde entendei, que delle recebeis este pequeno favor: se necessitaes de alguma cousa para a viagem, do que tenho partirei comvosco, porque o amor não se mostra só com as palavras. Demos-lhe os agradecimentos, assim pelo conselho, como pelas offertas, e lhe pedimos nos dissesse, quem era aquelle capitão para lhe rendermos as graças, pois por seu respeito recebiamos delle todas aquellas mercês, ao que nos respondeo: para o mundo he ja morto; porêm todos os destas Ilhas o temos vivo na memoria, Antonio Galvão he, que teve mais de virtuoso do que toda a mais caterva dos que aqui governárão de tyrannos, e ladrões. Demos-lhe de novo os agradecimentos, por declarar-nos o que jamais poderiamos saber; e por se mostrar no amor tão fino, assim nos veio acompanhando até nos embarcar em hum navio, que fazia viagem para Ceilão, em o qual tinha mandado metter alguma agua, e mantimento para nossa provisão, e despedidos démos á vela com bom tempo.

Partidos de Ternate, viemos passando á vista de Tidore, Motir, Bachiam, Banda, Amboino, e outras muitas Ilhas, que estão naquella parte; rogámos ao piloto, que em nenhuma tomasse porto, pelo risco, que aquelle bom velho nos propoz; porêm os ventos forão mui contrarios, e a viagem dilatando-se; com que nos veio a faltar a agoa, e nos foi forçoso tomar terra para fazer della provisão, e quiz Deos que chegassemos á Ilha de Solor, onde deitando ferro, nos disserão: que nella habitavão Portuguezes; muito nos alegrámos com esta nova, e quizemos vêr aquelles nossos irmãos, e sua

habitação: desembarcados, achámos na praia alguns, que ja nos vinhão a buscar, por lhe terem noticiado nossa chegada os marinheiros que forão com os barris; abraçando-nos com muito contentamento, nos levárão á povoação, que seria de duzentos visinhos, e junto della huma fortaleza pequena feita de terra; preguntámos-lhe pelo trato de que vivião, ao que nos disserão: que a troco de roupas compravão sandalos, que huns o carregavão para a China, e outras partes, e tambem o vendião a navios, que áquelle porto vinhão fazer escala, e com os avanços passavão a vida; que a terra produzia alguns mantimentos; arroz, milho, batatas, carnes, e fruitas agrestes; porêm que era mui doentia. Tambem nos informárão, que mais a loeste havia outra Ilha, e povoação semelhante de Portuguezes, que passavão a vida com o mesmo trato. Com elles estivemos dous dias, hospedados com os regalos, que a terra permittia; no fim dos quaes nos derão recado para seguir nossa viagem, e despedidos daquelles amigos, nos embarcámos, e com vento fresco á popa viemos correndo todo aquelle archipelago, passando á vista de Maquaçá; e tinhamos pedido ao Piloto tomasse aquelle porto, que não lhe foi possivel, pelo vento não lhe dar lugar, de que ficámos bem sentidos, por querermos vêr huma povoação de Portuguezes, que estava nelle: deste cuidado nos aliviou hum marinheiro do navio, natural da mesma terra, dizendo: não nos desse cuidado, que a povoação, que desejavamos vêr, seria de duzentos e quarenta moradores Portuguezes, que nella havia com sua Parochia; e o Rei da terra, com ser Mouro, não lhe impedia celebrarem as festas com toda a solemnidade; antes para ellas os ajudava com o necessario; e que todos vivião de negocio, não lhe faltando na terra mantimento, como em as mais Ilhas; que lhe valia muito ser barato, e a ser de outra sorte, não poderião alli viver. Folgá-

mos de achar quem nos desse esta informação, e assim viemos passando á vista da Jáoa maior, embocamos o estreito da Sunda, navegando ao longo da Sumatra, e com vento prospero em breves dias nos aportou Deos em Ceilão, onde pretendemos tomar descanço desta nossa dilatada peregrinação, em a qual mui pouco nos ficou por vêr; se não forão algumas praças, que havia annos nos tinhão tomadas os inimigos, e no Japão a cidade de Nangaçaque, por estar assolada, por ordem do Rei daquella Ilha, e a mesma tinha dado, que a todo o Portuguez, que nella aportasse, lhe tirassem a vida; razão, por onde não fizemos diligencia para a vêr, e antes queriamos ser confessores muitas idades, do que martyres huma hora.

## CAPITULO V.

*Que mostra como nos principios daquella conquista só nos convinha sustentar Malaca, Ormuz, e Goa.*

O principal fundamento desta nossa fingida jornada, foi para com estes exemplos mostrar o grandissimo erro que tivemos em nos espalhar por todo o Oriente, e se de proposito quizessemos naquelle estado estabelecer huma fundação, que fosse nossa ruina, não puderamos para este fim achar melhor resolução, da que emprendemos, e conseguimos, povoando, e fortalecendo quantos portinhos nos vierão á noticia, como temos apontado. Bem vejo, que alguns se opporão a este discurso, dizendo forão acertos, trazendo em seu abono muitas razões; porêm todas as que se podem dar bem calculadas, de necessidade hão de ser apparentes, e de nenhum fundamento. Este ponto se decide em huma de duas razões, ou o que dizemos he falso, ou verdadeiro; com

o que temos respondido a todas as duvidas, que se podem mover. Todos conhecem, que para se fundar hum edificio, a primeira cousa que se obra, he fazer-lhe alicerces largos, e profundos, para que possão sustentar toda a mais maquina, que se ha de seguir, e não sendo assim, por força hade ser o trabalho baldado. Ja temos dito, que a nossa tenção não he culpar a sugeito algum; porque he certo todos folgão acertar; porêm aos que se lhe trocão as esperanças differentes a seus intentos, vemos que perdem o louvor, e adquirem o nome de mal afortunados, e aquelles, a quem a sorte favorece, se lhe duplicão os triunfos, com acclamações de venturosos; sendo as vontades de huns e outros dirigidas a huns mesmos fins; de modo, que esta differença não consiste mais, que no bom, ou máo successo. Em muitas occasiões se lográo grandes victorias, não esperadas com limitado poder, e em outras, grandes exercitos forão derrotados por mui poucos inimigos: aos superiores destes sempre se acha huma culpa, que lhe arguir: de acommetter sem tempo, ou do inimigo ter melhor posto, e outras semelhantes; se bem estas comparações não são adequadas ao que tratamos, porque pela maior parte são accidentes, que as mais das vezes não podem deixar de ser, e as occasiões o permittem; porêm o conquistar, e povoar dá bastante lugar para maduramente se discursar o que será mais conveniente para o acerto.

Considero, que estas emprezas forão postas por obra por alguns, que tiverão o leme do governo, e os que a ellas derão principio, o fizerão com hum zelo muito de louvar, por lhes parecer que obravão o maior serviço que podião, ao seu Principe; e tambem que alguns lhe tomárão os dictames, seguindo-os em o mesmo; porêm entre elles havia de haver alguns, que reparassem a inconveniencia que havia para não se povoarem praças

de novo; mas antes aquellas que ja tinhamos, extingui-las era o maior serviço, que se podia fazer ao Monarcha, e á republica, conhecendo os mesmos defeitos, que apontamos; se he que os houve, são dignos de grande vituperio, porque conhecendo a falta, não a remediárão, e assim se ha de suppor tanto a estes de malicia, como áquelles de innocencia: e respondendo por elles, vemos que nos dizem: verdade he conhecerão o que dizemos; mas se extinguissem aquellas praças, que na opinião de todos estavão aceitas, por serem de grande utilidade, que conta darião, que fosse aceita ao seu Rei, e ao vulgo, que por apparencias quer ser juiz de tudo; demais que porião sobre si causa para o castigo, e aos authores da obra, duplicar-lhe os louvores: e por evitarem estes males, que tão certos lhe ameaçavão, seguirão os mesmos rumos, dos que derão principio áquellas povoações, não somente não extinguindo as que havia, mas antes acrecentando outras de novo; porque desta sorte asseguravão o credito, e se fazião acredores do Principe, para a remuneração daquelle serviço. Pode-se reparar, que mui raros forão os que depois de terem gastado naquellas partes o melhor de seus annos, aonde por seus merecimentos, e grandes serviços, unidos a esta Corte se esperava fossem com muitas honras premiados, deixárão de ser mettidos em huma prisão: razões são estas, que só Deos as pode conhecer: o que sabemos, he, que quando nos castiga, he por nossas maldades, e que sempre o faz com menos rigor do que ellas merecem. Não deixárão os insignes, e Serenissimos Reis D. Manoel, D. João o terceiro, e os mais, que tiverão esta Coroa, de remunerarem meritos aos vassallos, para lhe attribuirmos a culpa. Devemos reparar, que Deos Senhor nosso tem aos Reis na terra por seus tenentes, e como a taes inspira para castigarem a huns, e premiarem a outros.

Alguns, que governárão aquelle estado, o fizerão com grande pureza, servindo com amor, zelo, e valor, em que muitos perdérão as vidas, sem lhes pegar o veneno da vil ambição: se estes me dão licença, lhe darei hum capitão de taes qualidades, que se elles hoje fossem vivos, asseguro terião por acertada a eleição; não sómente os nossos famosos Portuguezes, mas ainda todos os que a fama tem alistado para eterna memoria, alegres reconhecem muitas ventagens no sem segundo Affonso de Albuquerque, honra de todos os advertidos, e scientes capitães, que teve o mundo; porque a este assombro de perfeição não lhe foi necessaria virtude, que algum tivesse, e todos necessitárão das que lhe sobrárão; assim o mostraremos com os dous que mais celebrão as idades.

Seja o primeiro Alexandre portento de valor, e fortuna, que obrou, e conseguio tudo quanto intentou, e mais do que permittião as forças naturaes; porêm as suas emprezas mais tiverão de sua pessoa se eternizar na memoria dos homens, do que utilidade que servisse á republica de Macedonia, porque ainda que elle vivesse muitos seculos, por seu fallecimento sempre de necessidade se havia dividir a Monarchia, porque nem os tempos são estaveis em hum mesmo ser, nem os que lhe succedessem serião todos Alexandres, e a perda sempre era certa á sua patria. Que proveito fica a hum Reino dominando todos, quando todos na declinação se lhe hão de atrever, senão trocar-se-lhe em vituperio a gloria adquirida, o thesouro gastado, os visinhos mortos, e hum odio perpetuo em todos? E os que algum tempo lhe tiverão inveja, virem a ter lastima de suas miserias? Os Principes, e Monarchas, são os pais das suas republicas; assim como pela obrigação da natureza hum pai he obrigado a não dissipar os bens, que propriamente são dos filhos, mas antes os devem augmentar por

meios licitos, nem mais nem menos os Reis tem obrigação de attender ao augmento, e conservação dellas, e as emprezas, que fizerem, hão de ser dirigidas a este fim; porque sendo a outro, mais he tyranno dos vassallos, do que pai da patria, pois devendo ampara-la, a deixa destruida. Aquelle famoso capitão Cesar, que tanto valor teve com os inimigos, como foi piedoso com os vencidos, qualidades, que me parece as recebeo a natureza sem dispensação; porque não pode haver perfeito, que lhe assista huma sem a outra, e ambas o ajudárão gloriosamente a vencer tão grandes victorias, que o fizerão hum dos maiores do mundo; não lhe faltárão assim mesmo as mais virtudes; porque o sciente faz eleição sómente do precioso, e aborrece o nocivo; porêm não se póde livrar do terrivel veneno da ambição, usurpando o que era da republica, e perpetuando-lhe huma eterna sugeição, por onde se lhe seguio a ruina; de modo, que sendo estes os mais famosos, e singulares do mundo, se lhe achão defeitos; mas o nosso Heroe a todos deixou de parte (senão invejosos), e se lhe admittio o virtuoso, lhe abominou o vicioso.

Entregárão o soberano dominio daquelle dilatado estado, ao sem segundo Affonso de Albuquerque, e discorrendo como advertido, o que mais convinha ao serviço do seu Rei, augmento do mesmo estado, e honra á sua patria, que para se perpetuar nelle hum Imperio, tinhamos as forças limitadas; sendo as emprezas muitas, e que para emprender todas o não poderiamos conseguir, nem conservar. Occupado nestes pensamentos, em que se lhe offerecião varios oppostos para a execução, veio a descobrir seu juizo hum tal meio, com que de todo puzesse forte freio a todos aquelles Reis do Oriente, facilitando, e supprindo seu grande valor algumas faltas. Resoluto poz por obra acommetter tres Emporios, aonde estribava todo o negocio daquelle dilatado,

em que não punha somente freio áquellas multidões de barbaros, senão tambem assombro, quando vissem as grandes, e formidaveis praças guarnecidas das nossas armas, sem lhes ficar esperanças de as reduzirem aó que forão, sendo estas as que nos convinhão sem occuparmos, e divertirmos o nosso poder em outras, por bastarem para todo aquelle grande mundo estar á nossa obediencia: estas forão Goa, Malaca, e Ormuz, por serem as mais opulentas, as de mais forças, e consequencias á Monarchia Portugueza. A todos he notorio com quantos perigos, e desvelos conseguio gloriosamente estas emprezas, e assim não ha para que referi-las; somente diremos o que a experiencia pelos effeitos tem mostrado.

## CAPITULO VI.

*Que prosegue a mesma materia.*

Malaca, Emporio, e praça forte por arte, e natureza, côrte a quem todos do dilatado mar do Sul, Ilhas, e terra firme, veneravão por mais opulenta, e soberana, frequentada com o negocio de todas as riquezas, pela escala, que nella se fazia para as mais partes da India: esta ganhada, e sustentada por nossas armas, ficámos dominando todo o Archipelago até o Japão, e terra firme da China, sem haver quem nos fizesse opposição; antes todos aquelles Reis atemorisados, sollicitavão nossa amisade, concedendo-nos liberaes todas as conveniencias, que quizemos, com franqueza em seus portos para o negocio. Goa tambem Emporio soberano, no meio da costa da India, que a ella concorria todo o negocio da Persia, da Arabia, e mais partes orientaes, por si grande cidade, e fortissima ilha, com dous seguros e grandes portos para o amparo de nossas armadas,

e tomada segunda vez, se assombrárão os Reis de toda a India, e para nos terem propicios, procurárão nossa amisade, concedendo-nos tudo o que nos estava bem. A Ilha de Geru ennobrecida com a cidade de Ormuz, assentada na garganta do Sino Persico, opulento Emporio, aonde fizerão escala todas as nações, e riquezas do Oriente, que se navegavão para a Persia, Mesopotamia, Palestina, Natolia, as Arabias, Egypto, e Europa. Em estes tres Emporios residião tres poderosos Reis daquelle Oriente, e suas bandeiras forão, ao valor do grande Affonso de Albuquerque, trocadas as meias luas em quinas de Portugal. Nestas tres grandes, e fortes columnas fundou o novo Imperio Lusitano, por bastarem a sustentar o peso de todas aquellas dilatadas regiões. Este heroe, como se vê das razões apontadas, conseguio nestas emprezas o mais alto serviço, que algum vassallo no mundo fez jamais a seu Principe, e augmento a sua patria, pois com seu juizo, valor, e disposição conquistou, e adquirio hum imperio tão opulento, e com tão limitadas forças, como todos sabemos; pois para vermos a grandeza de seu animo, acharemos, que por onde os grandes capitães do mundo acabárão suas conquistas, começou elle: acommettendo o mais opulento, e difficil, por atemorizar, e pôr espanto a todas aquellas regiões, fazendo o nome Portuguez eternisado, e temido; de modo, que não foi em cousa alguma ambicioso; porque só poz o cuidado em fazer serviço a Sua Magestade, e glorioso o nome da nossa nação, para ser de todas respeitado.

A experiencia nos mostrou, que para ser aquelle Imperio eterno, nos bastavão as tres colonias; e todas as mais fortalezas, e povoações que fizemos, tirámos a estas as forças, ficando faceis de serem contrastadas, e acrecentámos mais que defender, provimento de gente, despezas em artilharia, munições, e mais petrechos;

odiados com os visinhos, e as mais destas praças sem serem de proveito á Coroa, nem aos povoadores: e supposto que todas dessem grandes lucros, todos os teriamos sem as occupar, somente com se pôr em cada huma hum feitor, para que por conta de Sua Magestade se fizesse o negocio, e o porto fosse livre para o fazer a nossa nação; o que todos aquelles Reis nos concederião com boa vontade, e esta era impossivel que a tivessem, á vista de lhe pormos o freio de huma fortaleza, e para melhor dizer hum forte de pouca substancia, aonde os capitães tinhão com elles differenças sobre particulares interesses, e sempre a Coroa o vinha a pagar, com grandes despezas, por acodir aos movimentos. Ainda alcancei em Dabul, cidade de Mouros, situada no meio da costa, que corre de Goa a Chaul, huma feitoria nossa, onde assistia feitor, e seu escrivão, que cobrava meios direitos daquella alfandega. Na mesma fórma tinhamos outra em o Congo, cidade na Persia, de que se cobrava o mesmo: e he certo, que em todos os mais portos, sem os occuparmos, podiamos ter o mesmo; e destas feitorias tem Sua Magestade meios direitos, sem fazer alguma despeza com ellas, como temos mostrado.

As forças, que em terra puzemos, divididas em tantas pracinhas, se devião pôr no mar, trazendo huma armada no do Sul, para que aquelles mares fossem arados com as nossas quilhas, atalhando com isto movimentos aos Idolatras, e Mouros daquelles Reinos, para estarem sempre debaixo do jugo de nossas armas, e com a fama de serem assim frequentados, nenhuma nação se atreveria a entrar nelles. A outra armada havia estar em Goa, e dalli navegar aos estreiros Roxo, e Persico, visitando Ormuz, favorecendo nossos alliados, e castigando aos inimigos; com o que, a huns e a outros teriamos á nossa devoção, sem sermos inquietos,

nem haver quem se nos oppuzesse. O' valeroso, e discreto Capitão! honra, e gloria da nação Portugueza, que tão divinamente dispuzeste, e conseguiste o que convinha ao Monarcha, á tua patria, dando lustre aos teus; se de tão grandes trabalhos, e desvelos não foste premiado, quero me digas aonde viste virtuoso, que se livrasse do veneno da inveja? quanto mais tu, que não tiveste parte para deixar de ser mui invejada; porêm em tudo foste discreto; o que te faltárão os homens, o procuraste em Deos, pois só quem a elle se acolhe, acha o premio em sua gloria, aonde todos os seculos a gozes, e na terra dos que bem considerarem tuas virtudes serás diadema de quantos celebra a fama nas idades. Pelo que temos mostrado se pode claramente vêr, que para ser perpetuo o imperio da India, bastavão conservar-se aquellas tres praças; e todas as mais que povoámos, foi nossa total ruina, assim por não ser possivel defende-las, como por divertirmos as forças, ficando aquellas debilitadas. Tambem se mostra, que todo o negocio daquellas partes estava a nosso arbitrio querê-lo, sem repugnancia de seus senhores.

Bem reparárão neste desacerto os Hollandezes, pois não quizerão occupar as suas forças em fundar praças, ou povoações, e todas empregárão trazendo-as no mar, e com ellas obrigárão a todos os Principes do Oriente, que permittissem ter em suas terras feitorias, de que tirão os generos que ellas tem, e metem os que lhe faltão; somente na Jáoa maior lançárão fóra aos Inglezes de huma feitoria, que alli tinhão, á qual chamavão Jacatará, onde fundárão huma cidade, que lhe serve de colonia, pondo lhe por nome Batavia nova. Na Ilha formosa, a respeito do negocio, que tinhão no Japão, fundárão a fortaleza de Taivana: desta os lançou fóra o Chinchéo, que por armas se apoderou de toda a Ilha. Na costa de Xoromandel fizerão outra fortaleza peque-

na, porêm bem fortificada, a que chamão Paliacate, para tirarem daquella costa as roupas, que he todo o negocio do mar do Sul; e não tratárão de fundar mais praça alguma; somente se occupárão em pôr feitorias em todos os pontos da India. Em 639 nos tomárão Batecalou, e Triquimalé, e com serem praças na mesma Ilha de Ceilão, que tanto desejavão, vemos, que as arrazárão, por não lhe serem de utilidade. Todas as mais, que hoje presidião, forão nossas; e se as conservão, he em nossa opposição, por quanto todo o seu intento e desvelo sempre foi, que só por sua mão se navegasse a especiaria por todo o mundo; razão, por onde não tratárão de nos tomar praça alguma das que temos em toda a costa de Goa até Dio; porque em nenhuma se achão estes generos. Não duvido, que para sustentarem as que tem, seja muito maior a despeza, que com ellas fazem, do que os avanços, e mais rendas, que dellas tirão; porque pimenta tem toda a que lhe for necessaria nos Reinos de Jambe, Pera, e nas Ilhas Sumatra, e Borneo; pelo que escusavão a de Coulão, e Cochim, que para sustentar esta grande cidade, lhe he necessaria muita guarnição, não podendo tirar della cabedal, que os alivie na quarta parte da despeza que lhe faz; sendo que a cortárão, e reduzírão ao terço do ambito, que ella tinha. Cananor, que ao menos ha de ter de presidio seiscentos soldados, e pelo conseguinte todas as mais, que nos tomárão: verdade seja, que todo o negocio corre pela companhia, e nenhum particular sob graves penas o pode fazer; ainda que seja o superior, e todos os avanços vão ao monte, o que nós não tinhamos; porque em geral o fazia cada hum para si, e a fazenda Real suppria com as despezas.

## CAPITULO VII.

*Como nos convinha largar tudo o que tinhamos na India, e povoar a Ilha de Ceilão.*

Supposto o que temos relatado, bem se pode admittir alguma desculpa aos que povoárão aquella quantidade de terras tão distantes humas das outras, de mui pouca ou nenhuma utilidade; porque podem dizer, não lhe occorreo ao pensamento, que em tempo algum Principe ou Republica da Europa, nossos visinhos, se quizessem naquellas partes oppor ás nossas emprezas, assim por serem tão remotas, como por o descobrimento dellas ser o fructo de nossos trabalhos, e por esta razão se esparzirão por aquelle dilatado, com tanta confiança, pois humas e outras praças se asseguravão dos naturaes com as guarnições, que cada huma tinha; porém nenhuma achámos, que absolva aos modernos, depois que Ceilão foi patrimonio dos nossos Monarchas, por não reduzirem todas ao nosso rico, e deixar o alheo pobre. Vejo que me respondem, de que maneira se havia áquelles povos, que estavão naturalizados com o domicilio de tantos tempos, criados nas suas terras, obriga-los a larga-las para povoarem outras estranhas, sem saberem, nem terem dellas conhecimento algum, e com as incommodidades que trazem comsigo semelhantes mudanças? ao que respondemos: que quando o bem he commum, e as melhoras a todos são geraes, se ha de conseguir o acerto; porque primeiro se deve attender ao que convem á Monarchia, que a todos os mais particulares: de mais, quizera saber a qual destes povos propuzerão aquella translação, que a repugnasse com estas e semelhantes razões? para lhe responder com lembrar-lhe: que elles, e seus pais passárão de Portugal á-

quellas partes, para nellas servirem ao seu Rei, como, e da maneira que melhor conviesse a seu Real serviço, e que naquellas povoações estavão de emprestado, em quanto não houvesse outra melhor occasião, e a presente era forçada; por quanto de alli assistirem corrião perigo de serem facilmente contrastados do inimigo, por não haver poder com que o soccorrer; alem de que para semelhantes negocios, mais se ha de valer da industria, do que da violencia, principiando pelos povos pequenos, e com a boa fama do successo destes, os grandes de sua vontade se offerecerião; e ficaria Ceilão povoado, as forças unidas, todos os povos muito ricos, sem terem quem em algum tempo lhes desse desgosto, e este Reino seria o mais prospero, e opulento que houvesse em todo o universo, como se verá em o mais que diremos.

A primeira cousa, que se devia pôr por obra, era fazer-se huma negociação com os Reis, ou Senhores das terras visinhas, a quem as haviamos largar; e se o negocio daquelle porto fosse de utilidade, deixar nelle huma feitoria; e o preço, que se ajustasse, reparti-lo pelos moradores, segundo a propriedade que cada hum deixasse naquella terra; tendo nomeado a paragem, e sitio na Ilha, em que cada povo havia fazer a sua habitação, para hirem tomar porto na parte que lhes fosse mais conveniente; levando em sua companhia o que tocava á Coroa Real, assim artilharia, como todas as mais vitualhas para guarnição do mesmo povo, e os que habitassem pela terra dentro lhes não era necessario mais que alguma miuda, deixando a de maior calibre, para defensa das praças maritimas. Aonde aquelle povo havia habitar, repartir-lhe das terras circumvisinhas, quantas bastassem para poderem viver; e esta distribuição ou repartição fosse distribuida: respeitando as qualidades; e o que as familias largárão, como tambem

com os pobres, se lhe havia dar bastante com que poderem passar; porque alem de haver muito para se repartir com todos largamente, vemos, que o sol a nenhuma creatura se deixa de communicar; e ficarião todos contentes, evitando haver miserias nos povos, que he huma das cousas, que inquieta huma Republica; porque da pobreza nasce a mentira, a ladroice, a trapaça, de que se seguem pleitos, e outros graves peccados; com que tanto se offende ao Creador. As habitações se havião fazer nas partes que o sitio pedisse, e nos portos de mar convinhão cercos de mais forças. Em o primeiro dia, que o povo chegava ao posto, onde havia fundar sua habitação, se fazião casas para todas as familias; e não pareça encarecço o que se pode presumir ser impossivel, porque marchando o arraial todos os dias, dentro em huma hora nenhuma pessoa delle ficava sem ter feito casa, que sem lhe chover, durava tres annos; pelo muito aviamento, que a Ilha tem em toda a parte, para com esta facilidade se obrarem, assim de madeira, como de cubertura. Logo desenhar-lhe o reparo, e pelo sertão, de terra era sufficiente, até que pelo discurso do tempo os povos tivessem lugar de se hirem aperfeiçoando, porque em nenhuma parte faltão materiaes de pedra para cal, cantaria excellente, arêa, lenhas, tudo em muita abundancia; as madeiras são em grande quantidade, e de toda a sorte, em qualquer parte estão á mão, sem com ellas se fazer despeza na conducção: o ferro, temos dito o muito que a terra produz, e se vende mui barato; pelo que não falta cousa alguma para se fabricarem os edificios, da maneira que quizerem, tudo com mui pouco custo. O procedimento que haviamos ter com huma povoação, havia ser com todas as mais que fundassemos, e o mesmo em fabricalas, por haver em toda a parte os mesmos commodos. O Rei de Candia vendo que com tanto empenho po-

voavamos a Ilha, mettendo nella todas as nossas forças, atacando-o com fortalezas, e povoações; logo largava a pretenção daquelle Reino, sem com armas o obrigarmos, nem lhe faziamos sem razão, porque de elle ser Rei, o direito foi de sua mãi, por onde teve a successão; este ella o perdeo, porque sendo christã, apostatou, e se fez gentia, e outras razões, que nos alivião pela protecção que esta Coroa tem daquelle Reino, pelo testamento de D. Filippe ultimo, e direito Rei delle, como temos dito no capitulo quinto do livro primeiro.

He de advertir, que em todas as praças, e povoações, que tivemos, e temos naquelle estado, vivião, e vivem tambem moradores, naturaes das terras, com suas familias, christãos de pais, e avós, estes nos servião, e servem com amor, aos quaes chamamos Topazes, huns são officiaes, tendeiros, e mercadores; os seus filhos nos servem por soldados; e nas occasiões com honrados procedimentos, huns e outros não se escusão na Republica; a todos haviamos conduzir, e trazer em companhia dos mais amparando-os, e com elles repartir alguma cousa; porque nas guerras nos ajudão, servindo sem esperança de despacho, em que muitos perdem as vidas; e oppondo-se estes em nossa defensa na sua patria contra os seus mesmos naturaes, muito melhor o farião onde o sangue, ou a natureza os não podia obrigar; por estas razões, e serem christãos criados comnosco, não convinha desempara-los, antes se lhe havia dar honra. Não digo, que esta obra, que tenho tratado para se conseguir em se povoar a Ilha, se havia executar, sem a resolução de Sua Magestade, por ser esta a pedra fundamental de todo este edificio, para o que se lhe havia ter consultado, relatando-lhe miudamente todas as razões, por que convinha a seu Real serviço este negocio; e dando Sua Magestade poderes para se con-

seguir, eleger-se huma tal pessoa, que tivesse inteiro conhecimento da Ilha, e de boa consciencia, a quem fosse commettida a commissão para distribuir as terras com aquelles povos, de tal qualidade, que todos ficassem satisfeitos; porque nisto consistia toda a felicidade da Coroa, augmento dos vassallos, perpetuação do Imperio, o que tudo veremos no capitulo seguinte.

## CAPITULO VIII.

### *Como se havião desfrutar as terras da Ilha.*

Temos mostrado, que sem as terras dos Reinos de Candia, Uva, Jafanapatão, Triquimalé, Batecalou, e as que pertencem a Manar, que são as da Montóta, somente nas que chamamos debaixo, que forão do Imperador, tem ElRei N. Senhor o direito em vinte e huma mil oitocentas e setenta e rres aldeas, das quaes mais de dezeseis mil os matos dellas são cubertos de canella na fórma que temos acima dito: as mais estão em terras plainas, onde tudo são varges, que produzem grande quantidade de novidade, tres e quatro vezes no anno de huma mesma semente, e outras muitas drogas: de modo, que todas as mais terras de Chiláo, cortando parte do Reino de Candia, e fronteiras de Uva, até duas legoas adiante do Pagode de Tanavaré, todas ellas são de canella; assim mesmo estas crião muita pimenta, sem se cultivar, como temos dito. Supposto isto para que aquelles povos fossem muito ricos, lhe havia conceder Sua Magestade a liberdade, que ja tiverão de fazer cada morador a canella que pudesse, e esta liberdade lhe tirou ElRei Filippe IV. no anno de 1626 por alvitre, que lhe derão, de que não se conseguio mais que perda áquelles vassallos, e nenhum pro-

veito á Coroa; sendo que as principaes forças do Monarcha consistem em elles serem ricos: porêm esta liberdade se havia conceder com tal condição, que de toda a que tirassem, pagassem a Sua Magestade a quinta parte, e dera eu de parecer, que por conta da Coroa se comprasse por certo preço toda a que tirassem aquelles povos, para que não se divertisse por muitas mãos; porque he certo não haver em outra parte esta especiaria, mais que em Ceilão: aquella, que chamão de Coulão, he dos matos de Porcá, e ja temos dito o que he; e bem se tem experimentado neste Reino: em outras partes querem alguns (sem fundamento) dizer que se acha; porêm he falso: eu vi alguma na Jáoa maior, e só no feitio mostra hum arremedo de canella, mas não no gosto, nem em côr, por ser mui amarella, e amaruja excessivamente, sendo esta a que affirmão ser canella. Em toda a parte do mundo tem grande valia, e estimação, e toda se podia vender, e navegar por conta de Sua Magestade, e os moradores pelo pouco trabalho, com que se tira, a darião por bem limitado preço; e assim ElRei N. Senhor podia mandar carregar somente deste genero, não digo eu cem náos cada anno, senão duas, e tres mil.

Tambem havião obrigar a todos os moradores, a que cada hum, na porção das suas terras, que lhe coubessem, plantasse aos pés das arvores pimenteiras, que como a natureza, e clima da Ilha a produz sem plantar, melhor o faria ajudando-a com este pequeno beneficio; porque pondo-a huma vez, ficava para sempre, e das novidades que recolhessem (que he duas vezes no anno), pagassem tambem para a fazenda Real a quinta parte, e dos quintos della sem se comprar se carregarião para este Reino muitas náos, atalhando-se o hir delle dinheiro para este negocio, e os moradores, que pudessem vender a sua livremente para a Persia, as Ara-

bias, o Mogor, e mais partes do Oriente; que como he a melhor, tem mais valia, que outra alguma de toda a India; e somente destes dous generos havião aquelles povos pagar quintos a Sua Magestade; e as mais drogas, que as pudessem tirar livres das suas terras, como sempre foi costume. Nesta conformidade ficaria aquella Ilha mui poderosa, e Sua Magestade com os maiores thesouros, que tem o descuberto, tirando estes generos, sem despeza de hum real, em tanta quantidade: e para pagas, e sustento das guarnições das praças havia sobrar muito cabedal dos direitos das alfandegas: isto bem se deixa vêr, que sendo a Ilha povoada, havia concorrer a ella grande negocio.

Demais destes dous generos, canella, e pimenta, tem Sua Magestade outros dous, não inferiores, que sempre se tirárão, e vendêrão por sua conta, a saber, os elefantes, e pedraria; esta, quando se não quizesse obrigar aos naturaes da terra, que de continuo a tirassem, se podião metter negros, cafres, para se occuparem em a estar tirando: quanto mais que os mesmos Chingalás trabalharião neste serviço, porque, sem nós termos na Ilha outra cousa, mais que a cidade de Columbo, depois das tregoas ajustadas, por vêr D. Filippe Mascarenhas ficavão aos Hollandezes a maior parte das terras de canella, em as quaes vivia a maior parte dos Chaliás, que a tiravão, e vendo que Sua Magestade ficava com tão excessiva perda, a remediou com carinhos, e boas palavras; fez que os Pachas tirassem todos os annos a que faltava para tres mil e duzentos bahares, computo, que pelo tombo todos os Chaliás da Ilha tiravão, dando a estes por cada bahar huma pataca. De modo, que se repartio entre aquella casta de gente, mil e nove centos bahares, que ficárão tirando todos os annos, e desta maneira remediou aquella falta, e não perdeo Sua Magestade hum páo de canella, tendo os

Hollandezes a maior parte das terras, onde a havia, e vivião os que a tiravão. Por onde se a estes só com hum bom termo, tendo nós tão limitadas forças na Ilha, os obrigárão, que seria vendo-a elles toda povoada: e só de pedraria, a saber rubins, safiras, topazios, olhos de gato, se podia tirar tanta quantidade, que se carregassem para este Reino muitas náos todos os annos, onde viria pedra de dez mil cruzados, e não pareça no que digo ponho de casa o encarecimento, mas antes em tudo, o que relato, vou diminuto na realidade, do que me pudera alargar sem escrupulo; e de continuo podem muitos mil homens estar tirando a sem mostrar alguma falta, pela muita quantidade que se acha em qualquer parte, sendo o terreno, onde se cria, sessenta e sete legoas, que todas são cheas desta pedraria; e para se tirar não se cava mais que, ao muito, braça e meia, até chegarem a huma terra areenta sobre azulada, e a lavão em cestos, onde achão quantia entre outras pedras de menos conta. Advirto, que aonde achão humas, tambem achão as outras, sem terem algumas para sua criação lugar separado, ainda que em qualidades são differentes; com o que se infere, que todas as Indias, e todo o mundo não podia ter tantos thesouros, como Portugal: não fallo na pescaria do aljofar, que he certo seria bem frequentada com a nossa assistencia, e amparo.

Alem das commodidades, e riquezas, que tenho mostrado, com mui pouco custo se podião fazer grandes armadas, por serem as madeiras muitas, como tambem o ferro, e breu em grande quantidade, generos, de que mais se necessita para esta fabrica. Ha na Ilha huma semente, que produz propriamente, como o linho canhamo, de que os pescadores da terra fazem as suas redes; deste se podia fazer a enxarcia como a de Europa, evitando o aspero, e grossura, que tem a de cairo. Pois que direi do porto, e enseada dos Arcos para as ter-

mos? sendo o melhor que se acha em toda a India: o seu fundo he entre lodo, e aréa, reparado de todos os ventos; só o Leste lhe entra; porêm nem este continua mais que por accidentes, e brandamente; sem embargo que tem dentro muitas enseadas, e abrigadas para delle se repararem; por quanto os ventos geraes, que todo o anno cursão, he o Norte, e o Sul, e chamão áquelle *vara*, e a este *cachão*, e ambos formão na Ilha dous invernos, e dous verões. Nesta enseada desagoa o mais formoso, e caudaloso rio, que tem a Ilha, de excellentissima agoa, que vem do Pico de Adão: em todas as suas margens se crião muitas, e notaveis madeiras em grandeza, e diversidade. Na mesma enseada se podia fazer ribeira, onde se fabricassem armadas de muitos navios do lote que fossem necessarios; e mais tendo o commodo daquelle caudaloso rio para por elle se conduzirem todos os materiaes, sem despeza alguma; como temos mostrado no capitulo decimo do primeiro livro; que são obrigados os cortadores a cortar as madeiras, os que fazem o ferro, os ferreiros, carpinteiros, torneiros, lanceiros, coronheiros, e todos os mais officiaes da Ilha a trabalhar nas obras de Sua Magestade sem paga alguma: e tambem custarião quasi nada todas as armas manuaes para o fornecimento, a saber, mosquetes, arcabuzes, cravinas, bacamartes, lanças, chuços, traçados, coronhas para as de fogo; e todos estes generos de armas se obrão em toda a Ilha com muito primor, e em grande quantidade, de que se provião as nossas praças, e arraiaes, sem as grandes despezas, que em outra qualquer parte he necessario fazer a fazenda Real, nem ainda para a mesma conducção; porque a obrigação dos Culles he acarretarem, assim como os mais officiaes trabalhar cada hum em seu officio, em que se pode notar as grandes commodidades, que tinhamos para fabricar armadas, porto excellentissimo para

as ter, com a franqueza de sahirem, e entrarem nelle sem perigo algum em qualquer tempo do anno; mantimentos em abundancia para seu provimento; sem ja nos vir ao pensamento de lançar mão deste porto; para nelle fabricar armadas, sendo o essencial de que aquelle estado sempre necessitou.

Todos os que correrão o mundo, e os que por lição tem noticia de suas grandezas, quizera que me dissessem, se vírão, ou ouvírão, que alguma porção delle criasse os thesouros, que temos mostrado cria esta Ilha? porque se procuramos em toda a Africa, não acharemos nella mais que algum ouro por resgate, e com o mesmo hum pouco de ambar, e marfim: a America produz ouro, prata, aljofar, esmeraldas, algum ambar, muitas drogas; porém deve-se advertir, que esta porção de terra, por sua grandeza, he nomeada pelo novo mundo, que comprehende de hum ao outro polo, com innumeraveis reinos, e provincias, e que muitos delles necessitão da maior parte das cousas, que temos apontado; porque aquelles que tem humas, não tem as outras. O Estado do Brazil tem assucar, e tabaco: na Arabia, incenso, mirrha, tamaras, e cavallos: na Persia, sedas, e algumas drogas, e no seu estreito aljofar: no Gusarate, roupas, e drogas: no Canará, arroz, pimenta: no Malavar, pimenta, cardamomo, e gengivre: na costa de Xoromandel, roupas: no Reino de Carnate sugeito ao de Golocondá, diamantes: em Bengalla, e todo o Mogor, roupas, arroz, assucar, cera; e são tambem muitas provincias, que as que tem humas cousas, não tem as outras: em Pegú, rubins, e lacre: na Sumatra, ouro, cobre, estanho, beijoim, e pimenta: em Champá, calambá, águila: em Borneo, canfora, diamantes, e pimenta: em Sião, beijoim, e drogas: na China, ouro, sedas, almiscar, e drogas: em Japão, prata, e cobre: nas Malucas, cravo: em Banda, noz mos-

cada, e massa: em Timor, e Solor, sandalos. A nossa Europa he cousa sabida o que cada Reino produz, valendo nella mais a industria, do que a natureza, e assim não ha para que referi-lo. Estamos vendo, que muitas terras das que temos nomeado, comprehendem muitos, e grandes Reinos, e não deixão de ter fama de mui ricos. Que poderemos nós dizer de huma Ilha, que pelo maior comprimento não tem mais que setenta e duas legoas, criar em si cinco generos em tanta abundancia, como temos mostrado? a canella sendo no mundo singular; a pedraria, aonde só se não achão diamantes, e esmeraldas, em tanta quantidade; os elefantes, que são os mais presados de quantos tem o descuberto; a pimenta, sendo a melhor que se acha no Oriente; o mar de perolas, e aljofares, e se tem por muito finos. Não fallo em outras muitas drogas, que a Ilha tem, de que aqui não fazemos caso; e se acha na costa algum ambar: e considero, que os que quizerão dizer, que esta Ilha era o paraiso terreal, não foi pela fertilidade, e abundancia, que ella tem de todo o regalo para a vida humana, nem pela amenidade, e salutifero da terra, ou por huma pegada de dous palmos, que os Gentios, por introduzirem naquelle lugar adoração, fabricárão; senão, porque sendo tão limitada, cria em si tantas riquezas.

Vejamos agora os povoadores de Sofala, Moçambique, Mombaça, aonde o negocio he algum ouro, ambar, e marfim, tudo comprado, e feito estanco dos Governadores, e capitães daquellas praças, em terras tão faltas do necessario para poderem passar a vida, e tão doentias, se lhes era melhor estarem vivendo em terra salutifera, provida de tudo, agradavel á vida humana, sendo todos ricos, tendo que vender, sem o comprar, as forças juntas, sem estarem de continuo com o susto de serem cada hora derrotados, ou sitiados do inimigo,

ameaçando dalli a todo o Oriente, e por necessidade aquelles Reis havião abraçar a nossa amizade, fazendo serviço a Deos, e tinhamos naquelle dilatado huma pedra firmissima, onde se sustentasse a Fé de Jesus Christo; o nosso Rei hum opulento Imperio, postos nas mesmas praças, com que se premiarem os benemeritos, com differentes rendimentos, do que em aquellas? o mesmo se entende com os de Mascate, Curiate, Damão, S. Gens, Danú, Aserim, Tarapor, Manorá, Quelme, Mahim, Dantorá, Agasaim, Baçaim, Taná, Caranjá, Chaul, o Morro, Honor, Bracelor, Cambolim, Mangalor, Cananor, Caranganor, Cochim, (aonde só achárão os Hollandezes, quando rendêrão esta cidade mais de dez mil mulheres brancas desobrigadas, sem pais, nem maridos) Coulão, Negapatão, Meliapor, Macáo, Maluças, Timor, Solor, e todas as mais que tivemos naquelle estado. Aqui todos viverião ricos, e abastados, e se evitava andarem esparzidos em muitas povoações tanta quantidade de Portuguezes, vivendo sem lei, sendo o arbitrio de suas consciencias seus proprios vicios, entre gentios, e mouros, a quem de necessidade obedecem. Pois he certo, nem o que produzem aquellas terras, aonde tinhamos todas estas praças, o deixariamos de ter; porque não se havião de querer os senhores dellas desgostar comnosco, vendo que tinhamos forças, com que lhe dar rigoroso castigo. De mais, que elles tambem tinhão conveniencia em nos venderem os frutos, e drogas de suas terras. Boa experiencia temos no tempo de ElRei Filippe IV., que sendo a guerra com os seus rebeldes Hollandezes tão renhida, lhe concedia passaportes para virem livremente em frotas a este Reino, que carregavão de sal, e outros generos, porque todos se querem aproveitar do que produzem as suas provincias.

## CAPITULO IX.

*Em que se mostrão os mais erros nos tempos modernos.*

Todas as cousas tem principio, augmento, e declinação. Dos principios, ou se seguem os acertos, ou os erros; grande o tivemos em nos esparzir divertindo-nos por tantas partes. Do augmento, em que estivemos naquelle estado, houve esta Coroa a Ilha de Ceilão em propriedade gratis. Ja temos reparado em todas as desculpas apontadas, agora nos dão outras differentes; e são estas de qualidade, que não achamos parte para lhas podermos admittir, pois nos dizem, que jamais advertirão os que governárão aquella Ilha em noticiar as riquezas, que apontamos, e dellas creio não tiverão exacto conhecimento; porque o nosso commum, do pouco faz espanto, e do muito não faz caso; e só por huns longes disserão, ou conhecêrão que havia alguma porção destas riquezas; porêm de tal modo, que não era para se fazer o caso que dellas agora mostramos, nem os Serenissimos Reis desta Coroa tiverão informação, que chegasse a rastejar esta verdade; porque he certo, se lhe fosse presente, mandarião metter na Ilha ao menos forças bastantes para sua defensa. Desta duvida nos tira saberem todos com quanto cuidado se oppuzerão aos Belgas no estado do Brazil, e Angola; quanto melhor o farião em Ceilão, que sem todas as consequencias, bastavão as de ser seu patrimonio, para que a fizessem conservar: e assim havemos dizer, que só por verem que daquella Ilha vinha tanta quantidade de canella, recommendavão muito Ceilão. Em prova deste pensamento sabemos, que o Serenissimo Rei D. João o IV., quando fez as treguas com os estados de Hollanda por

dez annos no da India, he certo, que se soubera o que era Ceilão, mandára na duração dellas reduzir tudo o que havia no estado áquella Ilha; consequencia certa, que não foi noticiado.

Agora entra aqui o nosso reparo, ou para melhor dizer queixa: que sendo os superiores, que governárão aquella Ilha, homens de muito juizo, vistos em negocios, obrigados ás intelligencias, do que ha nas partes que dominão, para darem razão dellas, e de si, pois todas lhe corrião pelas mãos: forão tão descuidados, e remissos, que não declarárão o que estavão obrigados, para se pôr remedio; e quando Sua Magestade, ou seus Ministros o não puzessem, tinhão elles satisfeito com o que devião; e não quando o mal não tem remedio, darem lugar a que hum soldado de pouco talento, e menos discurso, que não se occupou mais que em servir a Sua Magestade, e não podendo vencer o continuo trabalho daquella molesta guerra, marchando de noite, e de dia dezoito annos, descalço, e cuberto de sanguesugas do mato, vivendo sempre em brenhas; e o peor de tudo he, que com estes seus descuidos derão occasião a que quem estas cousas ler, ou ouvir, possa dizer (com algum fundamento) que são embustes, e mentiras, por vêr se posso adquirir algum premio, e entabolar-me em reputação: pois daqui protesto diante de Jesus Christo, que nenhuma cousa digo supposta; senão huma pura, e simples verdade; como tambem, renuncio para todo o sempre qualquer premio, que a grandeza de ElRei N. Senhor, que Deos guarde, me queira dar, não somente o deste trabalho, que tomei, que he zelo, e amor da patria, senão tambem de todos aquelles, que em seu serviço tive, mais de quarenta annos e meio completos, sem faltar hum dia de vinte e hum de Março de 640, até quatro de Outubro de 680, que cheguei a esta côrte por ordem do mesmo Senhor;

e supposto, que não tenha bem com que passe, louvores sejão dados ao Altissimo Deos, que a todas as creaturas dá o que lhes basta, se nos sabemos accommodar. Pelo que se podem desenganar, que nem em huma, ou outra cousa terá effeito a censura; porque o nosso fim só he, que se algum tempo estiver esta Monarchia com mais alentos, não fiquem estas cousas sepultadas no esquecimento.

Em a declinação daquelle estado se vio claramente o quanto necessitavamos de hum reparo, e buscar meio para nossa conservação; porque a razão assim o pedia, vendo nelle em nossa opposição dous tão fortes inimigos, como os Hollandezes, e Inglezes, estes com o Persa, tendo nós ainda todas as forças, nos tomárão Ormuz, a melhor praça, que tinhamos, sem lho podermos impedir. Aos Hollandezes não pudemos lançar fóra do mar do sul, aonde frequentando o dilatado daquelle archipelago com a commodidade dos mesmos baixos, que tem aquelles mares, lhe facilitou o negocio de todas as Ilhas, e terra firme; e com elle forão engrossando em tantos cabedaes, que aquella companhia livre, e sem impedimento pôde frequentar aquellas partes com duplicadas forças de navios, e se puderão fazer tão senhores, que os nossos vierão a não poderem navegar aquelles mares; chegando a termos, que de cinco patachos, que hião á China fazer negocio, se veio a ter por milagre escapar hum; e como naquelle tempo estava a India tão chea de vicios, como de cabedaes; o muito, que achavão em hum, os incitava desvelados a procurarem todos os que traziamos na carreira para varias partes, por serem as herdades, e morgados, que naquellas partes desfrutavamos. Assim não escapava mais, que por acaso algum nas costas de Pegú, Bengalla, Xoromandel, Sinde, Basorá, Moçambique, Mombaça: em algumas destas partes não se molestavão em

os buscar; porque lhe vinhão cahir nas mãos, tendo occupado a boca do estreito de Singapura com bons navios, por ser o passo de Malaca para o mar do sul.

Nesta fórma em toda a parte nos forão atenuando hum e outro anno, levando-nos quanto tinhamos, sem nos deixarem mais, que miserias, até que para fazerem melhor o seu negocio, vendo-se tão opulentos, derão em todos os annos a pôr huma esquadra de doze náos, que assistião todos os veroes na barra de Goa, ficando as mais desoccupadas, para andarem livremente a corso; e sem embargo que os nossos galeões lhe derão algumas batalhas, com tudo persistião na assistencia, e cerco da barra; e como sabião que Malaca era o emporio do sul, aonde se fazia escala de toda a especiaria, e drogas, que por aquelles mares se navegavão, tambem lhe fizerão contínua assistencia, tendo sempre á vista daquella praça cinco, ou seis náos, que lhe impedião todo o negocio, tendo-a como sitiada, até que de todo determinárão lançar-nos fóra della; e para nos impossibilitarem, e não podermos acodir a parte alguma, tendo abraçado os tratos com o Rei de Candia, nos tomárão em 1639 as duas praças, Batecalou, e Triquimalé: e neste inverno entrárão com algumas náos em Marmugão, porto, e praça forte, onde tinhamos debaixo do seu amparo tres galeões com huma armada de remo em sua guarda, e nem huma, ou outra defensa lhes valeo para deixarem de ser queimados, sendo aquelles tres as forças, que tinhamos em todos aquelles mares. Com este feito na entrada do seguinte anno vierão sobre Ceilão, e nos tomárão as duas praças Galle, e Negumbo; e no mesmo puzerão sitio apertadissimo por mar, e terra a Malaca, e a vierão a render depois de seis mezes, em os primeiros de Janeiro de 1641.

Com os bons successos referidos, se promettêrão fazer senhores de todo o estado, e forão continuando a

guerra em Ceilão, fazendo o mesmo aquella armada, que assistia todos os veröes na barra de Goa, até o fim do anno de 1644, que se ajustou a tregoa por oito annos, como temos mostrado. Com este ajuste, ficárão os nossos tão alliviados, e sem cuidado, que não só nos pareceo que não poderião ter fim oito annos, mas tambem não havia ja no mundo Hollandezes: sendo o em que mais entendêrão os capitães advertidos, foi, que em tempo da paz estiverão sempre com maior cuidado, e vigilancia, do que no da apertada guerra; por quanto nesta a mesma necessidade faz a huns e outros advertidos, e prevenidos: senão, quizera me dissessem, que razão, ou fundamento teve o Serenissimo Rei D. João o IV. em fazer esta tregoa com os Hollandezes naquelle estado, quando nos tinhão tomado duas praças em Ceilão, como tambem Malaca; e vêr estava tudo atenuado com a corrente dos seus bons successos? parecia de razão, mettesse naquellas partes com grande empenho todo o cabedal possivel; ao menos para recuperar as duas de Ceilão, por serem do patrimonio Real, e tambem por lhe enfrear aquelles progressos; porêm como seu juizo foi prudentissimo, vendo que tinha hum inimigo tão poderoso, batendo-lhe ás portas, não lhe convinha divertir as forças para acodir ao reparo do que estava tão distante; assim tratou de ajustar com elles as tregoas, por lhe parecer, que dez annos era tempo sufficiente para aquelle estado se prevenir, e buscar algum meio para se conservar. Tambem se ha de advertir, que estas tregoas forão tanto em favor desta Coroa, como em prejuizo dos mesmos Hollandezes; porque com ellas puzerão atalho áquella invasão, onde tão felizmente lhe succedia, dando-nos lugar a engrossarmos as forças, emendar os erros, prover-nos do necessario, para que quando se terminasse o tempo, nos achassem com taes

prevenções, que não lhe fosse facil com grande poder fazer-nos opposição.

Por todas as razões, que temos mostrado, não podemos achar ja desculpa; porque nos obrigava a necessidade para nos conservar; e não digo eu Ceilão, sendo o que tenho mostrado, senão qualquer parte, que fosse capaz de habitar, se havia eleger por remedio dos males passados, e atalhar os que antes de vir ja ameaçavão: porêm de nenhuma cousa se tratou; antes nos deitámos a dormir, como se a guerra não tivera principiado, nem o fim della se havia resolver; devendo-se reparar, que não se podia em tempo algum conservar a Ilha, tendo os Hollandezes nella maior porção, do que nós, e que todo o seu fundamento era excluir-nos naquelle estado de tudo o que fosse especiaria, para que só por sua mão fosse navegada pelo mundo; e assim não só nos não aproveitámos daquelles oito annos para reduzir tudo, o que tinhamos naquelle estado, áquella Ilha, senão que a deixámos estar com as mesmas guarnições, que de antes tinha, passando-se o tempo em descuidos, até que vierão apregoar a guerra, da qual resultárão os successos que temos visto.

Logo que em 1656 nos tomárão Columbo, e hindo-lhe alguns soccorros, com elles no anno de 1658 nos tomárão tambem Manar, e o Reino de Jafanapatão, deitando-nos de todo fóra da Ilha, e dahi por diante nos tomárão das cidades, Negapatão, Cochim, e se apoderárão de Meliapor; e das praças, Coulão, Caranganor, e Cananor: e se o Canará não nos tivera tomado as quatro, que tinha na sua costa, he certo não nos deixarião estar nellas, só porque havia alguma pimenta, que compravamos aos naturaes, e he a que hoje vem para este Reino; porque como o Canará he senhor destas praças, não lhe póde impedir que no-la venda. Tenho dado fim a minha narração; e somente direi o que sen-

timos de algumas saudades, que nos deixou esta notavel perda; porque sempre das grandes ficão muitas, quando o remedio he difficil.

## CAPITULO X.

*Em que se remata o fim desta obra.*

Depois que vim a este Reino, de tempo em tempo me dão huns rebates, que dizem: Ceilão se foi tomar, o seu Rei com muita instancia nos roga, e persuade que vamos, e nos ajudará a deitar fora os Hollandezes, e outros ditos semelhantes, não sendo todos mais que partos das mesmas saudades, pois estamos vendo, e a todos he notorio o mui pouco, ou quasi nada, que temos naquelle estado; e por nos acharem os Arabes tão atenuados, se atrevêrão a pôr armadas no mar, em nossa opposição, e com ellas deliberados, e orgulhosos nos tem dado muitas batalhas; navegando aquelles mares, desembarcárão duas vezes em Dio, saqueando a povoação, e fizerão o mesmo em Baçaim; assim tambem desembarcárão em Bombaim, e conseguintemente puzerão duas vezes sitio á fortaleza de Mombaça, e huma á de Moçambique, com os quaes estiverão estas praças bem apertadas, mostrando-se em tudo mais valerosos, que outra alguma nação do Oriente, sendo huma gente, de quem, não ha muitos annos, faziamos pouco caso; e muito melhor o pode dizer o successo de Pate, que por nos verem com poucas forças, tomárão motivo para se atreverem; o com o continuo exercicio das armas, são os inimigos que de presente nos dão cuidado no Oriente. Por onde se pode vêr, que nem com a imaginação se ha de emprender semelhante negocio: e supponhamos que temos na India, não o limitado com que aquellas praças se achão, senão as forças, que tivemos quando

ella mais florecia: não estava o sahir bem desta empreza em ganhar aquellas praças aos Hollandezes; pois o essencial consistia em as defender, e conservar, o que não somente he difficultoso, senão tambem impossivel; por quanto no tempo que lá estive, trazião naquelles mares nem menos de quatrocentas náos, todas providas para qualquer occasião, que se lhes offerecia, andando de huns para outros portos em commercio: hoje tem de mais aquellas cidades, e praças que nos tomárão, todas bem guarnecidas com muita infantaria; o numero das náos he muito maior: a cidade de Columbo a cortárão pelo meio, reduzindo a a que por todas as partes ficasse cuberta de huma grande força, que lhe fizerão no Oiteiro, que occupava o convento de Santo Agostinho, e por onde a cortárão fizerão tres baluartes, e muralha, tudo ao moderno, e lhe abrirão hum fosso de toda a conta cheo de agoa, que corre da alagoa ao mar, com estrada cuberta; e assim se acha a mais bem fortificada praça que ha em toda a India. Por exemplo nos sirva, se nós não pudemos ajuntar em quatro annos em todo o estado poder com que lhe pudessemos tomar a fortaleza de Galle, tendo muita, e boa gente na Ilha, e todas as mais praças, que depois nos tomárão, como será possivel, que sem aquellas forças, que nos faltão, e elles com duplicadas, os lancemos fôra? eu quero que todos os que fossemos a esta empreza, levassemos azas, para que sem perdermos cousa alguma, sahissemos com ella á luz. De donde, ou de que parte nos viriáo os soccorros, que pudessem resistir ao empenho, com que de necessidade com todo o desvelo se havião oppor por restaurar o que lhe tomassemos? O certo he, que fallar nesta materia, o pode fazer quem de semelhantes tiver pouca noticia: sem estas puderamos trazer outras razões, que não são para este lugar.

Não posso deixar de persuadir-me, que sendo certo

que o Rei de Candia nos offerece este adjutorio, e entrada na Ilha, sem duvida alguma devia enlouquecer; senão he que se reduzio de gentio a christão, e o obrigão as confissões a descarregar a consciencia, querendo por este caminho restituir a Portugal as terras de Ceilão, de que elle está de posse, e obedecido por Rei de toda a Ilha, e sempre foi seu intento lançar-nos fóra della para se fazer absoluto Senhor; porque comnosco do seu proprio o não podia ser, e jamais o quizemos fazer fogir para huma serra, que o não conseguissemos, entrando em Candia por assalto lhe queimavamos a cidade, e o seu mesmo paço, o que feito nos recolhiamos por hum dos lados daquelle Reino, sem nelle fazer demora, ás nossas terras; e desta sorte nem elle estava prevenido, nem nos podia impedir a retirada. Pelo que se mostra, que comnosco sempre vivia inquieto, e com os Hollandezes não tem estas penalidades, por não ser gente que marche á desfilada, por entre brenhas, descalços, passando a cada passo rios, e varges alagadiças, cheas de pantanos, cubertos de sanguesugas; e nós em nenhuma destas cousas reparavamos. Deve-se em prova de tudo o que digo, vêr, que nós somos christãos, aquelle Rei, e os seus gentios; nós brancos, elles negros; nós Portuguezes, e elles Chingalás; comnosco na Ilha erão escravos, e sem nós são senhores: senão diga-me alguma pessoa, se ouvio dizer que no mundo houvesse nação, que voluntariamente se sugeitasse ao imperio de outra; salvo por mais não poder? Bem o sentio este Reino sessenta annos, com a oppressão de Castella, em que a opposição das nações fez natureza, que desejavamos beber o sangue a todos os daquelle Reino. Pois não são elles nossos visinhos? não são brancos, como nós? não são assim mesmo do rebanho do Senhor? tudo isto assim he; porêm a mesma opposição faz criar entre as nações huma antipatia, que se vem a

converter em mortal odio; de tal qualidade, que não se admitte aquelle conselho de Christo Senhor nosso: amai a vossos inimigos.

Bem he verdade que o Rei de Candia pela criação, communicação, lição, que tem dos Portuguezes, e conhecer o primor, cortezia, e gravidade, com que se tratão; e principalmente a sua fidelidade, razões, por que os estima muito; porêm só aos particulares, e não em geral, por ter delles muitas queixas; e assim lhe mandou fundar na Ruanlla, em sitio forte huma formosa cidade, onde vivem setecentos com suas familias mui abastados; porque a todos deu aldeas das terras desta Coroa, e com elles vivem religiosos, e sacerdotes, que lhe administrão os sacramentos. Com este intento se prevenio em dar ordem á sua gente, que não matassem aos nossos, que pudessem tomar vivos, como tenho mostrado no capitulo dezanove do segundo livro. Se alguns forem áquella Ilha derramados, não ha duvida, que acharão do Rei bom agasalho; porêm poder de gente com cabos, he enganosa a presunção; e creio que mais facil lhe será querer antes perder a vida, do que tal consentir, por ter conhecido, que todas as nossas diligencias forão sempre encaminhadas a conquistarlhe o Reino; pela qual razão se ligou com os Hollandezes, gente, de quem nunca fez caso para se temer, que em tempo algum o pudessem molestar, conhecendo não serem para os trabalhos, que aturão os Portuguezes. Tanto se mostra esta verdade, que logo, como fomos rendidos em Columbo, lhe fez guerra, e se apoderou de todas as terras, que pertencem a esta Coroa, não lhe deixando algumas, das que elles desfrutavão no tempo, que tivemos a tregoa; e assim não lhe ficou mais que as praças, por não poder ser menos, e algumas aldeas nas faldas maritimas, que não lhe pode impedir estarem á sua obediencia, de que elles tirão qua-

tro páos de canella; sendo que o Rei nenhuma tira; antes sente notavelmente que a Ilha tenha estes matos; e se pudera extingui-los, o fizera; mas he impossivel o faze-lo em distancia de hum tiro de mosquete: assim mesmo não consente, que se tire pedraria; quando quer presentear a alguns Reis da outra costa seus amigos, ou parentes, em o seu thesouro tem grande quantidade: delle tira as pedras, que lhe parece, evitando tirarem-se das que a terra cria para este, ou outro fim; porque como dellas não faz negociação, parece-lhe, não será ao mundo noticiado haver naquella Ilha estas riquezas. Esforça muito este pensamento não necessitar de fóra della de cousa alguma para todos viverem abastados; e difficultoso será achar-se no mundo Reino, ou provincia, que se possa jactar de outro tanto.

Pelo que temos mostrado, não tirão os Hollandezes grandes avanços de Ceilão; e segundo entendo, pouco mais será a receita, do que a despeza. Se com aquella companhia se pudera ajustar, que nos largasse as praças, que tem na Ilha, por todas as conveniencias, que quizessem, lhas podiamos aceitar, para o fim de se povoar, e tratar dos meios, que temos mostrado; porque como he de homens de negocio, sempre hão de vir no que lhes der mais proveito; e não havendo outro remedio, muitos estados, e monarchias se virão mui opulentas, e brevemente vierão a seus principios, porque Deos Senhor nosso não põe tempo em o mudar. Algum pode vir, que nos sirvão estes avisos; porque em sua divina mão estão todos os Imperios, e na nossa a emenda com o arrependimento de nossos peccados, que estas serão as maiores forças, que podemos procurar contra nossos inimigos, para que por este meio possamos continuar o governo daquella Ilha, seguindo com melhor acerto aos Capitães Geraes, que até agora forão daquella conquista; e o primeiro, que levou este posto, foi

Pedro Lopes de Sousa. O segundo D. Hieronimo de Azevedo. O terceiro D. Francisco de Menezes. O quarto Manoel Homem Mascarenhas. O quinto D. Nuno Alvarez Pereira. O sexto Constantino de Sá e Noronha. O setimo Jorge de Albuquerque. O oitavo segunda vez Constantino de Sá e Noronha. O nono D. Jorge de Almeida. O decimo Diogo de Mello. O undecimo D. Antonio Mascarenhas. O decimo segundo D. Filippe Mascarenhas. O decimo terceiro Manoel Mascarenhas Homem. O decimo quarto Francisco de Mello de Castro. O decimo quinto, e ultimo em Ceilão Antonio de Sousa Coutinho. Teve mais este posto em Jafanapatão, e Manar Antonio do Amaral e Menezes, que foi o decimo sexto.

*FINIS.*

*Laus Deo, immaculatæque conceptioni Deiparæ Virginis Mariæ.*

» Pareceo que não seria alheio do objecto desta obra,
» nem desagradavel aos curiosos, ajuntar aqui a
» Doação, que o Rei de Ceilão fez dos Estados d'a-
» quella ilha aos Senhores Reis de Portugal, extrahi-
» da do R. Archivo da Torre do Tombo, do Livro de
» Leitura-nova, intitulado *Ilhas*, que se acha no ar-
» mario 2.° da Casa da Corôa. »

## COPIA.

Em nome de Deos Amen Saibam quantos este publico estromento de Doação virem como no Anno do nascimento de noso senhor Jezus Christo de mil e quinhentos e oytenta annos aos doze dias do mes dagosto do dito anno nesta cidade do Columbo e sua fortaleza da Ilha de Ceilam no apousento do muito alto Principe Dom Joam per graça de Deos Rey de Ceilam Perea Pandar, Estando ahi o dito Senhor Rey de presente disse a mim Antonio Ribeiro tabaliam publico das notas por elRey nosso senhor nesta dita cidade, em presença das testemunhas ao diante nomeadas que elle dito Senhor Rey socedera nestes Reynos de Ceilam por falescimento delRey Bonegabao seu Senhor e avoo que lhos deixara por nam ter filhos e lhe pertencerem como a seu neto que he e pello ter ja perfilhado em sua vida

por filho e herdeiro seu com autoridade do Senhor Rey de Portugall Dom Joam terceiro deste nome que sancta gloria aja e elle dito Senhor Rey ouuera a posse destes seus Reynos e os possuira todos sem falta alguma assi e da maneira que os possuio o dito Bonegabao seu avo tendo seu assento na sua Real cidade da Cota metropolitana cabeça do Reino que ora está despejada, e que despois por diuersos casos o Madume Pandar Rey de Suita auaca. E o Rajuu seu filho lhe tinhão tiranicamente e per vias illicitas occupado e tomado todos os ditos seus Reynos auia ja certos annos sem lhe ficar delles mais que esta cidade e fortaleza do Columbo que os senhores Reys de Portugal por seus viso Reys e Capitães deffendiam pugnando sempre pello tornar a restituir em os ditos seus Reynos o que attegora nam pode ter effeito por outras guerras e trabalhos que os ditos viso Reys tiuerão. E pello estado da India estar gastado e pobre e por elle dito Senhor Rey se ver em idade e não com boa disposição em sua Real pessoa e sem filhos e herdeiros que lhe de direito socedam per seu falecimento em estes seus Reynos, e uendo se muito obrigado aos senhores Reys de Portugal pellos muitos beens e merces que delles sempre recebeo especialmente por suas boas diligencias e amoestações que lhe fizeram per suas cartas e pello que encommendarão aos padres da ordem de sam francisco veo elle dito Senhor Rey a ter luime e conhecimento da nossa sancta fee catolica e se abraçou e conuerteo a ella que mais estima que todas as cousas do mundo porque espera por isso mediante a graça de misericordia de nosso Senhor Deos saluar sua alma e mais lhes he em obrigação de o sempre sostentar em seu Real estado sendo tratado de seus viso Reys e capitães e mais vassallos com toda honra e acatamento como se faz a suas proprias pessoas tratando se a guerra com os imigos Madume e Rajuu pella restauração des-

tes seus Reynos com todo o rigor com muito enfindo gasto de suas fazendas e mortes de muitos Capitaens fidalgos e portuguezes: e por todas estas cousas e por outros respeitos que a isso o mouiam elle dito Senhor Rey de seu propio moto boa e liure vontade lhe aprazia de fazer Doaçam pura e perfeita de todos os ditos seus Reynos e senhorios ao Senhor Dom Henrique Rey que ora he dos Reynos de Portugal e a seus socessores como deffeito disse que pella presente lhos daua e doaua e em elle os punha e trespassaua com todo o direito senhorio e aução que nos ditos Reynos tem e podia ter pera que o dito Senhor Rey de Portugal Dom Henrique e seus socessores o ajam depois de seu falecimento perpetuamente e os pessuam e logrem assi e da maneira que elle dito Senhor Rey os pessuio ouue e herdou do dito Rey Bonegabao seu senhor e avoo cujos foram e milhor se o milhor puderem auer e possam fazer delle como de cousa sua propia que he por virtude desta Doação tirandoos pera isso de poder dos ditos imigos que oje em dia os tem e pessuem indiuidamente sem nenhum direito nem justiça pera o que lhe poderam licitamente fazer guerra por terra e por mar atte de todo estarem senhores de todos os ditos Reynos e suas antigas demarcações e senhorios que tem como tiuerão os Reys da Cota sobre os outros Reys desta ilha que lhes he e foy sempre diuida. E dise mais o dito Senhor Rey de Ceilam que esta sua davida E Doaçam queria que se comprisse em todo e por todo sem contradição alguma, e se alguma mingua ou desfeito tiuer, elle de seu real poderio o supre E ha por suprida E manda que esta se cumpra e valha por ley sem embarguo de todas E quais quer leis foros E direitos costumes e outras quaes quer cousas que em contrario ouuer por quanto disse e declarou esta ser suá merce e vontade declarando logo que a huma sua cedula de testamento que atraz

desta sua dita Doação em este meu Livró de notas tinha feito per mjm dito tabaliam se lhe de jnteira fee E credito E lha cumpram e guardem e façam comprir e guardar assi e tam jnteiramente como se nella conthem E milhor se milhor ser puder sem embargo desta dita sua Doação por quanto todo o em ella contheudo manda fazer pera bem de sua alma E descargo de sua consciencia por tudo achar ser muito seruiço de Deos nosso Senhor E ficar ajnda muito atras do que era obrigado por caso do pouco que ao presente pode, E que por tanto pede muito por merce ao dito Senhor Rey de Portugal Dom Henrrique e a seus soccessores que a dita sua cedula de testamento lhe mandem per suas justiças E todas outras quaes quer pessoas a que o tal cargo pertencer cumprir E guardar E fazer comprir E guardar em todo E por todo assi E da maneira como se nella contem por quanto assi disse que era sua merce E vontade E queria que se lhe cumprisse E guardasse pello assi auer por bem por Respeito do acima dito sem a cousa alguma dello nem todo nem parte dello lhe ser posto duuida nem embargo alguum mes que antes conforme a direito como confia que seja lha ajam por solenne pera por ella se fazer sua vontade como nella vay declarado e aqui declara auer por bem que se faça § E disse mais elle dito Senhor Rey que pedia com toda a humildade e reuerencia deuida como filho obediente á sancta see appostolica de Roma e ao Papa nosso Senhor que aja esta Doaçam por boa e mande por sua autoridade appostolica que se cumpra depois de seu falecimento assi E da maneira que aqui he decrarado" E pera fee e firmeza de tudo isto mandou a mim dito tabaliam que esta escritura de Doaçam fizesse e em minhas notas onde a escreui E o dito Senhor Rey assinou nella de seu Real sinal testemunhas que pera jsso foram chamadas E roguadas o padre frey Sebastiam

de Chaves guardiam que ora he do conuento do mosteiro de Sancto Antonio desta dita cidade, E o padre Manuel Luiz vigairo em ella, E Estcuam figueira Viuuo ouuidor que aqui foy, E Pero Jorge franquo juiz ordinario E Antonio Lourenço ambos casados E moradores nesta dita Cidade E Dom Estevão modaliardo dito Senhor Rey de Ceilam e seu camareiro mor E Regedor de seus Reynos, E Dom Antam fidalgo de sua casa, e Andre Bajam E Dom francisco Anrriquez seus mudaliares que aqui assinarão com Dom fernando mudaliar do dito Senhor Rey E seu lingua que tudo isto declarou sem embargo de elle saber falar E entender a linguoa portuguesa E Lourenço fernandez sacretario do dito Senhor Rey e juiz de sua jurdição E o Capitão Manuel de Souza Coutinho fidalguo da casa delRey nosso Senhor que presente estaua aceitou esta dita Doaçam em nome do dito Senhor Rey nosso Senhor E eu dito tabaliam que o escreui E notei em minha nota que em meu poder fica onde o dito Senhor Rey de Ceilam E testemunhas ficam assinadas E della aqui o tresladey bem e fielmente E concertey com o proprio E como pessoa publica estipulante e aceitante que a tambem aceitey em nome delRey nosso Senhor e de seus sobcessores E me asinei aqui deste meu publico sinal que tal he como se segue» E pello d.° Capitam manoel de Sousa Coutinho me requerer lhe passasse mais dous tirados afora outros dous que lhe ja tinha passados pera por quatro vias mandar esta dita Doação aos Reynos de Portugal ao dito Senhor Rey Dom Henrique nosso Senhor ou a seus socessores a seu requerimento lhos passey na uerdade com autoridade do ouuidor que ora he nesta dita cidade por elRey noso Senhor Antonio guerreiro que o assi mandou a mim dito tabaliam que o escreui. A qual scriptura De doação foi mandada a esta torre do tombo per mandado delRey noso Senhor e se lançou na

gaueta das doações e se traslladou aquy de uerbo ad uerbum E foi concertada pello doutor Jorge de Cabedo Guarda mor da dita torre do tombo e per elle asinada comigo christouão De benauente escriuão de seu cargo em lisboa aos seis de abril De mil quinhentos e oitenta e dous = Jorge de Cabedo » Christovão de benauente =:

Está conforme

José' Manoel Severo Aureliano Basto.

# INDEX

*Dos capitulos, que contem este tratado.*

## LIVRO I.

CAPITULO I. *Em que se mostra a parte, em que está posta a Ilha de Ceilão pela elevação do Pólo.* . . . . . Pag. 1
CAPITULO II. *Em que mostramos quantos Reinos teve a Ilha.* . . . . . 2
CAPITULO III. *Em que mostramos as riquezas que produz Ceilão.* . . . . . 5
CAPITULO IV. *Das fortalezas, que tinhamos naquella Ilha* . . . . . 6
CAPITULO V. *Em que mostramos a entrada, que tivemos em Ceilão, e se fez a fortaleza de Columbo* . . . . . 7
CAPITULO VI. *Em que se mostra levantarse o Apuame D. João com os Reinos de Candia, e Uva, e a primeira conquista* . . . 12
CAPITULO VII. *Em que se dá conta do successo da guerra desta primeira conquista* . 15

CAPITULO VIII. *Que trata dos casamentos de Dona Catherina, e o mais que succedeo* 18
CAPITULO IX. *Em que se mostra, que por fallecimento do Imperador deixou a ElRei de Portugal por herdeiro dos seus Reinos, e as Cortes que se fizerão* . . . . . 20
CAPITULO X. *Das rendas que tinhão os Imperadores, e algumas particularidades que convem saber-se* . . . . . 23
CAPITULO XI. *As aldeas como estavão repartidas, e as mais pensões, que tem os naturaes* . . . . . 28
CAPITULO XII. *Em que se mostra o assento, e fortificação de Columbo, e mais fortalezas da Ilha* . . . . . 30
CAPITULO XIII. *Da gente de guerra ordinaria que havia em Ceilão, nos arraiaes, e onde tinhão seu assento* . . . . . 34
CAPITULO XIV. *Em que mostramos os ritos, ceremonias, e abusos dos Chingalás* . 40
CAPITULO XV. *Que contêm o pacto que estes gentios tem com o demonio* . . . . . 42
CAPITULO XVI. *Em que mostramos os estilos de seus casamentos, e outros costumes dos Chingalás* . . . . . 45
CAPITULO XVII. *Em que se mostrão algumas propriedades dos elefantes* . . . . . 49
CAPITULO XVIII. *Da correição que se fazia cada anno, a que chamavão Marallas* . 52
CAPITULO XIX. *Da muita abundancia de mantimentos, gados, e doenças que ha na Ilha* . . . . . 55
CAPITULO XX. *Da diversidade de bichos que a Ilha em si cria* . . . . . 57
CAPITULO XXI. *Em que mostramos a mui-*

*ta quantidade de pedraria, que ha na Ilha, e outras cousas* . . . . . 60
CAPITULO XXII. *Em que se mostra a pescaria do aljofar em Ceilão* . . . . . 63
CAPITULO XXIII. *Da notavel serra chamada Pico de Adam, e suas propriedades* . 67
CAPITULO XXIV. *Em que se mostra a habitação dos Bedas, seus costumes, e marinhas de sal, que a Ilha tem sem beneficio* . . . 69

## LIVRO II.

CAPITULO I. *Em que mostramos os motivos, que houve para se principiar a guerra* 75
CAPITULO II. *Da jornada, e traição dos Modeliares, em que se perdeo o General Constantino de Sá com todo o arraial* . . . 80
CAPITULO III. *Que trata a causa, por que outra vez se moveo a guerra com aquelle Rei* . . . . . 85
CAPITULO IV. *Do que mais succedeo, e perda do arraial em Candia* . . . . . 88
CAPITULO V. *Que trata a liga que o Rei de Candia ajustou com os Hollandezes* . . 91
CAPITULO VI. *Em que se mostra como nos tomárão as duas fortalezas, Batecalou e Trequimalé* . . . . . 93
CAPITULO VII. *Em que mostramos o encontro que o nosso arraial teve com os Hollandezes em Camel, perda das fortalezas Negumbo, e Galle* . . . . . 95
CAPITULO VIII. *Chegado o Conde de Aveiras João da Silva Tello por Vice-Rei á India expede a D. Filippe Mascarenhas por Capitão Geral de Ceilão, e restaura Negumbo* . . 99

CAPITULO IX. *Em que se mostra forão mortos dezesete Portuguezes que estavão prisioneiros em Uva* . . . . . 103
CAPITULO X. *Da guerra que se moveo entre o Rei e o Principe, e como este veio para nos pedir soccorro* . . . . . 108
CAPITULO XI. *Como se tratou do soccorro, que pedia o Principe, e se resolveo manda-lo para a India* . . . . . 116
CAPITULO XII. *Como o Hollandez veio com treze náos para sitiar Columbo, e não teve effeito* . . . . . 123
CAPITULO XIII. *Como não tiverão effeito as tregoas em Goa, e se deu a batalha na Curaça* . . . . . 126
CAPITULO XIV. *Da batalha de Negumbo, em que morreo D. Antonio Mascarenhas, e o Capitão Mór do campo Antonio da Mota Galvão* . . . . . 130
CAPITULO XV. *A diligencia que o inimigo fez para passar a Columbo, e embaixada que se mandou ao Rei de Candia, sitio que puzemos a Negumbo* . . . . . 133
CAPITULO XVI. *Como se apregoárão as tregoas, e D. Filippe Mascarenhas passou a Vice-Rei da India, e veio por General de Ceilão Manoel Mascarenhas Homem* . . . . 139
CAPITULO XVII. *Como se apregoou a guerra, de que se originou hum motim, em que expulsárão, e prendêrão ao General Manoel Mascarenhas Homem* . . . . . 144
CAPITULO XVIII. *Como veio áquella Ilha por Capitão Geral Francisco de Mello de Castro, e se relatão muitas occasiões, e a batalha de Tebuna* . . . . . 158

CAPITULO XIX. *Da batalha, que nos derão os Hollandezes em Caloámodra, e como o Rei de Candia desceo sobre o arraial, que estava entre as quatro, e sete Córlas* . . . 169
CAPITULO XX. *Da batalha que o Capitão Mór Gaspar Figueira de Cerpe deu ao Rei de Candia nas nossas terras, e hum sitio que os Hollandezes puzerão a Calituré* . . . . . 174
CAPITULO XXI. *Em que os Hollandezes chegárão com huma poderosa armada, e pondo sitio a Calituré, a rendêrão* . . . . . 178
CAPITULO XXII. *Da batalha, que tivemos com os Hollandezes na praia do Moroto* . . 180
CAPITULO XXIII. *Do sitio, que os Hollandezes puzerão á Cidade de Columbo, e hum assalto que lhe derão* . . . . . 182
CAPITULO XXIV. *Que prosegue a mesma materia do sitio* . . . . . 190
CAPITULO XXV. *Em que se continua a mesma materia* . . . . . 194
CAPITULO XXVI. *Como se entregou a cidade de Columbo, e a gente de guerra foi lançada em Negapatão* . . . . . 201
CAPITULO XXVII. *Como os Hollandezes tomárão a Ilha de Manar, e sitiárão a fortaleza de Jafanapatão, e a rendêrão* . . . . 206

## LIVRO III.

CAPITULO I. *Em que se propõem os erros, que tivemos na conquista do estado da India* 213
CAPITULO II. *Em que se prosegue a mesma materia* . . . . . 217
CAPITULO III. *Que se discorre por todo o estado, mostrando o essencial das praças* . . 220

CAPITULO IV. *Que prosegue a mesma materia* . . . . . 225
CAPITULO V. *Que mostra como nos principios daquella conquista só nos convinha sustentar Malaca, Ormuz, e Goa* . . . . 234
CAPITULO VI. *Que prosegue a mesma materia* . . . . . 239
CAPITULO VII. *Como nos convinha largar tudo o que tinhamos na India, e povoar a Ilha de Ceilão* . . . . . 244
CAPITULO VIII. *Como se havião desfrutar as terras da Ilha* . . . . . 248
CAPITULO IX. *Em que se mostrão os mais erros nos tempos modernos* . . . . . 256
CAPITULO X. *Em que se remata o fim desta obra* . . . . . 262
*Doação da Ilha de Ceilão a ElRei de Portugal* 269

# COLLECÇÃO

DE

NOTICIAS PARA A HISTORIA E GEOGRAFIA

DAS

# NAÇÕES ULTRAMARINAS

QUE VIVEM NOS DOMINIOS PORTUGUEZES
OU LHES SÃO VISINHAS:

PUBLICADA PELA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS.

TOMO V N.° II.

LISBOA.

NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA.

1839

# ARTIGO

## EXTRAHIDO DAS ACTAS

DA

## ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DA SESSÃO DE 2 DE MAIO DE 1839.

*Determina a Academia Real das Sciencias, que seja impresso á sua custa, e debaixo do seu privilegio, na* Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das nações Ultramarinas, *as* Reflexões Criticas, sobre o escripto do seculo XVI impresso com o titulo de Noticia do Brasil, *pelo seu Socio Correspondente, Francisco Adolfo de Varnhagen.*

*Joaquim José da Costa de Macedo*

Secretario-Perpetuo.

# ARTIGO

## EXTRAHIDO DAS ACTAS

DA

## ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DA SESSÃO DE 2 DE MAIO DE 1839.

Determina a Academia Real das Sciencias, que seja impresso á sua custa, e debaixo de seu privilegio, no Collegio de Noticias para a Historia e Geografia das nações Ultramarinas, as Reflexões Criticas, sobre o escripto do seculo XVI impresso com o titulo de Noticia do Brasil, pelo seu Socio Correspondente, Francisco Adolfo de Varnhagen.

Joaquim José da Costa de Macedo

Secretario-Perpetuo.

N. 2

# REFLEXÕES CRITICAS

SOBRE O ESCRIPTO DO SECULO XIV IMPRESSO COM O TITULO DE

## NOTICIA DO BRASIL

*No Tomo* 3.º *da Collecção de* Not. Ultr.

*Acompanhadas de interessantes noticias bibliograficas e importantes investigações historicas*

POR

FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEN

SOCIO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA.

N. 2

# REFLEXÕES CRITICAS

SOBRE O ESCRIPTO DO SECULO XIV IMPRESSO COM O TITULO DE

## NOTICIA DO BRASIL

Do Tomo 3.º da Collecção de Not. Ultr.

Accompanhadas de interessantes noticias bibliographicas e importantes investigações historicas

POR

FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEN

SOCIO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA.

# REFLEXÕES CRITICAS

SOBRE O ESCRIPTO DOS FINS DO SECULO DEZESEIS IMPRESSO COM O TITULO DE NOTICIA DO BRASIL.

## SECÇÃO PRIMEIRA.

*Reflexões geraes.*

Quem ler a obra inserta no principio do Tomo 3.° desta collecção de Memorias Ultramarinas, com o titulo de *Noticia do Brasil*, ainda quando não possua conhecimentos especiaes daquella importante região, talvez notará algumas imperfeições: proseguindo porem mais de espaço na sua curiosa lição, descobrirá adulterações de gravidade, acaso nascidas dos transumptos por que devera ter passado o original. Taes defeitos juntos á ponderação do quanto tendem a minorar o credito e valimento de uma obra antiga, as faltas ou contestações á cerca do seu genuino author, do seu legitimo titulo e da época prefi-

xa em que foi escripta, tudo induz naturalmente a reconhecer a utilidade de se attender convenientemente por todos estes objectos, na obra de que tratamos, a qual se bem que por ora pouco conhecida entre nós, não deixa por isso de merecer séria attenção.

Com effeito d'entre os escriptores do Brasil (1), que nos restam do seculo dezeseis é o seu Author quem melhor reunio noticias circumstanciadas dos differentes ramos da historia tanto geografica, como natural e civil daquelle vasto territorio, e dos que mais concorre a honrar a Nação Portugueza, como bem julgou um douto Academico, quando referindo-se directamente a a elle (2), dizia: « O Brasil foi descoberto pelos » Portuguezes em 1500, e já em 1589 haviam es- » tes descripto uma consideravel parte do seu » sertão immenso, mais o maritimo que discor- » re desde o Rio de Vicente Pinson, até alêm » da Bahia de S. Mathias, situada muito ao sul » do Rio da Prata » = E' na realidade deste assumpto que se occupa quasi exclusivamente a Primeira Parte da obra de que tratamos, havendo seu author reservado a segunda, — quanto a nós ainda hoje de mais interesse, para melhor noticiar a Ethnografia das differentes nações indigenas, as producções naturaes, e a topografia da então cidade capital do estado do Brasil; — estado que já naquelles tempos o nosso author

(1) Veja-se a observação (*A*) no fim destas Reflexões.

(2) Tom. X. da Hist. e Memorias da A. R. das Sciencias de Lisboa, Parte 2.ª pag. 229. A allusão do Secretario Dantas Pereira reconhece-se por se prefixar o anno de 1589, com que foi impressa a Dedicatoria do Author a D. Christovam de Moura.

julgava (como declara na Introducção) « capaz para se edificar nelle um grande Imperio. »

Depois de atravessar manuscripta mais de dois seculos forneceu esta obra, por uma copia, boa parte do material historico e corografico, á com tanta rasão famigerada *Corografia Brasilica*, como o Author desta dá a conhecer; pois com a sua legitima data (embora com titulo e nome errado) a cada passo a cita, e por vezes a compendia, ou della apresenta excerptos; afiançando-nos igualmente (3) que, com outra copia á vista tecera Jaboatão (4) a Chronica, dos da sua Provincia. Outra copia tambem anonyma servio de muito ao melhor Historiador do Brasil (5), o qual cita um exemplar, irmão como se vê do mesmo titulo, daquelle que servio á edição da Academia. D'outro exemplar tambem MS. e anonymo, que a nosso ver existe na Bibliotheca R. de Paris sob o numero 609 (*supp. franç.*), se aproveitou ainda ha bem pouco (6) o

(3) Veja-se a *Corografia Brasilica*, *ou Relação Historico-Geografica do Brasil*, pelo Padre Manoel Ayres de Cazal no Tom. 2.º pag. 42.

(4) Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatão, que imprimiu a sua Chronica em Lisboa; 1761.

(5) Robert Southey (*History of Brasil*; *London*: 1810). E' bem facil de verificar ser a mesma obra a que este escriptor consultou: basta cotejar as citações do seu 1.º Volume (paginas 35, 36, 37, 38, 39, 41, 43, 49, etc.) com os capitulos respectivamente allegados das duas partes da obra de que falamos. —

(6) Ferdinand Denis no seu = *Brésil* = do = *Univers*, *ou Histoire et Description de tous les peuples etc.* Paris, Firmin Didot Frères; 1837; na nota da pag. 181 traz estas expressões que são da lin. 21 do Cap. 60 da 1. Parte da Obra impressa = " Esta villa foi povoada de muita honrada gente etc. " = e no texto da mesma pagina traduz quasi todo o Capitulo 63. A pag. 207 transcreve par-

erudito Ferdinand Denis, o qual cita o titulo verdadeiro; porem engana-se com as suas provas a respeito do nome do Author.

Do impresso da Academia utilizou modernamente bastante um celebre viajante-naturalista Allemão, que faz de tal obra menção favoravel (7), e se vale não poucas vezes da sua authoridade (8).

---

te do cap. 40 pag. 58, e mui repetidas vezes o traduz e cita. E adiante diz que o A. escrevera em 1587, e acrescenta que vivera 17 annos no Brasil, etc. Este mesmo escriptor n'um artigo que escreveo na *Revue des Deux Mondes* sobre as viagens do Brasil de Aug. de Saint Hilaire, artigo, que vem transcripto, como introducção na sua "*Histoire Geographique du Brésil* (Paris 1833), diz falando de alguns escriptores: „ *Les ouvrages portugais seront d'un faible secours, si l'on en excepte, avec Vasconcellos, un routier du Brésil que l'on conserve à la Bibliothèque Royale de Paris, et qui ayant été écrit vers la fin du XVI siècle, contient les renseignements les plus précieux sur les indigènes, et sur les divisions politiques du territoire qu'ils occupaient.* „ E no seu *Résumé de l'Histoire du Brésil* (Paris 2.ª Ediç., 1825) nas paginas 25, 27 e 36 bem como no *Brésil* de *L'Univers* pag. 11, 24, 28, 180, 181, 187, 203, 205, 207, 209, e 218 cita = "Roteiro do Brasil, *Manuscript de la Bibliothèque royale*„ = Veremos adiante (pag. 9) que o nome de *Roteiro* é o que legitimamente compete, em vez de = Noticia do Brasil =, com que corre.

(7) O Dr. Martius, na sua Obra = *Von dem Rechtszustande unter den Ureinwohnern Brasiliens* (München 1832) fala deste escripto á pagina 16, dizendo: = "*Eine der ältesten und merkwürdigsten Urkunden über die Geo-und Ethnographie Brasiliens*„ ..... etc. e na Introducção do seu *Herbarium Florae Brasiliensis*, que foi impresso em 1837, tambem em Munich, passando em revista alguns escriptores sobre a Fytologia do Brasil, menciona, a pagina 4. = "*Der unbekannte Verfasser der* Noticias do Brasil (*vielleicht* Francisco da Cunha), *welche* 1589 *in Bahia selbst geschrieben*„ etc.

(8) Haja vista na obra citada sobre os Aborigenes do Brasil das paginas 5, 10, 16, 28, 49, 54, 58, 60, e 75, alem de outros logares do Appendice, onde uma vez se expressa. "*Nach der alten*

Pode ainda ver-se o que se diz em certa Obra periodica de Paris, no mez de Septembro de 1887 (9), tratando-se de dar uma noticia deste volume: o conceito ainda que pouco minucioso não é desfavoravel.

Achamos pois justo, e de serviço á litteratura e ás sciencias, que empreguemos um momento e nos esforcemos em tornar genuino tão interessante escripto, até agora espurio e o que mais é viciado no titulo, na idade, e ainda mal, na doutrina. E' digno de attenção, que tendo nós noticia de tantos traslados manuscriptos desta obra nenhum delles contêm hoje o nome do A: isto podia proceder de serem taes copias nascidas d'alguma, onde houvesse esta falha.

2. Comecemos pois por a legitimar, a fim de acabar com a polemica, que tem havido sobre o verdadeiro nome do A., e que tem occupado linhas, se não paginas de bons livros. Se lhe não acudimos a tempo, quasi a faziam á força de um certo Francisco da Cunha (10), e isto

---

*ten portugiesischen Urkunde, der Noticia do Brasil, v. Jahre 1589* etc. etc.

(9) *Bulletin de la Societé de Geographie*; do qual datemos as proprias expressões: *Dans le tome III des = Mémoires pour servir à l'histoire des Nations d'outre mer =, publiés par l'Académie rhyale des Sciences de Lisbonne, on trouve une longue notice sur le Brésil, plus importante, selon nous, que celle de Magalhães Gandavo, ayant été également écrite à la même époque que Magalhães composa son = Histoire de la province de Santa Cruz. = Ce travail fut dedié à Don Christovão de Moura, Conseiller d'Etat, 1589. L'auteur avait résidé au Brésil dix-sept ans.* Vê-se que não avança além do que consta no impresso, a respeito de informações e noticias do Author e do seu livro.

(10) Martius na obra citada = *Von dem Rechtszustande unter den Ureinwohnern Brasiliens*, diz a pagina 5 = " *In einer den*

quando corria desde longo tempo estampado, e bem, o nome do seu verdadeiro escriptor, que uma boa conjuntura nos faz restituir-lhe. Lendo na segunda edição o 5.º dos *Dialogos de Varia Historia*, no Capitulo 2.º onde Pero de Mariz fala da Terra de Santa Cruz, notamos que este escriptor reproduzia boa parte das ideas exaradas no impresso, que havíamos lido nas Memorias Ultramarinas, pelo que diz respeito á exploração e demarcação primitiva da Costa Brasilica, depois de Cabral (11), e proseguindo tal leitura até á folh. 340 da edição citada de 1597, quando falava de Duarte Coelho, vimos á margem = Gabriel Soares, Cap. 16. =

Não conhecendo nós tal nome de escriptor do Brasil, recorremos á Bibliotheca Lusitana,

---

*ältesten portugiesischen Urkunden über Brasilien, vom Ende des sechszehnten Jahrhunderts . . . . geschrieben von einem unbenannten Verfasser (vielleicht* Franc. da Cunha)" . . . etc. A mesma conjectura repete em 1837 no seu *Herbarium* como dissemos antecedentemente (Nota 7.)

Este A. foi levado naturalmente ás suas conjecturas pelo distinto P. Cazal, que na sua Corografia Brasilica chega quasi a convencer, com as suas rasões que o nome do A. é Francisco da Cunha, especialmente na nota 20 da Introducção; e a sua persuasão era tão forte que muitas vezes vg. pag. 49 do Tom. 1.º e no Tom. 2.º paginas 42-88-91-93-94-96-113-114. da edição do Rio de Janeiro de 1817, que consultámos, e em outros logares, cita sem rebuço o nome de Francisco da Cunha, querendo significar o do A., que vamos conhecer, e de cuja obra Casal possuia anonyma uma copia ou compilação manuscripta. O mesmo aconteceo com M. Ferdinand Denis: no seu *Brésil* de *l'Univers* (pag. 11 e 211) assevéra ser Francisco da Cunha o Author do *Roteiro* de 1587 existente na Bibliotheca R. de Paris (que não conhecia estar impresso pela Academia de Lisboa) fundado naturalmente nas provas de Cazal, em cuja obra elle tinha a trechos fragmentos para confrontar.

(11) Veja-se a observação (*B*) no fim.

e ao ler a sua informação vimos com prazer descoberto, com prova authentica, o verdadeiro author de um livro que corria anonymo. Seja-nos permittido transcrever aqui fielmente as proprias palavras de Barboza, embora demos mais credito á noticia bibliographica, do que á relação panegyrica que dá de Gabriel Soares, e á parte historica que envolve. Eis na sua integra o artigo do nosso Bibliografo, que vem no T. 2.º p. 321.

„ Gabriel Soares de Souza natural de Lisboa, e descendente de geração nobre, a cujo „ intrepido valor, e judiciosa direção se deveo „ a Conquista do Rio de S. Francisco em o Brasil em 1591. Foy nomeado Capitão Mór de duas „ Náos para o descubrimento das Minas das Esmeraldas de que trazendo a Portugal varios „ pedaços de terra em que estavão encerradas „ algumas pedras perfeitas, e outras imperfeitas, „ não conseguio o dezejado fim daquelle descobrimento, que proseguio com milhor fortuna „ D. Francisco de Souza Senhor de Bringel, „ Alcaide Mór de Beja que neste tempo governava o Brasil por cujo serviço mereceu o „ titulo de Marquez. Compoz:

„ *Roteiro Geral com largas informaçoens de toda a Costa que pertence ao Estado do Brazil, e descripção de muitos lugares delle especialmente da Bahia de todos os Santos.* Consta de 2 tratados, o 1.º comprehende 74 Capitulos, e o 2.º „ 196, o qual tem por titulo:

„ *Memorial, e declaração das grandezas da Bahia de todos os Santos, da sua fertilidade, e das notaveis partes, que tem* M.S. fol.

„ Conserva-se na Bibliotheca Real (Está fallando Barboza em 1747). Dedicado a D. Chris-

„ tovão de Moura em o anno de 1587. Desta o-
„ bra, e seu Author fazem memoria Pedro de
„ Mariz *Dialog. de Var. Hist.* cap. 5.° fol. 36 e o
„ moderno addicionador da *Bib. Geograf.* de
„ *Ant. de Leão* (12) Tom. 3.° col. 1710, onde es-
„ creveo compuzera Gabriel Soares.
„ *Relação do Descubrimento das Esmeraldas*
„ M.S. „ —

Fora ocioso e até imprudente da nossa parte, á vista de documentos de tanta authenticidade, insistir mais em provar que é Gabriel Soares de Souza o author desgarrado da obra, cujo conhecimento tanto tem dado que fazer, nestes ultimos tempos. Este escriptor fala em seu proprio nome, em alguns logares do seu escripto (13), e claramente dá a entender, que elle mesmo possuia na Bahia um engenho de assucar. —

O Author dos *Annaes Historicos do Mara-*

(12) Eis o que diz este addicionador de Ant. de Leon Pinelo no Appendice 4.° logar citado da Edição de 1738

„ Gabriel Suarez de Souza. *Derrotero General*: en dos partes. „ Una de la *Costa del Brasil*, en que por espacio de 300 leguas, „ describe muchos Lugares, especialmente la *Baia de Todos Santos* „ en 74 Capitulos; Otra, de las *Cosas Notables* de toda la *Costa*. „ Dedicado *a Don Christoval de Moura* año de 1587. M. S. en la „ *Libreria del Conde de Vimioso*, que antes fue de la de *Manuel* „ *Severim de Faria*, en la qual estaba tambien la *Relacion del* „ *Descubrimiento de las Esmeraldas*, que prosiguió *D. Francisco* „ *de Souza*, en Portugués. „ —

Nicolao Antonio na Edição de 1783 (posterior a Barboza) da Bibliotheca Hisp. Nova Tom. 1.° pag. 509 traz o seguinte: " Ga- „ briel Suares de Souza, *Lusitanus*, *Olisiponensis scripsit Cardoso* „ *teste*: Historia do Brasil. „

(13) Gabriel Soares Part. 1.ª cap. 40 e Part. 2.ª capitulos 29, 30 e 177 e Idem Part. 2.ª cap. 127 pag. 250..... " e um mestre de assucar do meu engenho afirmou „..... etc.

*nhão* (14) escreve de um Gabriel Soares, que chegou ás cabeceiras do Rio de S. Francisco, o qual parece-nos ser o nosso escriptor, pela concordancia com o que affirma o Abbade Barbosa.

3. Não só porêm se tinha extraviado o nome do author, que já conhecemos; senão tambem o titulo da obra se corrompera. — O impresso corre com o nome de = *Noticia do Brasil, descripção verdadeira da Costa d'aquelle Estado, que pertence á Coroa do Reino de Portugal, sitio da Bahia de todos os Santos.* =

Assentamos que se não requer muita critica para o banir; e dar como original, e até competente o titulo, que apontam Pinelo e Barbosa, e se lê em outras copias (15): alem de que o nome = Roteiro = quadra bem, e comprehende a primeira Parte; e é com similhante titulo, que, como dissemos precedentemente (Nota 6.ª pag. 4.) Ferdinand Denis faz citação desta obra — Deve-se por tanto igualmente taxar de falso e incompetente o titulo de = *Descripção Geografica da America Portugueza* =, que esteja n'outras copias, taes como as duas, que vio o incansavel author da Corografia Brasilica.

Quanto á segunda Parte o proprio author declara no Capitulo XXIX da primeira, que chamára *Memorial*; e o titulo do impresso (pag. 95) é (salvo uma insignificante differença) o mesmo, que se lê em Barbosa e em varios exemplares.

4. Resta-nos conhecer e rectificar a idade da obra, ou para melhor dizer, o anno da data da Epis-

(14) Bernardo Pereira de Berredo, Lisboa 1749: §. 93.
(15) Veja-se no fim a observação (*C.*).

tola dedicatoria, que a precede; e que até hoje corria como de 1589, conforme vem no impresso, e ainda em 1836 no Catalogo das Obras da Academia; comtudo á vista de tantas authoridades e differentes copias fica prejudicada; e válida em seu logar a de 1587, que é a verdadeira.

Indagado e restituido á obra o titulo, author e idade, passaremos a apontar os principaes erros e adulterações, de que o exemplar impresso está inçado; e juntamente, — quando o soubermos, o modo de os corrigir ou conjecturar melhor. Taes correcções e conjecturas não podiamos superficialmente avançar, ainda conhecendo-as; sob pena de sermos tidos por leviano e temerario pelos leitores escrupulosos, que lhes quizessem dar a devida fé. Por isso foi necessario trabalhar por authoriza-las, afim de que á vista das provas se sentencêe.

5. Este modo de restaurar a genuinidade de um escripto antigo, — identico ao que célebres criticos tem posto em practica, commentando os classicos gregos e latinos, empregado com tento, não deixará por ventura de ser approvado e sancionado por um juizo são e livre de preoccupações atrazadoras.

Para authorizar as correcções, que propomos, foi-nos mister entregar ao improbo, esteril, e por este lado, ingrato trabalho de ler e comparar grande numero de authores, para os citar quando for conveniente. Resta-nos a consolação de termos concorrido, quanto em nós foi, para se aperfeiçoar e apurar a importante obra de um classico portuguez quinhentista, de havermos com estas vistas, colhido informações de

varios escriptos inéditos ou pouco conhecidos; e de apresentarmos, em pequeno volume, o resultado de investigações, que, julgamos, não deixarão de aproveitar a quem para o futuro se occupar da historia civil, geografica e até natural daquella extensa parte do Novo-Continente. —

## SECÇÃO SEGUNDA.

### *Reflexões á Primeira Parte.*

6 — CAPITULO I. — Quanto á parte historica deste capitulo, já Cazal deixou advertido, e pouca critica bastaria para reconhecer, á vista de escriptos mais authenticos, ter havido inadvertencias da parte de Gabriel Soares; porêm fôra sahir do nosso proposito se nos occupassemos agora neste assumpto.

7 — CAPITULO III. — Note-se que onde diz = cabo *Cortozão*, 15 legoas, =: deve ler-se = *Cabo Corso* (16) são quinze leguas. =

---

(16) Que ha erro é manifesto: que a emenda é = *Cabo Corso* = vê-se, por se encontrar o cabo com este nome, na Carta grande do *Roteiro de todos os sinaes, conhecimentos, fundos, baixos, alturas, e derrotas que ha na costa do Brasil desde cabo de Sãto Agostinho até o estreito de Fernão de Magalhães.* MS. Tem 33 folhas. —

Do Mappa maior de todo o Brasil, que vem no principio se pode deprehender a época, em que foi escripto: da comparação se vê ser quasi coxtemporaneo de Soares. Representa o Brasil dividido

8 — CAPITULO V. — No principio é facil de reconhecer que há alguma inexactidão, conducente a absurdo.

A ponta de Leste do Amazonas, de que fala o A. é naturalmente a de *Maguary*, que fica poucos minutos ao Sul da Equinocial: ora se pelo *Rio da Lama*, de que tambem fala a Carta, que vem depois da pag. 375 do Atlas de Ger. Mercator de 1619, se quer significar, como pensamos, o *Pará* (e por modo algum o *Turiuassú*), como podia o A. dizer que deste ao Maranhão (Meary) havia apenas 19 leguas; quando tal rio fica obra de cinco gráos mais para Leste daquelle?

Que o rio Maranhão significa o *Meary*, testificam Cazal (II. 257), Domingos Teixeira (P. 2. p. 194) e outros; e até se confirma não só com o dizer que nelle conflue o *Pinaré*, como pelo sucesso, que refere de Ayres da Cunha, — um dos doze donatarios (17), de que tambem fazem

---

em Capitânias, por meio de linhas rectas, que se estendem até á linha divisoria dos dominios Castelhanos. Toda a costa do Norte dá a João de Barros, e segue para o Sul: 2. Capit. de Francisco Barreto (donde se vê ser posterior a Soares, que fala ainda da neta do 1. Donatario). 3. de Jorge de Albuquerque 4. De S. Magestade 5. de Francisco Giraldes 6. Do Duque d'Aveiro 7. De Vasco Fernandes Coutinho 8. De Pero de Goes 9. De Lopo de Sousa. — Ao lado vê-se uma explicação onde se lê que a Capitania, que diz de S. Magestade fôra de = *Francisco Pereira Reymão, que morrendo e ficando sem erdeiro ficou á côroa; nesta está a bahia de todos os Santos e cidade do Salvador, onde assiste o Governador e o Bispo.*

Os Mappas são illuminados: pertence á Bibliotheca R. da Ajuda.

(17) Veja-se no fim a Observação (*D*) á cerca destes Donatarios.

menção Barros (18), Galyão (19), Moura (20), e outros escriptores (21).

9 — CAPITULO VI. — Começa dizendo — « Atraz fica dito como a ponta do sueste do rio do Maranhão, que se chama *Esparcelada* está em dois gráos e 4. » Ao ler = dois gráos e 4 = qualquer entenderia 2° 4'; porêm recorrendo ao que o A. dissera antes, vê-se que é erro, em vez de 2° $\frac{1}{4}$.

A *Bahia dos Santos* houvera talvez de ser a que hoje se diz de *S. José*: do Rio de *João de Lisboa* (*Moconandiva*) e da *Bahia da Coróa* fala o Atlas citado de 1619.

Pelo nome de *Rio Grande* quereria Soares por ventura denotar o *Parnayba*. Quanto aos

---

(18) Barros Decada 1. Liv. 6 Cap. 1.

(19) Veja-se o " *Tratado que compoz o nobre e notavel Capitão Antonio Galvão* ,, . . *etc.* Lisboa, 1563 — 8.°; fol. 61 v.

(20) Referimo-nos a *João de Moura* na sua = *Collonia Portugueza que, conthem tres tratados: no primeyro se descreve o Estado do Maranhão, e fórma de seu augmento: no segundo se trata a cultura de algumas drogas, e fructos da Zona torrida: o terceiro, e ultimo conthem huma breve noticia da arte militar* = MS. 1. Vol. 4.° de 227 folh. e 28 Est. Offerecida ao Senhor D. Pedro II. em 1684. —

Desculpe-se-nos o consagrarmos esta nota para dar noticia deste escripto, de cujo original somos possuidores, e que entra no numero dos que deixaram de ter cabimento na Bibliotheca Lusitana, e do qual tambem não reza o seu Summario. Moura fala da empreza e successo de Ayres da Cunha a folh. 3. v.

(21) Severim de Faria na vida de João de Barros, Pedro de Mariz Dial. 5.° Cap. 2.° pag. 345 da edic. de 1597; Francisco Teixeira de Moraes no seu MS. P. 1. Cap. 2.; Berredo, *Annaes do Maranhão* pag. 19 — Rocha Pitta pag. 90 §. 42 e naturalmente *João de Souza Ferreira*, na sua *America Abreviada* e no seu *Noticiario Maranhense*, MSS. 4.°: o 1.° de 185 folhas, e o 2.° de 40 — do 2.° meado do seculo dezesete, e que estão na *Bibliotheca d'Evora*; e em varios modernos.

mais rios, entre este e o *Meary* e o *Jaguaribe*, e ainda deste até ao *Parayba*, alguns não será obra de momento concilia-los de modo, que se satisfaça completamente á explicação do A., com a dos modernos. —

10 — CAPITULO VII. — O titulo está errado, bem como o competente no indice: em vez de *Tagoarive* devia ser *Jagoarive*, como se lê no titulo do Capitulo seguinte. O rio *Macorive* é conhecido por *Macoripe* que fica arrumado segundo Hewet em 3.° 40′ 30″ S. Em vez de rio *das outras* talvez se devera ter lido Rio *das Ostras*. O *Monte de Li* vem demarcado com este mesmo nome na Carta de Fernão Vaz Dourado.

11 — CAPITULO IX. — Outro erro se offerece neste titulo, tambem repetido no indice: deve ler-se porto dos *Busios* em vez de porto do *Brasil*: foi troca da palavra *Busios*, por *Brasil*. Este erro, que o fim do Capitulo e o titulo do seguinte emendam, basta para nos deixar prevenidos contra, para quando por acaso não venha logo á mão tão boa prova.

A par deste vem outro, logo na primeira linha, que tambem é facil de justificar ser adulteração; em vez de *Jagoarive* deveria o author ter escripto *Goaripari*; nome que o impresso repete logo abaixo, continuando a descrever a costa, para o Sul: *Jagoarive* ja ficava tratado, e não vinha aqui a proposito.

12 — CAPITULO X. — Ao rio *Garatui* chama Cazal (Tom. 2.° pag. 213) *Garatuny*: está em 6° 12′ 53″ S. O *Goaramatai* ou *Guaramatahy* é o que hoje chamam *Cunhanhú* (Cazal Tom. 2.° pag. 193). A enseada *Aretipicaba* é conhecida pelo nome de *Bahia Formoza* (Cazal pag. 192).

13 — CAPITULO XI — Quanto ao nome, que davam os *Pito-uáras* á chamada = *Bahia da Traição*, = diz Cazal (Tom. 2.° pag. 197) ser *Acejutibiró*, e não como está, talvez mais correcto, *Acajutibiro*.

O rio chamado no impresso *Magoape* é mais conhecido por *Manguape* ou *Mamanguape*. E' deste ultimo modo, que vem escripto na obra de Bartholomeu Guerreiro (Lisb. 1625 fol. 65 v°), e nos roteiros inglezes modernos, que o fazem quatro minutos para o Sul, do que se tinha calculado ha dois seculos e meio. — *Morisot* (22) escreve (§. 3.) *Mongangape* ou *Mangagoape*.

14 — CAPITULO XII. — Deste cometimento do Rio Parayba e do Ouvidor Martim Leitão, fala circumstanciadamente o *Summario*, que o Abbade Barboza indevidamente attribuio a Christovam de Gouvea (23).

15 — CAPITULO XIV. — Declaramos não ter visto em carta, roteiro ou obra alguma, — rio com o nome de *Tagoarife*; porêm vemos escri-

---

(22) *Reflexions du Sieur Morisot sur les voyages de Rouloœ Baro.* A viagem de Baro, que começa a 14 de Abril de 1647 e acaba a 14 de Julho do mesmo anno, foi traduzida do Hollandez para o Francez, por *Pierre Moreau*, que a imprimio em Paris, 1651, com a sua = *Histoire des derniers troubles entre les Hollandois et les Portugais etc.* „ =

(23) *Sumario das armadas, que se fizeram e guerras que se deram, na conquista do Rio parahiba scripto e feito por mandado do muito Reverendo padre em Christo o padre Christovão de Gouvea visitador da Companhia de Jesu de toda a provincia do Brasil.* MS. da Bibliotheca Publica de Lisboa (B-3-30 da numeração provisoria). E ha outra copia mais moderna na Bibliotheca Publica Eborense de 70 folhas, 4.°

Do conteudo da obra, ainda mais que do titulo, se vê não ser Christovam de Gouvea o author, senão quem a fez escrever.

pto correspondentemente a este logar, *Jaguari* em uma das cartas da Obra de Baerl (24); a troca ou inversão das duas letras iniciaes de cada um dos nomes é trivial no impresso. *Abionabiaja* tambem é nome para nós estranho: só nos faz lembrar o rio, que na relação da *Jornada do Maranhão* em 1614, que está impressa nas Memorias do Ultramar (T. 1.° n. 4.° pag. 19), vem escripto *Aviyajá*, e será por ventura o hoje *Ipópóca*, que atravessa a lagoa *Abyahy* (C. B. 2.° pag. 199): lê-se *Igarosu* como Gandavo, que escreve (Cap. 3.°) *Igaroçú*, outros escrevem *Iguaroçú* ou *Hyguarassú* (Cor. B. Tom. 2.° pag. 366) ou *Iguaraçú* (25). Por *Aramama* escrevem hoje (Cor. Braz. II, 199) *Guaramáma*.

16 — CAPITULO XVI. — Na pagina 25, onde se lê na lin. 8 = 20$ rs =, deveria mais provavelmente entender-se = 20$ crs., = isto é, vinte mil cruzados, como diz Mariz, que certamente o copiou de Gabriel Soares; o que vai em har-

---

(24) *Casp. Barlæi rerum in Brasilia sub Præfectura Comitis Mauritii Nassoviæ historia.* Amstel. 1647. fol. gr. com estampas, das quaes copiou Santa Tereza a maior parte das da sua = *Istorie delle Guerre, del Regno del Brasile. Roma* 1698.

(25) Assim se lê no *Castrioto Lusitano* (paginas 75, 278, 314 e 524) e na = " *Idea da População da Capitania de Pernambuco, e das suas annexas, extensão de suas costas, Rios e Povoações notaveis, Agricultura, numero dos Engenhos, Contractos e Rendimentos Reaes, augmento que estes tem tido etc. etc. desde o anno de 1774 em que tomou posse do Governo das mesmas Capitanias, o Governador, Capitão General, Joze Cezar de Menezes.* " =

E' este um rico MS. de 122 paginas de folha, com seus dourados, e encadernado de veludo carmezim bordado, que está na Bibliotheca Real da Ajuda. —

monia com o que diz um MS. (26) isto é que " o tal contrato de per si era capaz de merecer cincoenta mil cruzados alem do que hoje (diz o MS.) está, em cada um anno dos de seu arrendamento. " — Ora se este author faz conta de que valia 70 mil cruzados, não era natural que elle estivesse arrendado por 20$ reis; — e da mesma importancia que Soares quer dar ao contrato se vê, que devia valer mais do que esta quantia.

17 — CAPITULO XVII. — A ponta, que o impresso diz de *Pero Cavarim*, é chamada nos roteiros de Manoel de Figueiredo (1609 fl. 6) e de Luiz Serrão Pimentel (Ed. 1681 pag. 215) de *Pero Cabarigo*, porêm antes dizia-se *Percaauri*.

18 — CAPITULO XVIII. — Ao voltar a folha encontramos uma nota (a 1.ª) a respeito do rio *Formoso*, duas leguas ao Sul de *Meracahipe*; esta nota tão insignificante, não se pode attribuir ao Author, sem cometer anachronismo, pois refere um facto de 1632: foi escripta por algum curioso possuidor do MS., e não valia a pena de a ter impresso, se ao que parece se não tivesse só por fim o vulgarizar a unica copia que a Academia havia obtido, pelo meio mais simples, qual o da imprensa. —

Pincipia a nota " Neste rio *Formoso* por el- " le arriba quatro legoas está o lugar de Seri- " nhaim (*aliás Serenhem*). Foi Simdalla Andres

(26) *Sumario e Descripção do Reino de Angola e do descobrimento da ilha de Loanda, e da Grandeza das Capitanias do Estado do Brasil feito por Domingos d'Abreu de Brito Portuguez.* Anno de 1592. 1 Vol. 4.° — M.S. da Bibliotheca Publica, onde é E-3-5.

„ Marim Tenente de Artilharia com pilotos o „ anno de 1632. „

Esta ultima oração não ha rege-la, por mais que se lhe queira applicar quantas figuras haja na Grammatica: nada se colhe sem metamorfosear a segunda palavra, e ler = Foi sonda-lo etc.

Na outra nota (2), que certo não foi tambem de Soares, deve ler-se não *Mambucabá*, senão *Mambucába*, ou como escreve (pag. 462) Montano (27) *Mambukava*.

19 — CAPITULO XIX. — Verifica-se a exactidão do nome, que os *Cahetés* (e não *Caites*) davam ás jangadas de timbós (*Paullinia pinnata* Lin.), pelo que diz Jaboatão (Dig. 2.ª Est. III. n. 15 pag. 10) —

20 — CAPITULO XX. — E' de aproveitar a noticia, que neste logar dá Soares de um Roteiro, que se escreveo da jornada de João Coelho Sousa ao Rio de S. Francisco. —

21 — CAPITULO XXIV. — Não podemos deixar de fazer reparo, em que se escreva aqui *Tapocuru* o nome, que no capitulo seguinte se imprime *Itapocuru;* devendo ser *Itapocurú*, nome do rio, a que os primeiros exploradores chamaram *de S. Jeronymo*, como se deduz do Mappa de João Ruysch, que acompanha a edição de Ptolomeu, de Roma (em 1508), e igualmente do de Lazaro Luiz (em 1563), que pertence á Academia, e do de Fernão Vaz Dourado (em 1571), existente no Real Archivo da Torre do Tombo (28).

(27) *De Nieuwe en onbekende Weereld: of Beschrijving van America, etc.; door Arnoldus Montanus, t' Amsterdam, by Jacob Meurs* — 1671 in fol.

(28) Destes dois ultimos Atlas manuscriptos fizemos uma suc-

22 — CAPITULO XXVII. — Tambem aqui ha irregularidade. Escreve-se *Tapoam* e *Tampoam*, para designar a terra que ali boja ao mar, e que hoje se diz assim como a enseada *Itapuan* (*Corogr. Bras.* Tom. 2.° pag. 15): estas irregularidades só podem servir de criar duvidas, quando ellas se podem remover. — Ha neste capitulo um erro de pontuação que poderia inverter o sentido: o author vai com a sua descripção correndo a costa de Norte a Sul; e quando está para chegar á Bahia, diz o impresso:

« Esta terra e outra tanta além do rio de » Joanne he do concelho da cidade. Do Salva- » dor a Tampoam ha huma ponta sahida ao mar » com huma pedra no cabo cercada d'elle, a » que o gentio chama deste nome, que quer di- » zer pedra baixa: » etc.

Ora por ali não ha sitio, a que chamem o *Salvador* senão a *Cidade do Salvador*, como a designa o mesmo Soares nos capitulos v, vii, viii, ix, etc. da 2.ª Parte, e igualmente Bartholomeu Guerreiro (29). Contentar-nos-hemos para mais brevidade de offerecer o mesmo logar mais correcto, e como se devera ter impresso.

« Esta terra e outra tanta alem do rio de » Joannes he do Concelho da Cidade do Salva- » dor. A Tapoam he huma ponta etc. »

23 — CAPITULO XXIX. — Novo erro no ti-

---

cinta descripção, que sahio impressa (desde pag. 494 até pag. 503) com leves incorrecções typograficas, no Tomo 3.° do *Tratado elementar de Geografia* do Snr. D. José de Urcullú impresso no Porto na *Typografia Commercial*.

(29) Até no titulo da sua obra *Jornada da Cidade do Salvador*, Lisboa 1625, e ao depois fol. 65 v.

tulo, como succedeo nos capitulos VII. e XIV. Querendo-se tratar do rio *Camamú*, arrumado em 13° 58' 6" S.; errou-se o titulo e tambem o Indice do fim imprimindo *Canami*. — Leia-se accentuado *Tinharé*.

Ainda maior erro existe no nome da ilha que ainda hoje se diz *Boypéba*, como se vê de Ayres do Cazal (T. 2.° pag. 104) — Na linha terceira e vigesima-quinta da pagina 43 do impresso está *Boipoba*, e na linha oitava diz-se *Bispado* (!!).

Ainda aqui não fica: já sabemos em que altura está o rio *Camamú*: Soares deu-lhe um pouco mais; arredondou a conta (como se vê do Cap. 30) em quatorze graos, e cá o impresso na linha nona da mesma pagina 43 diz contradictoriamente *que está em quatro graos*. Queria dizer quatorze. Tudo isto nos vai confirmando, que as dulterações não são insignificantes, conforme dissemos.

24 — CAPITULO XXX. — Trata-se do rio *Das-Contas*, e diz-se que os Indios lhe chamavam *Insiape*. Cazal (II, 101) leu, e modernamente o Snr. Cunha Matos (30) diz *Jussiappe*, e aquelle digno author da *Corografia Brasilica* até reclamava a restituição deste nome, que julgamos era o verdadeiro, e por conseguinte o do impresso adulterado. Em vez de *Taipe* escréve em 1642 João Teixeira (31) *Taype*. Cazal (II, 103) e Arrow Smith dizem Itahype, que os dois

(30) Veja-se a *Memoria sobre a Hydrografia Brasilica*, que vem no N. 2 do anno V. do *Auxiliador da Industria Nacional*, publicado no Rio de Janeiro em Fevereiro de 1837 a pag. 43.

(31) *Descripção de toda a Costa da provincia de Santa Cruz a que vulgarmente chamão Brasil por João Teixeira Cosmographo de Sua Magestade. Anno de 1642.* MS. 1. vol. 4.° com 23 mappas

celebres viajantes Spix e Martius (32) escrevem (P. 2.ª pag. 679) *Itahipe*.

Deve ler-se accentuado *Aimorés* ou *Aymorés*. Cazal (11, 72), que Bathasar Telles (33) escreve (Part. 1.ª pag. 433) *Aymurés*, ou (Part. 2.ª pag. 283) *Haymurés*.

25 — CAPITULO XXXIII. Devia ler-se *Patipe* e não *Patife*. E' o rio que communica por uma pernada com o *Pardo* ou *de Belmonte*, e desagua no Oceano por tres bocas; a saber: 1.ª pela sua barra ao norte da *Ilha da Juliana*; 2.ª pela *dos Canaveaes*; 3.ª pela barra da *Imbuca*. Cazal (11, p. 101) escreve *Patype*.

26 — CAPITULO XXXIV. — Chama *Boiquisape* o rio, que Laet (34) na sua Carta escreve

---

illuminados, cada qual com uma folha de explicação, em papel encorpado e letra redonda. Está na Bibl. R. da Ajuda.

Traz no principio um = *Juizo do merecimento desta obra* = escripto por Manuel Pimentel, no qual faz poucos elogios a este livro, e diz (sem se enganar) que o primeiro mappa, que é o geral de todo o Brasil estava muito errado, e termina = "*Em somma digo que este livro não tem mais que boas pinturas e illuminaçois* =

Cremos ser o mesmo de que Barbosa dá noticia menos exacta.

Pela mesma occasião gaba Pimentel neste seu *juizo* outras Cartas do Cosmografo João Teixeira Albernaz; que são quanto a nós as 19 que compõem a *Descripção de todas as costas e portos do Brasil*; fol. oblongo: offerecida em 1627 a elrei D. Filippe, e que ora pára na Biblioth. Real de Paris, e é o codice n.º 8372. —

Este mesmo Albernaz escreveo uma *Descripção universal do maritimo de toda a terra navegavel*, que está na Livraria de Castello-Melhor. —

(32) *Reise in Brasilien*, von Dr. Spix und Dr. Martius etc. etc.

(33) *Chronica da Companhia de Jesu etc.* Primeira Parte; Lisboa 1645: Segunda Parte Lisboa 1647. — Balthasar Telles valeu-se para compor quanto desta Chronica diz respeito ao Brasil, das Cartas dos mais afamados Jesuitas, e de varias memorias delles, relações das suas missões, do que se conserva uma boa parte na Bibliotheca Publica Eborense. —

(34) Cumpre-nos notar que nos referimos sempre no decurso

*Bonhuquisapè*; Arrow Smith *Mojekissaba*; Neuwied (T. 1.° p. 310 e seg.) *Mogiquiçaba* e Cazal (C. B. T. 2.° p. 79) *Mugiquissaba*. Quanto ao outro, que fica duas leguas ao norte do *de Santa Cruz*, e ao Sul do *de Santo Antonio* vem no impresso que se chamava *de Cernãodecibe*. Ayres de Cazal, que tambem não leu por copias muito exactas, compendiando este logar (no Tom. 2.° pag. 71:) escreveu *rio de Simao de Tyba*; e incoherentemente na lin. 8.ª da mesma pagina, e depois logo adiante (pag. 78) lhe chama *rio de João de Tyba*. Nenhum dos tres nomes é

---

destas reflexões a edição latina deste author, impressa em 1633 com o titulo de *Novus Orbis*, a qual verdadeiramente é a terceira, ainda que assim o não declaram as Bibliografias modernas, nem a propria de *Henri Ternaux*. As duas primeiras edições foram publicadas na lingua do author como se vê de Vogt e da *Analecta Litteraria* de Freytag. A segunda sahio em 1630 da typografia de Elzevir com o titulo = *Beschrÿvinge van West-Indien door Jo. de Laet. Tweede Druck. In ontallycke Plaetsen verbetert, vermeerdert, met eenige nieuwe Carten, Beelden van verscheyden Dieren ende Planten verciert*, in fol.

Deste mesmo titulo se vê que foi mais ampliada do que a primeira edição. Não virá de todo fóra de proposito referir aqui a respeito de Laet uma particularidade, que Moreri não menciona, confessando saber-se pouco da Biografia deste célebre escriptor; vem a ser; que nos parece á vista do que diz Domingos Teixeira (Part. 2.ª p. 461), que este escriptor esteve no Brasil em 1596.

Laet valeu-se muito para a sua obra dos escriptos de um author Portuguez, cujo nome não declara; porém cita v. g. no Cap. 7.° do Liv. 15 "*Porro author Lusitanus, quem hactenus hic ut plurimum secutus sum etc.*"; " e que Barbosa diz que foram os escriptos de Manuel de Moraes.

O não declarar elle o nome de author faz-nos lembrar que seria a celebre *Razão do Estado do Brasil*, MS. anonymo que veio da Hollanda, e que Moraes cita no Diccionario e existe hoje com outros MSS. á cerca do Brasil na *Bib. Publica Portuense*. Podia-se talvez avançar a conjectura de que Manuel de Moraes é então o Author da *Razão do Estado etc.*

correcto; e dizemos isto tão afoitamente, porque estamos bem authorizados: a fol. 10 v.º do *Roteiro* original contemporaneo de Soares, de que demos noticia (na *nota* 16), e que poderá bem ser o tal de Francisco da Cunha ou o de Diogo de Castro, vemos escripto mui distinctamente = *Rio de Sarnãditibi* = e n'uma das cartas do Atlas tambem citado (*nota* 31 *pag.* 20) de João Teixeira = *R. de Cernãobitibe* = Donde vemos que só a nona letra do nome impresso é que está trocada; porêm ainda assim com menos adulteração do que os exemplares, de que Cazal se valeu Na grande *Carta* de Simão Antonio da Rosa Pinheiro gravada e impressa em 1786 no *Rio de Janeiro*, bem como n'uma Carta de *Dalrymple*, lemos *Sarnabitiba*; e na da America meridional feita por Guil. de l'Isle (Paris 1703) vemos neste logar = *R. de Sernaubitibi.* =

27 — CAPITULO XXXV. — Vamos ao fim do capitulo aonde temos que dizer. Designa-se por *Insuacoma*, o nome do rio que segundo Cazal (T. 2.º p. 72 e 78) se diz hoje *Juasséma*. Este rio fraldeja pelo Sul a *serra dos Aymorés*, incluindo o *Monte Pascoal*.

28 — CAPITULO XXXVIII. — Termina-se falando em indios *Gaizacazes*. Deve lêr-se aqui, e por toda a obra *Gaitacazes*, ou *Guaitacazes*, *Goayatacázes* (Jaboatão, *Preamb.* p. 15) ou finalmente *Ouetacazes* como escrevia o celebre Bispo Azeredo Coutinho, n'uma obra sua, que impressa pela Academia já conta 3.ª edição. —

29 — CAPITULO XLI. — Na linha 17.ª em vez de *Imbaram* devera ler-se *Tubarão*, como vem logo na linha seguinte, e escreve Pimentel (p. 227 da Ed. cit.); esta ponta segundo

*Purdy* jaz em 20° 16′ 22″ S. A ilha que diz na pagina 60 = *de Duarte de Lemos* = chamava-se *Santo Antonio* antes de Vasco Fernandes Coutinho fazer della doação (35).

30 — CAPITULO XLII — O titulo de Magestade, que se dá a elrei D. João III. não foi seguramente dado pelo author, senão graça ou promoção de algum copista. Não porá nisto duvida quem advertir quanto Soares era assisado, grande observador, entendido nas coisas do seu tempo; e de mais a mais tendo sido vassalo d' elrei não podia ignorar uma formula de tratamento; e dá disto provas o mesmo impresso que em algumas partes ainda lhe dá o tratamento de Alteza (36). São de aproveitar neste capitulo as noticias a respeito do celebre D. Jorge de Menezes.

31 — CAPITULO XLIII. — Este pequeno periodo abunda de incorrecções; mas todas pouco custosas de estremar. *Goarapira* é erro por *Goarapari* ou *Guarapari*, como vem na Carta de Laet; e *Garapari* na de Fernão Vaz Dourado: a ponta do sul deste rio fica em 20° 43′ 56″ S.; e promixo lhe fica a Villa de *Guarapary* (como hoje se escreve; veja-se a Geografia do Snr. Urcullú T. 3.° p. 340). —

Segue-se outro erro dos mais triviaes no impresso: houve quem chamasse de *Jerocão* ás conhecidas serras de *Perocão* como diz Pimen-

(35) Esta doação a Duarte de Lemos foi feita pelo Donatario em Lisboa a 20 de Agosto de 1540, e confirmada por elrei D. João 3.° em Almeirim no dia 8 de Janeiro de 1549. *Veja-se no Real Archivo a folh.* 108 *v do Liv.* 67 *da Chancellaria d'elrei D. João* 3.°

(36) Veja-se o Tom. 3.° das Noticias do Ultramar p.p. 6-22-23-32-36-45-82-95-96-98-99 etc.

tel (p. 227) ou *Pero Can* como no seu *Grand Routier* (37) escreve J. Hug. Linschot. —

Os erros proseguem: as palavras seguintes podem servir de exemplo a uma verdadeira synchyse: . . . « defronte do morro de João Moreno » está a ilha escalvada de Goarapira á ponta de » Liretibe, que são sete legoas, e corre-se a » costa nordeste sudueste, etc. » o que talvez se lesse melhor desta maneira: . . . . « defronte do morro de João Moreno está a ilha Escalvada. De Goarapari á ponta de Liretibe são sete legoas; e corre-se a costa etc. « — Nada se perde por advertir que em vez de *Liretibe* diz Smith Iretiba, e na Carta de Faden vem *Iritibu*. Laet escreve (Liv. 15 e 28 p. 597) *Manange* e não *Manage*; parece que é o chamado agora *Itabapuana*, de que fala Neuwied (T. 1. p. 160 e seg.). —

Não deixa de fazer admiração a coincidencia da latitude calculada naquelle tempo para o *Cabo de S. Thomé*, com a que os maritimos modernos lhe assignam, que vem a ser apenas duas milhas mais ao Sul.

32 — CAPITULO XLIV. — O principio deste capitulo, vem com pouca differença transcripto no segundo volume da *Corografia Brasilica* (p. 42): porêm no impresso lêem-se tres faltas que

(37) Os varios roteiros desta obra são tirados dos portuguezes, como seu proprio author declara; dizendo particularmente, que os do Oriente foram traduzidos dos de Diogo Affonso e Vicente Rodrigues de Lagos, pilotos d'elrei. Do deste ultimo com o titulo de *Roteiro da Carreira da India e dos Rumos a que se ade gouernar e dos sinaes que nesta viagem se achão com as deferenças da agulha, composto por Vicente Roiz, pilloto mor della etc.* existe um exemplar na *Bibl. Publica Eborense*. —

se não encontram em Cazal; a saber: 1. O Titulo de S. M. por S. A., do mesmo modo que tratamos no *n.* 30: 2. O nome Martim *Antonio* de Souza por Martim *Affonso* de Souza: 3. A doação não foi só de treze leguas; mas realmente de trinta como vem na transcripção da Corografia. A Carta de doação datada de 28 de Janeiro de 1536 está no Liv. 21 da Chancellaria de el-rei D. João 3.° (no Real Archivo) fol 65. —

Dois erros tinha como por vindicta o exemplar de Cazal; um corrigio elle com o seu saber e critica; o outro é que onde Soares escreve *cinco ou seis annos* diz lá *cinco* sem dizer que. —

A Carta de nomeação a Pero de Goes para Capitão mor da Costa do Brasil está no Liv. 67 do mesmo Rei a fol. 109 *v.* No Capitulo seguinte *Tapanazes* é erro por *Papanazes*, como vem no titulo do Capitulo XLVI. e diz Southey (T. 1.° pag. 39) e Jaboatão (Preamb. p. 13).

33 — CAPITULO XLVII. — Na primeira linha da pag. 67 onde diz = « e ancorar afouto e lá e a terra firme » =; parece que deve ler-se = « e ancorar afouto entre ella e a terra firme »

34 — CAPITULO XLVIII. — O Cabo Frio está 1′ 15″ mais ao Sul, do que se tinha calculado no seculo dezeseis. Neste capitulo encontra-se um logar cheio de solecismos manifestos, que nos contentaremos de transcrever sem mais comentos, e sem nos metermos a adevinhar em materias de tanta importancia: eis as expressões do impresso, com a sua propria pontuação, e orthografia.

..... » aindaque peloque se julga do mar a ter-
» ra do cabo parece ilha, e o não seja, poronde
» apparece na verdade o cabo a ilha, porque

» a costa e mar, poronde se não enxerga de » fóra, mas he de maneira, que pode passar hum » navio por entre elle, e a terra firme á vonta- » de, e tem hum baixo neste canal bem no » meio de duas braças de fundo, o mais he al- » to, que basta para huma náo. » Este e outros logares concertarão algum dia melhor os exemplares que de novo aparecerem e se poderem consultar.

35 — CAPITULO XLIX. — Nas linhas 15 e 21 do Capitulo leia-se *Lagea* por *Lagoa*.

36 — CAPITULO L. — Na linha antepenultima deste, deve ler-se do mesmo modo na ponta da *Lagea* em vez de ponta da *Lagoa*.

37 — CAPITULO LI. — Fala-se, mais de uma vez em *páo de assucar*, para significar o bem conhecido *Pão d'Assucar*, que se topa, com a vista, ao entrar a barra do *Rio de Janeiro* (38). Neste livro não se pode classificar esta falta, entre os chamados erros d'imprensa.

38 — CAPITULO LII. — Devem ler-se accentuados os nomes *Macacú*, *Paquetá etc.*, como se vê na Carta topografica e Memorias do

(38) E' um erro muito crasso dos nossos escriptores dizerem que foi Martim Affonso quem deu este nome á bahia de *Niterhoy*, do que já Cazal duvidou (T. 2.° p. 12). Já em 1519 (desde 13 até 26 de Dezembro) ali esteve o Magalhães, e o author do *Roteiro* (offerecido á Academia com annotações criticas e mui eruditas pelo Ex.mo Snr. Bispo Conde) impresso em 1836, formando o n.° 2. do 4.° Vol. desta colleção, fala de ter estado no *Rio de Janeiro*, entrando ali dia de Santa Luzia, e Magalhães lhe deu o nome de Bahia de Santa Luzia.

Isto ainda se prova mais claramente pelo *Diario* que escreveo Pero Lopes de Souza, da navegação da armada que seu irmão cõmandava, e pelo qual se vê que, entrou no *Rio de Janeiro* a 30 de Abril de 1531 — e já esta enseada assim se chamava. Este interessante *Roteiro* até hoje desconhecido brevemente será publicado. —

Padre Santos (39). Quanto aos outros nomes, leem-se no *Roteiro*, de que demos noticia na nota 16, escriptos deste modo: *Magepe*, *Suruzi*, *J. Curiata*, *R. Vauxindiba*, *Suasunhão*, *Matagabo* e *Curumaré*; em logar de *Magipe*, *Sururuy*, *Cuciata*, *Maxcindiba*, *Suasunhao*, *Mutungabo*, e *Virumare*, como estão no impresso. —

39 — CAPITULO LIII. — Nova repetição do titulo de Magestade a elrei D. João 3.°; já deixámos dito (pag 24) que esta falta não pode vir do author. —

40 — CAPITULO LV. — Quatro mil contos para Luiz de Brito fazer um engenho de assucar, era dinheiro de mais; e que nem S. A. (e não S. Magestade como se imprimio) talvez possuisse. Naturalmente queria-se dizer quatro mil cruzados; e o erro procedeu de ler mal o breve 4$ c.os, que algum MS. contivesse.

41 — CAPITULO LVII. — O ilhéo, que está com o nome de João Grego, é o de Jorge Grego, como lhe chamam Pimentel (pag. 229) Manuel de Figueiredo (40) e os modernos todos. —

Logo abaixo lê-se: « Da ilha grande ao morro de *Carabuçu* (aliás *Corossú*) são nove leguas, o qual morro está em 23° ¼ » — E isto dizendo-se acima que a dita ilha *Grande*, que fica para o Norte, jaz em 25° ¾.

Será possivel que o author errasse deste modo dando maior latitude meridional a um logar da Costa, que declara ficar mais para o nor-

(39) O Padre Luiz Gonsalves dos Santos nas suas *Memorias para servir á Historia do Brasil*. Lisboa 1825. 2 vol. 4.°

(40) *Roteiro das Indias Occidentaes, etc.* Lisboa 1609, fol. 17 v.

te do que o outro? Não o cremos. Então se diz haver nove leguas do dito morro á ilha *Grande* é certo que o erro não procede do computo dos graos, senão de copia, — pois Soares juntava á instrucção do seculo um juizo claro e bom discernimento e não cometeria faltas desta ordem — e devia saber que ainda quando a costa fosse com o meridiano, jamais poderiam nove leguas perfazer a conta de dois gráos e meio sexagesimaes. —

Se nos é licito fazer uma conjectura, diremos que o A. talvez escrevesse ambas as latitudes em 23° ¼; pois quanto á costa segue quasi leste-oeste, e a ponta do S. O. da ilha *Grande* fica, segundo as observações mais recentes, em 23° 15′ 11″. —

42 — CAPITULO LXVI. — Leia-se, accentuado Carijós (41). Os rios visinhos á ilha de Santa Catharina, tanto para o Norte, como para o Sul, tem hoje denominação diversa da que tinham no tempo de Soares (42).

43 — CAPITULO LXIX. — Pelos nomes *Alaguna* e *Alagóa* se quer dizer o mesmo porto, que mais vulgarmente chamam da *Laguna*; e por isso é natural que quem escreveu dissesse

---

(41) Veja-se Jaboatão no *Preambulo* pag. 19. Fernão Guerreiro *Relação* de 1609 fol. 196, 197, e 198. Bartholomeu Guerreiro na *Gloriosa Coroa d'esforçados Religiosos da Companhia de Jesu*. Lisboa 1642 in fol. pag. 307 e 308. Bathazar Telles, *Chronica da Companhia* Part. 2.ª Liv. 5.º cap. 52 p. 50. Jarric escreve estradamente *Cariges*.

(42) Pode verificar-se com os Mappas de D. Christoval del Canto (1776) e o de Lopes e Euache (1777), e cartas, que acompanham a obra sobre a Ilha de Santa Catharina escripta por Paulo José Miguel de Brito, e impressa pela Academia. —

d'um ou d'outro modo. Quanto aos seguintes capitulos se confrontarmos a descripção com as relações modernas depararemos inexactidões de latitudes, e tudo hoje nomes differentes: assim o porto de Martim Affonso diz-se *Manipetuba* ou segundo Cazal (T. 1.° p. 184) *Mampituba*; a bahia *dos Arrecifes* será por ventura a *Tramandahy etc.* (43).

44 — CAPITULO LXXIII. — Depois de se haver arrumado no capitulo precedente o cabo de *Santa Maria* em 34° S. (44) diz-se neste, depois de correr a costa por quinze leguas na direcção de S. O., que a ilha *dos Lobos* fica ainda nos mesmos 34°. Esta inadvertencia de algum terço de grão seria por ventura esquecimento de copista. A ilha *dos Lobos* jaz na latitude meridional de 35°, segundo as observações do Tenente Coronel Engenheiro José de Saldanha.

45 — CAPITULO LXXIV. — Peor ainda é a anomalia que se encontra, na demarcação das latitudes dos cabos *Branco* e *das Correntes*. O A. dá o cabo *de Santo Antonio* em 36° 30', e accrescenta que delle ao cabo *Branco* são 22 leguas navegando pelo S. S.O.; e o impresso incoherente com taes explicações apresenta este cabo em 27° $\frac{2}{3}$: e proseguindo no mesmo rumo

(43) Podem ver-se com proveito os *Annaes do Rio Grande*, e a sua competente Carta, escriptos pelo Dezembargador José Feliciano Fernandes Pinheiro (hoje Visconde de S. Leopoldo). Tom. 1.° Rio de Janeiro 1819 — e Tom. 2°. Lisboa 1822 — 4.° Veja-se tambem o *Mappa Geografico etc.* por D. Juan de la Cruz.

(44) Os roteiros modernos o poem em 34° 40' S. como já se tinha calculado em 1520, e se vê do *Roteiro* citado da navegação de Fernão de Magalhães. Poucos annos depois Pero Lopes de Souza o arruma em 34° 45' S. —

S.S.O., ao longo da costa por 25 leguas apparece o das correntes em 36° — O erro é manifesto: para a emenda conjecturamos que o A. pozera o *de Santo Antonio* em 36° 30' o *Branco* em 36 $\frac{2}{7}$ e o *das Correntes* em 37° —

## SECÇÃO TERCEIRA.

*Reflexões aos Capitulos da Segunda Parte, em que se trata da Topografia da Bahia.*

46 — CAPITULO V. — Diz-se =elRei João, = por =elrei Dom João=, falta que não atribuimos ao author.

Com este Capitulo se pode confirmar a verdade do que dissemos no *Num.* 22: Soares diz aqui positivamente que D. Duarte da Costa « *desembarcou a 13 de Julho na Cidade do Salvador, nome que S. Alteza lhe mandou pôr etc.* » este governador sahira de Lisboa a 8 de Maio; — isto no anno de 1553, conforme o conta o P. Balthazar Telles, na *Chronica da Companhia de Jesu*; Part. 2.ª Liv. 5, Cap. 6.° pag. 278. —

47 — CAPITULOS VIII e IX. — Quem quer que deu *Magestade* a elrei D. João 3.°, resolveu-se por desforra a dar nestes dois Capitulos *Alteza* ao *Demonio do Meiodia.*

48 — CAPITULO X. — Na penultima linha lê-se *outras* em vez de *hortas.*

49 — CAPITULO XIV. — A capitania Ilhas de *Taparica* e *Tamarantiba*, doada a D. Antonio

de Alaíde, herdeiro de sua mãi D. Violante de Tavora teve foral dado a 10 de Novembro de 1556, como consta da Chancellaria d'elrei D. João 3.° no Real Archivo, Liv. 71; fol. 193.

Esta doação teve successivas confirmações a 15 de Dezembro de 1575, 8 de Abril de 1593, 30 de Julho de 1604 e 11 de Maio de 1623, conforme se vê no mesmo *Archivo* no Liv. 22 de Filippe 2.° fol. 183 v., e Liv. 4 de Filippe 3.° fol. 150. —

50 — CAPITULO XIX. — Chama *Paraião* ao esteiro de *Pirajá* (45), que talvez estivesse escripto *Parajaa* ou *Pirajao*: deste ultimo modo se lê no mappa da Bahia de uma collecção de 32 cartas manuscriptas do Brasil, que se acham na Livraria Real (46), e o João Teixeira, de cujos mappas démos noticia na *nota* 31 (pag. 20) escreve *Pirájão*. Adiante (pag. 248) no Capitulo CXXV imprimio-se correctamente *Piraojão*.

51 — CAPITULO XX. — Do mesmo modo que dissemos (*num.* 47) vem de novo *Alteza*, devendo agora ser *Magestade*.

52 — CAPITULO XXI. — Ha erro onde se diz = « engenho de assucar, que móe com *dous*: »

---

(45) Quem não conhecer este nome que é hoje o de um Viscondado, pode procura-lo na *Descripção topographica da Villa de Santo Amaro, e de suas relações com a Bahia*, que vem no *Jornal de Coimbra* numero 86, pag. 62; e na *Nova Lusitania* de Francisco de Brito Freire (Lisboa 1675; num. 144) e na *Corog. Bras. T. 2. pag.* 117.

(46) Estas Cartas estão encadernadas conjunctamente no fim do *Livro das praças de Portugal com suas fortificações desenhadas pelos engenheiros de S. Magestade etc. por João Nunez Tinoco Architecto de S. Magestade*; *Anno* 1663; que diz no principio = *Este Liuro mandou fazer o Snr. Conde da Torre.* =

= deve ler-se *bois* em vez desta ultima palavra; e no fim do Capitulo convem saber-se que onde se diz *ponta do toque* deve ler-se *do Toquetoque* (47).

53 — CAPITULO XXII. — Vamos igualmente ao fim, onde ha que advertir. Fala-se de uma ribeira, que se diz era chamada de *Curnuïbão*, o que foi naturalmente má leitura de *Curnuibuçú*; e logo abaixo diz-se: « Na boca desta ribeira está uma ilha mui fresca, que é de Nuno Fernandes *de Curnuibão etc.* » Se estivessemos authorizados a fazer conjecturas um tanto atrevidas, apresentariamos á consideração do leitor que estas duas ultimas palavras em gryfo poderiam acaso estar em alguma entrelinha, e que se devessem ler mais acima: « Na boca desta ribeira *de Curnuibuçú etc.* — Porêm isto é méra conjectura.

54 — CAPITULO XXIII. — *Sacarecanga* é adulteração de *Jacarecanga*, nome de uma enseada conhecida (48). Escrever *Apitanga* e logo passada uma linha, *Pitanga* é notavel irregularidade: deste esteiro trata Cazal (Corog. Br. Tom. 2.° pag. 117). Chama de *Mataripe* o esteiro que no titulo diz *Metaripe*.

55 — CAPITULO XXIV. — *Cospe* é erro por *Caipe*, que é o mesmo esteiro, cujo nome adiante no Capitulo XXIX se transcreve correctamente, e que Cazal (Tom. 2.° pag. 128) escreve *Ca-*

(47) Veja-se o *Jornal de Coimbra* n.° 86 P. 1.ª pag. 62; João Teixeira na Carta da *Bahia*; e igualmente uma das Cartas, de que falamos na *nota* precedente; *Jacaracãga* lemos a fol. 7 do *Roteiro*, mencionado na *nota* 16. Advirta-se que o *mappa* grande, de que ali fazemos menção, vem no fim *a fol.* 33. v.

(48) *Jornal de Coimbra* citado pag. 61; e igualmente João Teixeira.

*hype. Ita-pitanga* está correcto; quer dizer *pedra vermelha.* João Teixeira escreve *Corupeba* e não *Corurapeba.* Na linha 3.ª da pag. 120 imprimiu-se *oiteiro de Pernamarim*, querendo dizer *esteiro.* Esta ultima palavra foi infeliz neste escripto, pois já na Primeira Parte na linha penultima do Capitulo LIX, e na segunda do LXIV, foi convertida em *estreito*, e agora aqui em *oiteiro* (!). Cazal (Tom. 2.° pag. 117) chama o dito esteiro, fronteiro á ilha *das Fontes = de Paranamirim.* =

56 — CAPITULO XXV. — No titulo a ultima palavra é *Paraguaçú.* No Capitulo precedente tem acabado de tratar da terra de *Tamarari*, e agora chama-lhe corruptamente *Tamaram. Cajuaiba* é a ilha que outros escrevem (vg. Cazal Tom. 2.° pag. 114) *Cajahyba. Alum* é erro por *Acum*, como se lê no citado *Jornal de Coimbra* (pag. 63), ou *Acupe*, segundo está escripto na *Carta da Bahia, e Sergipe* da Obra italiana de Fr. João José.

57 — CAPITULO XXVI. — Trata-se do conhecido reconcavo ou valle de *Iguape* (Corogr. Bras. Tom. 2.° pag. 125), e chama-se-lhe primeiro *Ugape;* e dahi *Uguoape.* Este nome escreve-se de varias maneiras, porêm mais ordinariamente *Uguape* (49).

58 — CAPITULO XXVII. — Trata-se da Capitania de D. Alvaro da Costa; porêm é claro, que nem este, nem o Conde da Castanheira, de quem falamos no num. 49, se devem contar no numero dos doze donatarios, que Barros (Dec.

(49) Veja-se Denis e Taunay (Paris 1822 Tom. 4.° pag. 161) Spix e Martius (Viag. Part. 2. pag. 654 onde lemos *Iguape*); e a Geogr. traduz. de Balbi (Paris 1838: Tom. 2.° pag. 529). —

1.ª Liv. 6.º Cap. 1.º) menciona, e dos quaes falamos em uma observação final. —

59 — CAPITULO XXVIII. — *Puinqua* parece-nos adulteração de *Pujuca*.

60 — CAPITULO XXXI. — Logo no titulo se lê um erro (repetido no indice), pois se escreveu *Japarica* por *Taparica* ou *Itaparica*; todavia neste logar o erro não ficou só no titulo; o mal lavrou pelo texto e pegou n'algumas sete partes. Porêm não é só isso: trata-se do rio *Tarairy*; escreve-se deste modo na segunda linha do capitulo, e na ante-penultima da mesma pagina escreve-se *Tairiri*, o que é grande irregularidade. — No fim diz-se de certa ilha, que se chama *Adomedo*, querendo o author dizer *a do Medo*, i. é. a *ilha do Medo*, da qual fala adiante no capitulo CXLIX; cujo nome ainda hoje conserva, como se vê de Cazal (Tom. 2.º pag. 114) e Spix e Martius (P. 2.ª pag. 637).

61 — CAPITULOS XXXII. e XXXIII. — Nova repetição indevida do titulo de *Alteza* por *Magestade*, como vimos nos *num.* 47 e 51.

Já agora irá nesta secção a unica advertencia que temos a fazer neste capitulo XXXIII. *In fine* leia-se *Gallipavo* onde está *Gallipato*. Aquelle vocabulo hespanhol, que se encontra no Diccionario da Academia de Madrid fica naturalizado portuguez, pela *carta*, que lhe dá Soares.

## SECÇÃO QUARTA.

*Reflexões aos Capitulos da 2.ª Parte em que se trata da Fytologia.*

62 — CAPITULO XXXIV. — Onde se trata da parreira (*Vitis vinifera*), na linha 30 da pag. 135, ha um ponto final de mais. — Das plantas deste e dos dois seguintes capitulos fizemos um Catalogo, e quem quizer o pode vêr na observação *(E)*, que vai no fim destas reflexões. —

63 — CAPITULO XXXVII. — As differentes especies de mandioca *(Jatropha Manihot)* foram designadas por nomes differentes dos que lemos em Simão de Vasconcellos (50), Mello (51), Carvalho (52) e Marcgraf (53).

64 — CAPITULO XXXVIII. — E' incoherente escrever *tupitim* e duas paginas adiante *tapeti*: deste ultimo modo é que deve ser, segundo Durão (54). No Dicc. vem *tipiti*.

(50) *Noticias das cousas do Brasil*: Lisboa 1663; pag. 151.

(51) *Jos. Rodericii Mellii de rebus rusticis Brasilicis carminum libri quatuor, quibus accedit Prudentii Amaralis de sachari opificio singulare carmen*: *Olysip. MDCCXCVIII.* pag. 1. —

(52) O Capitão José Monteiro de Carvalho no Dicc. de productos naturaes, que se imprimiu pela 1. vez em Lisboa 1765, pag. 344.

(53) *Historia naturalis Brasiliæ, auspicio et beneficio ill. I. Maur. Com. Nass. etc.* 1648.

(54) O *Caramurú; Poema epico do Descobrimento da Bahia*, por Fr. José de Santa Rita Durão. *Lisboa* 1781. 8.º Cant. 7. E. 28. Este poema foi traduzido para o francez por M. Eugène de Montgalve.

65 — CAPITULO XL. — Escreve-se *urupena* o nome da joeira da mandioca; que Marcgraf diz *urupema*; no Jornal de Coimbra (n.° 60 pag. 376) lemos *gurupema*; e na Memoria sobre a mandioca no Tom. 7.° da *Hist. e Mem.* da Academia *gurupemba*.

66 — CAPITULO XLIII. — Quiz Soares tratar dos *aipins*, como escrevera no capitulo XLI, e agora neste capitulo lê-se *aipinis*, e no singular *aipini*, devendo ser *aipim* (*Manihot Aipi*, Pohl) como se lê na penultima linha da pag. 284. — O certo é que sendo a orthografia deste nome uma das mais variadas (55) nenhum author nosso conhecido se lembrou de dizer *aipini*.

67 — CAPITULO XLV. — Propõe-se tratar do milho, e começando-se por dizer como chamam os indios ao — *zaburro* (*Holcus sorghum*) imprimiu-se *ubatim*: Lery (pag. 176) diz *auati*: De-

---

(55) No Dicc. do Capitão J. M. de Carvalho (pag. 344) lê-se *aipyi*: do mesmo modo escreveu Bluteau citando o P. Simão de Vasconcellos: e tambem assim se lê no Diccionario da Academia; porém aqui cita-se Gandavo que em 1576 escreveu *aipim*; e no *Tratado* impresso no Tom. 4.° desta collecção (pag. 202) *hypim*. Vandelli e os viajantes Spix e Martius (P. 2. pag. 526) e Lisboa (*) escrevem *aipim*, e seria naturalmente a orthografia do author, que apparece a pag. 284 do impresso. — Ayres de Casal (I. 115) escrevia *aypim*: Marcgraf escreve *aipii*; Lery (pag. 132 e 135 da Ediç. que citamos na obs. (A)), Martinière (Tom. 1.° pag. 120), e Antonio Roïz (**) escrevem *aypi*, cuja orthografia seguiram Denis (Brésil, pag. 17), e Saint Hilaire, que (Tom. 1.° pag. 393) censura os outros modos de escrever; taes como *aipii* e *impim* que segue Moraes; e o seu compilador o Snr. F. S. Constancio.

(*) *Descripção curiosa das principaes producções, rios e animaes do Brasil*, Lisboa, 1804 — 1 *peq. vol.* 8.° pelo Alferes Joaquim José Lisboa.

(**) *Tesoro de la lengua Guarani*, Madrid 1639; 4.°

nis (Brésil pag. 17) *avati* ou *abati*, e o Diccionario Bras. (56) *abaty*.

68 — CAPITULO XLVI. — Escreve-se *somenda* em vez de *comandá* (*Cytisus Cajan*): é deste ultimo modo que dizem Marcgraf, Lery, e Abbeville; e este nome é até conhecido pelos naturalistas europeos. A's aboboras (*Cucurbita lagenaria*) da primeira especie diz o impresso erradamente chamarem *gerómus*: em todo o caso a syllaba accentuada deve ser a ultima, e ler-se *geromús*, *jurumús* ou *jurimú*; porêm esta especie será a *jurumú pacoba*. —

69 — CAPITULO XLVII. — A alteração é manifesta neste capitulo: imprimiu-se *amendões* por *amendois*, e o erro repete-se algumas seis vezes. E' o *mandubi* do Brasil (*Arachis hypogœa*), que em Angolla chamam *ginguba*.

70 — CAPITULO XLVIII. — Promette-se tratar de varias castas de pimenta (*Piper*). — Primeiro cumpre-nos advertir que os indios têem um nome geral para designar a pimenta. O A. diz que é *cuihem*: Carvalho (pag. 444) diz *guiyá*; Piso (57) *quiya* e o Dicc. Bras. (pag. 62) *kyy'nha*. Continuando, vemos que se escreveu *inquitai* o que Marcgraf diz *juquitaya*: segue-se *cuihemoçu*; deve-se ler *cuihem-oçú*, isto é, *pimenta grande*. Mais abaixo lemos *pesihejurimu*, que no nosso fraco entender julgamos uma corrupção formal de *cuihê-jurimú*; i. é *pimenta-abobora*; pois o

---

(56) *Diccionario Portuguez, e Brasiliano etc. Primeira Parte*; Lisboa 1795 — Na officina Patriarcal. —

(57) *Gul. Pisonis de Indiæ utriusque re naturali et medica libri quatuor etc.* 1658 pag. 225. Piso nesta segunda edição copiou muito de Marcgraf, e por isso muitas vezes quando o citamos, entendem-se as duas opiniões.

author acrescenta: « por ser da feição de abobora » ás quaes como dissemos no *num.* 68 chamam *jurimú*. J. J. de Figueiredo (58) escreve *Comarim* (*Capsicum bachatum*). —

71 — CAPITULO XLIX. — No fim deste capitulo, em que se trata do cajú (*Anacardium occidentale* de Lin. ou *Cassuvium pomiferum* de Lamarck), vem *alquieira* em vez de *alquitira*; e tambem *Cantigaa* por *caatinga*, que são os matos carrasquentos do sertão (59). —

72 — CAPITULO L. — Em vez de *pocoba*, *pacobusa* e *pocobamirim* deve ler-se *pacoba*, *pacoba-ussú*, e *pacoba-mirim*, que são variedades da banana da terra (*Musa paradisiaca*). Pode ver-se Piso (pag. 155). —

73 — CAPITULO LI. — Depois de se tratar da mamamoeira (*Mamea Americana*), leu-se *Saracatea* em vez de *Jaracateá*, como dizem Piso e Fr. Ant. do Rozario (60).

74 — CAPITULO LII. — Depois de se descrever a mangabeira (*Hancornia speciosa* de B. A. Gomes) e o seu fructo, vem a arvore do araçá (*Psidium pomiferum*); porêm ha na orthografia tal discordancia, que parece tratar-se de dois nomes diversos; pois se escreve primeiro *aaçazeiras* e logo abaixo *arafazeiras*. Vê-se que o A. queria dizer *araçazeiras*, do mesmo modo que

---

(58) *Flora alimentar Portugueza*, imp. pela Academia; Lisboa 1825; pag. 71. —

(59) Vej. Neuwied Tom. 2.º pag. 206; A. de St. Hilaire (*Hist. des plantes etc.* pag. XII.) e Spix e Martius, e Cazal em muitos logares.

(60) *Fructas do Brasil*; Lisboa 1702 pag. 132. Foi reimpresso ha poucos annos no Rio de Janeiro.

escreve o P. Simão de Vasconcellos (n. 123 pag. 76).

A especie de *araticú* de que trata logo abaixo vem a ser a *Anona muricata*. Mais abaixo vem *Abajeru* ou antes *Abajerú*; que o author (61) do *Dialogo das grandezas do Brasil* (fol. 73 v) escreve *Aychaierús*. A descripção recorda o *Crysophyllum monopyreum* de Swarts ou *Chrysophyllum oliviforme* de Lamarck.

Na pagina seguinte lê-se *Murusi*: Cazal (1, 99) a *Statistica do Maranhão* (62) e St. Hilaire (63) dizem *Muricy*; Lisboa (pag. 35), e Durão (C. 7.° E. 46) escrevem *Morici*; e Rosario (pag. 150) *Moreci*. Pertence ás *malpighias* de Jussieu.

*Copinha* não parece nome indigena: sería *Copiuba?* Rocha Pitta (pag. 37) diz *Maçarandúba* e não *Macarandíva*, em que faltou a cedilha; pois na pagina 184 do impresso lemos *Maçarandíba* — do mesmo modo que diz Vandelli (Mem. Econ. T. 1.° pag. 195) e Piso (pag. 187). Em vez de *Enga* diz Lisboa (pag. 34) *Angá*, e Lago (pag. 52) *Ingá*. Devera pois ter-se lido *Engá* (*Spondias....*). Termina-se o capitulo descrevendo a *Bacoropary* e *Pequohy*. A primeira destas diz Lisboa (pag. 33) *Bacopari*; e do mesmo modo Saint Hilaire (T. 2.° pag. 323). No *Dialogo* (MS.) *das grandezas do Brasil* citado (*nota* 61) lê-se *Ubacropari*. E' a *Achras mammosa* de Linneo ou *Sapotille mamée* dos Francezes. Na pag. 183 imprimiu-se *Pequihi*; e na nossa opinião esta ultima, que não a primeira; sería a

(61) Veja-se a observação (*F*) no fim.

(62) Escripta pelo Engenheiro Antonio Bernardino Pereira do Lago: Lisboa, 1822; pag. 53.

(63) Nas suas viagens imp. em 1830 T. 2.° pag. 353.

orthografia do author. No Brasil pronuncia-se hoje regularmente *Piquí*.

Julgamos advertir que *Araçazes* se deve igualmente ler em vez de *fracazes* na lin. 26 pag. 204 do T. 4.° das Mem. Ultram.

75—CAPITULO LIII. —Trata-se da *Spondias tuberosa* de Arruda; chama-se-lhe *Ambu*. Rosario (pag. 110), Piso (pag. 167) e Carvalho (pag. 587) dizem *Umbú*. Ha tambem quem escreva *Embú* e *Imbú* —Carvalho (pag. 33) diz *Ambú*, e assim escreveria o nosso Soares.

76—CAPITULO LIV. —Começa-se pela *Lecythis ollaria*, Lin. Tambem na maneira de escrever o nome portuguez desta arvore encontramos muita irregularidade, que se communicou ao impresso escrevendo-se aqui *Zabucay*, e dahi adiante no fim do cap. LXV *Zabucai*. Brotero escreve *Zabucaia*: Lara Ordonhes diz que outrora se pronunciava *Zabucá*: Gandavo (cap. 5.°) disse no plural *Zabucacs*: Coelho (64) escreveu (pag. 250) *Jacapucaia*: Aublet (65) *Zabucajo*, e Vandelli (Mem. Econ. Tom. 1.° pag. 195) *Sapocaya*; e assim designa Cazal (Tom. 1.° pag. 100) escrevendo *Sapucaya*, e Lisboa (pag. 35) *Sapucaia*. — Segue-se *Piquiha*. Os naturalistas modernos seguindo a Piso (pag. 141) escrevem *Pequeá* ou *Pekeá*; Rocha Pitta e Durão (C. 7. E. 52) *Pequiá*; Monteiro de Carvalho *Pitiá*; de toda a fórma deve ler-se accentuado (Rosario pag. 117, e J. de Coimb. n. 60 pag. 378). Cazal (1, 114) e

(64) *Pharmacopea Tubalense etc.* por Manoel Rodrigues Coelho. Lisboa, 1735 fol.

(65) *Histoire des plantes de la Guiane Française, etc.* Londres, 1775; Est. 288.—

Vandelli escrevem *Piquiá*, e naturalmente assim escreveria Soares. E' o *Caryocar* de Lin. ou *Rhirobolus* de Gärtner. *Macugi* é erro por *Mocugé*, como escreve (I, 111) Cazal e Rosario (pag. 130), e que no Dicc. de Moraes vem *Macujé*.

No paragrafo seguinte depois de se tratar do fructo do *Jenipapeiro* (*Genipa Americana*) lemos o nome *guti* para designar uma arvore, que pela descripção parece ser a da *guaiába* (*Psidium pyriferum*) de que se faz a *guaiabáda*, chamada em Portugal *doce de tijolo*: e logo depois vem *ubucaba*. Dar-se ha caso que seja esta a *Ubucuiba* ou *Becuiba* de Brotero, ou *Myristica officinalis* de Martius?

*Mondururu* será erro por *Mandacarú*, como diz Rosario (pag. 136) — *Comicha* e *Mandiba* são-nos inteiramente desconhecidas — Em logar de *Acambuy* escreve Piso (pag. 178) *Camuy*, e Cazal *Cambuhy*. Segue-se *Curvanja*, que pela descripção dá todos os indicios de ser a *Curubá* de Piso (*Trichosanthes anguina*). Se o é, devemos confessar que ha erro onde se diz » *a fructa que dá é de um a oito dedos de comprido, e de tres a quatro de largo;* » e deve-se então ler = *dezoito* = onde diz = *um a oito* = por quanto Piso (pag. 263) diz que tem ás vezes vinte dedos. Lisboa (pag. 37) faz identica descripção da que chama *Coroá* e diz que « *terá tres palmos, pouco mais ou menos de comprida.* = » Termina-se com outra arvore que erradamente se diz *Cambaca* em vez de *Cambucá*, ou como escreve Lisboa (pag. 33) *Cambocá*.

77 — CAPITULO LV. — Propõe-se tratar de muitas castas de palmeiras, e dá-se primeiro ao que parece a descripção da *Pindoba* (*Cocos bu-*

*tyracea*), que adiante (cap. CLI.) se diz erradamente *Pindeba*, e neste capitulo se lhe chama *Perina*. Isto confirma-se em parte pelo nome *Pindobuço*, que se deve ler com Southey (1.°, 289) e Laet (Lib. 15 e 10) *Pindobuçú*.—

Em vez de *Anajamerim* diz Piso (pag. 126) *Inajámerim* (Attalea. . . . ?). Por *saparaçaba* será *Japaraçaba*?

Da *Pati* falam Spix e Martius (Viag. P. 2.ª pag. 688) Parece o *Coccos botryophora* de Mart. Tab. 83, 84. — A' cerca do nome *Boy* só nos vale para justificar a leitura de uma obra antiga (66) onde vemos a pag. 42 que *Bouix* era uma palmeira: porêm poderá ser a *Yri* ou *Airi* de Piso (pag. 125) escripto por diverso modo.—

Em logar de *Pisandoas* diz Neuwied (1.° pag. 272) *Pissandó*, e acrescenta ser o mesmo que o *Coqueiro de Guiriri*, que corresponde ao *Coccos Arenarius* de B. A. Gomes.

Segue-se *Ururucuri* que escreve Piso (pag. 127) *Urucury*, e Neuwied no logar acima *Ariçuri*. Por ultimo nos cumpre advertir que se chama *Pacoba* a uma palmeira; naturalmente queria dizer-se *Patioba*, que é bem conhecida; porêm algum copista não reparando ser aquelle o nome da *Musa Paradisiaca*, o quiz assim ler, talvez por ser nome que achou no seu Diccionario.—

78 — CAPITULO LVI. — Não conhecemos a herva que o A. menciona depois do *Maracujá* (*Passiflora*). Porêm a que se segue e o impresso diz *Moduruqu*, parece ser a *Jamaracú* de Car-

(66) *Description de l'Amerique et des parties d'icelle, comme de la Nouvelle France, Floride, etc.* A Amsterdam, chez Jean Evertsz Cloppenburch; 1619. —

valho (Diccionario pag. 292) ou *Jamacarú* como escreve Piso e com elle os nossos Lexicografos Bluteau e Moraes, que o fazem uma especie de *Cactus*, do mesmo modo que se deduz da descripção. Em vez de *Marujaiba* escreve Piso (p. 129) *Maraiaiba*. Não sabemos qual seja mais correcto; porem Bory de Saint Vincent diz do ultimo modo. Na segunda linha deste paragrafo ha um (;) de mais, que altera o sentido.

*Cajaota* é erro por *Caraotá* ou *Carautá*, como diz Fr. Antonio do Rosario (pag. 143). Moraes escreve *Carahuatá*; Piso (pag. 193) e com elle Brotero *Caraguatá*; e Bluteau *Caragoatá*, e *Caroatá*. Ha muitas especies: são como *Agaves*.

Termina o Capitulo em *Neambu*, que Carvalho (pag. 67) diz *Nhambú*, e Piso (pag. 228) e a *Pharm. Tubal.* (pag. 259) *Nhambi*.

79 — CAPITULO LIX. — Passando em claro os capitulos em que se trata do *Ananazeiro [Bromelia ananas]*, da *Cabureiba* ou *Caborchiba* (67) *(Myroxillum Peruiferum)* e da *Copaiba (Copaifera Officinalis)* vamos ao que, depois de se falar da *Ambaiba (Cecropia peltata)*, distingue duas especies de *Caraóba*, cujos nomes

(67) Assim escreve Vicente do Salvador na sua *Historia do Brasil* MS. (no cap. 6.º do 1.º dos cinco Livros) dedicada a Manuel Severim de Faria em data de 20 de Dezembro de 1627. Até 1587 aproveitou quanto refere, de Soares, porém dahi por diante até 1627 é original, e merece ser consultado. Foi verdadeiramente com V. do Salvador á vista, que Jaboatão escreveu, segundo elle declara, e até o cita na pag. 85 do *Preambalo*. E' engraçada a maneira como Salvador arremata o seu Livro; depois de contar a vida de Mathias d'Albuquerque, dizendo que veio para o Reino, e chegou a Caminha em 52 dias, termina: " *E darei fim a esta historia porque sou de 63 annos, e he ja tempo de tratar só da minha vida, e não das alheas.* "

se devem ler *Caraóba-açú*, e *Caraóba-mirim* i. é. Caraóba grande e pequena. No cap. CLXV se diz haver-se feito menção da *Caraóba*, e só pode haver referencia a este logar. —

80 — CAPITULO LX. — O nome *Ubirasiqua* é um dos que parece estar intacto; é a *Ubiraicica* ou *Icicariba* (Cazal II, 163) ou *Elemieira* de Brotero (*Amyris Elemifera*), arvore que dá o *icica* (Ygcy'ca escreve o Dicc. Bras. pag. 68) ou *elemi*, que os pretos de Angola chamam *Umebafo*, segundo lemos no Jorn. da Soc. Farm. Lusit. (Tom. 2.° pag. 152). Na ultima linha deste paragrafo vem erradamente *issau*, que se devera ler *issica*: tambem se diz *pretos*, quando é natural que o A. se referisse aos *indios*.

*Corneiba* quer dizer (68) a *Carnaúba* ou *Carnaúva* [*Corypha Cerifera*, Arruda; e Mart. *Palm.* tab. 49 e 50]. —

Duvidamos muito que *Genciana* seja o nome indigeno-Brasilico da *Canafistola* (*Cassia Occidentalis*): e suspeitamos que algum copista foi quem por má leitura e espirito preoccupado associou neste impresso á lingua *guaraní* uma palavra latina, e até do tempo de Plinio. Mais depressa devera acabar em *una*, que é o adjectivo da lingua *tupi*, que significa preto; o que vai concorde.

Piso escreve *Mucuná* (*Dolichos Urens*) porem Brotero escreve *Mucuna* como está impresso, e duvidamos que erradamente. Lêa-se cipó (como está no cap. LXXVI) e não sipo. —

---

(63) Veja-se a *Instrucção para os Viajantes etc.* Rio de Janeiro, 1819; pag. XLV: e veja-se tambem o *Jorn. de Coimbra* n.° 59 P. 2.ª pag. 356. —

Termina com os mangues « *a que o gentio chama o pareiba.* » Deve ler-se junto *Opareiba* ou *Apareiba*, que vem a ser o *mangue vermelho* designado no Dicc. Brasilico (pag. 51), attendendo á interrupção typografica, por *Moparey'ba.*

81 — CAPITULO LXI — Mais uma confirmação de grande adulteração apresenta o nome da primeira planta, de que se trata neste capitulo: diz-se que chamam á *herva-santa* (*Nicotiana Tabacum*) *Petume*; e adiante no capitulo CLXIV. lemos no impresso *patem.* O Dicc. Bras. (pag. 78) chama-lhe *Pyty'ma*, e Balthasar Telles (P. 1.ª Liv. 3.° cap. 3.° pag. 442) *Betum.* O A. devia naturalmente escrever *Petume*, como diz Piso [pag. 206]. —

O que se chama *Pinó* dá idea do *Ricino maior* de Brotero, ou *Purgueira* de Cabo-Verde (*Jatropha Curcas*). Desconhecemos a planta, que se segue; porêm a ultima é evidentemente a *Ipecacuanha officinalis.*

82 — CAPITULO LXII. — No Dicc. Bras. (pag. 9) lemos que os indios chamam ao *algodão* (*Gossypium*) *Amany'ú*; e Piso (pag. 186) diz *Amigú*; por isso inclinamo-nos a crer o nosso A. escreveria *Manyú.* Leiam-se accentuados os nomes *Camará* (*Lantana Camará*) e *Ubá* (Hist. e Mem. d'Academia T. 7.°).

Termina-se com o *Piper Jaborandi* (69); porêm tendo-se falado em *jaborandi* diz-se que ha outra planta a que dão o *mesmo nome*, e que lhe chamam *jaborandiloa.* Se lhes dão o *mesmo nome*, devia ler-se *jaborandiba* como em cima.

---

(69) Vide *Flora Fluminensis etc. a Fr. J. M. C. Velloso, Ed. Flum. Januario MCCCXXV.* Tab. LV. pag. XXIV.

83 — CAPITULO LXIII. — E' tão claro o erro de *pedegosos*, em vez de *fedigosos*, que nos abstemos de authorizar. *Caapela* é erro por *Caapeba* (*Cissampelos Pareira*) como se lê na *Descripção Curiosa* pag. 27. —

Não será máo deixar aqui advertido para os outros nomes, que *Caa* na lingua brasilica-geral vale o mesmo que *herva*, como se vê do *Dicc. Bras.* pag. 4, e que por esta causa entra na composição de muitos nomes botanicos dos indigenas. —

84 — CAPITULO LXIV. — Quanto aos *cedros* de que se trata, chamam-se a nosso ver adulterinamente *Acajucatinga*: porquanto no *Dicc. Bras.* [pag. 23] vemos que ao cedro se chama *Acáyacá*, e por isso o tal nome deve ser o composto *Acáyacá-tinga*: será por ventura o *Cajueiro bastardo* de Brotero, ou *Cedrela odorata* de Jussieu [Lam. Illustr. Tab. 137, e Gärtner Tab. 95]. —

85 — CAPITULO LXV. — Vimos no *numero* 74 que se chamou *Pequohy* no cap. LII o nome escripto neste logar *Pequihi*. —

*Quoapaiajú* parece-nos ser uma bem arredada adulteração de *Guaparaiba*; ainda que só pela inspecção dos nomes não é facil de attingi-la. Deste ultimo modo lemos em Carvalho [pag. 347]; e é o *Guapariba* de Piso [pag. 204] e de Brotero, ou *Rhisophora Mangle* de Lineo. —

Aos *mangues* chamam os Francezes em geral *Palétuvier des Marais*.

*Sutápeba* tambem é outro erro; queria dizer-se *Jutaípeba*, que Pitta [pag. 37] escreve *Jataypeva*. O erro principal provêm da troca do

*J* por *S*, que um tanto se semelham na letra de mão. *Zabucai* é o *Lecythis ollaria*; e já fica discutido *num.* 76.

86 — CAPITULO LXVI. — Rocha Pitta diz [pag. 37] *Maçaranduva* em vez de *Maçarandiba* como dissemos no *num.* 74. A grande arvore, a que se chama *Jacaxuuba*, parece pela descripção ser a *Jequitibá*, de que tratam Vandelli, Martius, e a Corog. Bras. (I, 114). —

*Ubiratum* talvez se devesse ler *Ubiraeem* [Piso pag. 245], e *Sepepera* talvez *Supopira* [Car. 7, 52]. —

Chama o impresso *Mutumujú* a arvore, que Rocha Pitta [pag. 37] e Vandelli [Mem. Econ. Tom. 1.° pag. 195] chamam *Putumujú*. O nome seguinte temos por certo —

87 — CAPITULO LXVII. — *Camaiari* será a *Camaçary* [Cazal T. 2.°, pag. 75 e 163]? — Tambem o nome, que se lhe segue, não nos parece differente. —

88 — CAPITULO LXVIII. — Propõe-se tratar da *Envira*, ou *Embira*; como lhe chama Brotero: e por tanto deve ser esta palavra o radical predominante; e o nome *Enuiroçu* devera ler-se *Enviroçú*; e os dois *Ibiriha* e *Ejubiriti* talvez tambem melhor *Embiriba* e *Embiratinga*. *Goyaimbira* não parece adulterado. —

89 — CAPITULO LXIX. — Vandelli [Mem. Econ. T. 1.° pag. 195] escreve *Candurú* e Carvalho no *Dicc.* [pag. 258] *Gandarú* ao que o impresso traz *Conduru*. O Capitulo trata depois do *Suasucanga* e do *Páo ferro* [Cæsalpinia ferrea? Mart.], a que chama *abiracta* em vez de *ubirateá*, que Denis [*Brésil*, pag. 63] diz *ibiriratéa*; e logo do *Páo d'arco* [Bignonia..?. Neuw.], que

Carvalho [pag. 408] chama *Guirapariba*, e o nosso A. escreveo melhor *Ubirapariba*; — melhor dizemos por ser mais conforme á etymologia, pois *Ubira* ou *Yinyrá* (como diz o Dicc. Bras. pag. 50) quer dizer madeira. Por esta razão o nome, que se segue = *Ubiranna* = está errado; e deve ser = *Ubira-una* = i. é *madeira preta*; e *Ubira-piroca* está correcto. —

90 — CAPITULO LXX. — *Tatagiba* cremos ser a *Tarajuba* de Rocha Pitta (pag. 35), que designa o *mangue branco*; e o seguinte quer Carvalho (pag. 346) se diga *Cereiba*, e o Diccionario Brasilico (pag. 51) escreve *Xerey'ba*. Segue-se outra casta de *mangues*, cujo nome, quanto a nós talvez devesse antes acabar em — *paúba*.

91 — CAPITULO LXXI. — A primeira arvore é *Copaubuçú*, e não *Copambuca*. A segunda é a *jangadeira* (*Apeiba cimbalaria* d'Arruda, Cent. Plant. etc). Segue-se outra que não conhecemos, porêm cujo nome parece não estar adulterado: dahi vem a *Gerummaré*, que será por ventura a *Gerémma*, que menciona Cazal (Tom. 1.° pag. 107). — Os outros dois nomes são conhecidos e estão certos. —

92 — CAPITULO LXXII. — A primeira arvore não conhecemos. — A segunda é a que Cazal (II, 75) chama *Inhuhybatan*: o *Jacarandá* é bem conhecido: — o nome da quarta parece estar correcto: o da quinta talvez devesse ter o c cedilhado; o da que se segue parece pelo principio *ubira* que está certo. Quanto ao ultimo — dar-se-ha caso que seja a *Atángapéma*, nome que os Guaranis dão ás espadas della feitas?

93 — CAPITULO LXXIII. — Do Genipapo [*Genipa Americana*] já falamos. *Huacão* será por

ventura o *Guaiacão*? Leia-se *ubira-tinga* e não *abiratinga*.

94—CAPITULO LXXIV.—Da *Ubirarema* fala Carvalho chamando-lhe *Ibirarema* (Dicc. pag. 407). O nome *cipó* é conhecido e geral: a especie de que neste logar se trata é a alliacea ou *Cipórema*, que os Francezes chamam *Liane à l'ail*.

95—CAPITULO LXXV.—O *Comedoi* parece o *Abrus precatorius*: as suas sementes são-nos bem conhecidas. O *Araticupana* (especie de *Anona*), de que o A. torna a falar no fim do cap. CXLVI. nomeia Moraes no Dicc. na palavra *Araticú*. O nome da arvore seguinte diz Soares que significa *pente do diabo*: ora segundo o *Diccionario Brasil.* pente (D. pag. 61) diz-se em Tupi=*kybába*= e o diabo (o genio do mal) é *anhangá*, segundo diz o P. Santa Rita Durão no *Caramurú*, e o explica Denis (*Brésil* pag. 19 e seg.); logo o composto é *Anhangá-kybába*, e não *Anganyaquiabo* como diz o impresso.

Leia-se *cuyas*, ou *cuias* [como vem a pag. 285] e não *cujas*, na pag. 195, lin. 5.ª

96—CAPITULO LXXVI—Do cipó ja tratamos no *num.* 93. Na penultima linha da pag. 195 lê-se *cipao*, que deve ser adulteração de algum composto daquella palavra.

97—CAPITULO LXXVII.—Terminemos as reflexões á cerca das plantas:—algumas das quaes poderá até a sagacidade de qualquer leitor ter corrigido. Seja-nos porêm concedido apresentar um reparo á cerca do nome da ultima que o A. trata: vem a ser o *Tocúm* ou como Vandelli lhe chama [Mem. Ec. 1, 198] *Ticum*, que pela descripção parece ser o de que aqui se trata o *Astrocarium vulgare* de Martius [*Vid. Palm.*

Tab. 68, III]; com tal nome costumam designar no Brasil varias especies de que resulta certa canhamiça, cujas fibras fiadas e torcidas fornecem linhas e cordagens. Ora estando-se no capitulo a tratar deste tocúm, apparece mui desconchavadamente = « Este *totum etc.* (!).

## SECÇÃO QUINTA.

*Reflexões aos Capitulos em que se trata da Zoologia e Ethnografia.*

98 — CAPITULO LXXVIII. — Comecemos pela Ornithologia, á qual o A. dedicou os doze capitulos seguintes. Neste capitulo advirtamos já, que o nome *cabuieazu* nos parece adulterino, e que talvez devesse acabar em *açú* (grande); — seria talvez o *Jabicú-açú* de Piso [pag. 87]? — Segue-se o *Nhandú* ou *Nandú [Struthio Rhea]*, que se imprimiu *n'hundú* (70). Na ultima linha desta pagina deve ler-se *cósso* em vez de *coco:* da expressão *tomar a cósso* se serve o A. logo no principio do capitulo seguinte: na linha 3.ª da pagina seguinte, leia-se *pennas* onde diz *pernas*. Termina o capitulo a nosso ver com a *Palamedea cristata*; porêm não destinguimos com qual nome o A. a quizera denotar.

(70) Aug. de Saint Hilaire na sua *Hist. des plantes les plus remarquables etc.* 1824 Tom. 1.º (nem ha outro) a pag. XX diz que os Guaranis conhecem esta ave por outro nome, e que o vocabulo *Nandú* é pouco usado entre elles: assim será; mas a sua authoridade tem contra si a de quasi todos os viajantes.

99 — CAPITULO LXXIX. — Do *Macucaguá* trata Piso (pag. 188), Laet (pag. 557), e Lery (pag. 169) que escreve em francez. *Mocacoua.* Pela descripção de Soares parece o *Trombeteiro* dos Hespanhoes, ou Agami de Cayena, a que os habitantes do Pará chamam *Jacamí* (*Psophia crepitans*); porêm Bory de S. Vincent diz ser o *Tinamus brasiliensis.* Cazal enganou-se quando suppoz que o *Trombeteiro* correspondia no Brasil ao *Queroquero.* No paragrafo em que se trata do *Mutúm* (*Crax alector*) leia-se na linha 3.ª *pennas* onde diz *pernas.* Do *Mutúm* tratam com diversa orthographia Lery (pag. 169), Laet (Lib. 15 cap. 7), Piso (pag. 80), Cazal, Spix e Martius, e S. Hilaire, que descreve (2, 66) um que vio vivo. — Deve ler-se accentuado *Jacú* (*Penelope*).

Em vez de *Tujuju* dizem Cazal (Tom. 1.º pag. 93) e o Gabinete Historico [Tom. 10 pag. 46] (70) *Tuyuyú*; Lisboa [pag. 43] escreve *Tuiuiú*; é a *Mycteria Americana* ou *Mycteria Tujuju*, e segundo outros o *Tantalus Loculator.*

100 — CAPITULO LXXX. — Deve ler-se accentuado *Canindé* (*Psittacus Ararauna*); como se lê em Pitta [pag. 40] e Durão [Cant. 7.º E. 64] e vem descripto na *Hist. Nat.* de Buffon [T. 7.º pag. 154 e 155 da ed. de 4.º gr.]; Thevet (71) escreve [pag. 92] Caninde, Coreal (72) Ca-

(70) As noticias de *Minas Geraes* que vem de pag. 1.ª até pag. 117 deste Tomo são preciosas. Fr. Claudio bebeu-as de varias fontes e MSS.; especialmente dos do Naturalista Diogo de Couto, e por ventura da anonyma *Descripção de Minas Geraes* escripta (*manu-*) em 1781 ou 1782, acompanhada de 39 mappas dos rendimentos, população etc.

(71) And. Thevet, *Singularitez de la France Antartique etc.* 1558.—

(72) *Voyage aux Indes Occidentales*, Paris 1722.—

ninda (Tom. 1.° pag. 179). O nome *Arara-una*; que quer dizer = Arara preta = corre trocado entre os naturalistas como o explica Saint Hilaire (2, 376) — Denis leu no exemplar de Paris *embagaduras*, e não *embagadeiras* (*Brésil*, pag. 29).

A *Arara* é o *Psittacus Macao*, e o *Tucano* o *Ramphastos Dicolorus*.

101 — CAPITULO LXXXI. — Trata Soares de varias aves ribeirinhas: e depois de descrever as duas [*Ardea*] *Uratinga* e *Upeca* menciona a *Parra Jacana* de Linneo; e por fim o *Jacú-açú:* no ultimo periodo leia-se mais correcto «criãO-se ao longo dellas e dos rios, no chão» etc.

102 — CAPITULO LXXXII. — Trata-se do genero *Tetrao*. As *Pararis* [Durão C. 7. E. 62], *Juritis* [Deer. Cur. pag. 46], *Nambús* [Carv.° p. 376 e Descr. cur. pag. 42] são bem conhecidas.

103 — CAPITULO LXXXIII. — Propõe-se Soares tratar de diversas especies de papagaios [*Psittacus*]. — Deve saber-se preliminarmente que o nome geral indigena é *Jerú* [Dicc. Bras. pag. 58]; e por tanto este é o radical para uma parte do genero: a especie qualifica-se por um adjectivo. A primeira especie, de que neste logar se tracta, julgamos ser o *Psittacus festivus*: deve pois ser o papagaio grande ou *Jerú-assú* ou *Jurú-assú* como diz Figueiredo (73) e por

(73) O D. Caetano de Brito de Figueiredo na Dissertação que escreveo á cerca da Ornithologia Brasilica, a qual é a setima do Codice 366 dos MSS. da livraria do extincto convento de Alcobaça, e vem a fol. 53 do mesmo codice, que se acha ordenado como outros mais da mesma Livraria na *Bibliotheca Publica* de Lisboa; conservando a mesma numeração indicada no *Indice Codicum Bibliothecæ Alcobatiæ*, impresso em Lisboa em 1775. — Este Codice

isso Soares dissera mais depressa *Ageruaçú* e não *Agervaçu*. O *Ageruetecú* (que o mesmo Doutor Figueiredo escreve *Ajurucú*) cremos ser o *P. æstivus*. Abaixo vem *Marcão*; o que deve ser erro por *Marcaná* como diz Gandavo (cap. 7.º) Lery escreveo em francez *Marganas*, e por isso deve ler-se accentuado; Carvalho escreve (pag. 350) *Maracaná*, é o *P. macaruanna*. Vejam-se Marcgraf (pag. 207); Jonston, *Avi*, pag. 142; Willugby, Ornithol. pag. 74; Buffon, Tom. 7.º pag. 156; Brisson, Ornithol. Tom. 4.º pag. 202. Laet escreve *Tuim*, e Piso *Tuy*.

104 — CAPITULO LXXXIV. — Não falando nos varios nomes que nos não soam como indigenas excepluando o *Jaburú* (*Ciconia Mycteria*, Tem.) não podemos passar em claro um nome reconhecidamente adulterado, que vem antes do *Matuí-mirim*, e se diz *Matuimasce* devendo ser *Matuim-uçú*, i. é. *Matuim grande*, quando aquelle é *Matuim pequeno*. —

105 — CAPITULO LXXXV. — *Vebus* é erro por *Urubús* (*Cathartes Urubu*, Vieill.), como se lê adiante no Capitulo CIX, e igualmente na *Desc. Cur.* pag. 41. *Uraoacu* devera ler-se *Uráoçú* ou *Guiráoçu* como diz Velloso (74). Parece

---

n.º 366, bem como os numeros 365, 367 e 368 de que trata o mesmo index desde pag. 164 até 167, contém disertações recheadas de erudições pouco proveitosas, que foram recitadas em 1724 e 1725 na *Academia Brasilica dos Esquecidos*, creada na Bahia naquelle anno sob a protecção de Vasco Fernandes Cezar de Menezes, que então vice-reinava. Estes MSS. eram do espolio do P. Mestre Fr. João Cezar, e foram depositados na Livraria por mandado do Prior do Mosteiro Fr. Bernardo do Amaral em 1761.

(74) Veja-se o *Aviario Brasilico ou Galleria Ornithologica das Aves do Brasil*, etc. por José Mariano da Conceição Velloso; Lisboa, na Off. do Arco do Cego, em 1800; pag. 4.

uma especie do *Falco Milvius*. O *Caracará* é o *Falco Brasiliensis*. — A *Oacaoam* será talvez a *Caumhám*, que descreve Lisboa (pag. 49) e igualmente o A. das *Viagens de Silverio Diniz* impressas em 1815, o qual escreve (pag. 73) *Cauán*. Termina com a *Urubú-tinga*; porêm deve ler-se *gallipavo* onde diz *galiopavo* [*num.* 61].

106 — CAPITULO LXXXVI. — O A. querendo tratar do unico genero pertencente á familia das aves nocturnas *Stix*, *Otus*, *etc.* julgou a proposito meter nesta conta, como era de esperar do tempo em que escreveu, um mammifero — o morcego (*Vespertilio*).

107 — CAPITULO LXXXVII. — Logo ao principio, quando parece que trata do *Oriolus persicus* lê-se *flouba*, que se diz mais vulgarmente *frouva*. —

Trata-se depois do *Sabiá-tinga* (*Lanus cayanus*) e dos *Tijepiranga* (*Tanagra Brasilia*), segundo escreve Piso (pag. 94). — Segue-se *Gayrambo* que infallivelmente quer designar o *Gainumbí*; segundo escreve Anchieta (Tom. 1.° das Mem. do Ultr pag. 156 e 176), ou segundo Carvalho [pag. 268] *Goanhambiy*. — Vem depois outros nomes menos conhecidos e quanto a nós tão adulterados, excepto o *Tupiana*, que não será facil tentativa de acertar com os verdadeiros, e ordena-los systematicamente.

108 — CAPITULO LXXXIX. — *Nenappúe* é conhecido erro por *Nhapupé* ou *Enhapopé*, segundo dizem Rôcha Pitta (pag. 40) e Durão (C. 7. E. 61). *Taracurá* tambem é corrupção de *Saracura*, segundo escreve a Desc. Cur. (pag. 16 e 47) e Figueiredo (fol. 59). Leia-se *Annú* ou *Annúm* segundo Figueiredo, que a Desc. Cur. (p.

46) escreve *Anúm*, e assim vem no Dicc. de Moraes. — Do *Magoarí* trata Carvalho (pag. 341). —

A Statistica do Maranhão fala de certa *Aracoam*. O *Sabiá-una* é conhecido. Outro tanto não diremos dos nomes, que se seguem. E' sabido que a Classe dos passaros, com quanto seja muito circumscripta, preciza para estabelecer divisões, caracterizar as ordens, dispor as familias, arranjar os generos etc. de recorrer ás minimas differenças da fórma do bico, da sua estructura, dos pés e unhas, á conformação e *envergamento* das azas etc., circumstancias a que não se attendia no tempo, em que os unicos ornithologos eram Bellon, Gesner e Aldrovandi, e mal imaginaria Soares que seria preciso algum dia aproveitar miunças para concertar a sua obra, que o lapso de quasi dois seculos e meio arruinára. —

109 — CAPITULO XC. — Passemos com o author, nos quatro seguintes capitulos, a discorrer á cerca da *Entomologia*, o que adiante se continúa. Em vez de *tacura*, lemos no Dicc. Bras. [pag. 42] que gafanhoto se diz *Tucúra*; e tambem lemos [pag. 18] que borboleta se diz *Panamá*.

110 — CAPITULO XCI. — Trata-se de varias especies de abelhas; porêm os nomes, se bem que nos não parecem adulterados, são differentes dos apontados por Spix e Martius (pag. 542) Aug. de S. Hilaire (T. 2.° pag. 373), e Vicente Coelho de Seabra na Memoria, que vem no T. 2.° (pag. 100) das Historicas da Academia. — Só da *Taturama* fala Piso (pag. 289) e da *Copueroçú* Piso (pag. 287) e Carvalho (pag. 351). —

111 — CAPITULO XCII. — Cunha Matos (75) escreve *muluca* e não *mutiquâ*.

112 — CAPITULO XCIII. — Devia ter-se lido naturalmente *Jetinga* (Piso pag. 289) ou *Yetin* (Lery, 183) e não *nitinga*. Em vez de *Margões* deve ler-se *Margoés*, pois Carvalho (pag. 351) escreve *Marigué*; ou *Margois*, porquanto Moraes diz *Maruí* ou *Marigué*, e deste ultimo modo escrevem tambem Anchieta (§. 33) e Piso [pag. 288]. Do *Piúm* não se esquece a Statistica do Maranhão [pag. 61]. Em vez de *inhatuim* e *nhabruasu*, podia ser que estivesse escripto *Nhatium* e *Nhatiú-açú*, segundo vemos de Piso [pag. 288].

113 — CAPITULO XCIV. — Seguem-se quinze capitulos á cerca dos *Mammiferos*, alem do cxxv em que mais adiante se trata da balea (*Balæna*), que Soares, como era natural, classificou entre os peixes. — O capitulo que ora nos occupa tem por objecto tratar do pachyderme *anta* (*Tapir Americanus*), que os indigenas chamam *Tapira*, ou como escreve Thevet *Tapihire*, ou finalmente segundo o Dicc. Bras. [pag. 12] *Tapyira*, a qual descreve Buffon [T. 11 pag. 444 da Ediç. de 4.° grande]. Deve pois ler-se no impresso *Tapir-uçú*, onde diz *taparuçu*. Lery escrevia para ser lido em francez *Tapiroussou*.

114 — CAPITULO XCV. — Começa deste modo no impresso: « Tem para si os portuguezes,

---

(75) *Itinerario do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão pelas Provincias de Minas Geraes e Goiaz*, pelo (recentemente (*) fallecido) marechal do Imperio *Raimundo José da Cunha Mattos*. Rio de Janeiro 1836; Tom. 1.° pag. 46.

(*) Morreu a 23 de Fevereiro de 1839; vem a sua necrologia no *Despertador* n. 273 de 28 do mesmo mez.

» que o *jaguarete* he onde, e outros dizem; que he tigre, » etc.

Facil é de conceber que se quer referir do *Jaguar-eté* ou *Yaguar-eté* [Neuw. Tom. 1.° pag. 173], (o qual julgamos (76) ser o *Felis discolor* de Lin.), a mesma idea que conta Gandavo no Cap. 6.°: i. é. que uns o reputavam *tigre* e outros *onça;* porêm algum copista converteu esta ultima palavra no adverbio *onde*. Venha mais este erro para convencer algum incredulo, que quizesse preferir ao verdadeiro méras considerações de respeito a um MS. estropeado por copistas.—

115 — CAPITULO XCVI. — *Jagoaroçú* quer dizer o *Jaguar-oçú* (Laet pag. 553), que parece a *Felis onça*. Onde diz » *nos d'estes* » devera ter-se lido « *nos dentes* » = o que é evidente. Ao *Jaguar-cangoçú* chama Lisboa (pag. 49) e Moraes (Dicc.) simplesmente *Cangoçú* e Cazal (1, 66) escreve *Cangoçú* (*Felis campestris* de Neuw.?). Segue-se « outra alimaria, a que (diz o impresso) o gentio chama *sua*, *sucrana*, que é do tamanho de um rafeiro, » etc.

Ora este nome em grifo adulterinamente cortado por uma virgula quer dizer o que Lisboa (pag. 49) escreve *Susuarana*, Rocha Pitta (pag. 39) *Suçuarana*, e Ayres de Cazal (T. 1.° pag. 66) *Suçuaranna:* i. é. o *Couguar* de Buffon (T. 9.° pag. 216) ou *Felis Concolor* de Lin.

116 — CAPITULO XCVII. — Que *Çuaçú* quer significar veado o diz o Dicc. Bras. (pag. 78) e o

---

(76) Fundados na obra de J. C. Daniel Schreber = *Die Säugthiere* = impressa em Erlangen em 1775 4.° vol. fig. — o que confirma Protero na Tradução de Blanchard por Mattheus José da Costa. Lisboa; 1817 Tom. 3.° pag. 366.—

confirma S. Hilaire (T. 3.° das suas viagens ou 1.° imp. em 1833 pag. 226), e designa em especial o *campeiro* (*Cervus longecaudatus*, Spix.). Segue-se o veado *Caatingueiro* (*Cervus simplicornis* Ill.) e finalmente do *mateiro* (*Cervus rufus* de Ill. ou *tenuicornis* de Spix). A estes ultimos chama o Dicc. Bras. (pag. 78) *Çuaçuapára*; e por estar errada deve emendar-se a palavra *juagupara*: e na linha que precede tambem é erro dizer *as quaes* em vez de *os quaes*. O A. não se está referindo ás femeas, mas aos veados: o que se vê por dizer outra vez antes e depois *os quaes*, e ainda pelo proprio nome *Suaçupára*, que compete ao veado de que se trata, e não ás corças. —

117 — CAPITULO XCVIII. — Leia-se accentuado *Tamandoá* (*Myrmecophaga Tamandua*, Cuv.). O *Coaty* ou *Quaty*, que Lisboa (pag. 54) escreve *Quati* é o *Ursus nasua* de Cuvier ou *Viverra nasua* de Linneo. Costuma-se dizer *Maracayá* (Cor. Bras. 1, 63) ou *Maracaiá* (Desc. Cur. pag. 50) e não *Maracaja*: é o *Felis tigrina*, ou *Jaguarátícica* de Mato Grosso. Arremata-se o capitulo com uma noticia do *Didelphis marsupialis* de Linneo; porêm chama-se-lhe *Semgoi*: ainda que seja este nome de orthografia mui variada, com tudo esta apresenta um som muito arredado, e por isso parece adulteração. — Rocha Pitta (pag. 39) e o Caramurú (C. 7.° Est. 59) dizem *Sarehués*; a Corografia Brasilica escreve (T. 1.° pag. 69) *Saróhé*; Anchieta (§. 24 e N. 46) *Sariguéa*, Carvalho (pag. 514) *Sarigué* (A. Pop. T. 2.° pag. 20); outros dizem *Serigué*. Alguns lhe chamam *Gambás*. Póde ver-se na rica obra de Alb. Seba (T. 1.° Tab. 38), e Cuvier (Ediç. de 1817, pag. 172). —

118 — CAPITULO XCIX. — *Jaguarecaqua* quer

designar o *Mephitis fœda*, Ill., que Cazal (1, 64) chama *Jaraticaca*, e Lisboa (pag. 54) *Geriticáca*, e outro escriptor moderno *Jeritacaca* ou *Maritacaca*. Alguns lhe chamam *Cangambá*: deve entender-se que na quinta linha o A. está-se referindo ao animal, e por isso se deve ler: « o qual é tão estranho e fedorento etc. » — e não « a qual etc. »

119. — CAPITULO C. — Ainda que os naturalistas chamem *Tajassu* aos *Dicotyles labiatus*, Cuv. com tudo, o verdadeiro nome é *Taiassú* (Jor. de Coimb. n. 60 pag. 385 e n. 81 P. 2.ª pag. 85), que Lery escreveu (pag. 155) *Taiassou*: Vandelli (Mem. Econ. T. 1.° pag. 190) diz *Tajacú* Piso pag. 98. escreve *Taiaçú* — Laet traz (pag. 551) *Tayasutirica* e não *Tajasutiraqua*, e Abbville (77) *Tayassou-eté* e não *Tajasuetu*.

120 — CAPITULO CI. — *Capinaras* é erro por *Capiváras*, como escreve Lisboa (pag. 53) e o Caramurú (C. 7. E. 59) ou *Capyúára*, segundo Anchieta (§. 10). Outros, taes como Cazal (1, 62), escrevem *Capibára*, que Piso (pag. 99), e Vandelli (T. 1.° das Mem. Ec. pag. 190) escrevem *Capybara*, e Carvalho no seu Diccionario (pag. 129) *Capigoara*; Aug. de S. Hilaire diz (Hist. des plantes etc. 1824 pag. LVII da Int. not. 1.) *Capivara* ou *Capibára*. E' o *Cavia Capibara* de Linneo (78). Veja-se Cuv. T. 1.° pag. 213.

A' lontra (*Mustela Lutra Brasiliensis*) chama

---

(77) *Histoire de la Mission des PP. Capucins en l' Isle de Maragnan, par Claude d'Abbeville*, Paris; 1614.

(78) Pode ver-se a *Spicilegia Zoologica* de P. Sim. Pallas, Fasc. XIV. 1780 Tab. 1.ª —

Laet (Liv. 15 cap. 14) *Jaguapopeba*, que no impresso vem *jagoapapeba*, e o Dicc. Bras. [pag. 49] dá *Jagoacacáca*. Seguem-se dois bichos, dos quaes o primeiro é o chamado *Cachorro do mato*, e o outro, que escreve *uyuia*, é o *Irára* ou *Cão do matto*.

121 — CAPITULO CII. — *Jatuasu* é outro erro incomportavel, e da natureza dos já mencionados; queria dizer-se *Tatú-assú*. *Tatos* tambem é erro por *Tatús*. *Tatuapeba* quer dizer *Tatúpeba*. São diversas especies do *Dasypus*, e este ultimo é o *D. peba* (Pan. n. 73) ou *D. gilvipes* de Ill. —

122 — CAPITULO CIII. — Tendo havido n'outras palavras tanta mingoa d'accentos, vieram estes a prodigalizar-se onde eram nocivos á boa pronuncia — *Paquás* é erro por *Páquas* ou *Pácas* como diz a Descr. Cur. (pag. 54), que é animal mui conhecido: é o *Cavia Paca* de Lin. e Pall. ou *Cœlogenus fulvus* de Cuv.; ainda que esta não tem grande cabo, como diz o A. —

A *Cotia* vem a ser a *Dasyprocta Aguti*, Ilig; ou *Dasyprocta Azaræ*, Licht. ou *Cavia Aguti*, Lin. e Pall. Na linha oitava da pag. 225 parece que se deve ler *laços* onde diz *lanças*.

123 — CAPITULO CIV. — *Giguo* ou *Gico* é o *Callitrix Gigot* de Spix. — Na linha nona ha um [;] de mais, que devera estar na antecedente, para não alterar o sentido. Da *Guariba* [*Mycetes Ursinus* de Humboldt] tratam Rocha Pitta (pag. 29), Durão (C. 7. E. 39), Cazal (1, 65) e Balthasar Telles que escreve (P. 2.ª Liv. 5.º cap. 12 pag. 307) *Guarigba*. O Saguim é o *Simia jacchus* ou *Callitrix Sciurea* de Cuv. Quanto ao nome, que significa *bogio-diabo*, bom será advertir que ao diabo (como dissemos no *num.* 95) chamam

elles *anhangá* e por tanto a palavra escrita *Caiçunhanga* deve terminar nas syllabas *anhangá*.

124 — CAPITULO CV. — Chama-se *Savia* o que n'outras partes dizem *Mocurá*, segundo declara o Dr. Alexandre em um dos volumes das suas obras, que pertencem á Academia. Deve segundo Lisboa (pag. 53) pronunciar-se *Apereá* (*Cavia Apereá* de Lin.) e segundo outros (Pitta pag. 40, Durão 7, 59) *Periá*, que Cazal (1, 68) escreve *Prehá*. O radical dos dois nomes seguintes deve naturalmente ser o mesmo *Savia*. Em logar de *Tapotim* diz Abbeville *Tapity*, Laet (pag. 553) *Tapati*; Piso (pag. 102) e Vandelli (Mem. Econ. Tom. 1.° pag. 190) *Tapeti*; é a *Lepus brasiliensis* de Linneo. O marsupial, de que em seguida se trata, vem a ser o *Didelphis Cayopollin*; *Did. Philander*, ou *Did. Dorsigera*, de Lin., do qual trata Cuvier Tom. 1.° pag. 174. Quanto ao nome que os indios dão aos ratos diz o Dicc. Bras. (pag. 66) ser *Goahyru*.

125 — CAPITULO CVI. — Nova troca fatal das letras *S.* e *J.*: leu-se *Sabuty* por *Jabuty*; nome que até para mais está adoptado pelos naturalistas europeos, que designam a especie por *Testudo Jabuti*. Os compostos que se seguem confirmam a realidade de erro no radical. —

126 — CAPITULO CVII. — Trata-se da *Priguiça do Brasil* (*Bradypus*). *Aly* é corrupção de *Ahy*, onomatopeia que representa os gritos do animal. Buffon (T. 13 pág. 60) escreve *Ai*; e assim vem no Pan. (Vol. 1.° pag. 86), Anchieta (§. 23) *Aig*, Lery (pag. 165) *Hay*; Piso (pag. 322) *Ai*, e Lisboa (pag. 55) *Ay*.

127 — CAPITULO CVIII. — *Coanduque* é o *Coandú* (*Histrix prehensilis* de Lin.) ou *Quan-*

*dú* (Cor. Bras. II, 223); e o *Cuim* de que se não esquece Moraes é uma subespecie deste (Varied. γ Ed. de Gmelin). Termina o capitulo na *Histrix insidiosa*, Licht.

128 — CAPITULO CX. — Passando a dedicar-nos á Herpetologia sabemos que se deve lêr *Sucuriú* (*Boa murina*), e não *Sucuriju*; e igualmente *Boyuna* (Laet pag. 554) e não Bojuna. Piso (pag. 282) e Nieuhof (79) tratam da *Tareiboya*.

129 — CAPITUO CXI — *Gereraça* é erro por *Gereraca*, como escreve Lisboa (pag. 56); e Mello (pag. 37 vej. *not.* 51) e Anchietta (§. 13) *Jararáca*: é a *Vipera atrox* bem conhecida. Piso (pag. 278), Laet (pag. 555), Anchieta [§. 15] e Lacépède escrevem *Ibiboboca* e não *Ububoca* para designar a *Coluber Ibiboboca*, Encycl. Oph. pag. 25, *Coluber Corais*, Daud. —

130 — CAPITULO CXII. — *Boifininga* deve ler-se [Laet pag. 555; Piso pag. 274; Pharm. Tubal. pag. 170; Anchieta pag. 145 e 171] *Boycininga*, que é a *Boiquira* [*Crotalus horridus*, L.], ou *Caudisona terrifica* de Lanr. = Vej. Encycl. Serp. P. I. est. 2. f. 3; e Gmel. Syst. Nat. XIII. Part. 3.ª, 1080. —

*Uboiara* hade ser a que Fernam Guerreiro [Relaç. do Brasil de 1603 Liv. 4.º Cap. 3.º fol. 113] diz *Ebijare*; e no *Tratado de Pero de Magalhães* se lê *Hebijare*: é a *Cœcilia tentaculata* Lin. Gmel. Syst. Nat. XIII. Part. 2.ª; 1124;

(79) *Johan Nieuhofs, Gedenkweerdige Brasilliense Zee-en Lant-reizen; behelzende alhet geen op dezelve is voogevallen beneffens Eeen bondige beschvijving van gantsch Neerlants Brasil etc.*; *t'Amsterdam voor de Weduwe van Jacob van Meurs*, 1682 pag. 24. Esta Obra de 240 paginas contém noticias interessantes a respeito das guerras com os Hollandezes no Brasil, etc. —

Lac. Serp. f. 2. do T. 21; Encyc. Serp. Est. 34 f. 1; *Cœcilia Ibiara*; Daud., Buff., Rept. — Segue-se no terminar o Capitulo o nome *Boitiapoias* para designar a cobra que Piso (pag. 279) e o author da *Relação da Náo S. Pedro e S. João* (Lisboa 1743; pag. 14) dizem *Boitiapó*; porêm no titulo traz o impresso irregular e erradamente *boiopoitia*.

131 — CAPITULO CXIII. — Do *Surúcúcú*, *Trigonocephalus Alecto* Cuv., e *Bothrops Surucucú* de Spix (Serp. T. 23) tratam Piso (pag. 175), Pitta (pag. 39), Lago (pag. 61) e outros. Mello (pag. 37; vej. *not.* 51) diz *Caninana* em vez de *Caninão*. A Pharm. Tub. (pag. 167), Bluteau (Voc.), Nieuhof (pag. 24), a *Relação* citada (pag. 13) e Piso (pag. 278) escrevem *Bojobi* ou *Boiobi*, e ninguem *Bojubu*. Este ultimo (pag. 276) fala da *Ibiracoa*, e igualmente Laet (pag. 555); que antecedentemente (pag. 554) tem tratado da *Giraûpiagara*, a qual vem designada pelo nosso A. por *Urapiagára*.

132 — CAPITULO CXIV. — Descreve-se o *Crocodilus Sclerops*, Schn.; o *Tupinambis monitor*, L., *Lacerta Teguixin*, Shaw; *Chamælion*, *etc.*

133 — CAPITULO CXV. — Rã em guarani diz-se *Iui* ou *Yui* (Dicc. Bras. pag. 66), e por tanto concluimos que os nomes das diversas especies estão erradamente neste capitulo começados por *ini*, devendo ser por *iui* — ou *yui* —.

134 — CAPITULO CXVI. — Em vez de *Imbua* diz Piso (pag. 287) *Ambuá*.

135 — CAPITULO CXVII. — *Mamoas* lê-se em Piso (pag. 291) *Memoás*.

136 — CAPITULO CXXIII. — *Copi* quer dizer o *Cupim* (*Termes fatale* de Lin.; Cuv. 3,443).

137 — CAPITULO CXXIV. — O primeiro insecto é o *Pulex penetrans*, Lin., e o segundo o *Pulex irritans*, ou *bicho do pé* do Brasil e *chique* das colonias francezas. O impresso chama ao primeiro *tungasu* e o segundo *jumga*: ha pois erro; porquanto aquelle nome devera ser o composto deste correcto, com o adjectivo *assú*. Piso diz *Tunga* [pag. 289]; e por isso *jumga* é visivel adulteração — Lery e Abbeville dizem *Ton.* —

138 — CAPITULO CXXVI. — Passando á Ichtyologia advertiremos de passagem que peixe se diz [Dicc. Bras. pag. 60] *Pyra*, e por isso ha varios nomes, que começam por estas duas syllabas.

139 — CAPITULO CXXVIII. — Antonio de Almeida, na sua traducção do *Compendio de Zoologia* de Cuvier [Tom. 1.° pag. 381] diz *Araguaguá* ao *Squalus pristis* ou *Squale Scie* de Lacépède, que Soares escreve *Aragoagoay*. Seguem-se especies de *Squalus*.

140 — CAPITULO CXXIX. — *Goarágoá* é o *Manatim* (*Trichechus manatus* L.), *Peixe mulher* d'Angola ou *Peixe Boi* do Brasil.

141 — CAPITULO CXXX. — Do *Beijupira* tratam Laet [pag. 570] e Rocha Pitta [pag. 42]: Bory conjectura pertencer ao *Centronotus* de Schneider. *Camoropi* é o que Gandavo escreve (cap. 8.°) *Camboropim*; Lago (pag. 62 *Camaropim*, o Pitta (pag. 42) *Camoropim*, e Laet *Camurupi*.

142 — CAPITULO CXXXI. — O *Peixe Méro* vem a ser o *Perca Gigas* de Lin. — Não encontramos em author algum, que chamem *Genaa* ás *Pescadas bicudas*, ou por ventura *Julianas* dos nossos pescadores (*Gasterosteus Spinachia?* Lin.) *Tuarapicu* é o que Piso (pag. 59) diz *Guarápucú*, do qual trata Cuvier T. 2.° pag. 313.

*Carco* cremos deve ler-se *Carpe* (*Cyprinus Carpio* Lin); e *lango* deve ser erro por *largo*.

143 — CAPITULO CXXXII. — Leia-se *Panapaná*: é o *Papaná* de Piso (pag. 50), ou *peixe-martello*, segundo Brotero na traducção da obra de Cuvier de Antonio d'Almeida, aliás *Squalus Zygæna*, Cuvier. — Piso (pag. 49) diz *Cucuri* e não *Socori*, ainda que bem podera ter-lhe aqui escapado a cedilha, como acontece n'outros logares. — Tambem escreve (pag. 63) *Curui* e não *Guris* e (pag. 65) *Urutús* por *Virutus*. No Dicc. Bras. (pag. 66) se chama ás raias *Jabyby'ra*, o que combina com o *Jabubira* do A. —

144 — CAPITULO CXXXIII — *Albocora* é erro por *Albacora* ou *Alvacora* (Cuv. T 2.° pag. 13). Depois de falar das *garoupas* (*Trigla Hirundo*, Lin) e *Camurís* (Piso pag. 74), vem as *Abróteas* (*Gadus Lota* Lin.) e *Ubaranas* (Rocha Pitta pag. 42), que Carvalho (pag. 593) escreve *Vubarana*; segue-se a que Piso (pag. 56) diz *Guaibi-coára*, cuja synonymia desconhecemos. *Timoem* é erro por *Timocú*, segundo Marcgraf (Ed. de 1648 pag. 168); Piso (1668 pag. 62); Jo. Jonston Tom. 4.° *Hist. Nat.* (Rothomgi: 1767; Tab. 37 pag. 203) e se declara tambem na *Memoria*, que vem no fim do Tom. V. da *Hist. e Mem. da Acad.* Este *Timocú* ou *peixe-agulha* não é pois como julga Bory a *Fistularia tabacaria*, senão o *Esox Brasiliensis*.

Termina o capitulo com as tartarugas, á que chama *griscoas*. No Dicc. Bras. (pag. 74) chama-se-lhe *Jurará*, o que confirmamos n'outra parte (81). Piso diz (pag. 105) *Jurucuá*.

(81) No *Specimen Linguæ Brasiliæ vulgaris*, que vem no Jornal de Murr; Part. 6. Nurenberg, 1778. —

145 — CAPITULO CXXXIV. — Das *Paratis* trata Piso (pag. 70 e 71). Leia-se *Puçás* onde diz *pusas*. Piso (pag. 55) dá outro nome ao *Zeus faber* de Lin. ou *Zée forgeron* de Lac. Onde diz *Coirisma* deve ler-se segundo Piso (pag. 70 e 71) e Durão (C. 7. E. 68) *Curemá* ou *Corimá*. Pitta (pag. 42) e Piso (pag. 69) tratam da *Carápeba*, que parece-nos ser a *Sciæna punctata*.

146 — CAPITULO CXXXVI. — No titulo fala-se em *natu*, e não sabemos o que quer dizer pois de tal se não trata no texto. — Descreve-se os *Pleuronectes* e *Octopus* de Cuvier, e deve ler-se com Piso (pag. 72) accentuado *Aimurés*. Ao que chama *Baiaqu*, e a que talvez se referissem as duas syllabas do titulo, dá ideas de ser uma especie de *Tamboril* (*Lophius*), *Enxarroco maior* de Brotero, e que se vê na Ichtyologia de Bloch (Berlim, 1796 Est. 111). — O seguinte que diz parecer *ouriço-cacheiro* hade ser alguma das especies do *Diodon*, a que os nossos chamam *Galhudo* (*Histrix piscis* de Clus.?) e que vem configurado na obra de Bloch Est. 126 e 127 e na trad. de A. Seba T. 3.° Tab. XXIII. pag. 58 fol. An. de 1761, e tambem na de Franc. Willugby (*De historia piscium libri* IV. Oxonii 1686. Tab. J. n. 6 e 7). —

Em vez de Bacupua diz Piso (pag. 54) *Pacamó*; e podia Soares ter escripto *Bacamó*.

147 — CAPITULO CXXXVII. — *Ruivaças* deve ler-se *Ruivacas* (*Cyprinus auratus*, Lin.). —

148 — CAPITULO CXXXVIII. — Escreve-se separado *potique quia*, como se fossem dois nomes; Piso (pag. 77) escreve *Potiquiquiya*. O que se lê *usas* deve ser *Uçá* (Dicc. Bras. pag. 22), ou *Uçá* (Piso pag. 76) ou *Ussá* (Pitta pag. 47):

é o *Cancer Ucá*, Lin. ou *Ocypode fossor*, Latr.: *Hist. Nat. dos Crustaceos e Insectos.*

149 — CAPITULO CXXXIX. — Ao *Serí* [*Cancer menas*, Lin] chama Piso [pag. 76] *Cirí*, e Pitta escreve [pag. 47] *Serí*, e ha quem pronuncie *Xarí*. Piso escreve [pag. 75] *Guáia*, e o nosso A. *Guoaia*. Do *Aratú* [*Grapsus pictus*] tratam Piso, Laet. [pag. 574] e Rocha Pitta [pag. 47] — *Goaiacerá* hade ser talvez o *Guaiapará* de Piso [pag. 75]; — e *Guoaracusa* o *Garáusas* de Pitta [pag. 47]. —

150 — CAPITULO CXL. — Começa-se deste modo: « As mais fermozas ostras, que se crião na Bahia são as do Brazil, e infinidade dellas, como se vê na Bahia, etc. » e declaramos que não entendemos isto, que fica para melhor interprete. O significado da palavra ostra [*Ostrea*] procura-se em vão no *Diccionio Brasiliano*; com tudo sabemos que é *Lerí*, e com este radical deduzimos que os nomes escriptos *keriuasu*, *kerimirim*, e *laripegas* [e n'outros logares *leripebas*] deviam ler-se melhor *Lerí-assú*, *Lerí-mirim* e *Lerí-peba*; o que quer dizer ostra *grande*, *pequena*, e *espalmada*: estas ultimas escreve Pitta (§. 77) *Eriripeba*. Tambem ignoramos o que sejam as « *salmoninas* da feição de *vieiras* » porquanto desconhecemos estes dois vocabulos: pelo que toca ao primeiro cumpre-nos advertir, que as ostras do Barreiro são chamadas *Carcanholas*.

151 — CAPITULO CXLI. — Vamos aos testaceos. Pitta (pag. 47) escreve *Sernambis* e o Jorn. de Coimbra n. 87 (pag. 93) *Cernambi*. O Dicc. Bras. dá por significado de mexilhão (pag. 52) *Çururú*.

152 — CAPITULO CXLII. — Buzio diz-se

*Oatapú* e isto faz descortinar irregularidade nos primeiros tres nomes; seguindo-se talvez o que Pitta chama *Periquaris*.

153 — CAPITULO CXLIV. — Carvalho (pag. 549) diz *Tarreiras* e não *Tareiras*. (Cuv. T. 2.° pag. 179) — Custa-nos a crer que *Inguia* seja o nome que dão os indios aos safios, e não fosse antes isto obra de algum copista ignorante. No Jornal de Coimbra (n. 60 pag. 386) lemos *Tamuatás*. A celebre *Piranha* é o *Myletes macropomus* de Cuvier. — Por *Oaqueri* diz Piso (pag. 72) *Guacari*. *Pachis* é erro em vez de *Pachoës*, bem conhecidos nas costas de Portugal. Piso diz (pag. 67) *Maturaqué* em vez de *Maturagoi*, lê accentuado *Açará*; e a paginas 76 lemos *Guarúguarú* e isto poderá ser o nome, que impresso quer designar por *guuara guarara* dado ás *ruivacas* (*Cyprinus auratus*, Lin.), ás quaes erradamente aqui se chama *ruibacos*.

154 — CAPITULO CXLV. — No Diccionario Brasiliano (pag. 22) se diz chamar-se aos Camarões *Poty*.

155 — CAPITULO CXLVI. — *Goachamoi* é erro por *Guayamú*, como vem no Dicc. de Moraes, ou *Ganhamús* segundo Pitta (§. 77).

156 — CAPITULO CLXIV. — Na primeira linha da pag. 292 lemos = *intes* = que julgamos ser erro proveniente do breve = in.$^{tes}$ = de *innocentes*; e quem melhor entender, que nos contrarie. — Leia-se conforme dissemos no *num.* 81 *Petume* em vez de *Patem*.

157. — CAPITULO CLXV. — *Cimbaiba* é erro por *Ambaíba* (*Cecropia peltata*), que nomeamos no nosso *num* 79 (pag. 44) —

158 — CAPITULO CLXXI. — *Mazaraca*, é

claro erro por *Muçurana*, como se diz no capitulo CLIX. e se comprova com o exemplar da Bib. R. de Paris que leu Denis (*Brésil*, pag. 28).

159. Dispensamos-nos de fazer menção de erros de menor gravidade; não deixará porêm de utilizar o apresentar os varios nomes de uma das principaes nações de indigenas brasís, tratados por Soares, e sobre que não tocámos em logar competente (pag. 15), onde seguindo a etymologia escrevemos *Potiuaras*. Soares escreve *Petiguares*, o que tambem fazem Fr. Rafael de Jesus (*Cast. Lus.* pag. 288); Fernão Guerreiro (fol. 114 v. e 115); e Fr. Manuel Calado (82). O P. Vieira [Carta 2.ª pag. 22 do Tom. 2.º] escreve *Poquigára*, e Jaboatão *Potygoar*.

160. Remataremos declarando reconhecermos quanto o nosso trabalho dista do que desejaramos apresentar, e que presaremos quaesquer considerações tendentes a corrigir, aprimorar, refundir, e até refutar as nossas — por ventura prematuras *Reflexões Criticas*.

(82) *O Valeroso Lucideno*; Lisboa; 1648 pag. 310.

# OBSERVAÇÕES.

## OBSERVAÇÕES.

## OBSERVAÇÃO [A].

Pag. 2.ª lin. 7 e seg. — Para que melhor se conheça que o nosso juizo não é encarecido, pedimos se nos tolere resenhar neste logar os escriptos á cerca do Brasil daquelle seculo, dispensando-nos d'alguns, que mui de leve, e só por incidente, delle falaram nas suas obras.

E sem poder avançar juizos a respeito dos MSS. de Diogo de Castro, Barros, Manuel de Faria, Nicolao de Oliveira, Manuel de Moraes, Francisco da Cunha, Pedro Nunes, Christovam de Gouvea; nem dos Mappas Geograficos de Vasco Gallego, João de Lisboa (*a*), Diogo Leite, Belchior de Carvalho, Pero de Goes, Gonçalo Coelho, Diogo Garcia, e Gonçalo da Costa; e dos cosmografos Bartholomeu Velho e Luiz Teixeira, que nunca vimos e só (por ora) temos noticia, e sem metermos em conta as cartas avulsas dos Jesuitas Antonio Pires, Diogo Jacome, Pedro Correa, e Leonardo Nunes, e dos Rodrigues (Antonio, Manuel, Pedro e Vicente), e das noticias publicadas por Amador Rebello, eis os escriptos d'aquelle tempo tocantes ao Brasil:

1.° A Carta de Pero Vaz Caminha, escrip-

(*a*) Da relação de João de Lisboa, piloto Portuguez, que chegou até ao Rio da Prata faz menção Herrera Decad. 2.ª Lib. 9.° cap. 8.°

ta a ElRei D. Manuel da Terra de Vera-Cruz em data de 1 de Maio de 1500, cuja authenticidade não podemos contestar, pois vimos o seu original no Real Archivo, onde se conserva (*Gaveta* 8.ª *Maço* 2.° *N.°* 8). Foi pela primeira vez dada mui incorrectamente ao prelo em 1817 n'uma nota da *Corografia Brasilica*. A Academia a imprimio com mais alguma correcção no tomo 4.° desta collecção. —

A' Traducção Franceza que saío em certa obra em 1822 não é muito fiel. —

Esta Carta de curioso interesse veio esclarecer as particularidades desta expedição, na qual Barros com a fertilidade da sua imaginação poetizou á vontade. — Nem diga um erudito escriptor Francez que á vista de *um escrupuloso exame* não achou a Carta em contradicção com o que dizem Barros, Goes e Osorio; se fizer *ainda mais escrupuloso exame*, achará as contradicções de que fala o incançavel Cazal.

2.° A relação da viagem de Cabral, que foi publicada nas collecções de Ramusio e Gryneo — e traduzida no Tom. 2.° desta collecção.

3.° As Cartas d'Amerigo Vespucci publicadas pela primeira vez segundo se crê em 1504. — Estão traduzidas em Port. no T. 2.° destas. Not. Ultr.

4.° *Diario*, que escreveu Pero Lopes de Souza, da navegação que fez, indo com seu irmão Martim Affonso ao Brasil, tendo partido a 3 de Dezembro de 1530, e voltado passados tres annos. — M.S. E' dos escriptos mais curiosos deste genero, e quasi que desconhecido pela maior parte. Emprehendemos a sua publicação, e já está no prélo.

5.° O Discurso d'um francez de Dieppe sobre varias navegações que foi publicado em italiano na collecção de Ramusio, 19.ª do Vol. 3.º — O A. dá noticia primeiro da Terra Nova, e depois do Brasil, Guiné, etc. —

Fallando do Brasil descreve-o como pode; nota-se porêm nas suas expressões rancor contra os Portuguezes, convidando os seus para se irem fazer senhores daquelle paiz.

Parece ter sido escripta em 1535; por quanto diz — « Esta terra do Brasil foi haverá 35 annos descoberta algures pelos Portuguezes — pois outra parte foi descoberta por um natural de Honfleur chamado Denis de Honfleur de vinte annos a esta parte, e depois a tem frequentado navios Francezes. » —

6.° Carta de Gonsalo Fernandes Oviedo ao Cardeal Bembo, sobre a navegação do Amazonas datada de 20 de Janeiro de 1543, que foi impressa na Collecção de Ramusio.

7.° *Wahrhaftige Historie und Beschreibung eyner Landschaft der wilden, nacketen, grimmigen Menschenfresser Leuten in der neuen Welt America gelegen etc.* Esta relação do allemão Hans Staden, natural de Hesse, — um tanto pictoresca, foi publicada pela 1.ª vez em Marburg em 1557 (*b*), e veio depois a fazer parte da collecção de Bry, sobre o que se pode consultar a Dissertação, que Camus publicou em 1802.

8.° *Copie de quelques lettres sur la navigation*

(*b*) Neste mesmo anno de 1557 foi impressa em Evora a *Relaçam do que ho Adiantado da Frolida dom Fernãdo de Souto passou em conquistar.* in 8.° ultimamente reimpressa pela Academia. — Saio em Inglez em 1563 — e foi traduzida para o Francez por M. D. G. Pariz 1685.

*du chevalier de Villegaignon etc.* Paris 1557. —

9.° *Discours de Nicolas Barré sur la navigation du chevalier de Villegaignon en Amérique* Paris 1558. —

10.° And. Thevet — *Les singularités de La France Antartique, autrement nomée Amérique etc.* Anvers 1558 in 8.°, Paris E. A. 4.°

Esta relação d'um frade arvorado em cosmografo não deixou de nos ser d'utilidade, ainda que se occupa mais a dar conta do gentilismo dos Indigenas (c).

11.° *Histoire des choses memorables advenus en la terre du Brésil, partie de l'Amérique Australe, sous le gouvernement de M. le chevalier de Villegaignon etc.* S. L. — 1561 — 12.° E' contra Villegaignon. —

12.° Summario das Armadas e guerras no Rio Parahiba M.S. de que temos noticia na nota 23 pag. 15 destas reflexões.

13.° Antonio Salema, *Tratado da Conquista do Cabo Frio* MS. Vej. Barboza; e Soares P. 1.ª cap. 55.

14.° Pero de Magalhães de Gandavo, *Historia da Provincia de Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil.* Lisboa 1576 — 4.° — Foi ultimamente traduzida para o Francez por H. Ternaux; e se esta obra não fôra das Portuguezas mais raras, della teriam utilizado os modernos que visitaram o Brasil. — A Academia annunciou a sua reimpressão. —

---

(c) E' notavel que a traducção italiana, que sahio em Veneza em 1584 em 4.° servisse ao *Abbade Barbosa* para inventar, que o seu author fôra André de Teive, Portuguez, do qual bem podia em vão procurar noticias.

15.° *Tratado da terra do Brasil.* E' um resumo do mesmo Gandavo, que foi ha pouco dado á luz pela Academia no seu 4.° Volume das *Noticias Ultramarinas.* —

16.° *Roteiro da Jornada de João Coelho de Sousa ao Rio de S. Francisco*, do qual dá noticia Gabriel Soares P. 1.ª cap. 20.

17.° Jean de Lery, *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil, autrement dite Amerique;* A la Rochelle, 1578. =

E' a esta edição, de que ha um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa, que referimos as nossas citações ás paginas.

18.° *Relacion y derrotero del Viaje y descubrimiento del estrecho de la Madre de Dios, antes llamado de Mayaleanes, por Pedro Sarmiento de Gamboa — em 1580.*

19.° Gabriel Soares de Sousa, concluiu em 1587 a obra composta de duas partes, que foi impressa em 1825.

Ao seu estudo e exame consagrámos algum tempo, o que teve em resultado a presente Memoria. — Os leitores judiciosos que a estudarem conhecerão que é a melhor obra entre as existentes do Seculo 16 ácerca do Brasil. — « Esta preciosa chronica (diz Mr. Ferdinand Denis) contêm mais factos sobre as antigas nações do Brasil do que qualquer outra obra contemporanea. » —

20.° J. P. Maffei *Historiarum Indicarum Libri XVI.* Florentiæ 1588. — Ainda que pouco diz do Brasil, não deve ser esquecido em uma *Bibliotheca Americana.*

21.° Domingos d'Abreu de Brito. — O MS. de que fallámos na nota 26 (pag. 17) destas Reflexões.

22.° *Libro Universal de derrotas, alturas, longetudes, e conhecenças de todas as navegações, etc.* ordenado por pilotos consummados nesta sciencia e virtudes de aproveitar em serviço de Deos, en lix.ª o 1.° de março de 1594. de Manoel Gaspar — 1 vol. 4, com estampas, que segundo uma noticia do Snr. Doutor Rivara existe até pag. 83 na Bibl. Publica Eborense. —

23.° José de Anchieta — Arte da grammatica da lingoa mais usada na Costa do Brasil — Coimbra 1595. — Este venerável sacerdote, que havia partido para o Brasil em 1553 morreu em 1597. — Escreveu varias outras obras, entre ellas a *Epistola quamplurimarum rerum naturalium etc.* publicada pela Academia em 1799, e depois em 1812 incorporada no Tom. 1.° das Mem. do Ultramar — 4.° — e bem assim a *Brasilica Societatis Historia et vitæ clarorum Patrum, qui in Brasilia vixerunt*, de que faz menção Sebastião Beretario, que imprimiu a vida deste Padre escripta em portuguez pelo P. Pedro Rodrigues em 1617 — e igualmente o P. Simão de Vasconcellos, que escreveu a mesma vida — Lisboa 1672 — e Estevan Paternina, que traduziu a vida de Anchieta do latim para o Hespanhol, e a imprimio em Salamanca, 1618, 1 vol. em — 12.

24.° *Roteiro de todos os sinaes, conhecimentos, fundos, baixos, alturas e derrotas que ha na costa do Brasil desde cabo de Sãto Agostinho até o estreito de Magalhães* — 4.° de que falámos nas nossas notas 16 e 47 (pag. 11 e 33).

## OBSERVAÇÃO [B].

Pag. 6 lin. 10 e seg. Pero de Mariz na sua 1.ª Edição de 1594 pouco diz do Brasil, e só na segunda edição de 1597 é que se extendeu muito, quando já tinha havido á mão o MS. de Soares, que elle proprio cita: vê-se pois que havendo Mariz copiado sem critica as inexactidões historicas de Gabriel Soares, é á sua authoridade mais fallivel, do que a de escriptores contemporaneos a quem a boa critica dá preferencia, que revertem e vão estribar os factos, que dizem respeito á exploração da costa Brasilica, e que trazem envolvidos em nuvem densa os nomes de Gonçallo Coelho e principalmente o de Christovam Jaques (de quem não faz menção Alex. de Gusmão, porêm delle fala a Carta de D. João III), de que foram seguidamente escrevendo o P. Vasconcellos (Lisboa 1663), Francisco de Brito Freire (Lisboa 1675), João Joze de Santa Tereza (Roma 1698), Sebastião da Rocha Pitta (Lisboa 1730), Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatão (Lisboa 1761), Fr. Gaspar da Madre de Deos (Lisboa 1797), e neste seculo Rob. Southey (Lond. 1810), Alph. Beauchamp (*d*)

(*d*) Era bem escusado mencionar Beauchamp fazendo menção de Southey, que o escriptor Francez não fez mais do que recopilar. E' curioso um reparo que fizemos a respeito deste escriptor.

Paris 1815), o Monsenhor Joze de Sousa Azevedo Pizarro e Araujo (Rio de Janeiro 1820), Paulo Joze Miguel de Brito (1829), Ferdinand Denis (Paris 1837), e o Snr. Francisco Solano Constancio (Paris 1839). A este respeito só por agora avançamos que provaremos, como o exacto conhecimento do anno, em que Fernando de Noronha descobriu a ilha do seu nome, com que até hoje nenhum author se importou, ha de por certo derramar uma luz sobre este intricado ponto de começo da Historia do Brasil e dos Descobrimentos Portuguezes.

---

Desculpa-se de ter omittido citações dizendo com fingida ironia *que não era erudito*; e logo abaixo se quiz contradizer apresentando um longo catalogo d'authores que tinha lido, refutado, consultado e não sei que mais! — E então queria ser erudito ou não? Se havia de nomear tantos authores porque não os collocaria nos logares onde podia utilizar a sua authoridade? Mas o caso não é esse: Beauchamp seguiu a Southey; porêm para o não imitar em tudo expurgou-o de notas e citações marginaes e no fim tomando uma nota dos Authores citados por Southey apresentou-os como fructo da sua investigação. Parece-nos que damos disto uma exuberante prova, 1.° no apresentar elle como tres obras diversas: *Damiani* de Goes, a Chron. de ElRei D. Manuel, e o mesmo *Damian* de Goes. —

2.° Julgar differente a *obra de Fr. Gaspar*, das *Mem. para a Hist. da Cap. de S. Vicente.*

3.° Em alguns nomes e authores que ainda conservou o cunho e caracter da citação inglezada v. gr. Knivet *in* Purchas etc.

## OBSERVAÇÃO [C].

Além das copias de que fazemos menção somos informados de mais duas que provavelmente ainda existem em Madrid, e que são referidas nos *Apontamentos para a Historia Civil e Litteraria de Portugal e seus Dominios, colligidos dos Manuscriptos assim nacionaes, como estrangeiros, que existem na Bibliotheca Real de Madrid, na do Escurial, e nas de alguns Senhores, e Letrados da Corte de Madrid*, por Joaquim Joze Ferreira Gordo, que vem no principio do T. 3.º das *Memorias de Litteratura Portugueza*, impresso em 1792.

—O Leitor naturalmente espera aqui de nós tudo quanto averiguamos de concernente ao livro, que ao presente tanto nos interessa. O apontamento, que ali achamos e nos diz respeito, vem a paginas 51 e 52: é do teor seguinte:

« *Roteiro geral com largas informações de toda* » *a costa, que pertence ao Estado do Brasil; e a de-* » *scripção de muitos lugares delle, especialmente da* » *Bahia de Todos os Santos.* Segue-se ao titulo » huma Epistola Dedicatoria, escripta a D. » Christovão de Moura no primeiro de Março » de 1587. Nella confessa seu author que residi- » ra no Brasil pelo largo espaço de 17 annos; » e que sendo depois em Madrid tirara a limpo » todas as noticias ali adquiridas, em quanto a » dilação de seus requerimentos lhe dava a isso

» lugar (*e*). » Esta obra he dividida em duas » partes, da qual a primeira tem 73 capitulos, e » a segunda 196. O primeiro capitulo desta tem o » titulo seguinte: « *Memorial, e declaração das* » *grandezas da Bahia de todos os Santos; da sua* » *fertilidade, e das notaveis partes que tem. E o* » *derradeiro o que se segue: Capitulo em que se* » *declara a muita cantidade de ouro e prata, que* » *ha no commercio (f) da Bahia.*

« Pertenceo n'outro tempo ao Conde Du- » que de Olivares Ministro d'ElRei Filippe IV. » Tem 456 paginas. Bibliotheca Real Estante J. » numero 83 fol. » E accrescenta em nota. « Ha outro exemplar não completo debaixo » do numero 82, o qual pode ser de algum pro- » veito para com elle se concertar o anteceden- » te, que tambem he copia. » —

O Addicionador de Pinelo fala no T. 2.° Tit. 12 Col. 676. de um *Roteiro, e Descripção do Estado do Brasil e Bahia de Todos os Santos*, que vira na Livraria do Conde de Villa Umbroza, o qual poderia bem ser o mesmo de Soares, que elle depois referé na Col. 1710 do Tom. 3.° (*g*).

Além desta noticia tivemos posteriormente conhecimento de mais dez exemplares, tres dos quaes se acham na *Bib. Portuense*, tres na *Evorense*, outros tres na Bib. Real, e um na Livraria do extincto convento de Jesus: delles daremos circumstanciada noticia no Additamento.

---

(*e*) Repare-se na exacção; são as proprias expressões, que vem a pag. 1.ª do impresso.

(*f*) E' mais natural que seja comarca, como se lê no impresso da Academia.

(*g*) Como fizemos menção na nota 12, devendo porém advertir, que Leon devera dizer = Conde *Vimieiro* (e não *Vimioso*); por

## OBSERVAÇÃO [D].

Pag. 12 nota 17. Ja que tocamos neste successo de Ayres da Cunha julgamos de nossa imperiosa obrigação fazermos o sacrificio de divagar por um momento do nosso proposito a fim de nos occuparmos com uma das particularidades historicas, cuja escassa informação tem lamentado e sentido os diversos escriptores do Brasil, — falamos do conhecimento dos seus primeiros doze donatarios. E' bem sabido pelo testimunho do Chronista Barros que elrei D. João III., querendo povoar a terra do Brasil e christianizar o gentio daquella região tão extensa, se resolveu a repartir o litoral em doze Capitanias, dadas de juro e herdade; porêm este escriptor reservou-se segundo elle mesmo declara a dar mais informações sobre este assumpto na parte, que escreveu intitulada = Santa Cruz = manuscripto que se julga perdido; este escripto nos teria transmittido circumstanciadamente o nome de todos estes donatarios, ou quasi que senhores feudaes (*h*) do hoje Imperio Brasileiro, a cu-

que foi na celebre livraria deste Conde (pela maior parte perdida pelo terremoto de 1755) que se recolheram os MSS. de Manuel Severim de Faria, como testifica o Conde da Ericeira, na Collecção da Acad. Real da Hist. em 1724.

(*h*) Quem achar improprio falando daquelle governo a idea do feudalismo, será mais justo censor lendo o Chronista de D. João III. Francisco de Paiva Parte 4.ª cap. 32, quando diz que

jo conhecimento nunca a historia poderia ser indifferente — Delles nove tinham-se apurado, e são mencionados como Donatarios nas obras de Soares e dos modernos, nenhum dos quaes dá este titulo a Ayres da Cunha, nem a Fernão Alvares de Andrade, nem a Antonio Cardozo de Barros: destes ainda se não fez por ora menção com tal dignidade, e nós só o fazemos depois de consultar e folhear os documentos originaes que se acham no Real Archivo. Elrei constituiu os donatarios por cartas de doação especiaes, dando conforme os individuos de 30 a 100 leguas de costa comprehendendo as ilhas que estivessem a 10 leguas ao mar, e pelo sertão até aos limites de Castella — Depois lhe deu foraes ás Capitanias, nos quaes se refere ás doações, e permittia que os donatarios dessem desesmaria terras a quem se compromettesse cultiva-las pagando o dizimo; e igualmente deu por escripto os privilegios para os que ali fossem homiziados; de tudo estão os originaes passados em Evora, na Torre do Tombo, nos livros que citamos da Chancellaria do senhor D. João III. —

Foram pois os donatarios começando a falar delles pela ordem das suas capitanias de Norte a Sul os seguintes.

Antonio Cardozo de Barros (1) que fora

mandara os Capitães mores " com poderes e jurisdicção de civel e crime sem consideração alguma dos damnos que dahi podiam resultar, que o decurso de tempo veio a descobrir não pequenos nascidos da muita alçada que tinham os Capitães,, etc.: — ou melhor o que diz Fr. Rafael no Castrioto Lusitano Liv. 1.º n. 18 = " Crescia a licença e demasia dos Governadores tão absolutos, que não havia honra nem fazendas, que não estivesse á disposição do seu gosto,, etc.

(1) Teve foral datado de 20 de Novembro de 1535 Liv. — 22.

Capitão de uma náo da India, como se vê do Real Arch. Liv. 70 de elrei D. João III. fol. 109.

Fernão Alvares d'Andrade (*k*).

Ayres da Cunha (*l*).

João de Barros (*m*) os quaes tiveram entre si toda a parte Septemtrional da Costa — e a estes tres ultimos fez elrei doação de todo o oiro e prata, que por lá descobrissem.

Pero Lopes de Souza (*n*).

Duarte Coelho (*o*).

---

f. 108 v. e 110. Este Donatario é o que depois foi com Thomé de Souza por Provedor da Fazenda, (como consta do Liv. 55 f. 119 v. da Chanç.ª delrei D. João III.) e como diz Francisco d'Andrade (Chr. de João III. P. 4. c. 32) e Soares Parte 2. c. 25. e que tendo partido de Lisboa no começo de Fevereiro de 1549, e embarcando-se para o Reino no Governo de D. Duarte da Costa com o Bispo D. Pedro Fernandez se perdeu com este no Rio de Cururrupe, onde foram devorados pelos Caytés: como dizem Soares. P. 1. c. 18 e Fr. Vicente do Salvador Liv. 3.º cap. 3.º

(*k*) Vej. a Doação datada de 18. de Junho de 1535 Liv. 21. f. 73.

(*l*) Teve foral datado de 11. de Março de 1535 Liv. 10 f. 86. Já que tornamos a este Ayres da Cunha voltaremos ao n.º 8 pag. 12 das *Reff. Crit.*, que deu lugar a esta digressão, a fim de elucidar melhor algumas ideas ali expendidas, valendo-nos já da correspondencia, que entabolamos para o Porto, e das informações que nos subministrou o erudito Snr. Dr. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara dignissimo bibliothecario, a cuja bondade devemos todas as noticias que damos á cerca de MSS. de Evora. Veja-se adiante a *observação* (G).

(*m*) Id. id. Liv. 10 f. 85. —

(*n*) A Carta de Doação de Pero Lopes de Souza datada do 1.º de Septembro de 1534 de que fala Souza (Hist. Geneal. T. 12. P. 2. pag. 111 12), que vem mal transcripta a pag. 147 das = Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente = é um *specimen* das dos outros Donatarios *mutatis mutandis*. Teve foral a sua Capitania datado de 6 de Outubro de 1534. — Liv. 10. f. 18.

(*o*) Teve a doação datada de 10. de Abril de 1534 (Liv. 7.º f. 83), e foral dado em 24 de Outubro de 1534 — Liv. 7.º f. 182 v. e Liv. 20 fol. 157 v.

Francisco Pereira Coutinho (*p*).
Jorge de Figueiredo Correa (*q*).
Pero do Campo Tourinho (*r*).
Vasco Fernandes Coutinho (*s*).
Pero de Goes (*t*) e finalmente com leguas a Martim Affonso de Souza (*u*).

---

(*p*) Teve foral dado a 26 de Agosto de 1534 Liv. 7. f. 146 v. — Fora-lhe doada a Capitania a 5 de Abril do mesmo anno, de 50 leguas de costa (Liv. 7. fol. 110 v.). Nos principios de Agosto do anno seguinte ainda não tinha chegado á Bahia; pois segundo conta Antonio Herrera (*Hist. General de los Hechos de los Castelhanos.* Dec. 5.ª Lib. 8.º cap. 8.º) João de Mori encontrou ali só nove Portuguezes.

(*q*) Id. 1. d'Abril de 1535 Liv. 10 fol. 70.

(*r*) Id. 27 de Maio e 23 de Septembro de 1534 — Liv. 7. f. 103 e 181.

(*s*) Teve a sua doação de 50 leguas feita no 1. de Junho de 1534 (Liv. 7. f. 113) e não f. 75 como diz Fr. Gaspar pag. 81; recebeo foral a 7 de Outubro do mesmo anno (Liv. 7. f. 187 e Liv. 20 f. 165 v.) e a 12 de Março de 1543 recebeu a confirmação da demarcação com Pero de Goes (Liv. 6. f. 51 v.).

(*t*) Tinhá ido na Armada com Martim Affonso, e acompanhado a Pero Lopes ao Rio da Prata, e naufragado com elle (Soares Part. 1. cap. 44). Teve a doação de 30 leguas de costa datada de 28 de Janeiro de 1536 (Liv. 21 f. 65) e recebeu o foral da Capitania a 29 de Fevereiro do mesmo anno (Liv. 22 f. 141). A 8 de Fevereiro de 1553 estava em Santos, segundo consta do Cartorio da Prov. da Faz. R. de S. Paulo Reg. de Sesmar. n. 1. Liv. 1. fol. 170 — citado por Fr. Gaspar pag. 42 e 43.

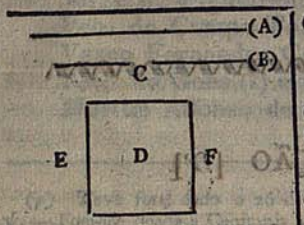
(*u*) Foi nomeado para ir Capitão mor de uma expedição ao Brasil em 20 de Novembro de 1530; partiu de Lisboa a 3 de Dezembro do mesmo anno; e em Carta que elrei lhe escreveu a 28 de Setembro de 1532, communica ter-lhe feito doação de 100 leguas de Costa — o que confirmou dando-lhe foral a 6 de Outubro de 1534 (Liv. 10 f. 19 v. e 20). E' com tudo bem notavel a observação de Cazal (T. 1. p. 201), que diz que apezar de ser esta a capitania, que teve maior extensão de costa saiu menor que as outras, por quanto aquellas corriam mais na direcção N. S. — Talvez por attender já á direcção da costa lhe désse della maior porção.

## OBSERVAÇÃO [D'].

Pag. 22 Nota 34 das *Refl. Crit.* Havendo nós avançado uma conjectura temeraria a respeito da celebre = *Rasão do Estado do Brasil etc.* = cumpre-nos dizer, que tendo perguntado se existia, na *Bibliotheca Publica* da Cidade do Porto, algum exemplar da obra que criticámos, e recebido de um joven e habilissimo litterato daquella cidade (cuja modestia nos impoz a condição de calar seu nome) os trabalhos de uma aturada confrontação das folhas das nossas *Reflexões*, que se iam imprimindo, com os tres exemplares daquella Bibliotheca, de que muito ficamos penhorados e nos confessamos agradecidos, recebemos tambem o desengano de que o seu A. anonymo não é Manuel de Moraes, e que não foi a *Rasão do Estado* o livro que consultou Laet (*u*).

(*u*). Eis tudo quanto a este respeito recebemos em uma das suas cartas que achamos de muito interesse, e por isso lhe damos publicidade.

" Não vejo que a = *Rasão do Estado do Brasil* no governo do Norte sómente assim como o texe D. Diogo de Menezes até ao anno de 1612 — apresente vestigios de ser da familia de Moraes. As armas introduzidas no frontispicio de pergaminho illuminado são dos Castros de 13 arruelas; pois tem em campo de ouro 13 arruelas azues. O frontispicio é do modo que vou indicar. O formato é folio maximo, papel grosso e escuro (portanto coetaneo), a marca d'agoa d'algum vem a ser como dois V.V. ligados superiormente, por um risco, dentro de um circulo; outras folhas não a tem.




A El Conde Marg. de Clichy 5.no 16 — n.º 2 (*letra franceza*).

(A) e (B). Aspadellas de nomes, talvez dos possuidores, feitas a canivete. Em A ainda se lê *Robines*.

(C). As Armas de Portugal.

(D). O Titulo como ja o escrevi: fundo vermelho, letras d'ouro, capitaes de 1 pollegada.

(E). Uma tarja representando um volcão lançando chamas.

(F). Outra tarja, representando chamas no fundo, e no alto as palavras AD ALTIORA, invertidas nas letras.

(G). As Armas dos Castros (podem ser dos Altamiranos). Coroa sobre as armas de Barão, sem flores etc.

" Do Livro consta 1.º que foi escrito = " Nesta Cidade de Lisboa ,, = 2.º que o Governo do Norte foi pela costa *vista e visitada de Sul a Norte por quem fez esta Relação, e posta pello dito Guovernador na Rezão em que oje a vemos.* 3.º que o A. era da confiança de D. Diogo de Menezes, e sabia de cousas tocantes ao Governo, que em quanto a mim sómente pessoa em authoridade sabia. Julgo que do texto e dos Mappas se póde conjecturar o A.

" Depois do frontispicio illuminado segue-se uma introducção em que o A. larga e fortemente accusa os Religiosos (da Companhia) de concorrerem, pelo seu systema, ao affastamento do gentio do trato das cidades, e deste e outros modos privarem a população do seu augmento, e o estado de accrescidos rendimentos. Esta introducção occupa 6 paginas. Abaixo darei com a orthografia moderna a parte della mais interessante. — Segue-se lhe um Mappa Geral de toda a Costa do Brasil, sendo o total comprimento do Mappa desde 5 ½ Lat. Norte, até 38 ½ Lat. Sul; isto é desde Inana, acima do Rio Itata (no Norte) até um pouco mais ao Sul do que a Ponta de Santo Antonio, abaixo do Rio da Prata. — Vem depois a descripção da Capitania de Porto Seguro, do Duque d'Aveiro, e com esta se occupa o A. 4 pag. Dá elle o orçamento do rendimento da Capitania, e os pormenores das despezas feitas com a Justiça, as Armas, o Ecclesiastico, a Fazenda etc. — systema que segue em todas as Capitanias. Esta Capitania abrange 3 Mappas, cujos titulos transcreverei, pois servem para basear conjecturas sobre quem será o Autor. Sigo a orthografia moderna.

1.º *Mappa.* " Demonstração da Capitania do Spirito Santo até ,, a ponta da barra do Rio Doce, no qual parte com Porto segu- ,, ro. Mostra-se a Aldêa dos Reis Magos que administrão os padres ,, da Companhia; e do dito Rio Doce para o Norte corre a costa ,, como se vê até o rio das Caravellas, tudo despovoado com bons ,, portos para navios da Costa, e com muitas matas de páo brasil. ,, Mostra-se pelo dito Rio Doce o caminho que se faz para a serra ,, das Esmeraldas, passando o rio Guasisi, e mais avante das ca- ,, choeiras o rio Guasisimiri, e mais avante como se entra no Rio ,, Una, e delle caminhando pouca terra se entra na lagoa do ponto ,, E, da qual se desembarcão e sobem a serra das esmeraldas, tudo ,, conforme a jornada que fez MARCOS D'AZEREDO. ,,

2.º *Mappa.* " Diligentissima demonstração da Sonda dos A- ,, brolhos na Costa do Brasil desde o rio dos frades, e ponta de ,, Corumbabo até o rio das caravellas, feita por mandado do Go- ,, vernador Dom Diogo de Menêzes o anno de 1610, PELO CAPI- ,, TÃO E SARGENTO MOR DAQUELLE ESTADO, sendo pilotos Antonio Vi- ,, cente e Valerio Fernandes. Todas as letras de Arithmetica valem *bra- ,, ças de sonda.* Em todos os recifes que se mostrão descobertos rebenta ,, e desflora o mar a todas horas de baixa mar de agoas vivas todos ,, por muitas partes se descobrem ficando com lagamares na fórma ,, que se presenta.

" Desde as ilhas da letra A correndo ao Norte até 16 gráos etc. etc. etc. — ,, O resto são referencias ao Mappa.

,, Notem-se 1.º as passagens assignadas, em relação á declaração que o A. viu e visitou estas partes; note-se que elle sabia de orçamentos de fazenda, de ordenados, de tenças particulares etc. — Começo a sus- peitar que elle fosse o *Capitão ou Sargento Mor. As braças de sonda* não apparecem no Mappa; esta circumstancia e a *tacita* paginação, que se menciona no texto, quando se falla nos Mappas a paginas tantas e tan- tas — paginação que ainda não pude combinar com as folhas do li- vro — faz-me suspeitar ser nosso exemplar uma copia. — O 3. Map- pa não tem titulo, mas inclue Porto seguro (a Villa) e a costa desde o Rio dos Frades até o Rio de Santo Antonio.

" Segue-se a Capitania dos Ilheos, de Francisco de Sá de Mene- zes; 4 paginas de texto; e 3 Mappas; a saber: 1. (Darei o summa- rio sem attender ás palavras do A.) Desde o Rio de Santo Antonio até os Ilheos; notando que diz o A. que *até o Rio Grande é terra de Porto Seguro*: 2. a Capitania dos Ilheos, desde o Rio da Trin- dade até acima do Taype (ou Taipe); e 3. um Mappa que o A. in- titula = Rio das Contas (Contas) Camamume, e o Morro de S. Paulo = e alcança desde o Taipe até á barra do Jaguaripe e a Ilha de Itaparica, mostrando tambem a Ponta de Santo Antonio.

" Segue-se = A Bahia de todos os Santos = em cuja descripção, rendimentos, despezas etc. occupa o A. 12 paginas, mostrando seu perfeito conhecimento estatistico da Capitania, o que deve notar-se. Refere-se a hum Mappa que alcança a costa desde a barra do *Jaguaribe* até a ilha *Itapoam*. (O A. confunde *b* com *p* muita vez); e huma Planta, em dobrada folha, da Cidade de S. Salvador; a qual elle declara no texto ser copia d outra, que se apresentou a S. Magestade no anno de 605, com as traças d'obras, intentadas ou começadas, de *oleonardo Turriano*, Engenheiro mór do reino confirmadas por *Tiburzio Espanoeci*, Engenheiro-mór d'Hespanha.

" Segue-se = A Capitania de Serigipe d'elRei = que occupa 3 pag. de texto. O Mappa comprehende desde o rio Itapicoru (ou Tapicuru, etc. — que de varios modos o escreve o A.) até á ponta de S. Francisco.

" Depois vem = Rio de S. Francisco = cuja descripção e do seu curso occupa 2 paginas, e acaba tão abruptamente esta descripção, e sem ponto final, que parece haver aqui alguma falta. Tem esta descripção um Mappa de duplicada grandeza, extendendo-se pela costa desde a Lagoa Guaratuba, *em que se fazem pescarias*, e barra do Rio de S. Francisco — até adiante da Alagoa do Norte, e a Villa nova de Santa Luzia, *que foi fundada por um cego*. Pela terra extende-se o curso do Rio até as serras de *Arucurituba*, e outras ainda mais longe. O Mappa dobra-se em oitavo (referindo a 8 paginas que não ao formato) — e na pag. 1., por assim dizer, vê a perspectiva do *forte novo* da *Paisem*.

" Segue-se = A Capitania de Pernambuco, de Donatario = : 8 pag. de descripção; 2 Mappas 1. A Capitania, desde a Lagoa do Norte e barra de Javagua até Olinda. 2. Perspectiva do Recife e Villa de Olinda.

" Depois = Itamaraqua, Capitania de Donatario: 3 paginas: um Mappa da Capitania, desde o Porto do Páo Amarello, *que ainda é de Pernambuco*, até a ponta do cabedello do Paraiva. Segue-se = Paraiba (o A. escreve ora *b* ora *v*), Capitania de S. Magestade; 5 paginas. 1 Mappa mostrando a villa e a barra de Paraiva, ou Rio de S. Domingos.

" Segue-se = Rio Grande, Capitania de S. Magestade 6 paginas 1 Mappa, da Capitania, desde o Rio Mogoamgoape até a barra do Rio Grande, e baixos de S. Roque; tendo o Mappa, n'um canto, a perspectiva d'uma fortaleza, que julgo ser a *dos Reis*.

" Termina a obra com um Mappa que comprehende a costa e terras d'alluvião desde a Barra do Perejá até a barra e costa occidental do *Meari*, sobre a qual terra se lê = Terra de Comut. =

" Todos os Mappas são em pergaminho; e julgo que pouca fé

merecem em quanto á delineação das Costas, e demarcação dos logares etc. A fóra o primeiro, os mais não apresentam Parallelos ou Latitudes, mas sim Escalas de Legoas, — e os fortes = de *braças craveiras*. As tintas são primorosas. Mas julgo que delles se conclua bem o estado do Brasil naquella epocha. O A. não se esqueceu de marcar muito engenho com seus nomes ou proprietarios.

" E' de notar que o livro está pela maior parte em branco, conservando no alto da pag. o titulo da Capitania que precedeu, — como se houvera tenção de mais escrever, ou dar logar a apontamentos. O Livro foi composto no anno de 1613, e o A. falla da chegada do Governador *Gaspar de Souza*, que então succedeu como afirma tambem Rocha Pitta pag. 201.

" Falla a Rasão em *Gonçallo Soares*, em uma passagem na descripção de Serigipe — e diz que sua não chegára pelo rio Vaza-Barris até um ponto que o A. marca D no Mappa, e que diz ser o melhor para povoação.

" A pontuação é mui confusa, e na seguinte porção da Introducção vai regularizada. —

*Fragmento da Introducção da Razão do Estado do Brasil.*

" O Estado do Brasil (Provincias de Santa Cruz) é parte oriental do Peru, povoada na costa do Mar Ethiopico, e repartida em partes a que chamão Capitanias, que em tal fórma fôrão servidos os Reis passados de Portugal de as encarregar (com Doações largas) a certos Donatarios. Corre a costa de seu districto desde o Rio Meari ou Maranhão até á bocca do Rio da Prata ou Paraná, como na Carta Geral se mostra a fol. 3. ,,

" Todas estas Provincias ou Capitanias, para bem do que produzem tratão de separação, e se sustentão de violencias, e nesta enfermidade gozárão de mais aumento aquellas, que o Braço Real tomou mais á sua conta quando (no povoar e conquistar) faltárão seus Donatarios: neste caso fazem exemplo a Bahia de todos os Santos, o Rio de Janeiro, Paraiba, e Rio Grande, todas hoje de S. M., nas quaes pello serem cada dia se augmentão povoações e crescem fazendas. Pernambuco e Tamarquá podem entrar nesta conta, por quanto ás suas maiores necessidades acudio S. Magestade com capitães, presidios, e fortificações, que até hoje sustenta de sua Real Fazenda.

" Tambem se deve considerar que as terras deste Estado e os filhos dellas naturalmente são variaveis: ellas em produzir, elles em as habitarem, porque como das mais ou menos chuvas succedão

mais ou menos novidades, ou mais abundancia em umas que em outras partes, a modo dos Aduares de Africa, tratão estas gentes de se mudar de uns a outros lugares, e tambem se pratica que os naturaes da terra o tem por cerimonia. Assim por este caminho não lhes acodindo, se achão desemparados os sitios que mais ao commum importão. ,,

" Este accidente nas Capitanias de Donatarios acontece mais vezes porque nellas nunca se encontra pessoa respeitavel no Governo, o que não succede donde servem Capitães do dito Senhor, que sem duvida fazem muito no augmento dos lugares pela esperança de serem bem reputados, dignos de maiores cargos, e por outras razões que per si se publicão, e de que asseguradamente entendemos que tudo o que neste Estado não fôr de S. M. crescerão de vagar e durarão muito pouco. ,,

" Ninguem ignora que a saude das almas e a liberdade natural e real nos vassalos são os fundamentos com que S. M. (como Catholico Monarcha) manda se que proceda em suas conquistas, de tal modo porêm entendida esta maxima que a superstição não confunda a fórma do bom Governo, pois lemos que as republicas em si contrarias e differentes hão-de ser governadas por maximas contrarias e differentes. Pelo que parece que o Doutor Lagasca Lugartenente pelo Emperador no Peru não só livrou dos Pissarros o estado dos Indios, mas tambem dos outros inconvenientes, dado aos conquistadores em tal fórma parte do serviço pessoal destas gentes (que outra cousa não possuião), que ficando livres ficárão juntamente sujeitos a uma razão que serve a Deos, ao Rei, e ao Povo; e todos tirão de bem fundadas povoações um facil e justo proveito, cousa que no Estado Brasil parece impossivel, sendo assim conveniente, porque não sómente, como fica dito, o Gentio é variavel, incapaz, e fóra de todo o Governo e razão per si só, mas ainda debaixo de tutores incompetentes fica de menos prestimo; porque como no espiritual, temporal, e pessoal, vive entregue a religiosos, tão religiosamente defende esta posse que aos que mais contra ella sabem, faz que amurrem menos, — temerosos de intentarem novidades os que de razão devião intenta-las, e assim aquella lei justa que S. M. mandou o anno de 610 á cerca dos Indios e Capitães nas Aldeas não pôde chegar a effeito. Tal é a força que tem introduzido os religiosos! ,,

" Por este caminho fica cheio o estado de véos de piedade, debaixo dos quaes desapparecem muitas rendas á fazenda de S. M., que sem duvida lhe podem dar os Indios, e muitas fazendas que com suas ajudas sendo geraes podem augmentar-se aos brancos; evitando se com o comprimento da dita ley que se dilata mocambos

entre os negros ou juntas de fugidos a que chamão santidades, e outros males que em toda esta costa vimos derivados da doutrina que elles (como incapazes) mal aprendem ou mal lhes ensinão seus tutores sem a presença de Capitães leigos, porque os Indios, que vivem de mistura com os brancos, não sómente são melhores Christãos criando-se com seus filhos, mas tambem aprendendo officios mecanicos dão proveito á Fazenda Real, e melhores ajudas nas armas a todos os accidentes que se offerecem na costa e no sertão de suas terras, nas quaes nunca a falta da gente de roupa larga faz, nem pode fazer tanto damno, e em todas as materias quanto pode fazer a falta das armas, e quem as exercite pela razão da violencia atraz referida, em que tudo se funda sobre tanto escravo e tanta cousa forçada, e pelos corsarios que de continuo buscão nesta costa não sómente a saude das enfermidades que lhes causa Guiné, mas o assuquar e Páo Brasil, ambar, malagueta, fumo e outras cousas que estimão, tambem por amor dos facinorosos da terra que se valem do mato, contra quem a justiça desarmada pode pouco, todas as quaes cousas mais parece que devem consistir e acharem-se nos seculares que nos ecclesiasticos.

" Os bens dos vassalos deste Estado são engenhos, canaviaes, roças ou sementeiras, gados, lenhas, escravos, que são o fundamento, em que se estriba esta potencia, cousas todas que cada uma persi como fica dito se desvia da visinhança em tal modo, que como as mais provincias do mundo constão d'união de seus ou por seus habitadores, esta como vemos trata de separação, e tanto se sustenta de violencias, quanto a 1.ª cousa forçada é a agoa por levadas e calles trabalhosas e compridas, trazidas á força donde mais importa, e o fogo de continuo abrazando grão copia de lenhas, e uma quantidade grande de gado vaccum, que neste trabalho morrem, e se consume, e um numero d'escravos, que cada anno vai por este caminho sem os quaes não ha que tratar em fazendas ou rendas do Brasil, e tambem se qualquer das outras cousas falta, porêm as dos escravos é a mais consideravel porque della depende o remedio de todas as outras. "

" Os escravos hão de ser de Guiné vindos das conquistas ou commercio da Ethiopia, ou hão de ser da propria terra, ou de uns e de outros.

" Os escravos de Guiné como se comprão caros, por causa dos muitos *dasios* ou direitos que delles se pagão em Angola, fazem difficil e custoso o crescimento desta Republica, e tão pouco duravel quanto morrem ou vivem seus Senhores, que como violentados pela maior parte durão tão pouco que em lugar de livrarem de miserias a seus amos acontece darem com elles na enxovia, donde

tambem se vem a consumir a propriedade para os que comprárão; como vemos cada dia.„

" Os Indios da terra porém que parecem de maior facilidade, menos custo, e maior numero, como andão metidos com os Religiosos, a quem vivem sujeitos, e a quem adorando pagão pequenos *dasios*, de maravilha fazem serviço, nem dão ajuda aos leigos que de sustancia seja, antes sendo chamados dos pobres moradores acontece levarem-lhes o salario de antemão; sem lhes fazerem nada, sendo causa que os pobres o percão, e as peitas que costumão dar-se a quem lhos administra, como tudo se saberá tirando-se devassa; daqui resultão grandes queixumes contra os Religiosos, os quaes se querem mostrar que castigão estas cousas com seus carceres privados ou açoutes, por levemente que sejão, estão os Indios tão mimosos e tão pouco praticos no uso da nossa justiça e obediencia, que logo se vão ao matto, donde fazem como dito é, abominaveis vivendas e rito, juntando-se com os negros de Guiné tambem fugidos, do que resultão mortes, furtos escandalosos e violencias, por cujo respeito senão pode atravessar o sertão commodamente de umas partes a outras, nem dilatarem-se as povoações pela terra dentro.

" Se os Portuguezes tomão as armas contra estas desordens, e com trabalho e custos de suas fazendas e vidas são contra estes mocambos ou ladroeiras, e desfazendo-as trazem presos os ditos fugidos, logo a piedade dos padres e necessidade em que delles vivem os leigos buscão leis para os não castigarem, antes repartindo-os entre si os largam das prisões; das quaes tanto que se vem livres, tornão-se ás aldeas dos ditos padres, que como a gente livre e que elles tem em sua protecção, de boa vontade os recolhem e occultão, e se parece que ali todavia os buscão seus donos, tornão-se ao matto; de modo que fica sendo este dominio absoluto dos religiosos uma miseria secular dos leigos, que mostra não poder ter fim, e não tendo, bem se vê quão trabalhoso e quasi impossivel será o dito augmento.

" Destas desordens tanto introduzidas nasce que nenhuma obra do bem publico se coalha, e assim os Indios, sem os buscar quem pode, vão por donde querem mais barbaros e mais ociosos que nunca, e os brancos ao longo da costa mais hospedes que como povoadores, separados uns dos outros, vendo-se sem serviço nem a quem servirem, conforme as suas fantesias mettidos em duvidas em um deserto, pondo o sentido e o coração na patria, tratão de se acolher tanto que da provincia confusa tem esfolado alguma cousa com que o fazer possão; daqui nasce tanto trocar, tanto mentir, tanta trapaça, que as novas dellas não fazem senão accarretar bachareis á pobre Provincia, a qual com os termos religiosos que tratados

ficão, e com a multidão de letras que do reino vão, e nos estudos lhes ensinão aos mecanicos, em lugar de fazendas e de trabalhadores multiplica a terra em licenciados, escrivães, meirinho, solicitadores, clerigos e frades.

" Tem este estado mais outra sarapasão á qual sobre todas convem buscar-se remedio, que é a distancia mal assegurada delle a estes reinos,,.....

Tal é a parte mais interessante da Introducção de tão nomeado livro, pelo modo desabusado como seu A. escreve especialmente, contra a *" gente de roupa larga"* como elle diz: — contra esses jesuitas, que muita gente boa se persuade haverem concorrido para a felicidade do Brasil. E quem sabe se por diligencias *jesuiticas*, é que o livro não foi publicado?.....

## OBSERVAÇÃO [E].

Num. 62 Pag. 36. Eis o Catalogo das plantas, de que o author trata nos capitulos 34, 35 e 36 com os correspondentes systematicos de Linneo.

Assucar (Saccharum officinale).
Parreira (Vitis vinifera).
Figueira (Ficus carica).
Romeira (Punica granatum).
Laranjeira (Citrus aurantium).
Limeira— (——— medica lima).
Limoeiro - (——— ——— limonia).
Cidreira--- (——— ——— vulgaris ou C. m. citria).
Zamboeira (——— ——— verrucata)
Coqueiro (Coccos nucifera).
Tamareira (Phœnix dactylifera).
Gingibre. (Amomum zingiber).
Arros (Orysa sativa).
Tayoba (Dioscorea sativa ?)
Carà— (——— cara).
Meloeiro (Cucumis melo).
Pepino— (——— sativus).
Aboboreira (Cucurbita pepo: Varied.).
Melancieira (——— citrullus).
Mostardeira (Sinapis nigra).
Nabo (Brassica napus).
Rabão (Raphanus sativus).

Couve tronchuda (Brassica oleracea crispa).
——— murciana (——————— murciana).
Alface (Lactuca sativa).
Coentro (Coriandrum sativum).
Endro (Anethum graveolens).
Funcho (——— foeniculum).
Salsa (Apium petroselinum).
Hortelãa (Mentha sativa).
Cebola (Allium cepa).
Alho— (——— sativum).
Beringela (Solanum melongena).
Tanchagem (Plantago).
Poejo (Mentha pulegium).
Agrião (Sisymbrium nasturtium).
Mangericão (Ocimum minimum).
Alfavaca— (——— basilicum).
Beldro (Amaranthus blitum).
Beldroega (Portulaca oleracea).
Maturço ou [mais correcto] Mastruço [Lipidium sativum].
Cenoura [Daucus carota].
Acelga ou Celga [Beta vulgaris].
Espinafre [Spinacia oleracea].
Chicorea [Cichoreum endivia].

## OBSERVAÇÃO [F].

Pag. 40 nota 61. Esta obra quanto a nós de grande preço, não só pelo correcto e variado estylo como pelo interesse historico e scientifico, ainda que tambem não limpa de adulterações, existe na Bibliotheca Publica de Lisboa. E'um MS. em folio sem rosto, de 106 folhas, não metendo o indice, que é de letra differente — provavelmente de algum curioso possuidor do MS. Consta de seis dialogos, onde são interlocutores *Alviano* e *Brandonio*. Observa-se porêm que este ultimo interlocutor é o que se dá por author do livro, e toma o caracter didactico e magistral, informando dialogisticamente a Alviano á cerca das *grandezas do Brasil*. Foi escripta a obra em 1618 (*x*): o seu author em 1586 já estava em Pernambuco (*y*); em 1599 tinha vindo a Portugal (*z*); aonde se conservava em 1607 (*aa*) depois voltou a Pernambuco, onde escreveu o livro, e estava feito lavrador (*bb*), e diz que tinha

---

(*x*) " Até este anno de 1618 „ — diz o A. a fol. 11 do MS.

(*y*) Vej. foll. 11 vers. do MS.

(*z*) Vej. fol. 62.

(*aa*) " Estando eu no Reyno no anno de 607 se quiz informar „ de mim o meirinho mór Veador da fazenda de sua magestade de „ duas cousas. A 1.ª se poderia mandar lavrar navios neste estado „ etc. etc. „ MS. fol. 53 v.

(*bb*) " Eu semeei já por duas ou tres vezes, na Capitania de Pernambuco, trigo..... etc. etc. fol. 61 vers.

descoberto ali a *Malagueta*, dando até a entender que tinha estado na India (*cc*) — Na 1.ª pagina lê-se com letra differente = Foi composto por Bento Teixeira =. O Abbade Barboza que segundo colhemos da sua informação viu esta mesma copia, acreditou ser este o Author. Nós porêm não estamos dispostos a dar-lhe inteiro credito; fundados n'um ponto da vida de Bento Teixeira Pinto, que não julgamos conformar-se, e nas informações do addicionador da Bibliotheca de Pinelo T. 3.° col. 1714, que são do teor seguinte:

« Brandaon, Portuguès, Vecino de Pernam-
» buco *Dialogo de las Grandeças del Brasil*, que
» contiene muchas cosas de la *Chorografia i*
» *Historia Natural de aquel Pais*, Ms. en la *Li-*
» *breria del Conde de Vimieiro* en Portuguès. »

Nesta mesma columna vem um pouco acima « Benito Texeira, Tratado de la Grandeça i
» fertilidad de la *Provincia del Brasil*, ò *Nue-*
» *va Luzitania*, i Descripcion de *Pernambuco*,
» segundo Franco, en la Biblioth. Luzitana, MS.

Se são realmente dois authores os que se apontam e propõem para a mesma unica obra, não duvidamos que o tal Fuão *Brandão* seja o verdadeiro e legitimo, até pela transformação do seu nome em *Brandonio* (*dd*), com que o A. explica as grandezas do Brasil.

---

(*cc*) Fol. 68 do MS.

(*dd*) Sem acreditarmos nas impostoras combinações da Astrologia, não deixaremos de apresentar pela sua curiosidade parte de um Dialogo, copiado da fol. 6 ℣.

" *Brandonio.* E sobre isto me disse um fidalgo velho bem conhecido em Portugal algũas cousas de muita consideração.

" *Alviano.* E que é o que vos disse esse fidalgo?

" *Brand.* Dizia-me elle, que ouvira dizer a seu pai como cousa indubitavel, que a nova de tão grande descobrimento foi festejada muito do magnanimo rei: e que um astrologo, que naquelle tempo no nosso Portugal havia de muito nome, por esse respeito alevantava uma figura, fazendo computação do tempo e hora, em que se descobriu esta terra por Pedr'alvéz Cabral.

E outro sim do tempo, e hora que teve elrei aviso de seu descobrimento: e que achára que a terra novamente descoberta havia de ser uma opulenta Provincia, refugio e abrigo da gente portugueza. E posto que a isto não devemos dar credito, são signaes da grandeza em que cada dia se vai pondo.

" *Alv.* Não permitta Deos que padeça a nação portugueza tantos males que venha o Brasil a ser seu refugio e amparo.,, etc.

Em 1804 imprimiu um versejador de Minas Geraes que

„ Se o Real Regente Augusto
„ Fosse honrar nosso paiz,
„ Faria ao povo feliz,
„ E o seu Imperio faria. „

## OBSERVAÇÃO [G].

Pag. 12 e 85. Os escriptores fornecem a respeito da synonymia dos nomes *Maranhão* e *Meary*, que Teixeira [11, 194] e Cazal [II, 257] suppoem designarem o mesmo rio, argumentos pró e contra. O A. da *Rasão do Estado* de que publicámos a descripção na observação [D'], differença-os chamando *Meary* braço de Leste e *Tapocurú* ou *Maranhão* ao do Oeste: Souza Ferreira no *Noticiario Maranhense*, [pag. 2.ª e 3.ª] e na *America Abbreviada*, MSS., [cap. 3.°] tambem affirma que quatro rios entrando o *Meary* e *Pinarè* vem desaguar na Bahia do Maranhão. — O Padre José de Moraes na *Historia da Companhia de Jesu na Provincia do Maranhão e Pará* MS. original de 1759 (a pag. 14 e 692), e igualmente o mesmo Sousa Ferreira (pag. 40) dizem que ao Amazonas chamaram tambem Rio Maranhão. — Deste labyrintho só nos podemos saír bem com a opinião do Snr. Doutor Rivara, que distingue *Rio Maranhão* de *Rio do Maranhão*, devendo o 1.° nome representar o Amazonas; e o 2.° a como enseada, que desemboca no mar as aguas do *Meary*, *Pinaré*, *Moni etc.* —

A sua parte desta conjectura reforça-se com o dizer Pero Lopes na seu *Diario* [pag. 15] que fora enviado Diogo Leite ao *Rio de Maranhão*,

e vemos nós que elle ali chegou e deu a uma abra proximo o seu nome, como se vê na Carta de Fernão Vaz Dourado, e ainda melhor n'uma doação de Ayres da Cunha, João de Barros e Fernão Alvares de Andrade, que está no *R. Arch. Liv.* 21 *da Chanc.* de elrei D. João 3.° fol. 73 — Quanto ao successo de Ayres da Cunha não podia por modo algum ser á bocca do Amazonas (Rio Maranhão), mas sim no *Rio do Maranhão*, por quanto não só a sua doação não chegava até aquelle rio, senão que é este o sentido em que escreveram os AA. que citamos nas notas 20 e 21, especialmente João de Moura, Berredo e Moraes, MS. (Bib. Pub., e da de Jesus Gab. 5.° Est. 24 n. 38); e ainda alêm destes Fr. Agostinho de Santa Maria no *Santuario Mariano* (cujos tomos 9 e 10 contêm muita noticia sobre o Brasil) no Tit. 46 pag. 360 do Tom. 9.—

A respeito do que conjecturamos na nota 21, á cerca dos MSS. de Souza Ferreira, nos comprova o Snr. Dr. Rivara que a fol. 14 da *Amer. Abbrev.* diz: « e chegando á barra do Maranhão nella se perderão por falta de pratico, onde agora chamão o *Boqueirão* » *etc.* e igualmente, na obra allegada do Padre Joze de Moraes, se conta o mesmo facto.

## ADDITAMENTO.

*Noticia de mais dez copias da Obra de Soares.*

Tinham as presentes *Reflexões* corrido as censuras desde 7 de Novembro de 1838, em que foram lidas na Academia, e depois de approvadas estavam no prelo, quando obtivemos informações importantes, que não podémos utilizar para as dar em logar proprio, e que se as souberamos nos teriam poupado muito trabalho. Diremos o mais importante destas noticias. —

*Tres copias da Bib. Pub. Portuense.*

Tendo conseguido entabolar correspondencia litteraria com um curioso, diligente e erudito litterato da cidade do Porto, de quem falamos a pag. 87, obtivemos em 29 de Maio do corrente anno uma carta sua, em que nos annunciava a existencia na Bibliotheca daquella cidade de tres exemplares do escripto, que criticavamos todos com a data de 1587, as quaes na numeração provisoria da Bib. vinham a ser os codices 119, 610 e 1041 — A' cerca das quaes em cartas subsequentes nos deu as seguintes explicações:

O codice 119 tem por titulo = « *Roteiro geral com largas informações de toda a costa que pertence ao estado do Brasil, e descripção de mui-*

*tos lugares della, especialmente da Bahia de todos os Santos*» = E' de formato de folio; a letra de mão é antiga, e sem duvida não avança dos começos do seculo 17.° o que de mais é comprovado pela antiguidade da encadernação, sendo como outros de igual data do mosteiro de Santa-Cruz de Coimbra (donde o MS. veio) encadernado em uma folha grande de pergaminho grosso. Sobre o alto da pagina 1.ª tem escripto com letra diversa e mais moderna da do codice = « O Autor deste Roteiro he Gabriel Soares de Souza » = Porêm este distico está traçado e riscado por mão de barbaro, que assim cuidava realçar o valor do MS. tornando incerto o seu A., ou talvez por algum, que se fiou nos boatos de ser Francisco da Cunha, e sem o examinar não o quiz pseudonymo; porêm é mais natural a primeira conjectura, pois não foi o unico MS. da Bib. Port. que soffreu isto. Este letreiro é da mão de D. Pedro da Encarnação, conego Regrante de Santo Agostinho, e Bibliothecario do Mosteiro de Santa-Cruz, do anno de 1748 em diante. Na lombada do MS. se lê = « Roteiro das costas do Brasil de Gabriel Soares de Souza = 20 » = na letra de mão de D. José d'Avemaria, Bibliothecario do mencionado mosteiro, no anno de 1804; e julga o nosso atilado litterato que delle é a numeração = 20 = assim como toda a dos MS. de Santa-Cruz, o que tudo authentica pelo conhecimento peculiar que tem das letras dos individuos — Tem duas partes a 1. de 74 capitulos e a 2. de 196. E' dos tres o unico que mereceu exame e confrontação, da qual publicaremos o essencial, e só as lições, que nos parecem rasoaveis para esclarecer o que

ainda está duvidoso (*ee*). O codice 610 é de 4.°, e tem por titulo = *Descripção geografica da America Portugueza*, = como o exemplar, que cita Cazal. E' escripto pelo erudito e incançavel Bibliofilo o Bacharel Manoel Francisco da Veiga, que residiu por muito tempo no Brasil. Só o titulo não é de sua mão, que era seu costume faze-los sempre escrever nitidamente por outrem. No fim do MS. reconhece que o copiou do codice do

(*ee*) Refl. 94 Cap. 48. Vem esta passagem tambem algum tanto confusa do modo seguinte: .. " e ainda que pello que se julga do „ cabo digo do mar a terra do cabo parece ilha e o não seja por onde „ aparesse na verdade, ho cabo he ilha porque o corta ho mar por „ onde se não enxerga de fóra mas he de maneira que pode passar „ hum navio por antre elles e a terra firme a vontade, he tem hum „ baixo neste canal bem no mejo de 2 braças de fundo ho mais „ he alto que basta pera passar húa não, etc.

— Parece que o erro procede muito da mesma maneira de escrever *he* (é) 3.ª pessoa do ind. do verbo *ser*, e a conj. *e*.

Ref. 41 — 57. Diz *Caresu* e não Carabuçu. Fr. Gaspar (pag. 17) escreve Cairuçú; e Rosa Pinheiro em huma carta que comprehende desde a ilha de Santa Anna até á ponta de *Joatinga*, que foi gravada e offerecida á Acad. R. das Sciencias em 1792, escreve *Cairosa*.

44 — C. 77 — Dá 34° e $\frac{2}{3}$: fica segundo os modernos em 35° 1'

45 — C. 74 — C. Branco = 37 $\frac{3}{3}$

50 — C. 19 — Perajão.

53 — C. 22 — " Na boca desta „ ribeira está huma ilha mui„ to fresca que é de Nuno „ Fernandes; de Coruujbasa a „ huma legoa etc. „ —

- - - C. 24 — " Cospe será meia legua ou menos, o qual está todo lavrado - - E neste esteiro de *Caipe* - - Defronte deste esteiro de *Caipe*.

59 — C. 28 — Poinqua.

61 — C. 33 — Gallipato — Para mais authoridade accrescentaremos que já em 1717 disse o P. Cordeiro *Hist. Insulana* pag. 57. *Galipavos*.

70 — C. 48 — Cuyem, Juquitaj, Cuihemoqua, Cuihejurimu.

77 — C. 55 — Patioba.

80 — C. 60 — Genejuna e Coipiuna.

91 — C. 71 — Copaubuquá.

92 — C. 72 — Carunje, Istagapomma.

93 — C. 73 — Hoacham.

100 — C. 80 — Embagaduras.

- - - C. 84 — Margus (e não Maigessi).

105 — C. 85 — Vurubus etc. etc.

do Gabinete dos MSS. da Bib. do extinto Convento de Jesus, de letra de Fr. Vicente Salgado, do qual abaixo falaremos; e mais accrescenta que deslocou o catalogo de AA., que este traz entre fol. 1 e 3 para as paginas 464 a 468 da sua copia — Veiga data esta copia do Porto em 1802. A 1.ª parte contêm 74 capitulos e a 2.ª — 78, bem como o codice donde foi copiado.

O codice 1041 é um mui desleixado exemplar, e por tal motivo não merece que nos occupemos muito delle. Tem o titulo de *Descripção Geografica d'America Portugueza.* O nosso erudito correspondente conclue que é da letra de Fr. Lucas de S. Jeronymo; porque n'um Indice de MSS., que foi de Francisco de Almeida Jordão, e que depois passou a Veiga, acha-se no fim em quatro paginas uma relação de obras mss. na mesma letra deste codice 1041, onde elle se acha mencionado, e por baixo da obra final vem uma observação na letra de Veiga, que diz que estes eram os MSS. que tinha» Fr. Lucas de S. Jeronymo Peculista que passou ao estado clerical.

*MS. da Livraria do Extinto Convento de Jesus.*

Acha-se como diz Veiga no Gab. 5.°, e é o codice n.° 133 da Est. 9.ª — Form. de 4.° e escripto na letra do grande escrevinhador Fr. Vicente Salgado — E' copia de uma grande collecção que devia conter outros MSS. e documentos, com o titulo « Descripção Geografica, Geometrica, e collecção Juridica e Historia da America meridional ou Estado do Brasil».. etc. Segue-se um Indice geral de onze escriptos que deviam estar juntos no volume do qual Salgado copiou sem cri-

terio — não se lembrando que naquelle volume reunia só um dos escriptos deste indice — Vem então a *Descripção Geografica da America Portugueza*, que é o nosso livro compilado e com muitas adulterações, tendo a 1.ª Parte 74 capitulos e a 2.ª 78: tem a data de 1787. Daremos delle o pouco que nos parecer interessante (*ff*).

*MSS. da Bibl. das Necessidades.*

Alcançando ultimamente licença de visitar esta Bibliotheca fomos nella encontrar mais tres copias, porêm todas tambem mais ou menos erradas e incompletas — Daremos resumida noticia destes exemplares; não só porque não tivemos occasião para mais, como por nos persuadirmos que qualquer delles se pode referir e reputar copia de algumas das outras que damos, e nesta parte o trabalho dos nossos eruditos correspondentes o dispensa.

1.° *MS.*

Contêm só a Primeira Parte muito errada e se pode suppor irmã de uma das copias que viu Cazal; ou muito similhante á 1.ª Parte do co-

(*ff*) Cap. 5.° — Diz *muitas* leguas, e não *nove*, o que dissolve a nossa duvida.

Cap. 48... " e ainda pelo que se julga do mar parece a terra „ do cabo ilha, e não he na realidade, porque supposto o mar cor„ ta a terra entre este cabo e a terra firme em tanta distancia e „ com tal altura de agua, que passa qualquer navio á vontade de „ huma para outra parte entre a dita terra e o cabo, he na realida„ de divisão da terra: neste canal etc. „

No fim da parte fytografica fez o compilador um cap. para dar noticia do Chá e Caffé e sua cultura etc.

dice da Bib. de Jesus. Differe porêm no titulo, que é = *Roteiro Geral com largas informações de toda a costa que pertence ao Estado do Brasil, e a descripção de muitos lugares delle especialmente da Bahia de todos os Santos.* Está no vol. de fol. que é $\frac{1919}{2}$ na numeração antiga. Julgamos inutil de um exemplar sem authoridade transcrever algumas palavras para fazer fé; e mais inutil julgamos apontar-lhe os erros. Tem a dedicatoria do 1.° de Março de 1587, e (com letra differente) assignada = Francisco da Cunha. =

2.° *MS.*

E' o vol. de folio $\frac{1019}{4}$; e exactamente em orthografia titulo e tudo o mais identico no MS. de que se serviu a Academia. E' escripto em boa letra do seculo passado, e quanto a nós foi desta copia similhante á do 3.° MS. de Evora, de que adiante tratamos, que se tirou a que se deu ao prelo não só pelo titulo e orthografia; como 2.° por conter os mesmos erros; 3.° porque na data, que é de 1587, este ultimo numero 7 está pouco claro, e parece um 9, donde procederia o erro de ser lido e depois o impresso correr como 1589; 4.° finalmente por ter á margem do cap. 18, em letra differente, as notas que se imprimiram deslocadas, e que julgamos foram originarias desta copia.

3.° *MS.*

E' tambem de folha; e parece do meado do seculo XVII; em máo papel, e a logares já alastrado e n'outros até comido pela tinta; tambem

datada de 1587. E' o codice $\frac{1011}{1}$ da antiga numeração; no fim de toda a obra vem no mesmo volume de capa de pergaminho as relações dos Naufragios de Sepulveda e da náo S. Bento em 1553. — Tem por titulo *Roteiro Geral com largas emformaçons de toda a costa que pertence ao estado do Brasil e a descripção de muitos lugares della Especialmente da Baia de todos os Santos.* — Tem o nome do A. escripto em letra mais moderna. Parece que a copia foi feita por algum castelhano por trocar muitas vezes o *b* em *v* e *vice-versa*. Tem ainda muitas adulterações; porêm em outras partes está mui correcto e parece encostar-se muito á lição do 1.° MS. de Evora: é copia quanto a nós indispensavel de consultar a quem se encarregar para o futuro de uma nova edição de tão interessante obra (*gg*).

(*gg*) Uma das differenças mais sensiveis vem a ser no cap. 48 da 2.ª Parte, aonde se lê depois do que diz no impresso o seguinte:

" Ha outra casta de pimenta a que chamam *Cuiemerim*, por ser mais pequena que todas; da qual se usa como da de mais e tem as mesmas qualidades, cuja arvore é pequena. — Ha outra pimenta a que chamam *Cuiepiá*, que na feição é mais redonda e pequena da qual se usa como da mais e tem as mesmas qualidades, cuja arvore não é grande. —

" Ha outra pimenta a que chamam *Guiepupuna* do tamanho de um gravanço muito redondo. Esta em verde é muito preta e depois de madura faz-se vermelha, e queima a seis palmos e dá fructa em todo o anno: todas estas pimentas são cheias por dentro de umas sementes brancas da feição da semente de mastruços que queima mais que a casca e dellas nascem as pimenteiras quando as semeam. —

" E já que dissemos das pimentas que queimam, digamos agora das que o não fazem e que são muito doces, uma das quaes se chama *Sarapo* que é tamanha como uma avelã a qual como é madura se faz vermelha, e de toda a maneira é muito doce cuja arvore é de cinco a seis palmos, e dá todo o anno novidade: estas pimentas se fazem em conserva em assucar. —

## *Bib. Pub. Ebor.*

Chegando-nos á mão uma *Noticia* de MSS. desta Bibliotheca feita pelo Snr. Dr. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara e datada de 11 de Maio do corrente anno (1839), e sabendo della a existencia de mais tres copias MSS. do nosso A., nos resolvemos a escrever directamente ao dito Snr. Rivara, pedindo-lhe em data de 3 de Julho, noções mais por menor das citadas tres copias, remettendo-lhe ao mesmo tempo as folhas que já tinhamos impressas das *Refl. Crit.* E' de justiça não esquecer declarar o nosso agradecimento pela maneira attenciosa com que este Snr. se dignou de nos responder enviando as descripções que publicamos, e incumbindo-se

---

" A outra casta a que chamam *Ayo*, que é da feição de uma boleta e do seu tamanho a qual se faz vermelha, como é madura e sempre é muito doce, a qual se faz tambem em conserva em assucar e se faz arvore grande, que em todo o anno dá fructo.

" Não é bem que se faça pouca conta da pimenta do Brasil, porque é muito boa e não tem outro mal que queimar mais, que a da India, e quem muito a tem em cotume folga mais com ella, e acha-lhe mais gosto que á da India, da qual por esse respeito se gasta pouca no Brasil, onde os Francezes vão buscar a natural da terra, porque dá casca vermelha, e a aproveitam nas tintas da mesma côr, e se quando vão resgatar a esta costa achassem muita della, estima-la-hiam muito mais que o páo do Brasil; e das sementes de dentro se aproveitam pisando-a bem e lançando por cima das pimentas da India com o que a refinam e abatem: ainda que se faz este beneficio a esta pimenta podera entrar em Hespanha muita somma se S. Magestade dera licença para isto: de tal massa é esta terra da Bahia, que se lhe lançarem a semente do cravo o dará, como nozmoscada, que tem o sabor della, e dá outras arvores que dão canella, se fôr á terra quem a saiba beneficiar será como a de Ceilão, de que se dirá ao diante.,,

Este dizer não vem nos outros MSS. — nem nos mesmos de Evora.

generosamente de fazer a confrontação do impresso, e annota-lo com a lição dos tres exemplares. Do exemplar confrontado já começámos a receber parte, e quando estejam terminadas as aproveitaremos como for julgado mais conveniente. Abaixo publicamos as descripções dos tres MSS., numerados segundo a ordem de sua antiguidade; do 1.° — de todos o mais antigo e digno de fé, é que se está valendo mais o Snr. Rivara para notar a maior parte das variantes e alterações; servindo-se tambem do 2.°, quando differe do 1.°, especialmente para lição mais plausivel, e poucas vezes se vale do 3.° MS. Os dous primeiros tem a epistola datada do 1.° de Março de 1587. No 3.° MS. falta esta epistola, porêm acha-se nelle avulsa uma folha escripta, (por letra differente de todas as outras que nelle existem), na qual está a mesma epistola e com a mesma data.

1.° *MS.*

« E' um vol., bem encadernado com encadernação ordinaria, ornada com linhas e pequenas flores de ouro sobre o lombo, no qual tem por titulo = *Notic. do Brasil* =: de 181 folhas, não numeradas, escriptas em letra, que se não é do fim do seculo de 500, não passa dos principios do de 600. —

« Começa com este titulo = *Roteiro geral com largas enformações de toda a costa que pretende ao stado do brasil e a descripçam de muitos lugares della, especialmente da Baja de todos os Santos.* = E logo na mesma pag. = *Epistola do Autor a dom Xpouão de Moura do conselho do sta-*

*do* = E' de todos tres o mais correcto, posto que não do todo isento de defeitos, que todavia facilmente se corrigem, cotejando-o com os outros dois MSS.; e com o impresso da Academia. — A orthografia é visivelmente da escola quinhentista. Não tem Taboadas de Capitulos, nem Indice. — Nada indica que este Codice seja original, posto que tenha todos os caracteres de mui visinho aos tempos do A. »

2.° *MS.*

« E' um vol. em fol. um pouco maior que o antecedente, bem encadernado com encadernação aceada, ornada de linhas e flores de ouro no lombo, aonde se lê o titulo = *Relas. do Brasil* = Um dos espaços do lombo em logar de flor tem impresso tambem em ouro uma elipse de folhas d'oliveira, e dentro della chammas, por cima das quaes se lê a letra = *Ad altiora* = (*hh*). — Tem 175 folhas, de numeração coeva com a escripta. — Começa pelo titulo = *Roteiro geral com largas informações de toda a Costa, que pertence ao estado do Brasil, e a descripção de muitos lugares della, especialmente da Baya de todos os Sanctos* = Logo na mesma pag. se segue = *Epistola a Dom Christovão de Moura* = E' escripto de boa letra, que indica não passar do meado do seculo de 600. — E' menos correcto que o antecedente; varia ás vezes delle em lição, e encosta-se á do impresso da Academia. — Tem Taboada dos Capitulos, que occupa 8 folhas sem numeração no fim do vol. —

(*hh*) Vej. *Refl. Crit.* pag. 88 lin. 13.

A lição deste MS. as mais das vezes se conforma com a do 1.°, muitas se encosta á do impresso da Academia: e outras vezes está visivelmente inexacta. Em todo o caso a sua authoridade de nada nos serve senão quando tem lição differente do 1.°

3.° *MS.*

« E' um vol. em fol., encadernado em pergaminho, um pouco toscamente, e no lombo tem o titulo ms. em papel, que diz = *Cunha. Noticia do Brasil* = Tem 253 folhas, que se podem dizer sem numeração, porque alguma que tem, não passa das primeiras folhas, e ainda assim é toda errada e salteada. — E' escripto de varias letras, todas do seculo passado. Tem frontispicio, que diz = *Noticia do Brasil, e discrição verdadeyra da Costa daquelle Estado, que he pertencente á Coroa do Reyno de Portugal. Sitio da Bahia de todos os Santos, e fertilidade daquella Provincia, com rellação de todas as Aves, Animaes, Peixes, Bixos, Plantas, e costumes dos Gentios muyto certa e curiosa.* = Na mesma pag. do frontispicio em baixo tem esta declaração por letra differente de todas as que entrão no texto (*ii*) = « *Dedicado a D. Christovão de Moura do Conce-*

(*ii*) Julgamos dever attribuir esta nota ao author da *Corografia Brasilica*, (o Padre Manoel Ayres de Cazal, presbitero do gram Priorado do Crato) depois de voltar a Portugal; por quanto é elle quem avança isto mesmo que aqui se diz; na nota 18 escreve.

« Deste MS. faz menção o A. da Justificação do titulo, com que se fundou a Colonia do Sacramento, Lisboa em 1681.

« Diogo de Castro bem conhecido e celebre pelo seu Roteiro, que fez de toda a costa do Brasil, etc. — e na nota 20.

*lho de S. Magestade escrito em Madrid anno de 1587 em o Primeiro de Março, o qual Autor que fes esta obra foi* (em entrelinha) = *composta por* = *Francisco da Cunha por ordem de D. Christouão de Moura* — *a f.* 183 v. *No Caderno da justificação do titylo da boa fé com que se obra na Colonia do Sacramento e na Capitania de S. Vicente, o Capitulo da Paz que se selebrou em* 1681 *consta que o dito Francisco da Cunha fizera este Livro: e tambem comesa o Capitulo Diogo de Castro bem conhecido e celebre pello seu Roteiro, que fes de toda a Castela,* (an Costa?) *e sertão do Brasil etc.* „ = Até a um terço do Vol. se acham frequentes notas marginaes (*kk*) que nada mais são do que extractos do texto, obra de curioso, que possuiu o livro. — Parece copia do mesmo

---

" A razão porque cuido ser o mencionado MS. de Francisco da Cunha, é por dizer o A. da justificação referida, que aquelle fizera um Roteito da Costa Brasilica „ etc. —

(*kk*) As notas do cap. 18 da 1.ª Parte do impresso da Acad. (diz o Snr. Rivara) não se encontram nos dous MSS. mais antigos. Apparecem porêm á margem deste MS. mais moderno, escriptas da mesma letra do texto delle, e refundidas em uma só nota, dizendo assim. = Tamanduare he hũa enseada outo legoas ao sul do cabo de Santo Agostinho, e hũa legoa ao sul do Rio Formoso, e duas ao norte do Rio de Una, desembocca nella o Rio das Ilhetas, ou Mambucaba, está cerrado da banda do mar com Arrecife, e hũa Barra de sete braças de fundo na bocca em baixa mar de agoas vivas, e logo mais dentro seis, na maior parte della cinco, e tem junto á terra quatro, tem bom fundo, cabem nesta enseada mais de 100 navios, foi fundalla Andres Marin Tenente de Artilharia com pilotos anno de 1632. A melhor entrada da Barra he pela banda do Sul pela qual entra por sete e seis braças, e pela banda do Norte entra por cinco e quatro, e não se hade entrar pelo meio, porque tem de fundo braça e meia. O Porto está da banda do Sul „

*NB.* Esta mesma nota vem repetida e incorporada no texto do mesmo MS. no fim do Cap. 18 com o titulo de = Relação de Tamanduare. =

exemplar, donde se tirou o impresso da Academ., e se alguma differença faz, é com rarissimas excepções para mais adulterado. — Tem no principio logo depois da folha do frontispicio a *Taboa dos Capitulos* em 9 folhas, e a esta segue-se em 12 folhas uma *Taboada* (alphabetica) *de tudo o que ha para notar neste Livro.*„

Este MS. é de todos o mais conforme com o impresso da Acad. e se alguma differença faz é para mais viciado, salvas rarissimas excepções (*ll*).

---

(*ll*) As differentes copias confirmam quasi tudo o avançado nas nossas *Reflexões Criticas*, e dão muitas variantes ao impresso da Academia. Aqui transcreveremos algumas. —

Na pag. 12 lin. 7 e seguintes do cap. 6 deve ler-se " Desta *Bahia dos Santos* ao Rio de João de Lisboa são quatro legoas, o qual está na mesma altura; onde tambem entram caravelões por terem nelle grande abrigada. Do Rio de João de Lisboa á Bahia dos Reis são nove legoas a qual está em dois gráos:„ etc. e mais abaixo: " Desta Bahia ao Rio do Meio são 17 legoas, o qual está na mesma altura de dois gráos, — onde tambem entram caravelões. Entre este rio e a Bahia dos Reis„ etc.

E na pag. seguinte lin. 23 e seguintes deve ler-se " Das barreiras vermelhas á Ponta dos Fumos são quatro legoas, a qual está em dois gráos e hum terço. Desta ponta ao Rio da Cruz são sete legoas, e está em dois gráos e meio; em o qual tambem tem colheita os navios da costa etc.„ Abaixo confirma-se *Rio das Ostras*.

Na pag. 50 lin. 6. cap. 34 deve ler-se " . . . da ponta de Santo Antonio no seu rio é meia legoa; do Rio de S. Antonio ao de *Sernandetibe* são duas legoas; e deste rio S. Antonio e da sua ponta até o rio de *Sernandetibe* estão uns baixos„ . . etc.

A passagem do cap. 48, que vem no *num.* 34 das *Refl. Crit.* deve ler-se do seguinte modo " E ainda que, pelo que se julga do mar, a terra do cabo parece ilha, e o não seja por onde o parece; — na verdade o cabo é ilha; porque o corta o mar: — por onde se não enxerga de fóra; mas é de maneira que pode passar um navio por entre elle e a terra firme á vontade etc.„

## CONCLUSÃO

Em resumo estabelecemos que Gabriel Soares de Souza passou ao Brasil, logo que elrei D. Sebastião subiu ao throno, e que tendo residido dezesete annos neste Estado escreveu muitos apontamentos, e depois voltou á Europa, e foi a Madrid requerer. Nesta capital do imperio hispanico arranjou de todo a sua obra, e no 1.° de Março de 1587 a offereceu a D. Christovam de Moura. — Apenas não tinham passado dez annos quando a viu ainda com o nome do A. (que depois veio a perder-se) e della copiou Pero de Mariz para os seus *Dial. de Var. Hist.* Deste MS. se tiraram tantas copias que ainda presentemente conhecemos a existencia de dezesete; — a saber:

1.° Uma na Bib. Real de Paris de que demos noticia na pag. 3 e 4 (*mm*). . . . . 1

2.° Duas da Bib. R. de Madrid apontadas na pag. 81 e 82. . . . . 2

3.° Tres da Bib. Pub. Eborense: (veja-se o Additamento pag 110 e seg.). . . . . 3

4.° Tres da Bib. Pub. Portuense (id. id. pagina 103 e seg.). . . . . 3

5.° Tres na Bib. do extincto convento das

(*mm*) O mesmo curioso escriptor ali citado no seu *Resumé de l' histoire litteraire du Brésil*, *Paris* 1826 (pag. 594), faz menção do nosso MS. e lhe dá por inteiro o titulo que é o nosso seguinte: = *Roteiro geral com largas informações de toda a costa que pertence ao estado do Brasil e descripção de muitos lugares delle, especialmente da Bahia de todos os Santos.*

Necessidades (id. id. pag 107 e seg.).....3

6.° Duas copias que viu o A. da Corografia Brasilica, e de que faz menção na *Introdução* nota 20.....2

7.° O exemplar que serviu á edição da Academia.....1

8.° A compilação da Bib. do Extinto Convento de Jesus (vej. pag 106).....1

9.° O que viu o celebre Southey (Nota 5 pag. 3).....1

Não faremos menção de varios exemplares noticiados, taes como o que tinha Severim de Faria (que naturalmente seria o mesmo de Fr. Vicente do Salvador, que lh'o offereceu com a sua obra), o que em 1747 estava na Livraria de elrei D. João 5.° segundo diz Barboza, o livro do Conde de Villa Umbrosa que nos parece [vej. pag. 82] ser o nosso Soares; não só por ignorarmos a sua actual paragem; como porque algum delles poderá ter corrido mãos e estar comprehendido nos que mencionamos. O certo é que nas livrarias, ainda particulares de Portugal, não nos consta a existencia de algum mais, tendo até por escripto do dignissimo Bib. de Coimbra, formal declaração negativa.

Os exemplares mencionados que tanto variam em lição podem dispor-se em tres classes pela ordem da sua adulteração: 1.° Os mais antigos e exactos, com titulo e data verdadeira. 2.° Outros mais adulterados com o titulo errado de *Noticia do Brasil etc.* 3.° As compilações, reconhecidas especialmente na 2.ª Parte e pelo titulo = *Descripção Geografica da America Portugueza.* = 1.ª Classe reputamos os dois primeiros MSS. de Evora mencionados (pag. 111 e 112), o co-

dice $\frac{1019}{6}$ das Necessidades (pag. 109); e o 119 da Bib. Portuense [pag. 103 e seg.], e da Bib. R. de Paris e n.° 83 de Madrid. Na 2.ª Classe entram a par do impresso da Academia, o 3.° MS. de Evora, o codice $\frac{1019}{4}$ das Necessidades [pag. 108] e o exemplar que Southey consultou, se é que não foi algum destes. Na 3.ª se comprehendem todos os mais v. g. os codices 610 e 1041 da Bib. Part. [pag. 105 e 106], os dois que consultou Cazal, o da Bib. de Jesus e talvez o n. 82 da Bib. R. de Madrid, e o $\frac{1019}{2}$ das Necessidades. —

A novidade dos nomes e ideas, e o estilo pouco castigado e desabusado do A., fizeram introduzir nas subsequentes copias taes erros e adulterações, que só á força de muito trabalho e muita crítica, será possivel para o futuro arranjar uma edição perfeita; e lisongeamo-nos que este nosso trabalho, apezar das suas imperfeições, não será para então de pequeno auxilio, e tendo attenção aos seguintes

## RETOQUES E ERRATAS ESSENCIAES.

| *Referencias.* | *Correcções.* |
|---|---|
| Pag. 2 lin. 12 concorre . . . . | concorrem |
| 11 not. 16 . . . . . | O mappa maior não está no principio porém a fol. 33 v. |
| 13 not. 21 Mariz Dial. 5.° cap 2.° pag. 345 | Mariz, Dial. 5. cap. 2.° pag. 340 |
| 17 lin. 6 70 mil cruzados | 50 mil cruzados. Em uma *Relação das Capitanias do Brasil* feita tambem no tempo de Filippe I. lemos que rendia 70$000 cruzados. |
| 24 3 *Santo Antonio* . | *de Santo Antonio.* |
| 34 17 Acum, . . . . . | *Acum*, ou *Acù* |
| 36 18 Durão . . . . . | Durão, que diz *Tapiî.* |
| 36 not. 51 . . . . . | Deve advertir-se que a obra do |

| *Referencias* | *Correcções.* |
|---|---|
| | Portuense Mello fôra antes impressa em Roma em 1781; e a do Brasileiro Prudencio do Amaral em Pisauro, 1780. A edição da Regia é reimpressão. Veja a Resposta ao Poema *Uraguay*. |
| Pag. 36 lin. ult. Montgalve . . . | Monglave |
| 37 not. 55 . . . . . | Durão (C. 4 E. 19 diz *Aipi*). |
| 38 lin. 4 . . . . . | O Dicc. Bras. chama ao feijão *Commandá*, e por isso pode ser que se deva este nome a qualquer fava ou vagem ordinaria. |
| 40 15 . . . . . | Deve ser a *Copiuba*, que dá madeira segundo consta do *Catalogo de Madeiras do Brasil e mais conquistas*, (*) feito pelo sabio lente de Coimbra, o Doutor Antonio José das Neves e Mello, onde se lê *Copihuba*. |
| 43 lin. 5 : : e 10) . . . | C .10) |
| 51 not. 70 pag. XX . . . . | pag. lxi. |

(*) Este Catalogo contêm 1225 especies de madeiras por ordem alfabetica, com declaração de seus usos e habitações, e acompanha a colleção das amostras de madeiras, que existe no Gabinete de Fysica da Universidade de Coimbra, lhe foi dado pelo Bispo Conde Reformador Reitor D. Francisco de Lemos. Não é propriamente obra do Doutor Lemos, senão copia muito correcta e melhorada do primitivo catalogo do Gabinete, que foi feito por José Anicето Raposo. O *catalogo* do Doutor Neves tem de mais no fim um breve = *Plano de um Curto completo de Agricultura* = traçado por aquella mão de mestre, que tanto brilhava em suas prelecções e escriptos. Já que falámos de madeiras, daremos aqui noticia de que existe em Lisboa nas mãos dos Snrs. Bertrands a *Fysica vegetal da Comarca dos Ilheos* MS. de Balthasar da Silva Lisboa; — e que no Archivo da Academia se guarda a *Historia dos Reinos Vegetal, Animal e Mineral do Brasil*, *pertencente á Medicina* por Francisco Antonio de S. Paio, em 2 vol. 4.º com estampas.

No pequeno *Museo Eborense* ha tambem um Catalogo de 200 madeiras, e se lê *Capiuba*.

| *Referencias.* | *Correcções.* |
|---|---|
| Pag. 52 a 63 . . . . . | Todas as notas devem ser numeradas, com mais 1. |
| 61 lin. 5 e 6 . . . . . | O primeiro é a *Irára* e o segundo a *Iraranha.* |
| 63 not., lin. 3 *beschvijving* | lêa-se *beschrijving* |
| 66 lin. 14 e 15 é erro por... | é menos usado que . . . *Albocora* escreve tambem Fr. João dos Santos Ethiop. Orient. T. 1.º Liv. 3.º cap. 18. fol. 97. |
| 18 *Dicionio* . . . . | lêa-se ,, *Diccionario.* |
| ,, num. 150 . . . . . | acrescente = quanto ao segundo achamos que pouca similhança tem taes *carcanholas* ou *carcanhós*, com as vieiras dos peregrinos, — salvo se o A. alludia a alguma especie do *Pecten* de *Bruguières*, a que os Francezes chamam *Peignes* ou *Pélerines* etc. *Leri-mirim* é a *Ostrea parasitica* de Lin.: Chemn. etc. |
| lin. penult. . . . . | e Fr. Gaspar (pag. 19) diz *Sururú* (*Mytilus edulis L.*) |
| 69 17 *guuara* . . . . . | lêa-se *goarara.* |
| 75 not. . . Relaçum . . . . | *Relaçam* |
| 76 12.º . . . . . | Estas guerras foram em 1581, e pela ordem chronologica deve este MS. ser mencionado em 18.º logar. Vej. Sant. Mar. Tom: 9.º pag. 332 e Vic. do Salvador Liv. 4. cap. 10 e 11. — *NB.* A noticia da nota (*c*) foi repetida por José Carlos pag. 38. — |
| 78 lin. 8 até pag. 83 . . | lêa-se completo com 83 pag. |
| 83 ultima . . . Paiva . . . | lêa-se Andrada |
| 86 nota (*s*) = *no* 1 *de Junho... e não f.* 73 *como* etc. . . . . | lêa-se *no* 1. *de Janeiro*, . . . *e não de Junho como* etc. |
| 110 lin. 22 . . cotume . . . | lêa-se costume |

= FIM =

1573 - 900

— 7 —